

WLADIMIR OLIVIER

AIDS,
AMOR COM DOR

TURMA DAS AÇÕES ESPIRITUAIS

ÍNDICE

Nota explicativa	
1. Acontecimentos insólitos	
2. Os sonhos de Dolores	
3. Jeremias se esquiva	
4. Meditações	
5. Jeremias em campo	
6. João	
7. O dia de Dolores	
8. O Centro Espírita <i>Jesus de Nazaré</i>	
9. O aviso do benfeitor	
10. Em casa	
11. O almoço	
12. Preliminares	
13. A discussão	
14. Planos para o contra-ataque	
15. A entrevista	
16. A doença	
17. Tarde movimentada	
18. A palestra	
19. Outras atividades no Centro	
20. A noite de Fernando	
21. Tragédia	
22. Uma longa manhã	
23. No hospital	
24. Acertando contas	
25. Noite bem dormida	
26. Velório e enterro	
27. De surpresa em surpresa	
28. As atividades de Maria	
29. Praticando a mediunidade	
30. Dolores	
31. Fernando	
32. Manhã atarefada	
33. Fernando tem ideias	
34. Pelo telefone	
35. Primeiras investigações	
36. As investigações continuam	
37. Compasso de espera	
38. Assistência social	
39. Sábado proveitoso	
40. A reunião íntima	

41. Com Leonel
42. As mensagens
43. Importantes reflexões
44. Domingo diferente
45. O fim de semana de Dolores
46. De volta ao lar
47. Manhã atribulada
48. Sentimentos desencontrados
49. Gravíssimas revelações
50. Diretrizes de vida
51. Reconciliação
52. Felicidade corpórea
53. Transformações fundamentais
54. Sela-se o destino de Joaquim
55. Pesquisa frutífera
56. Dolores em campo
Epílogo

NOTA EXPLICATIVA

Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Poderíamos dizer, também, *nem oito nem oitenta*. Se não estiver proficientemente caracterizada esta gente, iremos esmiuçar a interpretação dos anexins, axioma de sabedoria, na voz do povo.

Não queremos assustar com a mediocridade sugerida, nem com a inferioridade do *caput*. Mas também não vamos despejar sabedoria, de sorte a tornar o amigo leitor perplexo perante incompreensíveis esclarecimentos (ou *obscurecimentos*).

Somos espíritos sofredores (se é que algum não possa assim considerar-se), endividados e ignorantes, pretensamente preparados para estas tardes de exposição doutrinal. E não somos humildes, senão que realistas e cômicos das dificuldades intelectuais e sentimentais, para não dizer claro, morais e espirituais.

Tanto quanto a turma anterior (ver ***Personalidades Espirituais***, pelo *Grupo dos Aspirantes do Evangelho*), estamos destinados a elaborar mensagens inteiramente verdadeiras, não pelo aspecto factual das narrações, mas pela verossimilhança psicofísica, dado que iremos buscar nos arquivos da ***Escolinha de Evangelização*** os elementos da realidade, além, é claro, do que conseguirmos analisar pela decomposição de nossas experiências.

Ao contrário do pessoal citado, estamos liberados para o emprego de todo tipo de linguagem figurada, se quisermos dar tonalidade *poética* aos pensamentos e intuições.

É nosso mestre o Professor Álvaro, que não precisa de apresentação.

O nome que nos atribuímos é *Turma das Ações Espirituais*, mas poderá sofrer modificação, segundo ponto de vista firmado pelo grupo de que as mudanças são a resultante do desenvolvimento evolutivo dos seres, no plano da espiritualidade. Caminhando para melhor, esperamos que, até o final das transmissões, tenhamos caracterizado diretrizes mais coerentes com o aprendizado evangélico que nos aguarda.

O texto está praticamente definido, tendo sido discutido com os instrutores, nos pequenos grupos. Falta o acabamento, a ser determinado em plenário, sob a orientação superior do Professor Álvaro.

Quanto ao teor da mensagem, não há que se prevenir os leitores, que deverão receber o impacto de agradáveis surpresas. Se assim não for, teremos feito malograr os principais objetivos retóricos.

De antemão, agradecemos a todos e levamos nosso abraço ao amigo escrevente.

Que Deus nos ampare e guie neste empreendimento!

1

ACONTECIMENTOS INSÓLITOS

Fernando sempre tivera vida calma. De repente, começaram a acontecer-lhe coisas estranhas. Andava pela rua e pensava ter visto a mesma pessoa diversas vezes. Reconhecia outras com quem jamais tivera qualquer relacionamento. Em casa, aparelhos elétricos punham-se a funcionar instantes antes de tocá-los, como se se regessem pela intenção. Certas vozes longínquas eram decifradas sem dificuldade, embora soubesse que a audição estava prejudicada há algum tempo, conforme comprovado em exame especializado.

Começou a temer que o fim estivesse próximo. Aos quarenta e sete anos de idade, porém, não havia nenhum indício físico do fato. Era apenas temor supersticioso.

Católico razoavelmente assíduo, conhecia o espiritismo de terreiro, por ter solicitado alguns trabalhos para as forças espirituais. Mas não foi atendido, porque não chegara a cumprir as obrigações, ameaçado pelo confessor de excomunhão. Era também o caso de que se arrependera do pedido, para que um antagonista de comércio fosse impedido de obter concessão importante do Governo.

Os tais eventos insólitos, contudo, não relataria ao padre, uma vez que não era ele quem os provocava, sendo espontâneos e inexplicáveis.

Ouvira falar nos fenômenos paranormais e lera algumas reportagens, segundo as quais existia a possibilidade de movimentação dos objetos a distância, cujo nome, *telecinésia* (ou *telecinesia?*), lograra guardar mais ou menos na memória. Um amigo comentara, tilintando o gelo do uísque, que os espíritas eram uns *bocós de mola* pretensiosos, que jamais foram capazes de promover o que consideravam absolutamente natural, como as pedradas misteriosas que quebravam telhados e janelas.

— Escrever uns *romancecos* de quinta categoria ou borrar algumas telas era o melhor que conseguiam. O mais assombroso, concluía, era que teimavam em atribuir as *obras-primas* a escritores como Vítor Hugo, Humberto de Campos (sob o pseudônimo de *Irmão X*), Camilo Castelo Branco (disfarçado como *Camilo Cândido Botelho*), ou a pintores, como Cézanne, da Vinci, Modigliani e outros.

Fernando não era grande conversador, mas ouvia com muita atenção. Admirou-se, portanto, com o fato de o amigo rejeitar o fenômeno mediúnico, demonstrando significativo conhecimento da matéria.

Lembrava-se de ter ameaçado de perguntar como é que sabia tanto, mas calara-se, temeroso de palestra inconvenientemente técnica. Afinal de contas, o sujeito era tão

católico quanto ele, tendo-o acompanhado naquelas visitas ao terreiro. Com certeza, fora ameaçado também com as chamas do inferno.

Mas estava preocupado com a natureza dos fatos. Será que o aviso de morte próxima seria o mais correto?

No confessionário, criou coragem e perguntou ao padre se existia essa premonição, uma vez que estava inseguro quanto à vida. Alguns negócios não davam certo e a esposa, vencida a menopausa, estava intolerável, à vista de não ter conseguido gerar nenhum filho.

— Meu caro, disse-lhe a voz na escuridão, Deus é pai de misericórdia e, muitas vezes, envia os anjos para anunciar aos homens os acontecimentos futuros. Não se lembra da anunciação a Maria? Se você está tendo esse pressentimento, não tenha medo e prepare-se convenientemente. Confesse os pecados. Ajude aos pobres. Seja generoso para com a Igreja do Cristo. Faça o bem. E não se esqueça de elaborar um testamento, com a ajuda de bom advogado. Morrer todos vamos, mais cedo ou mais tarde. Prontos para falar *presente* ao Pai, poucos estão.

E foi por aí afora, em lengalenga de desesperar os três fiéis que permaneciam na fila.

Ao sair do confessionário, cumprimentou pelo nome as duas senhoras e o rapaz, caindo em si que nunca lhes fora apresentado. A perplexidade só não foi maior, porque o ambiente solene do templo impediu o natural interesse das pessoas.

Durante as três ave-marias e o padre-nosso da penitência, apenas pensava em que de nada havia adiantado a bênção de perdão do confessor.

Sobre todas essas ocorrências meditava, insone, na escuridão do quarto. Ao lado, ressonava a mulher, que não presenciara nenhum *fato insólito* e que apenas sabia que o marido estivera a pique de fazer grande bobagem, afastando-se da igreja. Fernando, aliás, desconfiava de que fora a mulher quem o denunciara ao padre, pois as suas meias-palavras foram decifradas com muita naturalidade.

— Não faz mal, terminou, bocejando, amanhã irei tomar algumas providências. Jeremias irá ter de me falar um pouco mais sobre aqueles escritos e aqueles quadros. *Padre nosso, que...*

Dormiu antes que terminasse de rezar.

OS SONHOS DE DOLORES

Ressonava a esposa de Fernando. Ao se movimentar o marido na cama, fez que mudasse de posição e adentrasse em outra etapa do sono.

De repente se pôs a sonhar com monstros, com espíritos malfazejos, com horrendos demônios. Verdadeiro pesadelo.

Via-se assaltada, violentada, maltratada. Queria desvencilhar-se, fugir, mas permanecia imantada à desagradável situação. De certa forma, sabia que sonhava, mas não conseguia acordar. Não reconhecia nenhum dos ofensores, mas parecia-lhe que o marido estava presente, sem tomar qualquer atitude para afastar os perversos.

Tentava gritar, agitar os braços, dar com os pés, mas o máximo que alcançava era perceber a inoperância das reações. Quando estava para sofrer cutelo no baixo ventre, lembrou-se de chamar por Deus, pelo santo protetor, por Nossa Senhora, pelos filhos...

A cena bruscamente muda. Banhada em suor, quase desfalecida, entra em processo de regressão de memória, mas não caracteriza com precisão as pessoas ou os fatos. Reconhece a mãe e o pai. Estava na casa do sítio onde nascera, mas tudo muitíssimo alterado. Aparelhos elétricos trituravam alimentos. Um irmão mais velho batia fortemente a carne. Os temperos recendiam, enchendo o ambiente de deliciosa vontade de comer. No fogão, a lenha ardia e crepitava, faiscando vermelho. Mas não havia fumaça.

Dolores lembrava-se de que estava faltando a fumaça. A negra fumaça que saía da boca por onde a lenha se introduzia. E subia pela chaminé. E punha fuligem no forro em treliças das ripas verde-escuro.

Queria chamar a atenção do pai. Indiferente, porém, ao seu desejo, prosseguia o velho a mastigar.

A mãe, encostada à pia, dava as costas a todos. Impossível ver-lhe a fisionomia, mas Dolores sabia que chorava.

Ali perto, na sala, sobre a mesa, repousava pequeno caixão aberto. Nele, uma criança muito nova. Uma menina. Era ela, Dolores. Via-se a si mesma.

Recomeçava o tormento. Queria fugir dali. Queria poder ressuscitar. Queria voltar a brincar no terreiro aberto para as plantações.

Desta vez conseguiu o intento e passou a correr pelo campo, montanha acima, em busca do rio... Não havia contradições. A paisagem se compunha e ela se viu sozinha, ouvindo a voz da mãe ao longe:

— Dolores! Dolores! Dolores! — angustiadamente.

Acordou sentindo forte peso na cabeça. Lembrava-se nitidamente dos sonhos, mas não atinava com os significados. Ficou quieta a rememorar todos os lances dramáticos. Hoje teria o que contar às amigas. Em segredo, que muita coisa feia poderia sugerir...

Voltou-se para o outro lado, desejando disfarçar as ideias que se insinuavam. Se continuasse, teria o que confessar. Era melhor não dar trela a sentimentos tão baixos. Que horas seriam? O relógio digital mostrava: duas horas. Dormira tão pouco ainda! Tinha mais três horas.

O medo de voltar a sofrer com as perseguições e com a sensação da morte, levou-a a levantar-se. Foi ao banheiro. Tomou uns goles de água. Não quis lavar o rosto para não despertar de vez. Voltou ao quarto. Fernando dormia, enrolado na coberta. Aborrecida, pegou uma colcha no armário, apagou a luz e sentiu a tepidez do colchão, como se se lembrasse ainda de seu corpo.

Que diria o Padre Timóteo a respeito dos maus pensamentos? Mandaria que rezasse dois terços inteiros. Não gostava de rezar. Fora o que mais fizera na vida. E de que adiantou? Nunca se sentiu verdadeiramente atendida. Talvez não orasse com devoção. Fál-lo-ia agora, pedindo íntimo perdão pela desconfiança da falta de carinho dos protetores. Lembrava-se de Maria, mãe impoluta, sem contágio sexual. Ela, não. Ela se dera totalmente às ganâncias daquele homem a seu lado e nem por isso engravidara.

Incomodou-se com os rumos dos pensamentos. Iria rezar para esquecer. — *Ave, Maria!, cheia de graça! O Senhor é convosco...*

Padre Timóteo é que rezava rápido, apressando o término do culto. Parecia que sempre estava com fome. Terça-feira era dia de oferecer-lhe o repasto mensal. Comia bem aquele sacerdote! Será que até a comida estava sonegando?!...

— *Ave, Maria!, cheia de graça! O Senhor é convosco...*

Às quatro, conciliou o sono. Às seis acordou, amarfanhada. Sonhara de novo, mas não se lembrava. Até se apagara muito do sonho anterior. Mas sabia que teria o que contar...

3

JEREMIAS SE ESQUIVA

Pouco conversou Fernando com a mulher naquela manhã. Informou que não viria almoçar. Deu como desculpa certos balancetes atrasados e não quis ouvir as queixas de que não parava em casa, de que só ele tinha distrações, de que era duro ficar presa, sem férias, sem passeios, sem cinemas e sem teatros.

Sabia que eram injustas e não lhes deu atenção. Parecia vacinado contra as afecções de Dolores. Quantas vezes gracejara com esse nome. Como lhe calhava bem! Agora aborrecia-se, apenas.

A verdade é que iria convidar o amigo para almoçarem, quando insistiria nas explicações espíritas. Mordia-lhe a curiosidade a respeito dos pronunciados conhecimentos.

Assim que passou os registros do dia para o gerente, para a responsabilidade pelo movimento da loja na hora do almoço, foi encontrar Jeremias à porta do restaurante. Tinham combinado que iriam comer em casa de comidas naturais, assim chamada porque o paladar exigido era de rusticidade primitiva: tudo cru ou mal cozido, sem sal, sem carnes e em quantidades limitadas. Os dois precisavam perder peso.

— Meu caro Fernando! Como vai? Soube que você está a pique de receber o apoio do Ministro, para o negócio...

— Está quase tudo certo. Só falta combinar o *por fora*. O homem é duro na queda.

E, falando baixinho, em segredo:

— Quer cinquenta por cento, mas acho que por trinta ou até vinte e cinco aceita. A oferta maior que obtive até agora foi de vinte, e com condições.

A intimidade do tema aproximou os amigos, na cumplicidade dos negócios. Chamaram o garçom e pediram a refeição do dia. A comida era o de menos. Queriam conversar.

— Jeremias, meu amigo do coração!

— Eh! Aí temos...

— Que história foi aquela a respeito de espíritos que pintam e escrevem? Fiquei curioso, pois já vi o Gasparetto na televisão. Se aquilo não é sobrenatural, então o *cara* é bom mesmo!

— Muito mais impressionante, Fernando, é a produção literária do Chico Xavier. Você não sabe, mas ele é capaz de *pegar* verdadeiros calhamaços em dois ou três dias. E

tudo muito arrumadinho, com vocabulário, com frases. Só não mostra os rascunhos. Parece que há outras pessoas a ajeitarem os manuscritos.

— E as informações de parentes mortos? As letras, pelo que vi no *Fantástico*, são muito parecidas.

— Nesta época de credices, qualquer coisa vai parecer do outro mundo. Há muita ilusão.

— Mas onde foi que você aprendeu a respeito dos artistas e dos escritores? Não está frequentando o terreiro às escondidas...

— Que é isso? Lá não correm esses papos. É tudo muito bronco. Muito *faça o que mando ou vai ver o que acontece...* Sutilezas, nem na hora de estabelecer o preço.

— E...

— É que costume discutir com o João, aquele meu contador. Você conhece...

Fernando não conhecia.

— Pois é, ele é que vem com essas histórias de espíritos, de Kardec, de sessões, de obsessão. Queria que eu fosse com ele numa dessas reuniões...

Fernando adquiriu a convicção de que Jeremias, fazia tempo, estava acompanhando o contabilista. *“Tem é medo que eu vá contar ao padre, no confessionário. O safado deve fazer a mesma coisa com os segredos dos outros. Timóteo agora vai saber do caso do ministro. Santo Deus! Onde fui me meter?!”*

As desconfianças pareciam confirmar-se:

— Eu não como mais gordura nem açúcar. E estou muito bem. Já perdi quinze quilos. Você não reparou?

Fernando havia notado, sim. Mas não falara nada. Sentiu uma pontinha de despeito, por não ter emagrecido um grama. Jeremias parecia estar sempre um passo à frente em tudo. Aquela disposição com que comia o prato de verduras (agrião, rúcula, cebola, com um pouquinho de vinagre) até lhe tirava o apetite. Queria ver como reagiria com os pratos quentes. Mas o arroz integral ficou na travessa, quase intocado. Os ovos de codorna e as fatias de peixe grelhado nem foram mexidos. As frutas foram escolhidas entre as mais maduras e Jeremias apenas comeu uma fatia de mamão. Não tocou na água mineral sem gás. E pediu uma chávena de chá.

Envergonhado por ter enchido o prato, Fernando acabou deixando de lado as azeitonas. Não concordava com o critério do restaurante. Só porque cobravam caro, não queria dizer que devessem fazer concessões.

Quando a conversa descambava para as qualidades dos regimes vegetarianos, Fernando, de súbito, segurando com força o braço do amigo, o interrompeu. Estava pálido. Percebeu, sentado no fundo do salão, um sujeito cujo enterro acompanhara há tempos. Era o Roque, com certeza.

— Que foi? Parece que está vendo fantasma...

— Olhe o Roque, lá atrás!

Ao voltar a olhar para o fundo, a cadeira estava vazia.

Jeremias também olhou e nada viu.

— Ora, meu caro, até você! Querendo me passar um trote... Sai dessa... Só porque...

— Ouça com atenção. Eu tenho visto muita gente que já morreu. Há outras coisas mais...

Jeremias não deixou Fernando prosseguir. Se quisesse falar a respeito, procurasse o João. Nessa tarde, estaria lá na loja. Ele sim sabe explicar direitinho esses casos de aparição.

Água fria na fervura, Fernando se arrependeu da iniciativa. Que João, que nada! Precisava era contar tudo ao Padre Timóteo. Se o demo estava por trás disso tudo, se explicava o fato de ter inventado a história do pressentimento da morte. Claro que a bênção do sacerdote não iria fazer efeito. E o arrependimento?

Isso pensava enquanto caminhava sozinho, já chegando ao seu estabelecimento de materiais sanitários. Jeremias tinha sido grossa decepção.

4

MEDITAÇÕES

Fernando não queria ceder às evidências. Estava, inevitavelmente, envolvido em problemas cuja natureza desconhecia, mas tinha medo de consultar quem pudesse decifrar-lhe os mistérios.

Repetia, inconsciente, como aquela musiquinha que fica a martelar o ouvido: *“Que João, que nada! Que João, que nada!”*

Duas ou três vezes fez menção de pegar o telefone. Será que estaria disponível o contador de Jeremias? Mas firmou a ideia em que deveria obter outras confirmações de que as visões eram positivamente provocadas pelas pessoas de que se recordava em vida.

Lembrou-se da mãezinha querida. E se ela lhe aparecesse e lhe dissesse o que fazer? Seguiria a recomendação ou julgaria artes do demo? Precisaria saber que conselhos daria esse espírito. Espírito ou fantasma? Ou reprodução enganosa de imagens, para aluciná-lo, para enlouquecê-lo?

Se firmasse o pensamento, seria atendido em sua vontade? Pelo menos, começava a habituar-se com os fenômenos. Se tivesse certeza de ter visto mesmo o amigo Roque no restaurante, teria sobressaltado? Por que essa reação tão violenta, quando nada parecia estar ameaçando-o, a não ser psicologicamente?

Olhou para a rua, pela vitrina em frente. Havia uma senhora observando o interior da loja de louças sanitárias e quejandos. Que estranha criatura! Se não estivesse produzindo longa sombra no interior do estabelecimento, diria que era um fantasma.

A mulher demonstrou estar reconhecendo-o e lhe fez leve aceno com a mão. Parecia querer conversar.

Fernando tinha a sensação de ter visto aquele semblante alhures. Onde? Era imagem fugidia na memória.

Atencioso, dirigiu-se para a porta, fazendo gestos para que a pessoa adentrasse. Que viesse conversar. Não era preciso comprar nada.

Quando chegou à porta, num momento em que a figura lhe ficou distante dos olhos pela interposição do batente e da coluna da parede, já não viu mais ninguém.

Um dos balconistas estranhou que o patrão estivesse convidando alguém a entrar, não havendo ninguém lá fora.

Fernando não reparou estar sendo seguido. Apenas deu com os calcanhares e retornou para sua mesa, no fundo do salão. Sabia que tivera outra daquelas visões. Mas quis confirmação:

— Ó Joaquim, por que não atendeu à senhora?

O coitado, chamado à atenção na frente dos demais, não quis contrariar:

— Quando vi que o Senhor ia atender, fiquei na minha...

— É freguesa? Eu nunca a vi por aqui.

— Eu também não, não Senhor.

Fernando não percebeu a oportuna mentira do empregado e julgou estar tendo alucinações até com a realidade. Diabos, o que não entendia é para onde teria ido a mulher.

Voltou a pensar na mãe. Aquela senhora tinha alguns traços dela. Filho temporão, mal conviveu com a genitora durante doze anos. Lembrava-se dela com tristezas de púbere. E com saudades de enteado, que o pai se casou logo depois que enviuvou. Aliás, a madrasta também se fora, pouco tempo atrás.

Guardaram-se todas as fotografias e os álbuns ficaram esquecidos. Em casa, procuraria as fotos. Gostaria de reconhecer a mãe na figura que lhe aparecera. Mas, se era de carne e osso... Não foi assim que o Joaquim fizera crer?

Pensou em enganar o balconista, dizendo que fingira estar vendo gente. Mas isso não teria sentido, reconheceu bem a tempo de cair em descrédito. E se não houvesse e o Joaquim estivesse realmente mentindo? Não seria o caso de supor que o patrão estivesse delirando? E o que pensariam os outros? Na verdade, tudo ficou meio camuflado pela movimentação da freguesia e pelo barulho da rua.

Fernando compreendeu que estava preocupando-se além da conta. Se existissem os seres que lhe apareciam, deveriam produzir efeitos mais concretos. Do jeito que faziam, serviam só para lhe pôr medo no coração. Não contaria nada para o Padre Timóteo.

Recordou-se de que ele iria almoçar em sua casa, no dia seguinte. Não poderia faltar. Dolores não o perdoaria. Um homem em casa, sem a presença do marido... Impraticável!

E se acontecer de aparecer alguma imagem justamente naquele momento? Fingiria não ver. Observaria só de soslaio. Não daria nenhuma demonstração. Com a presença do padre, o fantasma não poderia vir diretamente do Inferno. Aquele santo homem, ungido pelos santos óleos da Igreja, afastaria qualquer tentativa do Maligno. Afinal de contas, não tinha ele o poder divino da expulsão dos demônios?! E não carregava a cruz dependurada no rosário, que fazia questão de retirar do bolso para dar a beijar?

la por aí nas reflexões, quando viu a mesma figura do outro lado da vitrina. Não titubeou:

— Joaquim, vá ver o que a senhora quer!

O pobre homem não podia dar demonstração de que acreditava o patrão doido. Imediatamente, foi até a calçada e, não tendo encontrado ninguém, fingiu estar a conversar com alguém escondido pela parede. Sabia que Fernando não poderia ver que gesticulava a esmo.

— Patrão, a senhora queria saber onde fica a loja de armarinhos.

— Tudo bem, Joaquim. Obrigado.

Acontece, porém, que a mulher não se afastara um milímetro do local em que estava, prosseguindo a acenar-lhe, sorridente. Joaquim, sem querer, confirmava-lhe a existência do fantasma.

Fernando, disfarçadamente, como que percorrendo a loja no interesse das vendas, cumprimentando um ou outro freguês, dirigiu-se à porta. Queria interpelar a visitante. Mas não deu demonstração alguma e parou junto ao limiar, mãos nos bolsos, a apreciar o movimento da rua.

A criatura não mais estava lá. Mas viu o Roque lá na esquina, fumando o indefectível charuto, alcatrão e nicotina que o ajudaram a *empacotar*.

Fernando resolveu encará-lo, para ver até onde as coisas iam.

Nisto o chamaram de dentro. O telefone exigia sua presença. Era Jeremias:

— O João está aqui. Você não quer vir falar com ele?

Não havia o que ver. O momento era o mais oportuno.

— Fale pra ele me esperar que já estou indo.

Chamou o gerente, passou algumas instruções e saiu, agigantando os passos na direção em que vira o Roque. Que Padre Timóteo, que nada!

JEREMIAS EM CAMPO

Para melhor compreendermos as atitudes do amigo de Fernando, devemos retroceder aos tempos em que ambos frequentaram o terreiro da Umbanda.

Vimos qual era o interesse de Fernando. Jeremias não tivera qualquer razão para entrar em contacto com essa forma de espiritismo primitivo, como ele mesmo denominava o culto. Quisera ajudar o amigo a resolver um problema material, ao mesmo tempo que morria de curiosidade para conhecer os misteriosos segredos do Candomblé.

Segundo Fernando, se alguém obstasse o adversário de armar as falcatruas costumeiras, ele conseguiria o almejado contrato de fornecimento de material hidráulico, para grande construção na Capital. Jeremias avaliou moralmente o projeto de Fernando e não o considerou correto. Mas, se tudo saísse conforme a intenção do amigo, teria fortes motivos para acreditar nas forças sobrenaturais.

Em todo caso, tomaria o cuidado de nada prometer e de pagar todos os emolumentos que lhes fossem requisitados. Temia as represálias, acima de tudo. Não era assim que agiam as pessoas no comércio?

Filosofia à parte, estava cansado da Igreja. Queria algo mais palpável, mais seguro, menos horripilante que as chamas do Inferno. As confissões lhe eram muito onerosas, porque não se arrependia jamais dos pecados e os reprisava, com todo o prazer. Lembrava-se das loiras e das morenas...

Naquela altura, temia dar nome a elas, para não incentivar os seres do outro mundo. Padre Timóteo é que devia divertir-se com suas trapalhadas, embora se zangasse muito no confessionário. Eram terços e mais terços de penitência.

Se o terreiro lhe desse segurança...

Quando Fernando sugeriu que algo deveria acontecer contra o malfadado inimigo, Jeremias arrastou-o consigo e lá foram os dois, insipientes, arrostar as sensações fortes dos cânticos e atabaques.

O terreiro estava em festa. Castor e Pólux, como tinha gosto em chamar os gêmeos Cosme e Damião, agradavam as crianças. Os amigos forneceram guloseimas e acreditaram favorecer as divindades. A sós com o pai de santo, contaram a que tinham vindo. Mas disfarçaram, pedindo apenas proteção. O trabalho não deveria completar-se, se o outro lado estivesse inocente.

O negro que os atendeu não titubeou. Recomendou que trouxessem alguma peça de roupa da pessoa indicada. Se possível, um pouco de cabelo. O que desejavam conseguiriam facilmente. Bastava cumprirem o ritual de iniciação. Entrementes, jejuariam durante dois dias. Voltassem nos dias seguintes para presenciarem os trabalhos e receberem as bênçãos dos orixás. Haveriam de cativar a simpatia dos protetores da casa.

Não é preciso dizer que as exigências os assustaram. Voltaram mais três vezes, durante os trabalhos, e desistiram. Não era o que almejavam. Forçou-os o Padre Timóteo, no confessionário, à revelação dos desejos de consulta aos santos africanos. Jeremias ficou com a impressão de ter sido denunciado por Fernando, tanto que esfriaram os encontros, até a festa em que deu com a língua nos dentes, a poder de uísque.

Contudo, não perdeu o impulso de se afastar das execrações sacerdotais. Quem era aquele padeco para repreendê-lo? Além do mais, ficava-lhe à mão para as denúncias veladas junto à família e aos amigos. Era verdade que o sigilo do confessionário não seria quebrado, mas o padre era matreiro e jogava com os elementos para a persuasão das contribuições financeiras.

Ficou sabendo que João era espírita e kardecista. Estaria aí a solução?

Começou a interrogá-lo a respeito dos trabalhos dos centros espíritas. A princípio, João teve receio de dar-lhe conselhos. Finalmente, abriu o jogo e lhe levou ***O Livro dos Espíritos***, de Allan Kardec. Que lesse em segredo, para não ouriçar os familiares católicos. Se continuasse interessado, poderia ouvir as palestras que se realizavam no Centro Espírita *Jesus de Nazaré*.

Jeremias não conhecia nenhuma obra do gênero. Julgou muito difícil que tudo pudesse ser como se descrevia. Todavia, considerou a clareza das exposições e leu o livro até o fim. Nexo havia. Haveria verdade?

As longas palestras com João levaram-no a revelar-lhe a ida à Macumba. Julgava que o contador iria recriminá-lo. Nenhum aviso ou ponderação. Apenas disse para tomar cuidado com certas forças espirituais malfazejas, que se aproveitam das fraquezas das pessoas para incrementar os sentidos negativos dos pensamentos. Mas absteve-se de criticar os companheiros do terreiro. Aliás, preveniu-o quanto ao teor pejorativo do termo utilizado. Preferisse dizer, simplesmente, Umbanda ou Terreiro. Eram mais respeitosos.

Após ler, do mesmo autor, ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, na mesma semana, julgou-se preparado para acompanhar João ao Centro.

Gozava de liberdade de locomoção, com a desculpa de que a televisão não o atraía. Tinha horários para o pôquer, para as corridas de cavalos, para as reuniões de emergência e outras atividades que o afastavam cada vez mais da família. Afinal de contas, os filhos, dois rapazes, não permaneciam em casa e a esposa fingia que tudo estava sempre muito bem. Diferente de Dolores, que não desgrudava do pé de Fernando. Falar a ele das loiras e das morenas, nem pensar...

Quando o amigo lhe referiu as aparições espirituais, imaginou a oportunidade de realizar uma boa ação. Se tudo desse certo, iriam ambos dar um pontapé no traseiro do Timóteo. Já fazia meses que frequentava as reuniões públicas do Centro e tinha enorme curiosidade por presenciar uma sessão de auxílio espiritual e desobsessão. Tanto que começara a ler a terceira obra da doutrina, ***O Livro dos Médiuns***. É verdade que não

acreditava na metade das coisas que lia, mas o que estava acontecendo ao amigo era um achado.

Sendo assim, colocou João a par das dificuldades de Fernando e solicitou-lhe que o estimulasse ao desenvolvimento da mediunidade. Seria sua porta de entrada nos mistérios das reuniões fechadas.

6

JOÃO

Fernando adentrou a loja de confecções masculinas de Jeremias. O movimento era grande e os balconistas estavam atarefados. O próprio Jeremias atendia no balcão. Vendo o amigo, indicou-lhe o escritório.

— Suba que João o espera.

O escritório ficava numa espécie de mezanino envidraçado, de onde se podia divisar todo o recinto da loja e até as portas de entrada. De resto, o modelo fora copiado do estabelecimento de Fernando. Não era uma grande casa de comércio, mas possuía a vantagem de ser apoiada em indústria própria. Tanto Jeremias quanto Fernando eram bastante abonados.

Estando a porta aberta, Fernando foi entrando, acostumado a ir visitar o amigo. Deu de cara com um sujeitinho atarracado, tez escura, óculos grossos, que davam aos olhos dimensões desproporcionadas.

— Boa tarde! Sou o Fernando...

— Ah! Sim. João, ao seu dispor.

O sorriso do contador parecia refletir o dom do profissional que deseja cativar o patrão. Não era empregado da firma. Prestava serviços independentes. Se Fernando precisasse, estava às ordens.

— Vamos liquidar a desagradável fatura das apresentações formais, disse piscando os olhos, no intuito de demonstrar intimidade.

Fernando o achou sumamente desagradável. Prevenia-se quanto ao arremesso do oferecimento profissional. Era quem tratava dos papéis da firma e não abria mão desse controle. Não sabia como é que Jeremias não dava conta sozinho do livro-caixa. Quando muito, às vezes, pedia para o gerente elaborar os balancetes mensais. Apoiava-se na clareza das anotações do almoxarife e, mais do que tudo, consultava os fiscais previamente, antes de fechar as contas. Passava-lhes algum, mas era como que oficial.

A última informação deixou a medo, pois parecia-lhe que João não era dos que se dobravam pelas dificuldades das entradas e saídas, do haver e do dever. De fato, sugeriu que talvez fosse mais barato se contratasse os serviços de contabilista experiente.

A conversa ia por aí, quando Jeremias assomou à porta.

— Então, já se conheceram?

— Trocávamos ideias sobre contabilidade, apressou-se a dizer Fernando.

— Pois contrate o amigo João, aqui. Eu não tenho nenhuma dor de cabeça com a papelada, com as taxas e impostos. Muito menos com a fiscalização. Há muito tempo não pago multa alguma, desde que João apareceu. E olhe que não é careiro. Além de entender do *métier*, dá excelentes conselhos a respeito dos negócios, pois conhece o comércio e a indústria como ninguém.

Fernando havia menosprezado o homem pela aparência desagradável. Pareceu-lhe também metido. Quis saber se trabalhava sozinho ou se mantinha escritório de contabilidade e de representações.

— Modestamente, o meu escritório tem condições de oferecer quaisquer serviços no ramo.

Jeremias interveio e pôs fim aos circunlóquios:

— Muito *modestamente*. João chefia mais de uma dezena de escriturários, com todos os recursos modernos da computação. Peça-lhe uma auditoria e ele faz. Vamos ao que interessa. Que acha, Fernando, de contar o que se passa? Hoje, com o Roque, você me deixou preocupado...

Fernando já não sabia se deveria contar tudo. Não adquirira confiança na *modéstia* do baixinho. Se tinha tanto poder, por que não disse logo? Humildade ou hipocrisia?

Tais sensações passaram-lhe pela mente em átimos de segundo, enquanto Jeremias puxava uma cadeira para participar do colóquio.

— Bem. Estou tendo a impressão de ver pessoas mortas. E também sou capaz de cumprimentar pelo nomes pessoas que nunca vi. Estou com medo de que sejam avisos de que a morte esteja próxima. Padre Timóteo, pelo sim, pelo não, me mandou fazer o testamento...

Maldição! Por que falara no padre? Agora iriam pensar que desejava contrariar a Igreja.

— Faz tempo?

— Uns três meses.

Jeremias observou:

— Logo depois que abandonamos o projeto da Umbanda.

Pronto, até esses negócios foram passados ao contador. Será que está sabendo do contrato com o Governo?

— Parece-me, disse João, que o desejo de consultar o plano espiritual foi atendido. Não naquilo que interessava. Mas no sentido de favorecer o relacionamento. Se fizermos direito as contas, vamos verificar que alguém está planejando os contactos com muita argúcia. Esses fenômenos não são fáceis de encontrar. Ver os espíritos dos mortos, alguns conseguem, com muito treino e exercícios de concentração psíquica. Mas saber os nomes das pessoas, só médiuns desenvolvidos. Vejo aí a necessidade de aperfeiçoar o dom, através de trabalho metódico, com a ajuda de pessoal qualificado. Eu mesmo não seria capaz de tomar todas as iniciativas. Mas a turma do Centro gostaria de ter alguém que se habilitasse em tais áreas de conhecimento mediúnico. É algo que não se pode perder.

Fernando estava ficando deslumbrado. Como é que alguém lhe dera crédito imediato? Nenhuma pergunta capciosa. Nenhum comentário de dúvida. Credibilidade total. Segurança absoluta. Lembrava-se do negro do terreiro. Ele também respondera sem

titubeios. Em que força é que se apoiam? Será que é possível a alguém saber os sentimentos e os pensamentos dos outros?

— Meu amigo, insistiu João, se você estiver disposto, poderemos ir hoje mesmo ao centro espírita do Aeroporto, lá onde moro. Com certeza, se algum espírito se manifestar a você, teremos condições de consultar o guia da casa. Há os médiuns de incorporação que poderão oferecer-se para as comunicações. Assim Jeremias poderá começar a frequentar as reuniões secretas.

Eis que meu plano deu certo, considerava o fabricante de roupas.

Eis que o malandro escondia o jogo, pensava o vendedor de pias. Mas hesitava. Como gostaria de ver o Roque por ali, para mostrar à clarividência do contador. Furtivamente olhou pela ampla vidraça, como quem estivesse pondo os pensamentos longe. Queria enxergar do outro lado da vitrina. Nada viu.

Diante da necessidade da resposta, quis desconversar:

— Será que estarei preparado para esse tipo de reunião? Não é preciso ficar em jejum?

— Ninguém irá pedir-lhe nada. Caso queira, poderá deixar para jantar depois. Será suficiente para a imantação, se os orientadores espirituais determinarem que poderá participar dos trabalhos. Não tenha receio algum. Não há nada de misterioso. É tudo muito natural. Apenas haverá a necessidade de respeitar o ambiente, elevando os pensamentos ao Senhor. Como sei que o amigo é religioso, basta repetir as orações de costume. O dia hoje é destinado para as sessões de doutrinação e os benfeitores vão conduzir os que se iniciam. Você poderá sentir as suaves vibrações, já que tem tanta potencialidade mediúcnica. Prometo que não se arrependerá.

— A que horas?

— Vá com o Jeremias. A sessão começa às oito e termina antes das dez. Vamos resolver logo esse seu problema. Não há nada mais desagradável do que ficar sem saber os desígnios do plano espiritual. Se me dão licença, ainda tenho dois encontros contábeis.

João saiu tão solerte que Fernando teve a impressão de que não quisera lhe dar oportunidade para fermentar razões para não ir. Aliás, a fluência verbal do baixinho era espantosa. Não é à toa que consegue tanto serviço. Tem uma lábia...

— E aí. Que achou do nosso João?

— Muito firme. Parece que conhece a matéria...

— Conhece a espiritualidade, isso sim.

Jeremias gostava das facécias oportunas. Costumava não perder vazas.

— Passo pela sua loja às seis e meia e vamos juntos para sua casa. Vou deixar o carro na garagem da fábrica e seguimos no seu. Assim poderemos conversar mais um pouco. Se o trânsito estiver bom, chegaremos às sete e meia no Centro.

Fernando achou que estavam definindo demais os seus projetos. Será que deveria submeter-se tão prontamente? Mas, não tendo o que objetar, concordou.

Dolores, à vista do amigo, não iria colocar obstáculo. Era segunda-feira. Iriam ao hipódromo. Estava combinado.

No caminho de volta à loja, Fernando não teve mais nenhuma visão estranha. Sentiu o perfume de um havana que passava. Mas não era ninguém do outro mundo.

O DIA DE DOLORES

A esposa de Fernando, como vimos, desejava contar os sonhos daquela noite às amigas (*comadres*, como o marido as tratava de si para consigo). Mas a turbulência dos acontecimentos oníricos estava fora dos padrões habituais.

Dolores refletiu bastante sobre as perseguições lúbricas e sobre sua figura no caixãozinho branco e resolveu que aqueles não seriam temas com que se divertissem. Parecia-lhe mais apropriado voltar a buscar o auxílio do analista que frequentava, intermitentemente, há tempos. Os assédios sexuais, certamente, Freud explicaria.

Não querendo almoçar sozinha, ligou para Maria, sua companheira de *bridge* (esposa de Jeremias):

Dolores: — Disposta a receber mais alguém para o almoço?

Maria: — Venha que temos muito o que conversar.

Dolores: — Os pelintras estão aprontando das deles...

Maria: — Foi o que descobri em relação ao meu. Acho que está sozinho, mas me informou que iria almoçar com o seu...

Dolores: — Sem-vergonha! Ele me disse que tinha contas e balancetes atrasados.

Maria: — Pois é.

Dolores: — Precisamos tomar providências, pois o caso é sério.

Maria: — O Padre Timóteo vai almoçar amanhã aí?

Dolores: — Vai. A oportunidade será ótima para pormos tudo em pratos limpos.

Maria: — Venha almoçar que eu te conto tudo.

Dolores passou o restante da manhã preocupada. Ligou finalmente para a loja, mas Fernando tinha saído. Era quase a hora do almoço e fingiu que não tinha importância. Pediu para Joaquim que não avisasse do telefonema. Havia um toque de cumplicidade que agradou ao subalterno.

À mesa, não pôde conversar com Maria sobre o palpitante assunto. Estavam os filhos presentes. Voltavam da faculdade e saíam para o esporte. Não atrapalhariam as conversas. Mas, durante o almoço, açambarcavam os assuntos.

Dolores gostava muito deles. Se pudesse, levaria os dois para uma temporada em casa. Eram os filhos que lhe faltaram. Não gostava do jeito que Maria tratava deles, com ar sempre desgostoso. Tinham feito algumas, por certo. Mas eram tão bonitos, tão vivazes e não davam mostras de serem viciados. Pessoas assim logo ficam macambúzias,

respononas, malcriadas. Eles partilhavam das reuniões familiares com muito boa vontade. Prometeram voltar à noite, mas não para o jantar. Haveriam de sair do clube para irem encontrar-se com os colegas. Precisavam aprestar certos trabalhos universitários...

Dolores reparou que estavam enganando a mãe. Esta, porém, parecia muito contente que não voltassem cedo. Ficaria melhor sem eles.

A sós, na sala de estar, Maria se lamuriava do casamento à amiga:

— Jeremias não quer saber de ficar em casa. Quer de volta a antiga independência. É mais livre que os filhos, de quem não cuida. E está fugindo da religião. Não bastasse o caso do terreiro, agora está indo a um centro de mesa branca.

— Santo Deus! Que quer ele com os demônios? Não bastou a raspança do reverendo?

— Aí que está! Parece que o efeito foi o contrário. Foge do padre como o diabo da cruz. Na última vez que Timóteo veio almoçar, ele não compareceu. E nem desculpa deu. Simplesmente não veio. E depois disse que esqueceu.

— Eu acho que existe alguma coisa mais...

— Existe mesmo, mas eu não me incomodo com os rabos de saia. O que não queria era a vergonha da separação depois de vinte e tantos anos. Já estou calejada com os desgostos que me deu durante todo esse tempo. Agora está se jogando diretamente nas chamas do Inferno.

— E que é que o Fernando está fazendo que não lhe chama a atenção?

— Pois eu acho que ele não sabe de nada. Faz tempo que os dois não se encontram. Eu tenho controlado as saídas de Jeremias. Sei quem é que o tem desviado do bom caminho. Sei que livros andou lendo às escondidas. Tenho os meus informantes na loja e na fábrica. E sei até que o Fernando anda meio transtornado...

— Que é que você está dizendo?

Dolores estava impressionada com os conhecimentos da amiga. Como poderia saber tanto?

— Você conhece o Joaquim, não é verdade?

— Claro! É com ele que converso quando Fernando não está...

— Pois ele está de olho no seu marido. Quando nos encontramos na saída da igreja, me dá conta do que se passou na semana. Eu queria saber se o Jeremias estava implicando o Fernando. Mas a verdade é que o seu marido tem estado atarantado. Falando e gesticulando sozinho, como se tratasse com fantasmas. Se o Padre Timóteo não achar que se trata de caso para exorcismo, vou sugerir que procuremos outro padre. O Timóteo, às vezes, me parece muito moleirão.

Maria conseguira deixar Dolores calada. Estava estupefacta. Como é que a outra sabia mais do que ela? Quanto ao mulhero de Jeremias, era coisa muito antiga. Fernando, ela tinha certeza, se sujava nas calças de medo do pecado. Disso estava segura. Depois dos disparates dos primeiros tempos, não dera mais no coro. É verdade que ela não se oferecia...

— Que pode estar acontecendo?

— Dolores, querida. Só pode ser influência dos do terreiro. Deve estar havendo perseguição, pois os dois prometeram ajudar e nada deram. Desapareceram sem

agradecer e sem dar satisfação. Os espíritos das trevas (que Deus me perdoe!) devem estar atrás deles.

— Amanhã, você vai almoçar lá em casa. E vai levar o Jeremias. E os rapazes.

— O Jeremias só irá se você prometer comida sem carne. Virou vegetariano. Tem sido o maior sacrifício aqui em casa. Hoje foi almoçar comida naturalista, macrobiótica — que sei eu! Tem sido sempre assim nos últimos tempos. E é muito bom para a saúde. Perdeu quinze quilos e parece que vai emagrecer mais. Se continuar assim, vou mandar que faça exame de sangue. E se estiver com AIDS?

— Vira essa boca pra lá, mulher! Onde já se viu pensar numa coisa dessas...

— Pois dele eu posso esperar tudo.

No meio da tarde, tilintou o telefone. Maria veio com as novas:

— Fernando está no escritório, reunido com Jeremias e com João, o do centro espírita. Eu não falei que aí tem?

Daí para frente, foi um nunca acabar de queixas e confidências.

Bem de tardezinha, Dolores resolveu que contaria os sonhos, pelo menos na parte em que o marido ficava observando os monstros atacarem-na. Mas arrepiou caminho, preferindo falar do rio que subia a montanha, da mãe que chorava, do pai que lhe era indiferente. Ouviu de Maria que era bom voltar ao analista. E a conversa morreu.

Em casa, preparava-se para providenciar o jantar com as empregadas, quando chegou o marido acompanhado de Jeremias.

Não se preocupasse com a comida. Iriam ao Jóquei Clube.

Dolores não estranhou a patranha. Sabia agora de muitas coisas, mas se reservaria para falar na presença do Padre Timóteo. Ele não ia perder nada por esperar. Capadócio...

Imaginou que as amigas iriam reunir-se para o bridge. Ver novela na televisão fazia tempo que não via. Quando muito, punha uns filmes no vídeo. Mas preferia a companhia das amigas. Ficar sozinha deprimia, se bem que Fernando, nos últimos tempos, estava parando mais em casa. Transformações havia. Precisava entendê-las.

Positivo. Podia ir jogar naquela noite. Que se dane o safardana!

O CENTRO ESPÍRITA *JESUS DE NAZARÉ*

Exatamente às dezenove horas e trinta minutos, o carro de Fernando se postava à frente do vetusto prédio, em cuja fachada se lia o nome da instituição. Havia duas portas. A central permanecia aberta e iluminada. A da esquerda estava fechada.

Os amigos entraram e não deram com ninguém no corredor. As portas laterais trancadas. A do fundo dava para um auditório, com muitas cadeiras simples e alguns bancos.

Fernando reparou que a caiação era recente e que os materiais empregados não eram de primeira. Força do hábito.

Ao fundo, havia um palco com o cortinado aberto. Sobre o tablado, comprida mesa e cadeiras em toda a volta, como se estivesse preparada para a reunião.

Não havia ninguém. Mas ouviram João, de algum ponto, que lhes dizia:

— Chegaram cedo. Vão sentando. Deixa arrumar o aparelho de som que já vou aí.

Vozes fizeram-se ouvir da entrada. Pessoas chegavam conversando. Pareciam familiarizadas com o ambiente. Jeremias verificou tratar-se de conhecidos seus. Sobressaía do grupo o vozeirão grave de baixo profundo de um dos palestrantes das quintas-feiras.

Feitos os cumprimentos de praxe, foram instalar-se nas cadeiras do palco. Ali endereçaram saudações a alguém atrás do cortinado. Era o João, por certo.

Fernando não percebeu qualquer preferência pelos lugares, mas notou que as cabeceiras não foram ocupadas.

Jeremias levantou-se:

— Espere um pouco, que vou ajudar o João.

Antes que chegasse a subir, ouviu-se suave melodia. Música de câmara, suave, tranquilizante. Era convite ao silêncio. Aliás, a inscrição ao fundo, no alto, avisava: **O Silêncio é uma Prece.**

Fernando pôde reparar na decoração. Havia um quadro de avisos, pequena lousa, onde se anunciava o orador da próxima quinta-feira. Do outro lado, algumas flores artificiais. Quadro não havia nenhum, mas uma faixa pedia para que se lesse Kardec e se vivesse Jesus. Era o único indício de religiosidade.

Acostumado aos templos católicos, Fernando estranhava sobretudo a rusticidade do ambiente.

Enquanto se entretinha em observar o relógio no fundo da sala, chegaram mais algumas pessoas. Entraram silenciosas. Cumprimentaram de longe. Subiram ao palco. Foram efusivas com os presentes. Sumiram um instante atrás da cortina, de onde partiram risadas e expressões de carinho. E voltaram para se sentarem ao redor da mesa do palco. As cabeceiras persistiam desocupadas.

A misteriosa ausência visual do João, fez que Fernando o imaginasse paramentado. Não como o padre na igreja, mas como o *babalaô* no terreiro. Atrapalhava-se com as nomenclaturas. Desconfiava de que João deveria ser o mestre de cerimônias ou o oficiante do culto. A diferença que sentia quanto à Umbanda era a doçura da música, em contraste com as retumbantes batidas dos atabaques. Também se frustrara na expectativa de encontrar imagens ou telas de entidades, além das flechas, arcos, zarabatanas e outros petrechos que se colocavam no altar do culto do terreiro. Nenhuma vela.

Quando todas as cadeiras laterais foram ocupadas, João apareceu com a mesma roupa que vestia à tarde. Veio diretamente ao encontro de Fernando, trazendo Jeremias pelo braço.

— Peço desculpas por não ter vindo recebê-lo antes. O aparelho estava rodando em falso. Quando não se tem à mão as ferramentas adequadas, não se consegue fazer nada direito. Enfim, está funcionando. Não repare na singeleza da casa. Temos tido algumas dificuldades financeiras e, se não fosse a contribuição do Jeremias, não teríamos pintado o salão. Mas não pense que iremos pedir-lhe nada. Vamos deixar claro, desde já, que aqui nada é cobrado de ninguém. Os diretores e os associados que podem deixam uma mensalidade para a caridade. Quem quer contribuir com qualquer valor, aceitamos. Mas os balancetes estão afixados no corredor de entrada. É tão pouco o movimento que me envergonho de elaborar as prestações de contas. O pessoal do escritório é que se diverte comigo, quando quero colocar tudo no computador.

Falava de carreira.

— Está na hora de começarmos. Não se assuste que iremos amainar as luzes. É mais fácil alcançar concentração na penumbra. Se for preciso, podemos deixar tudo aceso. Você ouvirá algumas leituras. Faremos a rogativa aos amigos da espiritualidade para que nos ajudem. Depois, a palavra será dada aos espíritos habilitados para se manifestarem através dos médiuns. Vocês dois ficarão aqui embaixo e eu peço que não conversem. Será bom que nos acompanhem nas preces. Principalmente, ajam com naturalidade, como se estivessem em reunião de pessoas da sociedade. Se algum sofredor for trazido, não se assustem com as expressões de dor. O plano espiritual cuidará de tudo e nos dará a alegria de poder ajudar. Quanto ao seu caso específico (dirigia-se a Fernando), não tive tempo de conversar com ninguém. Se os guias quiserem fazer referência aos problemas, será a resposta às questões que fizer intimamente. De qualquer modo, não espere muito na primeira reunião.

João falou de um jato. Parecia ter decorado o discurso. Pediu licença, subiu ao palco, ocupou a cabeceira direita. A outra permaneceu vaga. Um dos médiuns foi ao interruptor e apagou as luzes, acendendo outra de cor azulada. O ambiente quedou silencioso, apenas com a música, que se intensificava.

Fernando mantinha-se curioso. Depois de alguns instantes de silêncio, João levantou-se e desapareceu atrás da cortina. A música cessou. E algumas lâmpadas se acenderam. Era o momento da leitura.

Ao volver o olhar para o salão, lá no fundo estava o Roque, sem charuto, sentado na última fileira. Ao seu lado, a mesma senhora da vitrina. Fernando ficou tranquilo com a atitude de ambos. Venceu a tentação de tocar em Jeremias e observou que a mulher punha o indicador sobre os lábios, impondo-lhe silêncio.

— Vamos pedir ao irmão Renato que faça a leitura do ***Evangelho***.
Era João, que dava início aos trabalhos.

O AVISO DO BENFEITOR

Fernando não conseguiu prestar atenção à leitura. Parecia-lhe ter ouvido falar em amor ao Pai e aos semelhantes, mas, entorpecido, resolveu não perturbar o ambiente com pensamentos ruins, com temores infantis ou com desejos indefinidos. Aprendera, no terreiro, que a concentração dos médiuns é importante. Lá havia o barulho dos cânticos e a alucinação das danças. Aqui a tranquilidade e a paz. Entretanto, não se lembrava de se ter deixado envolver por essa espécie de sonolência que o atacava agora. Enquanto pensava nessas coisas, sem muita consciência, ia dizendo um padre-nosso após outro.

Quando ousou olhar para o palco, as luzes tinham sido de novo apagadas, voltando a parca luminosidade azul. Mas dava para divisar os vultos das pessoas.

João convidou a todos para a elevação dos pensamentos ao Senhor e pediu assistência aos amigos da espiritualidade.

Imediatamente, um dos médiuns começou a falar:

— Graças a Deus!

— Bem-vindo seja, irmão! Que a paz do Senhor esteja com você!

— Irineu, o protetor do médium, pede licença para comparecer com palavras de incentivo aos trabalhadores evangélicos.

— Esteja à vontade, caríssimo benfeitor!

— Primeiramente, quero saudar a todos pela boa vontade de se apresentarem mais uma vez para o sacratíssimo contacto mediúnico. Esta seara de amor é que faculta aos seres do etéreo a possibilidade do desempenho doutrinário, em nome de Jesus.

Jeremias mexia-se na cadeira, impaciente. Queria algo mais concreto. Parecia-lhe que o médium repetia um discurso decorado. Tentou passar suas impressões a Fernando, mas este estava tão absorto na contemplação que não sentiu sequer o cutucão do amigo.

Irineu, prosseguia:

— Temos presentes amigos novos da espiritualidade, que nos pedem para que comuniquemos avisos de importância para os visitantes da noite. Em seguida, traremos três sofreadores para serem auxiliados, pois se encontram desiludidos pela violência com que foram apartados da vida. Ao final, outro irmão irá responder às questões que se farão no íntimo de cada pessoa, sempre com a graça do Pai e de acordo como o roteiro dos benfeitores da casa.

Fernando conseguiu absorver todos os dizeres, como se estivesse absolutamente lúcido. Melhor dizendo. Como se toda sua capacidade de atenção se dirigisse exclusivamente para aquele ponto sonoro, esquecido de todos os demais sentidos.

— Dona Ana e o amigo Roque solicitam-nos que esclareçamos ao Senhor Fernando que estimariam receber preces suas, para que se afinem os pensamentos numa mesma faixa de onda favorável ao contacto intuitivo. Estimam que haverá proveito para todos, caso o amigo se desenvolva mediunicamente, sem resistências de caráter emocional. Para tanto, requerem que se inscreva no curso para médiuns desta ou de outra instituição espírita, efetuando os exercícios preliminares, sob o amparo dos protetores da instituição e através das leituras estabelecidas pelos orientadores encarnados. Não se incomodam que o amigo prossiga frequentando a Igreja Católica, mas avisam que, por não considerarem pecados as diligências aludidas, que não se perca o amigo com sentimentos de culpa, o que ocorreria, com certeza, se denunciasse o fato no confessionário. Não se trata de rebelião religiosa, pois o Pai atende a todos os filhos, segundo o amor que consigam trazer nos corações. Quanto às pressões familiares e do círculo das amizades, que tenha o máximo respeito pelas convicções alheias, mas que seja muito firme na determinação de ir em frente no aprendizado superior, rumo ao socorrismo evangélico.

Fernando reparava que as suas observações é que iam conduzindo a exposição. Era suspeitar de que algo não ia tão bem na oratória e lá vinha a explicação concernente. Que fazer para compreender a importância dessa reviravolta na vida?

— Aceite a palavra de Jesus, segundo a qual ele não veio para unir, mas para separar, na augusta promessa de que todos irão juntar-se aos pés do Pai, em seu reino de amor.

Jeremias, estava ficando perplexo quanto à simplicidade dos dizeres. Evidentemente, não sabia do relacionamento telepático do amigo e começava a suspeitar de fraude.

— Quanto ao iniciado Jeremias, nosso conhecido, é preciso que confie nos atributos da mediunidade que se demonstram nesta mesa. Sabemos que, há tempos, vem desejando comparecer a uma reunião sigilosa. Não perca a oportunidade para unir sua frequência vibratória à nossa, a fim de que possamos influenciá-lo no sentido da aquisição dos dons do mediunato. Suas leituras não foram muito convincentes, pois tem colocado descrédito em quase todas as informações que não seja capaz de vivenciar. Tomé também quis ver para crer. Contudo, nós não temos sequer a sombra dos dons exponenciais do Mestre, para lhe comprovar as nossas feridas. Limite-se a aceitar a palavra do Senhor, pela qual benditos são os que não veem e creem.

Fernando não conseguiu seguir a linha dos raciocínios da explanação dirigida ao amigo. Estava preocupado com os fenômenos físicos (telecinésicos) que esquecera de mencionar a João. Na sua mente, começaram a evidenciar-se razões e justificativas, claramente colocadas em pensamentos apropriados. Eram afirmações de energias espirituais, de fluidos cósmicos, de potencialidade magnética, que não conseguia coordenar de forma lógica. Mas se satisfazia com esse enevoado de sugestões, percebendo claramente que os da espiritualidade estavam começando a imantá-lo para as transmissões mente a mente.

Por seu turno, Jeremias compreendeu que levemente estavam a criticar sua atitude mais ou menos abúlica. Não sabia como tal vocábulo se imiscuía em seus pensamentos. Mais ou menos inoperante. Mais ou menos insatisfatória. Mais ou menos prejudicial. As explicações sucediam-se rápidas.

Quis prestar atenção no outro médium, que incorporara um sofredor, mas o máximo que conseguiu foi ouvir que não admitia o espírito ter sido queimado vivo, no incêndio de seu automóvel. Quando Jeremias ia utilizar o termo animismo (com o sentido de fraude), o médium alterou o tom de voz e, como se fosse o benfeitor e não mais o atendido, pediu a todos que mantivessem elevado o padrão vibratório, para que as correntes de desconfiança não perturbassem o ambiente. Jeremias lembrou-se das noites da Umbanda e de seus temores em relação à frequência energética negativa dos espíritos que lá compareciam e, instintivamente, cruzou os dedos, em claro sinal de proteção. O coitado estava sofrendo muito, vendo sua intimidade mental devassada. Será que sua aura estava acusando as desconfianças tão claramente? Passou-lhe pela cabeça que se precipitara, ao forçar o comparecimento àquela sessão. Lembrava-se do Padre Timóteo, das raspanças e dos terços. Será que todo mundo, no plano da religiosidade, comparecia para desacatar os seus sentimentos?

De repente, Fernando se lembrou de quem fora Dona Ana. Era a irmã de sua mãe. A tia Ana, é claro, que tantos brinquedos lhe dera na infância e que morrera na flor da idade, solteira e misteriosamente apaixonada por alguém cuja identidade levava para o túmulo. Será que fora pelo amigo Roque? Essa hipótese era plausível, já que se conheceram em vida. Mas Roque era casado...

Rodava-lhe a cabeça, no redemoinho das novíssimas impressões. Passou batido pelas demais incorporações e só sentiu a realidade ambiente, quando João anunciou a palavra do último orador.

De início, notou que as respostas prometidas não se endereçavam às pessoas individualmente. O discurso era mais uma exposição evangélica, eivada de citações bíblicas, até do **Velho Testamento**. Chegou a citar Jeremias, notando que o deus dos exércitos nunca chegou a caracterizar o crescimento das civilizações, embora promettesse uma Nova Jerusalém. Calara o médium judeu as informações que não entendera, como ainda desvirtuara outras, em função de interesses pessoais. Não fizessem o mesmo os irmãos da mesa (ou os que viessem a ocupar lugar ali), para não incitarem os menos favorecidos a que venham para perturbar as comunicações. Lembrassem das orientações a Kardec, segundo as quais os bons se afastam quando não conseguem influenciar a mentalidade dos servidores. O apanágio mediúnico, concluía, está na integral retransmissão das palavras de conforto e sabedoria dos espíritos mais elevados. Terminava agradecendo a atenção e rogando a Jesus suas bênçãos e graças, para que todos voltassem para casa nimbados de espiritualidade.

João fez a prece final e as luzes se acenderam, para os comentários dos trabalhadores. Em pouco tempo, Jeremias e, principalmente, Fernando foram alvo da curiosidade de todos. Queriam saber quem eram eles que tanto amparo haviam alcançado dos benfeitores, logo da primeira vez. João exultava de alegria, mas, consciente do despreparo dos visitantes, buscou afastá-los dos demais, utilizando como desculpa a necessidade do preenchimento da ficha de associado para Fernando.

— Amigos, cuidado com as consequências das conclusões apressadas. Não se esqueçam de que o benfeitor pediu aos irmãos que viessem ao Curso de Médiuns...

Recolhidos os dois à secretaria, João pôde confabular mais à vontade com os demais. Prevenia-os quanto aos surpreendentes dizeres ouvidos naquela noite, especialmente porque o médium de que se utilizara o orientador não se recordava de nada. Mais impressionados ficaram quando descobriram que nem os nomes dos ingressantes lhe foram dados a conhecer previamente.

- Que belo é o espetáculo da mediunidade sagrada!
- Quanto amor tem por nós Jesus Nazareno!
- Que felicidade poder partilhar desta mesa consoladora!
- Graças a Deus, podemos ter a certeza do amparo dos irmãos da espiritualidade!

EM CASA

Ao contrário do que seria de esperar-se, Fernando e Jeremias não trocaram palavra sobre os acontecimentos da noite, até que se despediram. Fernando percorreu o caminho até sua casa, deslumbrado com a lucidez dos espíritos. E também dos espíritas, que via como sacerdotes de uma nova religião, fundamentada no amor e na caridade, pelo evangelho de Jesus.

Posto o automóvel na garagem, percebeu que a casa estava às escuras. O casal de criados dormia nos fundos da residência. Serenou os cães pela janelinha dos fundos. A porta estava trancada, hermeticamente. Procurou a chave, tendo sido difícil localizá-la. Se tivesse tocado a campainha, ninguém teria vindo atender. Dolores não estava. E eram dez e meia.

Aberta a porta, buscou o interruptor. Reparou que, ao contrário das outras vezes, não acionou o botão a distância. Percebeu que se acostumara a esse jeito *espírita* de fazer as coisas. Será que perdera a habilidade telecinética? Faria outros testes.

Estava com fome. Sobre a mesa da cozinha, um bilhete:

Estou jogando bridge na casa da Stefanie.

Só aí se lembrou de que não jantara no Jóquei Clube. Incomodou-se com a mentira. Se o Espiritismo era a busca da verdade, estava começando muito mal. Amanhã, revelaria a Dolores, na frente do Timóteo, sua intenção de estudar a nova doutrina. Pelo menos para conhecer. Afinal de contas, a mulher nada sabia a respeito das qualidades mediúnicas. E o padre não poderia ter revelado o segredo do confessorário. Será?...

— Vamos ver se consigo ligar o liquidificador sem tocar.

Pôs leite no copo. Adicionou chocolate e açúcar. Pensou em acrescentar conhaque, mas não quis perturbar a lucidez mental. Tentou disparar o motor. Em vão. Antes, bastava a intenção e o mecanismo elétrico obedecia. Tinha perdido, deveras, a habilidade. Será que conseguiria alguma explicação?

Enquanto esperava que a bebida se homogeneizasse, imaginou que os fenômenos físicos existiram tão só para despertá-lo para o estudo do espiritismo. Eram a causa exterior para a motivação consciencial. Achou a explicação lógica e admitiu que, para tão simples evidência, não precisava dos mentores espirituais.

Na geladeira, havia sobras do almoço. Frango grelhado, do melhor jeito. Apanhou o prato e fez menção de levá-lo ao forno de micro-ondas. Mas ficou estático no meio da cozinha, sorvendo o leite maltado em pequenos goles. Gostava dele assim, gelado.

Por que hesitava com o frango? Lembrava-se de Jeremias abstendo-se da carne. Haveria necessidade de abandonar esse consumo para fazer jus a adentrar os mistérios do Senhor? Não criara o Pai os animais para serem consumidos pelo homem? Não era assim que Timóteo falava, enquanto se servia de lutas porções de assado?

Passou-lhe pelo pensamento a possibilidade de os animais terem também alma. Se fosse assim, não se justificaria que os homens os alimentassem, para depois sacrificá-los. Olhou atentamente para o restante da carcaça à sua frente e pensou em ver ali um braço humano. Como reagiria? Bem, se estivesse acostumado à antropofagia, iria matar a fome com bom apetite. Será que Jesus aprovaria o consumo da carne humana? Será que o Mestre comia carne vermelha? Haveria alguma passagem nos **Evangelhos** que comprovasse o hábito? Após ressuscitar, para mostrar que ali estava em carne e osso, apanhou uma posta de peixe e pôs na boca. Evidenciava-se que comia peixe, sem dúvida. Pelo menos assim quiseram fazer crer os evangelistas. Pedro não fora ajudado por ele no milagre da pesca? Fernando não poderia querer ser superior a Jesus. E Jeremias, será que teria pensado nisso tudo?

Instintivamente, colocou de volta o frango na geladeira e se contentou com um pedaço de queijo, derretido sobre duas boas fatias de pão. Pelo menos os micro-organismos que fermentaram o leite não poderiam considerar-se carne. Pensou nas verduras e frutas, também seres vivos, e na hipocrisia dos vegetarianos. Jeremias talvez soubesse explicar isso.

De qualquer modo, não comeu excessivamente. Repetiu o leite, aqueceu uma xícara de café e preparou-se para ver o noticiário na televisão.

Sobre a mesa de canto da sala de estar, estava a secretária eletrônica anunciando uma chamada.

— Querida (era uma voz feminina), amanhã está confirmado que iremos todos almoçar com o Padre Timóteo. Não se esqueça de que Jeremias não come carne. Qualquer novidade, ligue pra mim. Tchau!

Era Maria. E, sem dúvida, estavam tramando algo para o dia seguinte. Iria ter de demonstrar muita paciência, mas o projeto de revelar as intenções espíritas esbarrava na presença do companheiro. Que diabos! Será que iria ficar amarrado às conveniências das pessoas? Às suas convicções religiosas?

Na tela, corria programa de entrevistas. No outro canal, filme americano, enlatado. Esporte, no terceiro (futebol em videoteipe; detestável!). Propaganda. Propaganda. Filme de longa metragem, dos antigos, em preto e branco. Viu as horas. Onze e quinze. Até que horas pretendia a mulher ficar fora? Pelo menos, os melhores jornais da TV não haviam passado. Haveria novidades econômicas? E os criminosos, teriam encaminhado para a espiritualidade mais alguém? Aí, estariam dando trabalho para os socorristas e benfeitores dos centros espíritas.

Os diálogos em inglês não o estimulavam a prestar atenção na história. As legendas amarelas passavam rápidas. Havia tiros, perseguições, gritos de terror. Voltou para a propaganda. Passava seriado multicolorido, com diálogos frouxos e previsíveis. Será que a televisão não se interessava por filmar algo no gênero espírita?

Deixou a imaginação vagar por complicado enredo em que uma pessoa morre atropelada e é levada ao além, onde fica sabendo que fora vítima de crime. Como reagiria?

Seria controlada pelos amigos, parentes, como a tia Ana? Amanhã procuraria as velhas fotos. Por que não fora sua mãe quem viera mostrar-lhe o caminho da doutrina?

Perdeu-se em conjecturas e adormeceu. Embalado pelos diálogos monótonos, via-se à beira-mar, perseguido por carros de *gangsters*, sendo metralhado, enquanto corria por entre as estacas do cais. Um bom anjo vinha retirá-lo do corpo para levá-lo a belíssimo hospital. Desejava permanecer adormecido, mas alguém o chamava, sacudindo pelo ombro. Acordou assustado. Era Dolores:

— Vamos para a cama, querido? Ou você pretende passar a noite toda aí?

Verificou que estava de camisola. Será que estivera em casa o tempo todo, desde que ele chegara? Ou teria preferido disfarçar a hora, fingindo ter regressado mais cedo? Olhou para o relógio da parede. Três horas. A televisão estava desligada. Como foi que dormira tão profundamente?

— Tem um recado para você na secretária.

— É de Maria. Eu a convidei e a toda a família para fazerem companhia ao Timóteo. Desde a visita ao terreiro, vocês não têm tido mais assunto. Aliás, o Joaquim me informou que você saiu para almoçar no horário dos balancetes. Não poderia ter vindo para casa? Não ia perder muito mais tempo.

Dolores falava apressada, sem convicção. Queria pôr-lhe a pulga atrás da orelha.

Fernando pensava no papel do subalterno. Por que não lhe havia falado nada sobre o telefonema?

— Vamos dormir que estou com sono. Não gostei de ter perdido no Jóquei. Trezentos mil. Não vão fazer falta, mas isso me deixou mal-humorado. Nem jantar lá nós jantamos. Comi sanduíche quando cheguei. Amanhã a gente conversa. Amanhã a gente conversa.

Enquanto escovava os dentes, Dolores foi deitar-se. Por que fora levado a mentir de novo? De que tinha medo? Certa ocasião, estiveram a pique de separação. Mas as coisas acomodaram-se. Não fora situação muito pior? Por que as sutilezas da consciência, em momento de transformações espirituais?

Desta feita, as perguntas ficaram sem resposta.

Quando apagou a luz, Dolores ressonava. Ou fazia de conta. Que diferença havia?

O ALMOÇO

Na hora combinada, todos se encontravam ao redor da mesa. Ao centro, Padre Timóteo, esguio, óculos de grossas lentes, aros de tartaruga, projetando dois olhos sempre arregalados. Gestos pausados. Voz doce de confessor, sempre à disposição de um bom conselho, de sábia palavra de prudência. Figura de sábio antigo, em fato moderno, cinza-escuro, impecável, deixando à mostra camisa branca de colarinho reto, fechado no pescoço. Abria os braços devagar, como se quisesse abraçar a todos de uma só vez. Paternal, não fechava jamais o sorriso gentil de quem compreende, de quem perdoa, de quem incentiva.

Fernando, na cabeceira, olhava para ele de soslaio. Se o deixassem mais à vontade, iria propor ao bispo sua beatificação. Mais ainda. Sua santificação. Santo de pau oco. O que desejava era comer do bom e do melhor, em todas as casas ricas da paróquia. Diziam que dera muita propina e bajulava muita gente, para receber a investidura naquela localidade.

la prosseguir nesses torpes pensamentos, quando deu com Jeremias esforçando-se por ser agradável. Como iam os projetos de construção da nova casa paroquial? Soubera que o coadjutor enviado pela Cúria estivera arrecadando donativos. O que seria da Igreja, se fosse adotada a Doutrina da Libertação?

— Teologia da Libertação...

— Isso!

Fernando não queria ouvir a conversa. Observou que Jeremias ficou colocado do outro lado da mesa, do mesmo lado que Timóteo, sendo impossível que trocassem olhares sem que fossem observados por Maria, postada na frente do padre, ladeada pelos filhos. Dolores estava na outra cabeceira. Ao lado de Fernando, uma cadeira vazia, onde Timóteo tinha repousado o breviário.

A um toque de campainha, apareceram os criados com a grande terrina de prata. Era a sopa.

— De frango, esclareceu, Dolores, como a dizer a Jeremias que não havia motivo para recusar.

De fato, Jeremias deixou que depositassem em seu prato duas conchas bem cheias. Fernando espicou sua curiosidade na direção do amigo. Imperturbável. Enquanto todos não estivessem servidos, ninguém iniciaria. Haveria um momento de tensão, certamente.

Estranhamente, Jeremias pegou a colher e imergiu no succulento caldo.

— Padre Timóteo, poderia dizer-nos se, no tempo de Jesus, se servia sopa de galinha?

A colher permanecia imersa, aguardando a resposta.

— Por que não? As aves são apreciadas desde há milênios e toda boa cozinha tem seus pratos especiais, conforme o clima da região. Aliás, é sabido que os europeus sempre consideraram o caldo de frango ou de galinha excelente tônico revigorador para os convalescentes.

Maria aproveitou a deixa do marido, para colocar a sua pergunta:

— Será que Jesus aprovaria quem é vegetariano?

— Jesus os abençoaria, com certeza. Iria sobrar mais para ele e os discípulos...

A facécia extrapolava os limites da cortesia.

Maria censurou o filho com severo olhar de desaprovação.

Mas o jovem não estava nem aí, mergulhando seguidamente a colher no prato, até não ver outra saída senão entorná-lo, para raspar as últimas gotas.

Fernando tomou algumas colheradas. Os criados vieram recolher os pratos fundos. O de Jeremias voltou intocado. Não experimentara nem desafiara. Preferia ficar em jejum, a transgredir o princípio que elegera. Quem poderia recriminá-lo por não desejar comer?

— Jesus, retomou Timóteo, teria razões próprias para comer ou deixar de comer carne. Quem somos nós para julgar o Senhor? Da mesma forma que nos deu os animais para nossa serventia, deu-nos também o discernimento para agir consoante a consciência. Reparei que Jeremias não tocou na sopa. Sei que está evitando o consumo da carne. Se ele julga que é assim que Deus vai obrigar a todos no Paraíso, que continue o regime vegetariano. Só deve tomar cuidado para não ficar doente. Vejo que está bem mais magro e isso pode ser perigoso para a saúde. Que o povo mais miserável morra de inanição, até se compreende, pela ganância e perversidade dos homens. Mas quem é esclarecido e promove, inconscientemente, a própria morte, poderá ser considerado suicida. Enganará, às vezes, os sacerdotes, que rezarão por sua alma. Mas Deus, que está no Céu, saberá quais pecados todos nós cometemos.

O sermão se interrompeu com a chegada do assado. Gentilmente, Dolores havia providenciado travessa especial de legumes cozidos para Jeremias. Batatas, cenouras, brócolos, vagens, chuchus, pimentões, cebolas inteiras cercavam esplêndida pescada branca, aberta em duas postas grandes, sobre as quais finas rodélas de limão descansavam, ostentando pequeninos galhos de salsa.

— Eis que o nosso vegetariano poderá divertir-se.

— É muito para mim. Se mais alguém quiser partilhar, está às ordens.

Fernando reparou que Jeremias colocou em seu prato metade do peixe, tomando o cuidado de deixá-lo perto da borda. Completou com legumes variados e afastou a travessa, como que determinando-se a comer apenas aquele tanto.

— Se Jeremias me permitir, interveio Fernando, vou *partilhar* de sua refeição.

Quando a travessa voltou para o outro lado da mesa, a segunda posta de peixe permanecia intacta. Fernando colocara no prato só as verduras.

— Vejo que o amigo quer *partilhar* das ideias do compadre. Pois o assado está maravilhoso. Aliás, estas batatas estão divinas. Sirva-se um pouco.

Timóteo queria forçar Fernando a se definir. Explorava o campo das ousadias. Mas o exemplo de Jeremias frutificava. Colocou um pedaço de carne no prato, disposto a não tocar nele. Para que contrariar? Será que iriam vigiar tão de perto as suas preocupações gastronômicas?

O restante do almoço passou-se com assuntos diversos, leves como pede o bom-tom das conveniências. Timóteo tomou pródigo copo de capitoso vinho português. Jeremias e Fernando provaram apenas. Dolores também não quis perturbar-se com os eflúvios alcoólicos, na intenção de levar os temas programados a termo. Maria acompanhou o padre e os filhos, de modo que se criou clima de descontração apenas parcial.

Ao se recolher a baixela, o peixe voltou inteiro.

Exatamente ao meio-dia e meio, o criado veio buscar Jeremias. Chamavam ao telefone.

— A fiscalização está na fábrica e o contador pede minha presença. Desculpem, mas não posso ficar para a sobremesa. Padre Timóteo, espero o Senhor na próxima terça, para almoçar lá em casa. Fique descansado que Maria não irá oferecer-lhe comida vegetariana.

E sem dar atenção aos protestos e recriminações da mulher, desapareceu, levando os filhos a tiracolo, satisfeitos de se verem livres.

Fernando não podia compreender como é que João se deixara envolver... E se tudo não passasse de inteligente manobra do amigo? É isso mesmo. Não queria brigas com a mulher e se escafedera, em ocasião muito oportuna. Deixava-o só, mas era o que Fernando mais queria. Poderia iniciar a rebelião filosófica.

O café seria servido na sala de estar.

PRELIMINARES

Fernando se perguntava por que motivo não tinha entrado em contacto com Jeremias, para combinarem a tática contra as investidas do padre. Parecia-lhe que não seria natural agir em consonância com rigorosa programação. Se o padre evidenciasse que estava certo, não haveria o que contrapor. Se demonstrasse estar errado, não encontrava razão para discutir. Em suma, qualquer coisa que se dissesse não afetaria o seu ponto de vista espiritual. De resto, os fenômenos transcendentais que vinha experimentando não admitiam as explicações católicas. Possivelmente, os demônios é que estariam por detrás de tudo. Ou certas forças ocultas, cuja natureza o homem ainda não conseguira decifrar, como explicaria a parapsicologia. Enfim, não estava preparado para cerradas argumentações. Agiria pelo coração.

Sua maior preocupação pela manhã fora o sonho das últimas três horas de sono. Para espanto seu, voltara a sentar-se no auditório do Centro Espírita e presenciara as três incorporações dos sofredores. Durante a sessão, não pudera observar os fatos, envolvido pelas sensações íntimas provocadas pela sonolência ou imantação (começava a absorver os termos técnicos) e pelos dizeres que lhe foram dirigidos.

Queria acreditar em que pudesse estar passando por enorme série de alucinações, mas as presenças da tia (confirmada pelas fotos, inclusive pela vestimenta que portava) e do ex-colega eram muito palpáveis, para serem negadas.

Na loja, apesar dos inúmeros afazeres, de quando em vez lhe vinha à lembrança a necessidade premente de ler os livros doutrinários. Estranhava que não lhe tivessem dado ou vendido ou indicado nenhum deles. Se Jeremias já os tivesse lido, não seria lógico que lhe tivesse fornecido?

Lembrou-se de que, na quinta-feira, deveria voltar ao Centro. Era o dia do Curso de Médiuns. Se esperara tanto tempo para interessar-se por tais assuntos, dois dias a mais não fariam diferença.

Os sofredores atendidos não tinham tido nenhum conhecimento da doutrina dos espíritos e morreram na fé em que viveram. O etéreo lhes parecia absolutamente incongruente. Acusavam Deus de injusto. Ou a Morte. Ou a Religião. Não sabiam bem contra quem endereçar as queixas. Diziam que o sofrimento era muito grande e que conservavam a sensação da morte. Um deles referia-se ao ardor da pele, por ter morrido queimado. Outro queria encontrar certa pessoa que o *ajudara* de modo violento a cruzar a

linha divisória dos planos. Todos os sentimentos se mantinham intactos, como se não houvesse qualquer interrupção. O terceiro nem sabia que estava morto. Foi uma luta para fazê-lo entender a nova situação.

Recordando-se do momento da sessão em que se perdera em conjecturas morais e filosóficas, lembrava-se vagamente dos diálogos dramáticos, como se no palco se representasse um ato da própria existência. Entretanto, o sonho estava tão nítido, como se a peça estivesse sendo exibida novamente. E aí não havia hesitações da memória.

Fernando chegou a pegar no telefone para avisar Jeremias a respeito do almoço. Mas ponderou que, naquela altura, devia estar coagido pela mulher ao comparecimento. A mentira da ida ao Jóquei Clube atormentava-o. E se Jeremias não confirmasse? Tanto pior, iria revelar onde estivera, sem rebuscos.

Olhando para o interior da loja, deu com Joaquim disfarçando interesse pela arrumação das peças sobre o balcão. Percebeu, quando desviou, que deveria estar mantendo atenção nele. Será que o estapafúrdio estaria a serviço de Dolores, para observar-lhe os movimentos? Lembrava-se de tê-lo visto muitas vezes na igreja, durante a missa. E dos efusivos cumprimentos à saída. Até convidado tinha sido para diversas datas de confraternização social, na residência de Jeremias. Sabia que fora empregado na loja de confecções do amigo e que de lá saíra, incompreensivelmente. Não fora a recomendação insistente de Jeremias, talvez não lhe tivesse dado o emprego, tão desagradável o achava, com aquele jeito esquivo de fazer as coisas. Mas era excelente balconista, experiente, já com mais de quinze anos de vendedor.

Olhando pela vitrina, viu uma senhora a observar o mostruário. Quis testar o empregado:

- Joaquim, veja o que a senhora deseja, lá na frente.
- É pra já, patrão...

Joaquim não se recordava de ter sido solicitado antes para simples curiosidades dos passantes. Será que haveria mais algum fantasma?

Daí a pouco, entrava, trazendo a mulher para mostrar algumas peças de cerâmica. Não fecharam negócio, mas a atitude do vendedor rendeu-lhe agradecimentos e elogios pela deferência da atenção. Se precisasse, voltaria.

Fernando ficou contente, como se estivesse justificando a ilusão do dia anterior. Queria reconstituir a credibilidade junto ao subalterno. Se estivesse na mão da esposa, não lhe denunciaria a insegurança metafísica.

Sorriu com o desenvolvimento das ideias. O pobre balconista, por certo, não teria noção do que lhe ia pela cabeça.

Voltou a pensar em ligar para o amigo. Desistiu logo, à vista do adiantado da hora.

Que tormento mais tolo! Desse no que desse a entrevista com Timóteo, jamais iria querer passar para o outro lado da realidade tão ignorante quanto as pobres entidades da sessão. Desconfiava de que suas vibrações estavam adequando-se para o contacto mediúnico, tanto que a prece que fez antes de dormir fora eivada de solicitações de esclarecimentos. Aborrecia-se com a mentira do Jóquei Clube...

Dolores e Maria levantaram-se para permitirem que Timóteo e Fernando ficassem a sós. Com a saída inesperada de Jeremias, a presença de Maria tornara-se empecilho para

as apreciações que se aguardavam. Afinal de contas, Joaquim tivera sido muito útil no desvelamento do paradeiro de ambos na noite anterior. Jeremias havia conseguido influenciar Fernando.

Não demorou para Maria ser avisada de que alguém queria falar-lhe ao telefone:

— Os fiscais estão vistoriando as faturas de compra e venda e querem conversar com seu marido.

— Qual é o contador que está aí?

— É o Eduardo.

Maria não sabia quem era.

— É um mocinho novo do escritório do *Seu* João.

Na sala de estar, Fernando orava intimamente que os espíritos lhe dessem orientações, para não se sentir perdido perante o padre. Queria sair-se bem, para não comprometer o relacionamento conjugal. Não gostava de ver Dolores refratária aos carinhos. O que não daria para vê-la ir com ele a sessão no Centro...

— Então, meu caro, o que você foi fazer, ontem, naquela casa do Demônio? Será que vai querer ganhar algum novo contrato, às custas do Maligno?

Timóteo atacava de rijo.

— Meu bom Padre Timóteo, que é que o Senhor tem de ver com isso?

Fernando desconfiou de que as mulheres estavam atrás da porta, ouvindo a conversa. Levantou-se, atravessou a sala e, ex-abrupto, deu de cara com as duas.

— Por favor, entrem. Temos alguns assuntos para pôr a limpo...

A DISCUSSÃO

Fernando não estava com vontade de discutir. Queria informar o que pretendia fazer doravante, sem contraditas:

— É bom que saibam que estou deixando a Igreja Católica, temporariamente. Espero ser aceito na comunidade cristã dos espíritas, sem aparatos e sem riquezas. Como os dos primeiros tempos do Cristianismo. Reuniam-se nas catacumbas, com medo do poderio romano. Atualmente, esses abnegados benfeitores da espiritualidade, humildemente, quase se escondem da sociedade, praticando o bem na calada da noite. Pretendo unir-me a eles, estudando e praticando o bem espiritual. Façam o que quiserem, mas não vão dissuadir-me deste intento. Aqui ninguém é mais criança para ficar nesse jogo de esconde-esconde.

Suava frio. Tinha de demonstrar a verdade, a qual, conforme declarara Timóteo, não estava velada.

Dolores, sentada na poltrona do canto, espantava-se com o surpreendente arrojo. Maria fazia caretas de desagrado, como se estivesse a ouvir o marido. Os olhos de Timóteo nunca pareceram tão grandes. Ou pelo efeito do vinho ou por misteriosas circunvoluções emocionais, a vermelhidão do rosto acentuara-se. Trazia a pimentão maduro.

— Desconfio por que Joaquim foi mandado embora da firma por Jeremias. Era um delator. Um espia. Um mequetrefe sem-vergonha. Não pensem que farei o mesmo. Não. Não vou perder o excelente funcionário. Mas vai ter de se restringir à freguesia. Não vai ganhar mais nada por fora de ninguém.

Jogava o verde. Dolores, de lenço na mão, escondia os olhos. Não chorava, mas não queria que o marido a encarasse.

Vendo que acertara em cheio, voltou-se contra o padre.

— E o Senhor, Reverendo, vê se fica na sua! Reze as suas missas e faça os seus sermões. Se forem a expressão da verdade, do evangelho, dos ensinamentos de Jesus, se contiverem a palavra do Pai, o seu ministério será de amor. Mas controlar a vida das pessoas. Confabular com as mulheres, para gerenciar os maridos. Utilizar o confessionário para sutis pressões psicológicas. Tenha dó! Isso não é papel de nenhum orientador espiritual!

Timóteo não se dava por achado. Mas não queria interromper o rebelado paroquiano. Sabia que a oratória uma hora cessa e aí a ponderação haveria de prevalecer.

Conhecia o coração generoso de Fernando (e o de Jeremias) e via, na sua manifestação apaixonada, a loucura adolescente dos quinze anos. Mais ainda, percebia o crescimento da maturidade do homem que se decide. Esperava que tudo se desse por amor. Não temia perder aquela alma para a salvação eterna. Admitia apenas a crise de quem, de repente, percebe vazia a existência. Controlar o Jeremias é que era! Uma enguia lisa, difícil de pegar. Fernando, ao contrário, estava oferecendo todos os argumentos para o contra-ataque. Aguardaria pacientemente o desfecho da alocução.

— Quanto à Senhora, Dona Maria (a formalização do tratamento era extremamente agressiva), queira parar de fermentar os maus sentimentos, os péssimos pensamentos, para fazer Dolores se voltar contra mim.

— Calma lá!

— Estou muitíssimo calmo e, se quiser se defender, explique antes como é que o padre ficou sabendo que não estive no Jóquei Clube, ontem à noite. Tire esse ar de inocência. Pensa que eu não sei que está seguindo o Jeremias, através de outros espiões? Com relação à minha mulher, vamos entender-nos depois, que a roupa suja vai ser lavada em casa, daqui por diante. Para não dizerem que sou incompreensível e irresponsável, por respeito à investidura sacerdotal do Padre Timóteo, permito que falem contra mim, ou contra o Espiritismo o que bem quiserem, mas vou prevenindo-os de que não os ouvirei. Quero ter as minhas experiências sobrenaturais. Esse direito ninguém vai tirar-me.

Fernando mesmo se admirava do discurso. Não planejava nem a metade do que vinha dizendo. Achava justo dar a palavra aos demais, mas antevia que não teriam muito que dizer.

Timóteo arriscou:

— Está você psiquicamente equilibrado para ouvir a voz da razão?

— Não sei se essa voz poderá ser a sua, já que o seu interesse é bem conhecido...

— Queira esclarecer, por gentileza.

— Ora, o Senhor está atrás do dinheiro. E de passar bem...

— Estou aceitando a hospitalidade de sua casa.

— Por pouco tempo...

— Pois, então, me retiro, na expectativa de revê-lo, em breve, na missa. Não queira perder a alma por um momento de rancor. Deus é pai de infinita misericórdia e perdoará os algozes de seus ministros.

Fernando calara-se, esperando ver o padre pelas costas. Mas este aboletara-se no sofá e, contrastantemente com o que dizia, não dava ideia de que iria mover-se.

Maria se mordida de vontade de dizer algumas poucas e boas, mas a categoria da expressão do sacerdote lhe inspirava confiança.

Dolores daria alguns anos da vida para não ter chegado àquele confronto. Sentia-se culpada por solicitar do padre que fizesse Fernando volver ao aprisco eclesiástico (como se recordava de ter ouvido o confessor dizer). Aprisco coisa nenhuma! Fernando parecia estar abandonando o lar. Começava a entender que corria risco muito superior ao que imaginara. Apertava-lhe a garganta terrível nó emocional. Estava prestes a desequilibrar-se. Temia pelo futuro. Temia pela solidão. Temia pelas noitadas sem as amigas, todas hermeticamente encerradas nas jaulas de matrimônios de conveniência.

Fernando voltava à carga:

— O Padre me desculpe o desabafo, mas vai ter o que contar ao seu confessor. Eu sei que os padres também confessam. Pois eu lhe daria vários terços como penitência...

— Não vou aceitar o desafio. Deus o abençoe, meu filho, e o ilumine na hora do arrependimento. Saiba que a Igreja sempre recebe de braços abertos os filhos pródigos. Essa é história muito antiga, mas que se repete todos os dias. Quantos espíritas voltam para o Catolicismo, decepcionados! O que eles não fazem é brigar com tanta franqueza com o sacerdócio, com os representantes de Jesus na Terra. Isso só eleva você aos meus olhos, pois vejo que está tendo bastante coragem para enfrentar as acusações conscienciais, que já lhe pesam. Mas não tem importância. Continuarei a minha missão junto a esta casa, orando pelo perdão de Deus, em nome de Jesus Cristo. Um dia sorriremos desta situação, lá no Reino do Senhor, nas Terras da Promissão.

— Se Deus quiser, Padre, que outro não será o destino dos filhos de Deus!

Mediante a frase de efeito espiritual, Fernando acentuou o atraso em que estava para a volta à loja e encerrou sua participação:

— Fiquem na paz do Senhor! E meditem sobre o que lhes disse, pois não pretendo abrir mão de minha liberdade espiritual. Dolores, pode esperar-me para o jantar e prepare-se para longa conversa a respeito de nosso relacionamento. Acho bom marcar uma hora com o analista, que nem tudo você deve ter contado ao padre...

Era o derradeiro salpico de mordacidade contra a trama que a esposa lhe arquitetara e de que agora tinha a certeza. Só não quis ser mais específico, porque achava que ser indelicado com Dolores seria comprometer-se muito mais seriamente com a separação. Jesus não viera para unir...

Quando estava para abrir a porta da garagem, ouviu claramente que alguém lhe dizia:

— Chame um táxi!

PLANOS PARA O CONTRA-ATAQUE

Se Fernando tivesse ficado em casa, talvez o relacionamento com a esposa desandasse de vez. Entretanto, saindo sem deixar a discussão descambar para as grosserias insensatas das acusações mútuas, deu margem a que os que ficaram imaginassem que seria fácil estabelecer certa pressão psíquica, para reassumirem o controle da situação.

— Padre Timóteo, que fazer?

— Boa amiga, Deus saberá providenciar, para que o Espírito Santo nos inspire a melhor maneira.

— Mas Fernando está cego para as verdades da Igreja...

— Pelo que pude observar, está momentaneamente insano, embora o raciocinar lhe esteja sendo despertado na justa medida das respostas às questões que propomos. A Senhora não observou que, apesar das invectivas que me dirigiu, conservava absoluto domínio das reações emocionais?

— Eu achei que estava muito nervoso.

— Eu concordo com Maria. Ele nunca falou tanto, em tão pouco tempo.

— Pois aí é que está a chave do mistério. Apesar do controle, sentia muita ansiedade. Queria fazer-nos crer que qualquer coisa que disséssemos não iria aceitar. É preciso, pois, cercá-lo com cautela. Ir aos poucos. Exagerada ofensiva, nesta hora, poderá fazê-lo firmar opinião contra a nossa boa vontade. Nós somos o inimigo. Vamos fazer que os do centro espírita se tornem (como são, na realidade) aqueles contra quem deva voltar-se.

— Ele nunca foi de grandes entusiasmos. Como é que agora está tão decidido?...

— E tão mal-educado!

Maria esforçava-se para manter a calma. No fundo, gostaria de sacudir a companheira para que desafiasse o marido. Timóteo estava sendo muito complacente. Lembrou-se do confessorário e calou-se. Poderia ser que o confessor tivesse cartas escondidas, para jogar na hora certa. Afinal de contas, com elas presentes, o sacerdote não poderia quebrar o sigilo da confissão.

— Será que Jeremias irá adotar a mesma tática contra mim?

Timóteo não estava querendo desviar o assunto. Era prioritário desfazer as más impressões deixadas pelo anfitrião nas mentes das senhoras. Emendaria um tema ao outro:

— Jeremias, pelo que me foi dado observar, não está preparado para enfrentamentos tão sérios. Se respeitarmos o seu desejo de não comer carne (Dolores percebeu a origem do interesse da companheira em não incomodar o marido), irá aceder nas recomendações de continuar frequentando a missa. Para ele, os meus sermões oportunos. Quanto a Fernando, pelo que pude depreender, irá afastar-se totalmente da Igreja e de mim. Talvez algum padre mais jovem, desses que querem que os pobres assumam o poder da nação, que querem tirar de quem tem para transferir a quem não tem, deixando todos igualmente miseráveis (inclusive a Santa Madre Igreja), desses cujas ideias revolucionárias adentram pelo plano das considerações filosóficas e teológicas, possa fazer que Fernando reflita que tudo o que os espíritas fazem com reduzidos recursos, os católicos podem realizar com redobrado poder econômico e com totais condições de infraestrutura.

Tirou os óculos e limpou-os com o lenço. Dava tempo para que as palavras repercutissem na mente ou no coração das duas. Escondia-as de seu campo de visão, pois precisava voltar à carga, caso não dessem mostras de atendê-lo. Ganhava tempo. No fundo da consciência, perguntava-se se valia a pena insistir com Fernando. Que fosse queimar nas chamas do Inferno! Ou fazer estágio nos crematórios purificatórios! Ousado! Pilantra! Mas a hora não era para desabafos pessoais. Deveria manter a postura da superioridade eclesiástica. Se demonstrasse fraqueza, a comadrice toda iria ter o que falar a seu respeito...

— Hoje mesmo vou dizer ao meu *maridinho* que sua representação não passou de *blefe*.

— Pelo amor de Deus! Não faça isso!

— Mas, Padre, ele foi muito desrespeitoso para com o Senhor...

— Não tem importância. Quando se arrepender, irá desculpar-se. Eu sei que está fazendo o que julga honesto, de acordo com seus pruridos de justiça social. Ele ganhou o acordo comercial com o Governo?

— Que eu saiba, não!

— Essa pode ser a origem da rebelião. Talvez pense que Deus o tenha desamparado. Que a Igreja não lhe dá a devida proteção nos negócios. Tantos saem da Verdadeira Religião para ingressarem nessa seitas protestantes, ditas evangélicas. E para quê? Para conseguirem progresso material. Quanto mais pobres, mais fáceis de serem iludidos. Fernando é rico, mas deve estar passando por dificuldades nos negócios. A economia está mudando tanto que, talvez, queira reequilibrar as finanças. Aí se compreende que deseje que as forças infernais o apoiem. (— Deus nos livre! — disseram e se persignaram, em rápidos movimentos.) Eu tenho meios de saber. Pode deixar que vou providenciar os dados, junto a pessoas capacitadas.

Maria imaginou que Timóteo *confessava* os gerentes de bancos. Só assim para ficar conhecendo em que pé iam os negócios.

— Que deverei fazer, hoje à noite?

— Essencialmente, um jantar bem caprichado. Homem de barriga vazia é um perigo. E ouvir tudo o que ele tenha a dizer, sem discussão.

— Mas...

— Esse *mas*, querida amiga, é que é o ponto a ser contornado. Ouça tudo o que ele tem a dizer. Se for preciso, concorde com as determinações. Se pedir-lhe para se afastar da Igreja, concorde em ir à paróquia do Padre Eufrásio. Se quiser arrastá-la para o centro, não aceite, terminantemente, mas não precisa brigar nem acusá-lo de nada. Faça de conta que acredita nas novas convicções. Fernando não deu tempo para ser convencido inteiramente. Pelo que sei, não leu nada...

Maria compreendeu a alusão a Jeremias. Será que sua luta iria ser ainda maior? Pela conversa que tivera com Timóteo, este não a fizera sentir-se tão mal quanto a Dolores. Parecia-lhe que o marido estava muito mais nas mãos do confessor.

— E o que vai acontecer, se eu concordar com que ele vá ao centro? Devo esperá-lo com a comidinha predileta?...

Timóteo se fez de desentendido quanto à ironia. Queria compreender as razões íntimas de Fernando. Como não iria tê-lo no confessionário, pelo menos que Dolores lhe extraísse o máximo de informações.

— Conversem as duas o restante da tarde. Eu preciso providenciar algumas coisas. O almoço estava muito bom. Pena que tenhamos perdido a sesta. Fiquem agora com Deus!

Solenemente, com toda a dignidade, o sacerdote fez o sinal da cruz na direção das pupilas e lhes deu o crucifixo a beijar, como que encerrando a audiência. A lembrança da sesta lhe acendera o desejo de estar em casa.

As senhoras acompanharam-no até a porta, agradecendo muito e desculpando-se envergonhadas. Parecia-lhes que os pecados dos maridos as arrastavam para as chamas infernais.

Timóteo não ouviu a voz para que chamasse um táxi. Entrou no seu automóvel, fez um gesto largo para tranquilizar as ricas paroquianas e saiu devagar, sabendo que a visão não o recomendava como motorista. Lá no fundo da consciência, mordida-se de raiva pela afronta. Esperassem. Não iriam perder. Se não os alcançasse, é porque Deus o faria...

Se tivesse ficado a vigiar a casa, teria visto Maria sair em seguida.

A ENTREVISTA

No táxi, Fernando alheava-se do terrível trânsito da cidade. Dera ordem ao motorista para que seguisse para a fábrica de confecções do amigo. Se não fora treta, lá estaria. Era um voto de confiança.

Ao chegar, disseram-lhe que o patrão se ocupava com os agentes da receita estadual. Que esperasse. Iriam avisá-lo.

Então, havia verdade no que dissera! Fernando admirava-se. Quer dizer que o amigo teria ficado até o fim do almoço?

— O Senhor pode entrar.

Jeremias estava acompanhado de dois serviçais do Governo, conhecidíssimos de Fernando. Eram os que o ajudavam a fechar as contas.

Cumprimentou-os polidamente, como a interrogá-los o que lá faziam, se todo o serviço da contabilidade das empresas de Jeremias eram administrados pela eficiência do João.

Quando deram com Fernando, os fiscais perderam a serenidade. Levantaram-se, desculparam-se e saíram apressados.

— Que desejavam os dois mequetrefes?

— Ora, Fernando, você não percebeu? Descobriram que somos assim (e juntava os indicadores) e imaginaram que poderiam tirar proveito da situação. Os corruptos não contavam com a honestidade do João. Devo dizer que estavam prestes a fazer indecorosas propostas. A sua presença os incomodou. Um pássaro na mão...

— João está por aí?

— Não precisei dele. Mas os tais o esperavam. Eu estava fazendo hora, aguardando o retorno de um telefonema sigiloso ao Departamento de Fiscalização. "*Em caso de emergência, fale com o chefe*" — me advertiu João, quando me passou o número. Mas ele não estava. Ou fez de conta que não estava.

Soou o telefone:

— Senhor Jeremias, estão aqui outros fiscais. Fazem questão de entrar, imediatamente.

— Que entrem!

Jeremias não perdia a calma por tão pouco.

— Que quererão agora?

Não deu tempo para Fernando responder. A porta se abriu e a secretária anunciou os visitantes.

— Senhor Jeremias?

— Pois não!

— Infelizmente, não conseguimos alcançar os malandros. Somos da Corregedoria da Fiscalização e temos a certeza de que vieram para achacá-lo. Chegaram a fechar negócio?

— Que é isso? Não tenho nada a esconder. Fiscalizem vocês mesmos.

— Desculpe, mas o hábito nos leva a isso. Quando o Senhor ligou, imediatamente o Doutor Onofre nos acionou. Não se preocupe, iremos pegá-los logo, logo. Se o Senhor quiser registrar queixa, levaremos a termo suas declarações.

— Eu só desejo que me deixem sossegado.

— Muito bem. Queira perdoar-nos. Aceite as recomendações do Doutor Onofre, que lhe manda dizer estar à disposição.

Ato contínuo, retiraram-se.

— Meu amigo, se você não tivesse chegado nesta hora, os dois estariam fritos. Estavam fora do setor, julgando que a coisa seria muito fácil. Os que sonegam é que causam tais transtornos a todos.

Fernando vestiu a carapuça, mas não se deu por achado:

— Sempre fiz o que posso. Devo dizer que, se me aliviaram de alguma multa, foi por ignorância contábil minha. Sempre achei que a ajuda dos fiscais era normal, bem como as propinas pelas informações e serviços...

— Não se faça de ingênuo!

Realmente, Fernando estava sendo malicioso. Comerciante há tantos anos, não era possível crer em que o dinheiro que pagava era recebido honestamente.

— Com que cara irei vê-los da próxima vez?

— Contrate os serviços do João. Você o terá por perto e poderá conversar sobre os assuntos espirituais...

Fernando concordou com a recomendação e prometeu entrar em contacto profissional com o contabilista o mais breve possível. Mas não fora para isso que tinha buscado o amigo.

— Precisamos conversar sobre os acontecimentos lá em casa, após sua saída!

— Aí tem...

— Dei um ultimato no Timóteo. E na Dolores. Vou assumir o Espiritismo, de uma vez por todas.

— Você está ficando louco!

— Não estou, não. A Igreja só me tem causado problemas. Estou farto da intromissão dos padres em minhas resoluções. Se não bastasse isso, as contribuições para as obras da paróquia têm aumentado assustadoramente. Fora que não fico sabendo o que Dolores lhes passa. Algumas noites no pôquer ou nas corridas...

— Nos teatros, nos cinemas, nas boates...

— Pois é. O malandro administra o confessionário com finalidades bem mundanas. Mas o que vim lhe dizer é que me pareceu que, assim que você saiu, alguém ligou para sua mulher...

— E eu não sei? Quer ver?

Jeremias para a secretária:

— Ligaram para a casa do Fernando?

— Perfeitamente. Assim que ele chegou.

— Pois aí está, caro amigo. Ainda bem que tenho pessoas de confiança. Mas o que foi que aconteceu, para tamanha revolução?

— Quero pensar melhor sobre a vida. Os fatos sobrenaturais me revelaram outra perspectiva existencial, moral, religiosa, filosófica... sei lá! Ver seres de outra dimensão, conhecer pessoas pelo nome sem ser apresentado, ser estimulado a interagir com fantasmas, acionar aparelhos a distância...

— Que aparelhos?

— Agora não está acontecendo mais. Até domingo, era capaz de movimentar os aparelhos elétricos, de acender as luzes, só com a intenção...

— Telecinesia...

— Se fosse com você, como agiria?

— Por muito menos, estou indo ao centro...

Finalmente, Jeremias criara ânimo para contar. As confidências do amigo inspiravam-lhe confiança.

— Pois, então. Se toda vez que pretender fazer algo tiver de contar ao padre e ficar prometendo arrependimento, o que sei que não vou cumprir, vou acabar ficando alucinado. É desonesto para com os que tão gentilmente estão despertando-me para a realidade espiritual.

— Você fala como se tivesse lido todos os livros de Kardec.

— Pela conversa que tivemos na festa, descobri que você é que sabe muito mais do que contou...

— Bom amigo, não vamos esquecer-nos de que as mudanças têm de ser drásticas e eu não tenho a mesma regalia dos fenômenos mediúnicos. A minha questão era de mera curiosidade, despertada lá no terreiro. E pelas conversas com o João.

— Já percebi tudo. O que importa agora é tomar providências quanto aos informantes.

— Você tem o Joaquim, que lhe dei de presente...

— Muito obrigado! Por que você me obrigou a recebê-lo?

— Para tê-lo sob controle. Com você, ele iria prosseguir em contacto com Maria, sem fiscalizar as minhas atividades, diretamente. Enquanto eu ia com você, as saídas eram muito mais compreensíveis e inocentes...

— Quer dizer que o maganão tem escapadelas...

— Foi isso que fez que me livrasse do peralvilho. Os que estão aqui na fábrica e na loja não têm os mesmos expedientes. Aliás, foi só depois do Joaquim que avaliei a rede de intrigas de minha mulher.

— Santo Deus! Aonde isso nos leva?

— A mim, a fazer o bem, que, depois que entrei para o centro, só tenho preocupações espirituais. Além das tintas, fiz outras doações. O pessoal é extremamente necessitado. Esteja certo de que vão contar com você também.

— Eu me senti muito bem na sessão. Ao sair de lá, os fatos me atrapalharam um pouco, tantas foram as novidades. Mas hoje cedo pude meditar sobre tudo. Até cheguei a sonhar com os espíritos que foram...

Procurava a palavra.

— Doutrinados...

— Esclarecidos, diria melhor.

Nesse momento, Maria irrompe no escritório do marido, sem se fazer anunciar. Vinha furiosa. Dedo em riste, absolutamente desequilibrada, invectivou contra Fernando:

— Você não vai levar o meu marido para o Inferno. Se está pensando que eu sou como a tola de sua mulher, está muito enganado. Dele tenho tolerado muita coisa, mas sua influência sobre o meu casamento vai terminar por aí. Não bastou ter ofendido Timóteo e a Igreja? Que é que você está pensando da vida?

Fernando não se descontrolou.

— Mais tarde, continuamos a conversa.

E, sem dar atenção ao discurso que prosseguia, retirou-se. No íntimo, surpreendia-se com o destempero emocional daquela criatura que sempre respeitou pela prudência e pela firmeza religiosa. Era estranho que se revelasse tão agressiva. O que não teria passado o amigo?!

Do lado de fora, ainda ouvia os gritos.

O primeiro táxi vazio levou-o para a loja. Tinha sobre que meditar.

A DOENÇA

— Querida, não há necessidade de temores vãos. Fernando não irá levar-me a abandonar a Igreja.

Maria parecia alucinada:

— Eu já sofri demais! Aguentei tudo o que podia! Você tem sido infiel a vida toda.

— Já conversamos sobre isso. Pensei que tivesse dado o seu perdão...

— Que perdão, o quê! Você só faz o que bem entende. Precisava ir ao centro espírita levado por aquele...

— Não foi ele quem me levou. Fui porque quis. Fui porque precisava resolver uns problemas espirituais...

— Que problemas espirituais? Não lhe basta que Jesus tenha morrido na cruz para nos salvar? Deve haver lá alguma sirigaita...

— Não há ninguém. Desde que comecei a frequentar o centro (sabia que não deveria mentir, já que os informantes deveriam ter providenciado tudo), não tenho tido outro pensamento...

Maria queria repisar o ponto do martirologio de sua vida:

— Foram tantas que mais uma...

Jeremias estava ficando excessivamente aflito. O coração disparou. A pressão baixa lhe dava tonturas. Estava prestes a desmaiar. Suava frio.

— Nós tínhamos concordado que era suficiente a bênção no confessionário e a sacratíssima comunhão. Se Deus me perdoou, você não deve condenar-me. Amanhã...

Não concluiu. Tombou inerte, branco como o sulfite que esparramou pelo chão.

Maria percebeu que o marido não estava bem. Pediu por socorro. Os funcionários do escritório acorreram. Chamassem a segurança. Era preciso que algum homem o carregasse para o sofá. Chegou Eduardo. Quem tem o número do serviço de saúde? A secretária tinha. Era conveniado há tempos. Chamaram uma ambulância. Terá sido o coração? Demorava para voltar a si. Tinham alguma coisa para dar-lhe a respirar? Vinagre, álcool canforado. Qualquer coisa?

Jeremias respirava mal e não retomava a cor.

— Isso é o que dá não se alimentar direito. Vai ver se não há de comer uns bons bifes...

Aquela meia hora foi terrível. Por sorte, o hospital não distava da fábrica e logo enviou o pessoal de emergência. Inconsciente, foi levado para o pronto-socorro.

Enquanto aguardava do lado de fora, Maria catalogava os fatos. Estava muito aborrecida com tal desfecho. E se morresse? Iria para o Inferno, sem dúvida, que não tivera tempo de confessar os últimos pecados. Pensou em ligar para Timóteo. Antes, precisava acertar os procedimentos de urgência. Tinha de preencher uma ficha.

Ainda bem que estava tudo computadorizado. Foi fácil de localizar os elementos que demonstravam estar em dia com as mensalidades de seu plano de saúde. Os médicos só estavam cumprindo a obrigação contratual. Será que precisaria de internação?

— Dona Maria?

— Pois não!

— Não é preciso assustar-se. O seu marido está consciente mas muito fraco. Pelos registros, deveria ter comparecido há mais de seis meses para os exames de rotina. Vamos, por medida de segurança, colocá-lo vinte e quatro horas sob observação. Se quiser, poderá vê-lo agora.

Jeremias ocupava um apartamento. Vários aparelhos estavam ligados ao seu peito. Pontos luminosos vermelhos piscavam intermitentemente. Tomava soro pela veia do braço. Maria ficou transtornada. Sabia que, se não tivesse sido tão violenta, não teria provocado aquela reação. Enxugava sinceras lágrimas de arrependimento. Não se perdoaria, se algo pior acontecesse.

— Querido! Querido!

— Eu vou ficar bem. Não foi nada. Só uma queda na pressão. O médico quer me ver mais forte, pois acha que devo estar com algum processo neurológico...

Não sabia como dizer, mas a verdade é que recebera a notícia de que precisava fazer exames de sangue, além de pormenorizado *check-up*. Dissera-lhe o médico que o fato de ter permanecido desacordado por tanto tempo poderia ser indício de deficiência crônica. Isso, porém, não queria passar para a esposa.

— Chame os gerentes para virem conversar comigo amanhã, às dez da manhã. Se estiver liberado, eu ligo revogando a ordem. Vá pra casa e não assuste os meninos. Tomou água com açúcar para acalmar-se? Peça ao médico um tranquilizante. Faça exame completo, que eu não quero vê-la no estado em que estou.

O esforço para falar não era muito, mas as preocupações com as desavenças estavam muito vivas, para que não o pusessem ansiado. Mas a mente começava a perder o vigor. As injeções deveriam conter sedativo, de modo que, não demorou, não conseguia mais manter-se acordado.

Maria chamou a enfermeira. Temia que algo pudesse estar acontecendo. Foi serenada, porém, pelo médico, que os efeitos dos remédios são esses mesmos. Havia permitido que falasse com o marido porque, depois, iria demorar para restabelecer a consciência. Ainda bem que estava de estômago vazio. Poderia ter sido pior. Agora, não corria mais perigo. Não havia sinal de complicações coronárias. Os exames complementares revelariam a verdade. Voltasse para casa, que ali nada poderia fazer. Ligasse dentro de três horas que seria informada do resultado dos primeiros exames. Se quisesse, lhe daria um analgésico, um sedativo...

Quando deu por si, estava de novo em casa, levada por um táxi. Ligou para a fábrica e pediu que trouxessem os carros. Transferiu os recados do marido para os responsáveis na loja e na indústria. Ligou para o Padre Timóteo. Queria confessar-se.

Avisou Dolores, mas pediu para que não dissesse nada a Fernando, pelo menos até a noite. Calou a discussão e a indiferença do desafeto.

No hospital, em termos técnicos, os médicos discutiam os resultados radiológicos. Havia suspeitas que não foram passadas ao casal. Era fundamental que viessem os resultados da hematologia. Nesta época da síndrome da imunodeficiência adquirida, aquela queda acentuada de peso poderia estar indicando para a tragédia. AIDS? Por que não? Era muito cedo para conclusões tão específicas. Aguardariam os exames de sangue. Enquanto isso, a bateria de testes prosseguiria.

TARDE MOVIMENTADA

Nem se havia instalado no escritório, Fernando chamou Joaquim. Queria pôr as coisas a limpo.

O empregado não estava. Saíra com a desculpa de não estar sentindo-se bem. Fora dispensado pelo gerente.

Eis que a rede tem meios de proteção...

— Pronto!

Era João. Informava-o de que Jeremias tinha sido levado a hospital. Esperasse por ele no escritório. Precisavam conversar.

— Venha mesmo. Falaremos também de negócios.

E agora? O que estaria acontecendo com o amigo?

Olhando para a loja, viu adentrarem os dois fiscais que a Corregedoria investigava. Em má hora, que não estava para conversas. Maria o havia aborrecido demais e as emoções do dia se acumulavam.

— Sentem-se, por favor. Tenho uma barganha para oferecer-lhes...

Não dera tempo para que abrissem a boca.

— Se vocês desaparecerem da minha vida, não vão correr o risco de abrir os meus livros para os corregedores.

— Isso é alguma ameaça, Senhor?

— Saibam que, assim que saíram, eles apareceram na fábrica de Jeremias, à sua procura. Essa informação parece valer o seu preço. Aliás, o fato de terem vindo até aqui poderá comprometê-los, caso estejam sendo seguidos. Sei que foram atrás de Jeremias por ser meu amigo...

Os dois trocaram expressivos olhares e concordaram com a proposta. Já haviam sugado a laranja até o bagaço. Estava na hora de procurarem outra freguesia.

— Muito obrigado, Senhor Fernando! Sua informação foi muito valiosa. Estaremos reconhecidos.

No salão, cruzaram com o contador, que entrava apressado. Cumprimentaram-se ligeiramente e sumiram atrás da vitrina.

— Estou muito preocupado, caro Fernando. Recebi diversos avisos espirituais a respeito da saúde do Jeremias e aguardava com ansiedade que algo pudesse vir a acontecer-lhe. Foi muito teimoso, pois não deu atenção às recomendações para procurar

o médico. Soube da discussão na fábrica e da triste consequência. O meu filho Eduardo, que você deve ter conhecido na fábrica, é que me comunicou de imediato, assim que a ambulância partiu.

— Aquela jararaca da mulher foi atrás de mim, quando soube que estava lá.

— Mas não vim para falar do Jeremias. Vim por causa dos fiscais que acabaram de passar por mim no saguão.

— Fiz que desaparecessem da minha vida.

— Como assim?

Fernando reproduziu os acontecimentos, pondo João a par de tudo.

— O confrade Onofre é que me advertiu a respeito do andamento das investigações. (Fernando começava a perceber que o Espiritismo poderia constituir-se em confraria, para a ajuda mútua das pessoas.) Assim que ligaram da fábrica, pôs na ativa os corredeiros.

— Foi o que depreendi pelo oferecimento dos serviços ao Jeremias.

— O meu temor é que viessem a ser detidos justamente nesta loja. Se isso acontecesse, é certo que o Senhor...

— Você, por favor.

— ... que você seria envolvido, já que nem todas as taxas devem ter sido recolhidas. A sua cumplicidade iria implicá-lo.

— É por isso que estou contratando a sua empresa contábil. Você me prometeu que iria até sair mais barato...

— Usaremos a tabela do escritório, que é das mais acessíveis. Tomaremos conta da papelada, com o máximo prazer. Apenas quero preveni-lo de que pagaremos todos os impostos atrasados. Não haverá moratória, mas o Governo permite parcelamento dos débitos, caso a iniciativa parta do contribuinte. Acredite que tudo farei para regularizar as contas.

— Isso irá dar muita tranquilidade ao meu espírito. No começo, achei muito bom ficar com mais algum. Mas o crescimento da sonegação aumenta a perspectiva da devassa. Estava começando a acreditar que as duas ratazanas aí, na hora certa, iriam abandonar o barco.

— Com o advento da informática aplicada às contas do Governo, está cada vez mais difícil escapar. Os nossos amigos tinham acesso aos computadores e apagavam os dados oficiais. Mas qualquer levantamento nas faturas dos fornecedores irá revelar o quanto a sua firma desviou. É por aí que o meu escritório irá começar. Eu só quero que ponha o almoxarife à minha disposição. E que o instrua a me fornecer todos os elementos de que precisar.

— É pra já!

Enquanto Fernando descia até o depósito, João observava a facilidade com que todas as exigências estavam sendo atendidas. Jeremias o havia feito crer em que Fernando colocaria obstáculos. Não era o que estava acontecendo. Teria o negócio com o Ministro dado certo? Estaria o comerciante escondendo a parte do leão? A ida ao terreiro gorara. Estaria frutificando o comparecimento ao centro? Fora tão recente... Que misteriosos caminhos percorre a mente humana até chegar à verdade!

Quando Fernando regressou com o funcionário, encontrou João lendo um livro ensebado. De onde estava, João levantou o volume e, apontando a capa, esclareceu:

— Allan Kardec. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Leitura obrigatória. É o breviário dos espíritas. Um pouco a cada dia, saúde para sempre, como dizem os americanos sobre a maçã.

O almoxarife sentiu-se à vontade. Não esconderia nada. Estava determinado a atender ao chefe, que era bom patrão e que lhe garantia excelente retirada mensal. Temia a presença dos agentes do governo, sempre enxeridos, metendo o bedelho em tudo, fazendo desaparecer faturas e notas fiscais. A presença de pessoa especializada, oficialmente remunerada, satisfazia-o muito mais. Se tivesse sido desonesto, teria dado para aproveitar-se da situação.

Feitas as solicitações, João dispensou o empregado, determinando a hora em que o seu pessoal iria aparecer para o início dos trabalhos. Quanto antes melhor.

— Caro amigo, preciso fazer uma pergunta que não me diz respeito, mas que poderá determinar o rumo do nosso relacionamento comercial.

— Se é sobre o contrato com o Ministério, tenho pensado que não devo prosseguir insistindo. Errei quando fui levado a julgar que o dinheiro está acima de tudo. Na Umbanda foi que percebi que as forças espirituais podem influenciar de maneira maléfica. Quando me afastei, foi porque fiquei temeroso de um envolvimento desconhecido com entidades sem escrúpulos. Se eu estava a pique de fazer o mal, que dirá quem está acostumado a isso?!

— Está absolutamente certo!

João admirava a lucidez de raciocínio do novel amigo. Começava a gostar dele, pela franqueza da exposição.

— Vejo que está em condições de iniciar as leituras para aprendizagem teórica da doutrina.

Sem hesitar, passou-lhe o livro que conservara nas mãos.

— Quinta-feira, eu lhe darei um novo. Enquanto isso, ponha-se em contacto com a moral evangélica. Está acostumado a ler?

— Leio pouco.

— Pois essa obra é bastante acessível. Caso lhe apresente alguma dificuldade, tome notas para perguntar no Centro. Também não precisa ler em sequência. Procure os assuntos que mais lhe interessem. Quem começa o aprendizado espírita pelos livros (e esse não é o seu caso), sempre leva a vantagem do acompanhamento dos benfeitores espirituais, pois acende-se uma luz que atrai os bons e afasta os maus. Sozinho, em casa, se estiver conservando o poder da visão espiritual, poderá observar quem irá estar ao seu derredor. Quando alguém lê com fé, com esperança, também pratica a caridade de oferecer aos menos dotados as explicações...

João percebeu que se empolgava e que poderia assustar o postulante:

— Em suma, não vamos colocar o carro adiante dos burros...

Fernando notou que estava bem mais sereno. A notícia de Jeremias é que estava tomando vulto em seu pensamento:

— Que faremos, quanto a Jeremias?

— Vamos ligar ao hospital. Com licença.

João mesmo discou e solicitou as informações.

— Está sob observação, tomando soro. Somente amanhã teremos o resultado dos primeiros exames. Se permanecer internado, só poderá receber visitas na quinta-feira, à tarde. Em qualquer caso, não transmitiremos qualquer notícia sobre o estado de saúde por telefone. Queira desculpar.

Linguagem protocolar. A atendente devia repetir a mesma ladainha para todos. Se fosse gravação, desligaria de pronto.

— Temos uma palestra interessante no Centro, hoje à noite.

— Não poderei ir. Compromissos com a esposa.

— Pode levá-la. Às oito horas.

— Não prometo.

Era o fim da entrevista. João saía muito satisfeito. Ganhara um cliente e, mais do que isso, estava levando mais alguém para a Doutrina. Enquanto se regozijava, concentrava-se em prece de agradecimento aos protetores. Sabia que, sem eles, o desfecho das conversações seria outro.

Sozinho, Fernando resolveu livrar-se de um peso na consciência, definitivamente:

— Alô! Quero falar com o Silvano.

Era o contacto com o Ministro.

— Meu caro Fernando! Como vai?

— Você está livre de mim.

— Como?

— Esqueça a concorrência. Estou fora.

— Você vai dar de mão beijada...

— Não utilize o meu nome, por favor, para incentivar os interessados. Se ligarem para mim, vou falar que estou fora.

— Mas o Ministro estava cedendo...

— Não se fala mais nisso. Agradeço ter segurado a negociação até agora, mas não farei mais qualquer oferta. A minha proposta irá em envelope lacrado, como reza o edital.

Do outro lado da linha, bateram o telefone.

Fernando encheu o peito de ar. Recostou-se na poltrona. Precisava meditar sobre tantos acontecimentos. Mas o telefone não deixou.

— Fernando, sou eu. Dolores. Você soube o que aconteceu com o Jeremias?

— Soube que está internado.

— Maria pediu que passasse a noite com ela. Os pais só vão poder chegar amanhã.

— Mas o caso é para tanto?

— Claro que é! Você não está saindo da religião?

— E daí?

— Pois Maria não vai deixar o marido fazer o mesmo.

— Eu quero conversar com você ainda hoje.

— Não acho que temos muito que falar. Você já disse tudo. Não me faça bater o telefone na sua cara. Você tem a sua liberdade. Não era o que queria?

— De onde você está ligando?

— Que importância tem isso?

— Pois eu acho que a Maria está aí do seu lado. Ou o Timóteo.

— Não seja tonto. Estou em casa. E mesmo que não estivesse, isso não seria da sua conta.

— Querida...

Não respondeu. Desligou. Imediatamente Fernando ligou para casa. Não se conformava com o andamento das coisas. Parecia-lhe que tinha tudo sob controle. Agora, sentia forte reação à sua declaração de direitos. A empregada atendeu. A patroa não estava.

Fernando hesitou em ligar para a casa de Jeremias. Poderia ser acusado de ter provocado os distúrbios. Santo Deus! Quanta complicação!

Nem bem descansara o fone no gancho, dá de cara com o Roque sentado na poltrona do canto, charuto fumegando na mão. Que desejaria?

— Vá ao Centro hoje à noite.

Disse e desapareceu, para aturdimento do encarnado.

A PALESTRA

A partir daquele momento, Fernando não teve mais sossego em relação às atividades da firma. Ocupou a mente com problemas mezinhos de compra e venda, impossibilitando-se para a meditação que os acontecimentos exigiam. Mas nada ficou sem que desse encaminhamento satisfatório. Às seis horas da tarde, ao encerrar o expediente, fechando o caixa, estava exausto.

Reparou, então, que se alimentara mal. Os seus noventa e tantos quilos (os tantos não sabia quantos) requeriam provimentos. Entretanto, deliberou não comer nada que pudesse pesar-lhe no estômago. Iria ao *Jesus de Nazaré* e, por isso, deveria manter-se ativo psiquicamente. Não sabia quais os requisitos ideais para frequentar o centro espírita, mas desconfiava de que, se errasse ao alimentar-se, poderia dificultar a *empatia vibratória* (de onde lhe viera semelhante expressão?) com os desencarnados.

Atravessou a rua, depois de advertir os *seguranças* de que iria voltar, e adentrou a lanchonete fronteira, onde pediu uma *vitamina* de frutas. Insatisfeito, mandou bater dois *yogourts* sem açúcar. A ideia de não comer produtos animais estimulava-o à reflexão. Pelo menos os laticínios não provocavam a morte do bicho.

Do escritório para o Aeroporto seria muito mais fácil. Se fosse para casa, perderia tempo. Avisou os criados de que não iria para jantar, aproveitando para inquirir se Dolores estava. Não estava.

Como passar as quase duas horas?

Lembrou-se do livro deixado por João.

Apanhou-o e abriu ao acaso. Queria testar a possibilidade de ser guiado pela espiritualidade para os temas que lhe fossem mais prementes. Deu com o capítulo *Justiça das aflições*: “*Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra.*” Não lhe pareceu que lhe tivessem dado qualquer sugestão que lhe explicasse o que tinha passado nas últimas horas.

Resolveu vasculhar o índice. Curiosamente, não se interessou por qualquer dos títulos. Precisava ler algo. Principiou pelo prefácio, assinado por um tal de *Espírito de Verdade*. Mas não deu continuidade à leitura. Quem seria essa estranha personagem? Embatucou. Santa ignorância! Seria alguma entidade ou o símbolo da virtude? Que nome mais esquisito, para não dizer pretensioso. Como é que algum espírito, por mais avançado, pode denominar-se dono da verdade? Na Igreja Católica, aprendera que Deus poderia ser

representado como a Divina Trindade: O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Bem pensando, todos os três poderiam denominar-se de *Espírito de Verdade*; mais ninguém.

Deu uma rápida folheada, percebendo que a obra elegia trechos dos *Evangelhos*, comentando-os em seguida. Enfrentava, contudo, dificuldade para deixar-se envolver. Ou ele ou o livro estavam sendo refratários.

Lembrou-se do que lhe dissera o João a respeito de avaliar os espíritos ao seu redor. Não viu nenhum.

— Será que a concentração é que está prejudicada por minha atitude excessivamente crítica?

Descansou o livro sobre a mesa e acomodou as costas na poltrona. Veio-lhe à memória a reunião da última noite. Os trabalhos mediúnicos começaram com as orações. Sabia as preces mais comuns dos fiéis do Catolicismo. Não gostava de rezar o terço, repetição enfadonha dos mesmos dizeres. Viu-se perante o confessor, que o mandou recitar o Credo, quando lhe disse que fora ao terreiro...

O calor foi aconchegando-o e, sem ter noção do local e da hora, adormeceu.

Acordou sobressaltado. Que horas seriam? Sete e trinta e cinco. Daria tempo para ir à palestra. Lembrou-se de que estava sem carro. Por sorte, o primeiro táxi que passou largou um passageiro logo ali.

No trajeto, perguntava-se por que não fora capaz de ler uma página sequer. Não obteve resposta plausível. Talvez o palestrante pudesse referir-se a esse problema.

Quando chegou, a sessão havia começado. Não conhecia o pessoal da portaria, mas foi bem acolhido ao mencionar o nome do João. Acomodou-se no fundo do auditório.

Falava uma senhora, quase cantarolando. Citava Kardec a todo momento. Referia-se à Igreja Católica. Nomeou um bispo de Barcelona que mandara queimar livros em praça pública. Era um Auto de fé, como nos tempos da Inquisição. Falou em perseguições do púlpito e da perda de emprego dos franceses que se declaravam adeptos da nova doutrina.

Fernando lembrou-se da gana de mandar embora o Joaquim. Resolveu manter a promessa de não despedi-lo. Iria só chamar sua atenção. Se bem conhecia o emplasto, era bem capaz de estar presente para espioná-lo. Começou a examinar as pessoas à sua frente. As idades e as cores se misturavam. Na primeira fileira, estava o João. Reconheceu também o médium de voz poderosa. Tivera a esperança de que pudesse ser o palestrante.

A mulherzinha prosseguia impávida. Dava à voz inflexões de bispo, macia, controlada, como no tempo em que a missa era dita em latim. Kardec publicava artigos numa revista. Repetiu diversas vezes que havia tradução em português. Que os textos se aproveitavam nas obras, depois de testada sua aceitação por parte do público.

A cadeira começava a torná-lo quadrado. Hora inteira daquela lengalenga seria demais. Uma criança pequena, que se impacientara desde o começo, abriu tremendo berreiro. A mãe precisou retirá-la. A conferencista gracejou. Será que todos estavam chorando por dentro? Agradeceu a atenção e prosseguiu.

Fernando achou que a empreitada da oradora era questão de honra. Deram-lhe a responsabilidade e ela precisava ir até o fim, doa a quem doer...

Imaginou que poderia retirar-se. Estava perto da porta. Mas deu um voto de confiança. Quem sabe algo poderia revelar-se interessante. Prestou atenção:

— *Se fosse Jesus quem tivesse voltado à Terra, teria sido outra vez crucificado. Mandando o Espírito de Verdade, cumpria a promessa do envio do Consolador, como se lê no Evangelho de João.*

Eis que aproveitava a explicação. Será que teria perdido pelas divagações outros informes úteis?

— *Oremos para que o entendimento humano se faça, segundo as luzes do Espiritismo. Convido o irmão João para que venha dizer a prece de encerramento.*

Fernando percebeu que tinha aproveitado pouco.

No palco, sorridente, João explicou que os *passes* seriam ministrados na sala ao lado, para o que fizessem fila e se mantivessem em silêncio. Invocou os benfeitores da casa, recitou um padre-nosso e solicitou as bênçãos de Deus para a oradora e para todos os presentes.

Fernando esperava o *“ite, missa est”*, inconscientemente. Sorriu e levantou-se. Mas o povo aglomerou-se à sua frente, sem fazer menção de retirar-se. Formava-se a fila para os *passes*.

Lá do palco, João acenava para que esperasse. Precisavam conversar.

OUTRAS ATIVIDADES NO CENTRO

Fernando estava cercado de pessoas silenciosas. A porta lateral não distava do ponto em que se encontrava, de modo que o remédio foi enfrentar a fila. Entravam de dez em dez. Logo chegaria a sua vez. Tinha motivo para comparar com a fila do confessorário ou da comunhão. Será que os nomes das pessoas lhe viriam à mente? Uma era Dalva. Ou Dalva seria o nome da conferencista? Outro Francisco, como o médium de portentosa voz. O menino, Gabriel. Como saber? Contou as pessoas até a porta: oito. Entraria na próxima leva. No máximo, dentro de três ou quatro minutos. A cerimônia era rápida. Seria como o descarrego da Umbanda? Atiçava a curiosidade.

Ao adentrar, reparou que o quarto não era grande. Cadeiras se dispunham encostadas à parede. A luminosidade era escassa, da conhecida cor azul. Os que entravam se sentavam. Havia um *passista* para cada cadeira. Quando a porta se fechou, a moça que estava à sua frente solicitou que pusesse as mãos sobre os joelhos, palmas para cima. Que se concentrasse em Jesus, como se o Mestre estivesse presente. Fechasse os olhos.

Resolveu que não seria percebido se os mantivesse levemente abertos. Queria saber o que se passava.

A passista ergueu os braços, como se solicitasse as bênçãos dos Céus. E, com movimentos suaves, descia sobre a cabeça, sem encostar. Fernando era capaz de perceber que orava muito levemente. Leve aroma de alfazema. Aos poucos, a moça ia passando as mãos pelos lados de seu corpo, sempre sem roçar. Como se tivesse captado algo, arremessava os dedos para baixo, para livrar-se de alguns maus fluidos.

Não conseguia concentrar-se, mas longo arrepio passou-lhe por toda a epiderme. Era tênue frêmito, muito agradável, como se estranha energia o banhasse. Fechou os olhos. Queria aproveitar ao máximo a dulcíssima sensação. O dia todo tenso e agora aquele refrigério de paz. Quando começou a orar um padre-nosso em agradecimento, foi tocado no ombro. Devia retirar-se.

A saída era por outra porta. Encontrou-se em corredor a céu descoberto, escassamente iluminando. As pessoas encaminhavam-se para a direção da rua. Serviam água em pequenos copos descartáveis. Aceitou, bebeu e depositou o copinho no latão.

Do lado de fora, percebeu que saíra pela porta lateral que conhecera fechada no dia anterior. Mas precisava conversar com João. Entrou pela porta principal, encontrando

o corredor que antecedia o auditório vazio. Vozes saíam das dependências a que dava acesso. Havia um pequeno balcão à entrada de uma das salas. Lá dentro, prateleiras com muitos livros novos. A senhora que atendia cumprimentou-o.

— O João está à minha espera.

— Na secretaria.

Era onde estivera recolhido.

— Precisamos conversar. Tomou a água fluidificada? Estamos com dificuldades em relação aos médiuns. Ainda bem que não veio muita gente. Soube mais alguma coisa do Jeremias? Fizemos uma *corrente* em sua intenção, agora há pouco. O Silvano quis *aprontar*-lhe uma. Gostou da conferência da Dalva?

João emendava os assuntos, com rapidez. Queria conversar, mas se via que não dispunha de muito tempo.

Fernando ia respondendo como podia. Só não entendeu a do Silvano.

— Aprontar o quê?

— Por enquanto está contornado. Ele acionou os canais competentes, para forçar devassa na sua empresa. Foi o Onofre quem me preveniu. Quando soube que eu estaria à frente da escrituração, adiou as providências.

— Não será difícil de mandar alguém avaliar as concorrências do Ministério.

— Não haveremos de incentivar as represálias. O coitado deve ter tido os seus motivos.

— Despedi-o, assim que você saiu.

— Foi o que imaginei. Quantas voltas o mundo dá! E com que pressa! Mas não vou preocupar-me com tão pouco. Você é peixe muito pequeno. Já pensou a que estaria exposto, se conseguisse o contrato de forma irregular?

— Que devo fazer?

— Deixe comigo.

Fernando desconfiou de que João pudesse estar envolvido na trama, para valorizar os serviços. Começava, porém, a avaliar aquele recinto como sagrado. Pelo menos para o contabilista. Assim, levar a cabo algo tão perverso no mesmo ambiente em que conversava com os espíritos que tudo podem saber a respeito das atividades humanas, seria, no mínimo, improvável hipocrisia. O que não padecia dúvida era o fato de o homem estar citando sempre que a melhor atitude é a honestidade.

— Vejo que você trouxe o meu livro. Leu alguma coisa?

— Tentei, mas adormeci. Acredita nisso? Quase perco a hora. Cheguei atrasado e não consegui concentrar-me nas palavras da Dona Dalva. (Confirmava-se a inspiração. Ou o nome do quadro de avisos lhe ficara no inconsciente?) Há alguma explicação para essa onda de devaneio, quando preciso estar atento a todos os atos, para não ofender a ninguém?

— Não pense que estamos em condições de responder a tudo. Aos pouquinhos, iremos ver se conseguimos as explicações. Venha conhecer o nosso estoque.

Uma porta se comunicava internamente com a saleta dos livros. João pediu outro *Evangelho* e passou a Fernando. Era presente seu. Se quisesse adquirir as outras obras de Kardec (indicava-as na prateleira), não iria gastar muito. Fernando quis saber quantas

eram. Mais quatro, pelo menos. Jeremias já as levava e lera. Rapidamente, Fernando estava de posse de todas. Estranhou o preço módico.

— Kardec é baratíssimo. Afinal de contas, a falta do poder econômico não deve ser obstáculo para a divulgação da Doutrina. O que nós lamentamos é que poucos leem. Mesmo os que estão conosco há bastante tempo. Às quartas-feiras, mantemos um grupo de leituras dessas obras fundamentais. Estamos lendo **A Gênese**. (Punha o indicador sobre um dos livros nos braços de Fernando.) Mas são poucos os que comparecem. É uma lástima. Se não fosse pedir muito, iria sugerir-lhe que venha. Mas é preferível que volte na quinta, pois as discussões sobre os temas técnicos poderiam enfará-lo.

Enquanto falava, João ia levando Fernando para a outra sala. Ali, pessoas o esperavam. Fernando reconheceu os que estavam à mesa, no dia anterior. Eram também passistas. Sentiu-se deslocado, apesar de o cumprimentarem efusivamente. Queria ver-se fora dali. Não se enturmava com facilidade.

Agradeceu a João, deu um adeus geral e saiu. Precisava do ar da noite.

Lá fora, uma mulher chamava o filho:

— Gabriel, vamos embora!

A NOITE DE FERNANDO

Parado na calçada, hesitava sobre qual seria a melhor maneira de ir à avenida para o táxi.

— Entre, que eu o levo.

Era o vozeirão do médium Francisco que lhe oferecia a porta aberta de seu carro.

— Eu vou ao Morumbi...

— Suba, que fica dos meus lados.

Era um modesto veículo, pequeno para o homenzarrão que o dirigia.

— Obrigado, amigo. Assim, vou chegar bem mais cedo. Estou tão cansado que não vejo a hora de esticar as pernas.

— Pois eu não. Depois que reformei, tenho tido muito tempo.

— Qual o posto?

— Capitão do Exército. Soldo pequeno mas garantido.

A voz tonitroava. Mesmo quando desejava amainar o volume, estava decibéis acima da média.

— Faz tempo que está no Espiritismo?

— Desde criança. Mas a mediunidade só desenvolvi depois de adulto. E ainda com bastante treinamento. Queria ser psicógrafo. Não levei jeito. Também não me interessava ficar escrevendo mensagens de sofrendores. É bem melhor a doutrinação deles ao vivo. Invejo o Chico Xavier, pela facilidade e pelo valor das obras.

— Que me diz do Gasparetto?

— Qual deles: o pintor ou o cantor?

— Existem dois?

— Pois são irmãos. Um, o psicólogo, que tem programa na rádio, atende, principalmente, a pintores célebres. O outro reproduz as canções de diversos artistas, como Elvis Presley, Cazusa, o Poetinha Vinícius...

— Desconhecia o cantor.

— Os dois são excelentes. O que mais impressiona, a mim, pelo menos, é o fato de não se perturbarem com o público. Até na televisão, eu já vi os dois trabalhando. O pessoal brinca comigo, dizendo que eu poderia ser médium cantor. A minha voz é forte, mas desafino muito. Aprendi a falar alto quando era sargento. Fiz carreira...

Fernando não estava interessado nas peripécias militares do motorista. Mas deixou-o falando por algum tempo, até que, de súbito, foi inquirido:

— Fiquei sabendo que o amigo vê o plano espiritual.

— Tenho visto algumas almas...

— Espíritos, entidades, irmãos da pátria espiritual... Almas só as dos encarnados. É o nome que se dá. A menos que também veja alguém passeando, enquanto o corpo repousa adormecido.

— Como vou saber?

— Os encarnados mantêm cordão luminoso que os prende aos corpos. Desculpe, mas eu pensei que conhecesse alguma coisa.

— Estou levando pra casa os livros de Kardec. Desejo ler a todos, mas não sei se irei conseguir. Não tenho muito tempo.

— Saiba que, quando li pela primeira vez, também não tinha tempo nenhum. Contudo, parece que os protetores amparam quem está verdadeiramente interessado em aprender. Em suma, você verá... você verá...

Fernando apontou para fora:

— A minha casa é a da esquina.

Estava contente com a conversa. Parecia que os assuntos ficavam claros na voz formidanda do capitão da reserva.

Estava faminto. Foi à geladeira e lá estava a metade do pescado. Achou ótimo e, sem filosofias, aqueceu o prato no forno de micro-ondas. Encontrou também um resto de garrafa do vinho português. Foi uma excelente refeição. Enquanto comia, assistia ao noticiário da noite. Mas o pensamento pairava longe. Lembrou-se de que adormecera no sofá na noite anterior. Não quis repetir a dose. Dormiria cedo, habituado que estava a levantar-se às seis.

No quarto, a cama arrumada, os dois travesseiros, a ausência de Dolores.

A conversa adiada lhe dava mais tempo para preparar-se para o embate. Se Jeremias não retornasse logo à vida ativa, talvez tivesse de enfrentar maiores dificuldades.

Debaixo dos lençóis, reconstituiu o dia. Mas não conseguia rememorar tudo cronologicamente. Dolores lhe vinha à cabeça a todo momento. Era juvenzinha. Era adulta. Era madurona. Ultimamente, as crises da menopausa a deixavam irritadiça. Aliás, nunca fora muito cordata. Lembrou-se da lua de mel, quando relutou muito em ceder ao sexo. E o restante da vida, sempre a enorme dificuldade. Meses e meses sem nenhum contacto. Depois dos primeiros sintomas da suspensão menstrual, parece que ficou muito mais frígida. E nervosa. Não queria porque não queria. Que desse um jeito sozinho. Não fora assim o tempo todo?

Fernando revirou-se na cama. O tema o desagradava. Sentia-se culpado. Lembrava-se dos conselhos do confessor. Tivesse paciência. A maioria das mulheres é assim mesmo. Agora, era tarde, que o casamento perante Deus e a Santa Madre Igreja era indissolúvel.

A lembrança introduziu Timóteo. Será que o sacerdote iria excomungá-lo perante a comunidade? Será que sua atitude se refletiria no sermão do domingo? Fernando estava achando que o padre tinha ido muito longe no relacionamento familiar. Estava com muita liberdade. Também, era o único confessor que Dolores admitia. E a comadre, idem.

Fernando recordou-se da pia batismal, quando carregou o filho mais velho do casal amigo. Dolores é que não lhe tinha dado filhos. Bem que procuraram os médicos. Só com inseminação artificial. Mas o padre foi peremptório. A Igreja não permitia. Cairiam em pecado capital. E eles se contentaram em acompanhar o crescimento dos dois jovens do Jeremias. Mas a distância, que a mãe era superprotetora.

Pobre Maria! Tinha levado bom susto. Será que Jeremias estava melhor? Não adiantava ligar. O hospital proibia informações por telefone.

— Amanhã, se não tiver retornado, vou conversar com o médico. Quero saber o que se passa. Quem sabe possa ser-lhe útil. Afinal, foi ele quem me apresentou o João. Na hora certa, que quase caiu nas mãos dos fiscais. Mas o Silvano tem telhado de vidro. Não irá querer se mostrar. Se a imprensa for avisada, vai desaparecer. Talvez o Ministro não saiba de nada e tudo fosse maquiado pelo safardana. E se eu falar com o Ministro, ou com algum dos assessores? Quem vai levar um susto...

Lembrou-se de que João recomendara que não houvesse represálias. Entretanto, caso o mequetrefe insistisse...

Revirou-se de novo. Era outro tema que o incomodava. Teria sossego se rezasse? E se fosse passear durante o sono?

A prece, em verdadeiro condicionamento pavloviano, fê-lo adormecer, enquanto tentava dar valor a cada palavra, para pôr-se deveras perante o Senhor. Restava-lhe, no fundo da consciência, a suspeita de que suas orações tinham o cunho do oportunismo.

TRAGÉDIA

Jeremias teve forte recaída durante a madrugada. Houve complicações cardíacas. A respiração ficou muito deficiente. O plantonista era novato, mas ocorreu a tempo de lhe dar assistência emergencial. Foi acionado o médico responsável. Colocou o paciente em equilíbrio humoral, mas não atinava com as causas. Manifestara-se alta febre a indicar infecção. Mas onde? Os analgésicos e tranquilizantes mascaravam a origem dos males. Recorreram aos antibióticos de largo espectro. Os resultados sorológicos demorariam, pelo menos, mais vinte e quatro horas. Estava inconsciente e não dava sinais de despertar.

Às sete da manhã, a família foi avisada. Fora levado para o Centro de Revitalização. Entrara em coma.

Fernando preparava-se para sair, quando Dolores lhe retransmitiu o recado. Iria encontrá-las no hospital.

Estranhamente, não estava transtornando-se. Parecia fato muito corriqueiro. Lembrava-se, insistentemente, do charuto do Roque e dos acenos da Tia Ana. A morte era apenas passagem para outra dimensão. Nada de Infernos, Purgatórios ou Paraísos. Simplesmente, outra dimensão. A vida prosseguiria. Era o que os espíritos do Centro haviam ensinado. Até mesmo aquele que não sabia que tinha morrido.

Devia preparar-se para encontrar o Padre Timóteo. Iria com o viático. Daria a extrema-unção. Perdoaria todos os pecados em nome de Deus. Encomendaria a alma do amigo para servir nas hostes angelicais. Estava assegurado pelas responsabilidades cardinalícias.

Fernando logrou perceber o tom mais que irônico, quase sarcástico com que estava considerando a função do missionário católico. Se estivesse entre selvagens, como os catequizadores da ordem de Santo Inácio de Loyola, não agiria diferentemente. Apenas precisaria explicar àqueles o que era pecado. Aos homens cultos da civilização tecnológica, isso era prescindível.

Que pecados teria Jeremias? Ouvira-lhe a confissão de passagem de que tivera amantes. Ou aventuras. O que seriam essas extrapolações conjugais? Teria sido perseguido pelo Timóteo? Será que fora ao Espiritismo para não ter de confessar, podendo pular quantas cercas quisesse, sem o ônus do arrependimento e do remorso?

Fernando sentiu que não progrediria nas conjecturas. Não tinha tantas intimidades com o compadre. Pareceu-lhe que, na verdade, nem amigos eram. Tinham interesses

sociais e comerciais comuns. Mas a religião católica não lhes havia dado razões para discussões filosóficas. Quando começavam a imiscuir-se em temas de outra ordem, adviera esse transtorno que parecia muito sério. Unidade de Terapia Intensiva? Não. Centro de Revitalização. Era muito sério.

E se lhe sobreviesse a morte? Quem assumiria os negócios? Os filhos, naturalmente, porque cursavam a faculdade. Administração de Empresas. Teriam tido alguma intuição ou vieram destinados para prosseguirem a obra paterna? Predestinação? Tudo estaria escrito e os homens não seriam capazes de exercer livre-arbítrio?

Não prestava atenção no trânsito, mas sofria com a lentidão. Os pensamentos eram a um tempo pesados e leves. Não conseguia caracterizar filosoficamente os temas e, ao mesmo tempo, parecia-lhe que as ideias nasciam com espontaneidade. Os dias anteriores não existiam na memória. Surgia, no horizonte da vida, necessidade muitíssimo mais premente. Os dramas religiosos, as querelas fiscais, as discussões familiares esmaeciam, para dar lugar ao quadro vivo da perda de pessoa tão chegada. Se fossem os irmãos ou o pai, talvez não se sentisse tão pressionado emocionalmente.

Lembrou-se de que estava, desde há tempos, prometendo visitar os familiares. Por certo, achavam-no orgulhoso, pois crescera nos negócios e vivia vida de rico. Eles eram pobres. Dolores fizera questão de se afastar. Por duas ou três vezes, fora ver o pai e a irmã sozinho. A mulher sempre tinha desculpa. Geralmente, trabalhos junto aos paroquianos.

À sua frente, surgiu o imponente prédio do hospital. Apanhou as anotações relativas ao andar a que deveria dirigir-se. Foi difícil estacionar, mas localizou uma vaga na rua vizinha. Um rapazelho veio oferecer-se para guardar o carro. Tomasse conta, que, na volta, lhe daria algum. Desse já. Notou o tom surdo da ameaça. Era como se dissesse que, se não pagasse adiantado, iria encontrar o carro riscado, depredado. Teve de concordar, a contragosto. Sabia que não veria mais o fedelho, que nem maltrapilho estava. Apenas sujo. Só aí reparou que ali perto havia um estacionamento particular.

— Que estou eu a preocupar-me com o automóvel, quando meu amigo está à beira da morte? Se, ao menos, estivesse interessado em tirar o juvenzinho da rua...

Na entrada, deu com João. Parecia estar aguardando-o.

— Já soube?

— O quê?

— Jeremias morreu.

— Santo Deus!

— Nenhum médico veio trazer a notícia da doença. Parece que desconfiam de infecção generalizada. Vamos ter de ler a causa da morte, quando assinarem o laudo para efeito da certidão de óbito. A família está desolada. Os jovens estão aí. Há um padre também. Alguém tem de informar os gerentes. Eu vim por acaso. Ou melhor, queria informações antes de ir ao seu escritório.

Como sempre, João falava de enfiada, misturando os assuntos.

Fernando tomaria as providências das comunicações. Deixasse com ele. Os gerentes eram pessoas capacitadas. Recomendaria que se fechassem os estabelecimentos por luto. Os empregados poderiam organizar caravana para o velório.

João se despediu. Precisava adiantar os procedimentos contábeis. Avisaria o advogado da firma. A desencarnação estava tão recente que não sabia quem iria tomar as providências para a regularização do espólio.

Ao entrar no pavimento em que se reuniam os parentes, Dolores veio a seu encontro:

— Fernando, que desgraça! Ontem estava almoçando lá em casa. Hoje está morto. Que Deus o receba em seu regaço de amor! Não deu tempo para receber os últimos sacramentos. Timóteo nem pôde encomendar o corpo...

Uma rápida vista d'olhos e Fernando observou Maria apoiada nos filhos, sendo consolada pelo sacerdote. Reconheceu a irmã caçula, que morava ali perto. Havia muitos parentes para chegar.

— Quem está avisando a família?

— Liguei para a empregada. Dei-lhe o encargo de avisar os parentes. Agora é Leonel quem está à testa.

Era o concunhado mais afeito a esse tipo de reação pouco sentimental. Materialista convicto, punha a razão acima da emoção. Não se deixava arrastar facilmente. Quando viu o companheiro de Jeremias, veio abraçá-lo.

— Perdemos mais um do grupo do pôquer. E do turfe. Você me ajuda com as formalidades legais?

Era o que mais queria. Ver-se livre daquele ambiente de dor. Mas não podia furtar-se de transmitir os pêsames à viúva e aos órfãos. Sentiu que não guardara mágoa nenhuma. As ofensas do dia anterior, ele as esquecera. Mas não estava certo da reação da comadre. Aproximou-se, ao lado de Dolores.

— Oh! Fernando! Veja o que a vida me fez. Eu pensava que iria perder Jeremias para os espíritos e Deus o levou!

As lágrimas o comoveram. Não foi possível conter o pranto. Uniam-se pela dor. Se Jeremias estivesse consciente, iria alegrar-se.

UMA LONGA MANHÃ

Ao sair do hospital com Leonel, Fernando não estava certo de que iriam conseguir adiantar a papelada, tendo em vista que os médicos se recusaram a fornecer o atestado da morte, antes que se efetuasse minucioso exame das vísceras. Tinham suspeitas. Nenhuma certeza. Além disso, aguardariam os resultados dos exames de sangue, mais importantes que nunca. Somente depois, estariam em condições de atestar.

A família possuía jazigo perpétuo. Quanto a essa parte, tudo se arranhou com facilidade. Nada há no setor que alguma propina não acerte. Mas a documentação oficial emperrou. Sem o atestado, nada feito.

Leonel se propôs a prosseguir sozinho, já que o velório seria no hospital. Assim, a compra do caixão mortuário e o aparato fúnebre não ofereciam maiores problemas.

Fernando prometeu voltar na hora do almoço. Se precisassem dele, para forçar os médicos, estaria à disposição. Toda ajuda seria bem-vinda.

Na loja, encontrou Joaquim transtornado. Olhos excessivamente vermelhos e inchados. Inexplicável, para quem, por tanto tempo, delatara o patrão.

— Precisamos conversar, disse-lhe em tom áspero.

— Sim, Senhor.

O tom da cordialidade (ou da subserviência) teria estimulado Fernando a escachar logo o empregado, não fosse a tristeza que sentia. Pretendia pôr as coisas em pratos limpos. Apenas isso.

Mandou o balconista sentar. Sentou-se, por sua vez, na cadeira de espaldar alto, por detrás da mesa. Era o chefe, afinal de contas. Pelo menos a disposição... Surpreendeu-se com preocupações pueris. Fosse humano, isso sim. Não iria despedi-lo. Pois o tornasse reconhecido. Lembrou-se do guardador de automóveis, que o esperava na saída, para demonstrar que estivera realmente cuidando do carro. A humanidade não estava tão pervertida. Mas sabia de casos...

Joaquim aguardava com infinita paciência.

— Meu caro, já sei por que você foi despedido pelo Jeremias.

— Foi ele mesmo quem contou?

— Fui eu que deduzi. Ele só confirmou.

— Por favor, diga as razões.

— Ora, você o espionava. E a mim também. Ousa negar?

— Em parte.
— Como assim?
— Dona Maria me pediu para que o vigiasse. Desconfiava de suas saídas. Queria surpreendê-lo em adultério.

— E você lhe deu todas as fichas...
— Não todas. Atenuei o quanto pude. O ex-patrão, regularmente, uma vez por semana, procurava uma casa de prostituição. Mas isso eu ocultei. Falava que ia a boates. Que dançava. Que bebia. Que jogava. Que mantinha péssimas companhias. Quanto ao adultério, ela que concluísse sozinha. Ou mandasse investigar por alguém do ramo. Eu tinha o emprego para perder. Quando o patrão me descobriu indo atrás dele, quis me pôr para fora. Contudo, apenas me mandou para cá. Eu lhe disse o que tinha feito e ele foi reconhecido. Mas não me perdoou as delações. Dona Maria me convidava para as reuniões festivas da igreja. Ou as beneficentes, em sua casa. Nada mais. Não ganhei um ceitel...

Fernando sabia que o empregado era muito sagaz, mas não tanto. Imaginou que inventara quase tudo. Afinal, Jeremias estava morto. Não confirmaria mas também não negaria. Maria, por sua vez, não poderia ser arguida. O estafermo estava saindo-se muito bem. Até na expressão dolorosa do rosto.

— E quanto a mim, também tem atenuantes?
— Não tenho. Dona Dolores foi informada de todas as saídas. Mas o Senhor não fez nunca nada de errado...

— Fui à umbanda. Fui ao centro espírita. Fui a boates...
— As boates, eu não informei. Pode perguntar a ela. Quanto à religião, cada qual é livre de ter a que melhor...

— Qual é a sua?
Fernando sabia bem que era católico.

— Não tenho nenhuma.
— Mas você frequenta a igreja...
— A pedido de Dona Maria, para conversar com ela.

Fernando percebeu que, se quisesse a verdade, não seria através de Joaquim.
— Vamos pôr uma pedra sobre tudo isso. Você continua no emprego. Mas não será prestigiado, a não ser que desapareça das minhas pegadas. E não volte à igreja. Esse seu papel não é digno...

la começar a dizer algumas poucas e boas que preparara quando a raiva era mais forte. Mas as emoções do dia não lhe davam ânimo.

— Vai... Vai...
— Muito obrigado, Senhor. Estarei sempre reconhecido.
O dia prometia ser terrivelmente pesado.

Quis saber se João estava.
— No depósito.

Não julgou oportuno atrapalhar o serviço em seu início. Com certeza era trabalho para dois dias. No máximo.

Do hospital ligara para os responsáveis pelos negócios do amigo. Havia tempo até o almoço para descansar. Percebeu que carregara consigo os livros que guardara na maleta. Teria cabeça para ler algo?

Leu os títulos. Curioso. Interessou-se por *O Céu e o Inferno*. Agora que a morte chegara tão perto, a religião parecia sedimentar as emoções e as reflexões. Será que Jeremias se conscientizara já do passamento? Como diriam os espíritas? Desencarnação, desencarne. Percebeu o subtítulo: *A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*. As inscrições da página de rosto pareceram-lhe adequadíssimas para a ocasião. Folheou o grosso volume. Notou que havia duas partes. Leria um depoimento psicografado. Reparou que os termos iam incorporando-se ao seu vocabulário.

Quando ia iniciar leitura ao acaso, percebeu que estava na companhia do Roque. Não o via nitidamente. Aliás, melhor dizendo, apenas lhe sentia a presença, como se a imagem se formasse na mente por força das lembranças que guardara. Qual seria o papel dessa personagem, no interesse de sua formação espiritual? Protetor, benfeitor, incentivador, anjo da guarda, alma penada a resgatar débitos, sustentador de decisões... Os nomes cruzavam-lhe na mente, sem lhe darem tempo de se fixar em um único. Talvez estivesse ali para cumprir apenas missão de despertador para os fenômenos paranormais.

Tão acostumado estava ficando com a proximidade dos seres do outro plano, que até se sentiu bem, como se a deliberação da leitura estivesse sendo apoiada. Se tivesse despedido o Joaquim, o espírito do Roque ali estaria? Por certo não, pois a sua mente ficaria mais absorvida pela ação, já que teria feito malograr os projetos profissionais de uma pessoa que necessita do emprego para sustentar a família. A que ponto estava reduzido o infeliz.

Fernando não teve dúvida de que as questões iam sendo respondidas por inspiração. Era como se o Roque lhe desse as informações diretas para a mente. Não seria diferente na telepatia. Conversava, pois, a distância. A sensação era muito agradável. Enquanto isso, o livro jazia aberto à sua frente, inútil.

Resolveu que começaria pelo início. Se as letras se embaralhassem, voltaria. Tinha tempo. Aos poucos, foi impregnando-se no texto. A realidade tangível foi perdendo a vitalidade de contacto. Alcançou concentração.

Ao meio-dia, despertou. Estava atrasado. Nem pensou em comer. Se Dolores não tiver almoçado, iriam lanchar juntos. Será que os médicos teriam alguma resposta?

NO HOSPITAL

Ao adentrar o saguão destinado à família do morto, Fernando pôde verificar que a parentela estava toda lá. Os irmãos e os pais de Maria também. E muitos amigos e funcionários. Todos aguardavam a liberação do cadáver.

Dolores ocorreu logo e estabeleceu as apresentações. Fernando, contudo, conhecia quase todo mundo.

Assim que se desvencilhou dos grupos, levou Dolores a um canto. Queria saber por que não se dera início ao velório.

— Os médicos estão com evasivas. Dão a impressão de que não sabem a causa da morte ou não querem assumir responsabilidade. A coitada da Maria está a poder de sedativos. Não quis comer nada. Um cafezinho. Umas bolachinhas. Está de jejum.

— E você?

— Eu comi um lanche às dez. Estava esperando-o para ver o que faríamos.

— Vamos procurar um local sossegado. Pode ser simples sanduíche, mas tem de ser longe desta tristeza.

Lembrava-se de ter visto uma lanchonete na frente da porta principal. Estava lotadíssima e o serviço parecia péssimo.

— Vamos comer em casa. Aqui ninguém precisa de nós. Você poderá descansar, que a vigília deve ir até amanhã.

Dolores ficou com medo daquela prometida conversa, mas julgou o momento oportuno. Qualquer coisa, emendaria com a emoção da dor da companheira. Afinal, o futuro a Deus pertence. Não era o que estava a indicar a partida do compadre?

Os empregados não estavam preparados para recebê-los para o almoço. Ao contrário, haviam sido avisados de que não apareceriam até a noite. Mas não se apertaram com a comida. Em pouco tempo, estava servida saborosa omelete.

Comeram sem gosto, em silêncio, como fora silenciosa a viagem. Cada qual com seus pensamentos.

Estranhamente, Fernando mandou a esposa deitar-se. Precisava descansar também. Pelo menos uma hora. Não queria deixar a loja nas mãos dos subordinados. Havia a ameaça da devassa fiscal. Tratou a esposa com desusado carinho. Estaria arrependido? Dolores ficou sem saber. Mas as atenções foram expressivas. Pensava nela. No conforto dela. Na tranquilidade dela.

Recostado no sofá, Fernando adormeceu. Enquanto isso, Dolores reassumia o controle da casa. Descansaria depois que o marido saísse.

Perto das duas da tarde, soou o telefone. Leonel procurava o amigo. Precisava dele no hospital. Haveria conferência com os médicos. Queriam alguém sem os estímulos sentimentais à flor da pele. Viesse logo.

Zonzo pelo sono interrompido, Fernando resolveu que um banho lhe faria bem. Entrementes, Dolores se preparava para acompanhá-lo, com roupa adequada ao luto da amiga.

A viagem ao hospital foi rápida.

Maria estava entregue aos pais. Os rapazes não estavam. Havia bem menos pessoas. O horário do almoço se esgotara e muitos regressaram ao trabalho. Voltariam para o enterro. Leonel estava impaciente. Assim que pôde, arrastou o amigo para a saleta do administrador. Os médicos não estavam.

— Queiram aguardar um instante. Os facultativos estão consultando o patologista. A hematologia enviou o resultado dos exames. Os médicos estão em conferência. Precisam conhecer a real causa do óbito.

Fernando não atinava com tamanhos cuidados. Suspeitava de que pudesse ter havido negligência. Eram frequentes as notícias de processos contra os hospitais particulares e as decisões judiciais apenavam os responsáveis com multas particularmente onerosas. Afora o desprestígio na comunidade.

Mas o tempo se escoava lentamente e ninguém aparecia. Leonel não permanecia quieto na poltrona. Insistentemente, levantava-se para ir vistoriar o corredor.

Fernando arrependeu-se de não ter trazido o livro. Começava a inteirar-se dos mistérios da doutrina. Lembrou-se de ter lido que os espíritas não se preocupam com a morte. Será mesmo que a tese valeria para todos os espíritas ou o que Kardec deveria ter escrito é que os espíritas verdadeiros não *poderiam* temer a morte? No Centro, presenciara o trabalho de esclarecimento de seres recentemente desligados do invólucro carnal. Até que a terminologia não era tão rebarbativa. Quando estaria Jeremias disponível para o contacto mediúnico? O sistema de formulação de questões começava a instalar-se-lhe na mente. Era a vaza do companheiro desencarnado para responder. Imaginou que, enquanto o corpo estivesse insepulto, haveria forte atração sobre o espírito, principalmente porque os familiares e amigos estavam emitindo intensos sinais de compaixão e dor. Isso deveria cercar o recém-desencarnado de vibrações morais. Se não lograsse proteção dos benfeitores, possivelmente se envolveria nos fluxos da tristeza. União na dor? Se houver sinceridade...

— Esses médicos estão a merecer que os espanquemos com as leis.

Leonel começava a exteriorizar a irritação. Fernando julgou de bom alvitre ocupá-lo a mente com outros pensamentos:

— Está encomendado o caixão?

— Quando cheguei, recebi a notícia de que o esquife deveria apresentar janelinha envidraçada para que a família possa ver o semblante do defunto. Os médicos querem que fique lacrado. Ainda bem que a funerária não havia mandado o carro. Foi possível efetuar a troca. Os preços estão pela hora da morte.

Nem repararam no gracejo involuntário.

— Explique-me uma coisa, ó caro materialista. Você acha que não existe realmente vida depois da morte?

Fernando queria testar os argumentos apreciados de manhã por Kardec.

— Se existir, ficaremos sabendo depois.

— Então, você abre uma brecha...

— Eu só não discuto. É um tema que não leva a lugar nenhum. Quem tem convicção religiosa costuma ser muito agressivo. Na primeira ofensa, eu costumava responder atravessado. Fazia gozação. Mangava dos idealistas. Mas isso me dava muita dor de cabeça. Até negócios acabei perdendo. Agora, adoto política de boa vizinhança. Você me verá na missa de sétimo dia, de mês e de ano. Na hora de ajoelhar, ajoelho. Se quiserem que me confesse, lá irei eu. Comungar? Não será a primeira vez. Vamos deixar as pessoas contentes. Enquanto há vida, que haja felicidade.

Fernando pensava que não se faziam mais materialistas como antigamente. Mas o seu objetivo se consumara. Leonel estava mais calmo. Fora levado a falar em alegria, em paz de espírito, em cordialidade. Não poderia desdizer-se em seguida, só porque os médicos os faziam esperar. O dia estava totalmente perdido. Pior para o Jeremias que partira tão cedo. Poderia ter vivido até rejubilar-se com os netos. Mas fora uma morte, até certo ponto, sem sofrimento. Pelo menos isso. E se ficasse entevado, com derrame, tetraplégico?! Fora melhor assim. A natureza lhe fora pródiga.

Um religioso colocaria *Deus* no lugar de *natureza* e essa seria a única alteração de vulto.

Nesse ponto, os amigos foram convidados a entrar. Havia outra sala, ampla, com extensa mesa de reuniões. O administrador do hospital e mais três médicos lá estavam. Feitas as apresentações, quiseram saber qual a religião de ambos.

— Católicos.

Fernando não olhou para Leonel, mas percebeu que praticava o que momentos antes afirmara. Ele é que deveria ter hesitado. Não prometera sair da Igreja Romana para adentrar no Espiritismo Kardecista? Pois, então?...

— Pessoas religiosas são mais fáceis de consolar.

Os médicos estavam cheios de dedos. Leonel queria terminar logo:

— Falem claramente. Nada de termos técnicos. Houve erro médico? Alguém deixou de prestar o devido socorro? Só assim se compreende tanta hesitação.

O médico mais velho assumiu a palavra:

— Desculpem, mas precisávamos caracterizar a causa da morte, não tanto com a finalidade de evitar problemas legais. Isso também nos preocupa. Mas o mais importante era saber se o paciente não contraiu infecção hospitalar, o que colocaria em risco todos os enfermos da ala de atendimento emergencial. Por outro lado, se a infecção adviesse de problemas imunológicos, haveríamos de advertir os familiares mais próximos para exames e, em caso de resultado soro positivo, tratamento.

— E a causa?

— Infecção generalizada. Dificuldades respiratórias. Parada cardíaca irreversível por infarto do miocárdio.

Os amigos entreolharam-se. Que significaria aquele amontoado de termos? Não seria mais lógico restringir-se a uma única causa?

— O paciente era portador do vírus da AIDS.

O efeito da palavra fulminou os dois.

— Não costumamos registrar como causa a própria AIDS, que é apenas veículo para o assalto viral ou bacteriológico. Nem as famílias gostam de ver o seu chefe exposto moralmente. Sabemos que não era viciado em drogas nem recebera qualquer transfusão de sangue. A transmissão se deve ter dado sexualmente. Isso vai penalizar a viúva. É preciso prepará-la convenientemente para a revelação. É preferível que nada digam por enquanto. Se quiserem apoio terminológico, poderemos atenuar as expressões para que passe pelo transe da perda. De qualquer modo, vai ter de ficar sabendo a verdade, pois iremos convocá-la e aos filhos a exames. Se tiverem conhecimento de como poderia ter adquirido a doença, vão prestar excelente serviço à comunidade, pois existe alguém por aí que desconhece que está disseminando o mal.

O médico falava pausadamente, com inflexões dolorosas, reconhecendo que a notícia era desagradabilíssima.

Leonel arriscou uma ponderação:

— Todos os médicos estão de acordo?

— Certamente. Havia discordância quanto à causa imediata. Eu mesmo optava pela aquisição da infecção hospitalar. Entretanto, o quadro clínico da internação, o longo desmaio, a rapidez do desenlace, tudo leva a crer em que o paciente vinha sofrendo alguns distúrbios, sem lhes dar importância. Faltou aos exames de rotina. Se tivesse comparecido, poderíamos ter detectado a doença a tempo de efetuar tratamento.

— O emagrecimento que atribuíamos ao regime vegetariano, então, era devido...

— Não tínhamos esse dado, mas se não estava alimentando-se corretamente, por certo facilitou a entrada dos vírus que o levaram.

Fernando pediu licença. Não estava suportando a linha fria das discussões. Compreendera a extensão da tragédia do ponto de vista emocional. Maria haveria de ser muito forte.

Saiu do escritório para o corredor. Desceu os lances de escada, enxugando persistentes lágrimas. Precisava de Dolores. Tinha de dividir o sofrimento. Sentou-se no último degrau e esperou que o pranto cessasse. Não queria despertar suspeitas para as más novas. Se a família fosse de espíritas, não haveria de temer a morte? Como o plano das filosofias é tranquilo! Como a luta na carne é difícil!

ACERTANDO CONTAS

Recuperado da pressão psicológica de saber o amigo tão próximo do inferno moral, pois julgava, com espírito católico, que não teria salvação, à vista dos pecados mortais, tanto que fora castigado por terrível carma, sendo retirado da vida quando esta lhe poderia oferecer muito mais, Fernando começou a considerar a hipótese de não contar logo a Dolores qual a doença que o levara. E se ela desconfiasse de que ele também se tivesse dedicado às mesmas distrações? Era preciso cautela. Ainda bem que se emocionara tanto, a ponto de chegar a tão copiosas lágrimas. Teria sido o extravasamento do estresse dos últimos dias?

— Precisamos providenciar a documentação o quanto antes. Você vem comigo? Ou prefere ficar para contar aos demais a conversa com os médicos?

Era Leonel, que descia as escadas.

— Você não pretende contar tudo agora?!...

— Claro que não. Acho que você é mais... (ia dizer político; me perdoe) mais religioso. Saberá dizer as palavras certas da consolação.

— Prefiro ir com você. Mas vou transmitir a notícia a Maria e aos irmãos.

No grande saguão, Fernando reuniu os familiares mais íntimos. Maria não quis aproximar-se. Não estava curiosa a respeito da doença. Envolvia-se na crise da morte.

Em rápidas palavras, Fernando fez referência aos temores do corpo médico e resumiu, lendo o laudo. Deixou de citar a AIDS. Precisava sair para providenciar o atestado de óbito. Estava quase na hora de fechar o tabelionato. Alguns parentes não se sentiram seguros quanto ao teor da apreciação oficial, mas os dois se descartaram logo. Conversariam mais tarde. Aliás, precisariam dar muitas explicações. Confiassem. Havia descontentes, por terem sido preteridos para a reunião. Esses insistiriam, com certeza.

Dolores quis saber o que se passara.

— Em casa, em casa..., disse Fernando, em tom de cumplicidade, como se devesse guardar segredo.

Quería livrar-se da triste condição de portador de más novas. Palavras de consolação? Nenhuma.

As providências junto ao tabelionato foram rápidas. Entretanto, a liberação do corpo ainda não se dera, de sorte que simples telefonema resolveu quanto às necessárias informações aos familiares.

Leonel buscou a administração do cemitério, para o aprestamento do enterro, enquanto Fernando voltava à loja, para se inteirar dos últimos acontecimentos.

Encontrou Joaquim cheio de medidas. Queria saber do enterro, da doença, das emoções da viúva. Enviava recomendações. Daria os pêsames pessoalmente. Não atinava com o mal-estar que provocava no patrão.

Fernando respondeu o mais breve que lhe foi possível. Quis conversar com o gerente, com quem se dirigiu ao escritório envidraçado.

— Você irá ficar encarregado de tudo, pois não pretendo passar por aqui amanhã. Creio que não terei sossego. Talvez fique no hospital durante a noite. Só escapo se houver alguém mais descansado. Vai ser uma longa noite.

O gerente estava à disposição.

— O pessoal da escrituração ainda está no almoxarifado?

— Umas seis pessoas, comandadas por um tal de João.

— Aguento as pontas, que eu vou até o depósito.

Ao passar pelo salão de vendas, recebeu um sorriso do Joaquim. Criatura enigmática. Dava a impressão de falsidade. Mas fazia trejeitos de amigo velho, confiante, íntimo. Estaria contabilizando as informações não passadas a Dolores?...

— João, meu caro, ainda aqui?

— Quais são as novas do hospital?

O relato foi curto. Só o essencial. Vigiava-se, para não acusar que havia segredo a ser mantido.

— E, então, como anda o levantamento? Muitas dificuldades?

— Poucas. Mas o volume das faturas é muito alto e muitas não se encontram nos balancetes. A sonegação foi grande. Mas o trabalho de fiscalização é coerente. Se a firma fosse menor, não se diria jamais que não estava tudo certo. Os fiscais fizeram um bom trabalho. Do ponto de vista deles, podem até dizer que foi *honestíssimo*. Não pretendo ocultar nada. Se quisesse, poderia fazê-lo, sem susto de ser surpreendido. Veremos depois o que nos falam os fornecedores.

— Faça o melhor possível. Agora que existe ameaça de receber a visita dos procuradores...

Fernando não dizia, mas suspeitava de que as economias não dessem para cobrir as multas. Pensava que teria de desfazer-se de propriedades. Que fazer? Eram imóveis que não tinham herdeiros. A aposentadoria estava garantida. E que aposentadoria! Só o rendimento da loja era suficiente para viagem anual ao exterior.

— Espero vê-lo no velório ou no cemitério...

João quis apresentar Eduardo:

— Este é meu filho. Contabilista formado. Novo ainda, mas prestimoso. É craque com os computadores.

Fernando viu o pai no filho. Cumprimentou-os e buscou refúgio no escritório. Se ninguém o perturbasse, iria ler mais um pouco. Interessava-se pela leitura. Mas tinha pouco tempo.

Às nove da noite, foi chamado ao telefone. Esquecera-se da vida. Era Dolores. Queria que a fosse buscar no hospital. Maria iria para casa. O corpo de Jeremias estava de

quarentena na geladeira, por causa da infecção. Só amanhã de manhã. Por que não voltara ainda?

Fernando não tinha como esconder que imergira na leitura:

— Fiquei lendo. Depois eu conto tudo. Já chego aí.

De fato, encontrou Dolores à porta principal. Estava desassossegada. E nervosa:

— Já não tem mais ninguém aqui. Se não tivéssemos combinado, você não me acharia.

Fernando notou o tom falso da reprimenda.

— Desculpe-me, querida. Estou lendo um livro de Kardec...

— Não quero saber! Você tem de ter responsabilidade. Sempre teve. Agora está degenerando. Foi só procurar essa seita dos demônios...

Fernando notou que a verdade seria considerada pura fraqueza. Calou-se o restante do trajeto. Deixou que a mulher se aproveitasse de sua falha. Afinal de contas, ela também estava estressada...

A refeição foi ligeira.

Dolores observou que o marido não se preocupou com o fato de estar a comer carne. Ficou mais tranquila. Imaginava que a influência do Jeremias (que Deus o tenha em sua santa glória!) se anulara pela morte. Fernando deveria estar com medo.

— Querida, nós temos de restabelecer os nossos laços afetivos. Se continuarmos com estas desavenças dos últimos tempos, acabaremos separados. Isso eu não quero e penso que você também não. Se, algumas vezes, fui a locais diferentes do que lhe disse, peço que me perdoe. Reconheço-me culpado. Pode estar ciente, entretanto, de que nunca a traí.

Dolores tinha certeza disso.

— Conversei com o Joaquim. Ele me revelou que me espionava para você. E para a Maria, por causa das saídas misteriosas do marido. Estou ciente de tudo. É verdade que ele não lhe disse que me viu entrando em boates?

Falava com o coração na mão. Tocava em ponto muito delicado. Dolores se sentiu envolvida no clima das revelações importantes. Entendeu que o marido estava buscando solidariedade. E perdão. Dava notícia de que não estava bravo com a suspicácia dela.

— Estou sabendo, dia a dia, de todas as idas a todos os lugares escusos. Devo dizer que sei até o nome da rua e o número da casa em que Jeremias tinha as aventuras extraconjugais. Eu e Maria. Ela não se importava. Eu lhe teria jogado tudo na cara. Mas em você eu acredito, quando diz que não me traiu. Quem está mentindo é o Joaquim.

Fernando percebeu a manobra do fâmulos. Jamais teria conjeturado que teria esse tipo de acerto de contas com a mulher.

Escondeu a cabeça entre os braços, para não demonstrar as lágrimas.

Dolores o enlaçou amoravelmente. Afagava-lhe os cabelos. Os ralos cabelos. Também chorava. Vinham-lhe suaves lembranças de outros tempos. A perda de Maria, recusava-se a admitir para si. Vislumbrou outro futuro com o marido. Se se restabelecessem os vínculos matrimoniais, com base no discurso do coração, aberto, franco e leal, não haveria por que deixar Fernando ir embora. Num relance, perpassou-lhe pela mente que deveria sacrificar a vida social noturna. Adeus jogatinas. Era a resposta às escapadas dele. Agora, que se confessara tão humilde, não voltaria às corridas ou ao

pôquer. Afinal, perdera o companheiro de diversões noturnas. Com a ajuda de Timóteo, iria conservá-lo junto a si, até nos dias de centro espírita...

— Preciso contar-lhe um segredo. Pelo menos, por algum tempo. É relativo ao Jeremias...

Atiçava a curiosidade da mulher.

— Você me garante que não vai dizer nada a ninguém? Preciso de sua palavra de honra, porque disso depende a tranquilidade de outras pessoas. Com o tempo, tudo se revelará, mas o que tenho a lhe dizer é importante para nós dois. Para a nossa vida juntos. Para a confiança mútua.

— Se você julga que não sei guardar segredo...

— Não é isso. É que, às vezes, a gente dá com a língua nos dentes sem querer. Você tem de me prometer que não vai dizer nada a ninguém...

— Está certo.

— O Jeremias estava com AIDS...

Dolores emudeceu. Lembrou-se de que Maria havia levantado a suspeita. Mas fora inconsequentemente... Assaltou-lhe a ideia de que poderia estar contaminada. Viu o sofrimento da amiga. Compreendeu as razões de Fernando.

— Estou pondo tudo em pratos limpos, porque não quero que pense que eu também possa estar contaminado. O que lhe disse é a mais pura verdade. Eu nunca traí você. Minha consciência está um mar sereno, quanto a isso.

Faltava cair de joelhos e jurar por Deus.

— Querido, amigo!

Dolores estava impressionada com a sinceridade do esposo. Via a grandeza moral de quem afronta todos os riscos em nome da benquerença, do companheirismo, do matrimônio, do amor... Sentiu que o amava de novo... Que nunca o deixara de amar... Confundia os pensamentos. Abraçou-o com muita ternura. Reconciliava-se.

Fernando tremia um pouco. Tinha mais alguma coisa que deveria revelar.

— Querida, você não sabe a causa de ter ido em busca do centro espírita. (Falava depressa para não perder o empuxo das confissões íntimas.) É que estava vendo espíritos. Se Joaquim lhe disse qualquer coisa nesse sentido, devo dizer que ele percebeu lá na loja que eu estava vendo seres de outra dimensão. Mas não foi apenas isso. Também acionava os aparelhos elétricos a distância. E sabia os nomes de pessoas estranhas. Aliás, tenho sido visitado constantemente por Tia Ana e pelo Roque...

Dolores não dizia nada. Deixara-se envolver pelo halo amoroso e agora começava a temer pela sanidade mental dele. Mas não conseguia formular pensamentos lúcidos. A emotividade do dia e o banho da sensibilidade pela inesperada atuação do marido desconcertavam-na.

— Pretendo, Fernando ousou concluir, aprender a trabalhar com esses fenômenos. Essa é a fé que terá de depositar em minhas intenções. Não vou arrastá-la comigo. Porém, lhe peço que me permita explorar esse campo maravilhoso de minha constituição mental. Se não encontrar verdade nesse caminho, voltarei submisso à Igreja Católica. Por enquanto, não me sinto disposto a ficar nas mãos dos sacerdotes.

Evitava citar Timóteo, para que ela não dissesse que havia emulação pessoal. Admirava-se da clareza com que expusera tudo. Seu inconsciente trabalhara direitinho. Ou fora influência dos espíritos protetores?

Dolores não sabia o que dizer. Não podia brigar com alguém que fora tão amável, tão espontâneo, tão natural. Imaginou o que poderia dizer o Padre Timóteo. Lembrou-se da conversa do dia anterior. De nada adiantara. Era preciso dar tempo ao tempo.

— Querido, vamos deixar para tomar as decisões depois do enterro. Maria vai ter de contar conosco. Agora é que devemos comprovar a solidariedade de quem lhe conduziu uma das crianças à pia batismal. (Achou bom ter evidenciado a antiga religiosidade.) É tarde. Vamos deitar. Amanhã, às cinco, deveremos estar de pé. Vai ser um dia cheio.

A conversa morreu aí. Cada qual levaria suas impressões para a cama. Concordavam tacitamente em que os travesseiros lhes forneceria seguras indicações de caminho para os pensamentos. Dolores estava mais certa de si e do marido. Fernando regozijava-se pelo desfecho pacífico.

NOITE BEM DORMIDA

Passou pela mente de Fernando convidar a esposa para enlace mais íntimo. Mas nem ele mesmo estava desejoso disso. Bastava-lhe ficar abraçado a ela. Queria sentir-lhe os pensamentos, as emoções sentimentais. Não conseguiu. A quietude da mulher parecia-lhe a expressão de algum temor. Desconfiaria dele?

Voltou-se para o outro lado. Dolores não se mexeu. Sabia que não estava dormindo. Apertou-lhe o sono. Quis orar por Jeremias. Como estaria o amigo nessa hora? Teria despertado no etéreo? Recordou-se da leitura de Kardec e dos interrogatórios a que submetia os espíritos evocados. Houve um que foi chamado logo que faleceu. Um espírito categorizado como feliz. Do grupo de estudos e trabalhos do Codificador.

Em lugar de orar as costumeiras preces, Fernando acabou adormecendo com a ideia de que deveria visitar o plano espiritual durante o sono. Queria conversar com os protetores. Queria ver em que estado se encontrava o amigo. E as demais pessoas. Vagamente, lembrava-se de que não ingerira bebidas alcoólicas, contrariando o hábito. Teria isso influência extracorpórea?

Ao passar a sono mais profundo, sentiu-se transportar. Reconheceu os amigos da espiritualidade. Estivera outras vezes com eles. Roque era o mais chegado. Tia Ana cumprimentou-o efusivamente:

— Você tem-se saído muito bem. Apesar de não se lembrar de nada, ficou-lhe na mente profunda a tendência à aceitação da vida após a morte tal qual a entendemos aqui. Vamos conduzi-lo até onde está Jeremias. Não estranhe, contudo, pois não irá conseguir ver-nos. Você irá perceber-lhe a disposição psíquica. Mas fique absolutamente isento de provocá-lo. Poderia causar-lhe algum transtorno, já que não se encontra muito bem.

Tomado pelo pulso, Fernando foi levado sem pressa até a sala em que jazia o corpo do amigo. Encontrou o espírito ao lado do cadáver. Lamentava a vida perdida. Compenetrara-se de que morrera em consequência de complicações por falta de imunidade contra os micro-organismos. A consciência apontava para falhas conceituais em relação à existência. Pedia perdão a Deus, solicitando-lhe ajuda para o difícil transe.

Fernando recebia as vibrações indiretamente, filtradas pelas frequências dos amigos presentes. Assim, interpretava corretamente as reações daquele espírito amigo.

Quis saber qual seria a preocupação dele em relação aos familiares.

Recebeu telepaticamente a resposta:

— Jeremias não está em condições de refletir a respeito das consequências da doença sobre os familiares. Recebeu o influxo da proteção dos benfeitores, no sentido de não exacerbar as reações dolorosas. Teve méritos para esse ponderável auxílio, principalmente porque foi um homem bom, honrado, honesto e trabalhador. Deu conta da educação dos filhos. Não fora a despreocupação com a esposa (fato, aliás, apreendido quase inconscientemente pelos usos e costumes estruturados na sociedade) e teria tido outro fim. Certamente, estaria com saúde, o que significa que encurtou a existência na carne. Isso lhe refletirá na consciência como suicídio. Haverá, todavia, tempo certo para redimir-se. Pelo que nos passaram os protetores, irá ter de permanecer na crosta, auxiliando os familiares, até que se alterem os dispositivos sentimentais deles em função de outros relacionamentos. Tudo dependerá, no entanto, de como reaja às obrigações. Não está preservado de descair no Umbral, bastando, para isso, que se revolte. Nesse sentido, ser-lhe-ão de grande proveito os trabalhos e leituras realizados nos últimos tempos, quando assimilou em parte os conhecimentos espirituais. Talvez as dúvidas possam atrapalhar seu desempenho, mas a turma do resguardo das aflições está preparada para amainar as consequências do ceticismo. Enfim, há que se dar tempo ao tempo. Por enquanto, as fortes vibrações das pessoas não lhe permitem manter a mente equilibrada. Vamos ver como se portará quando a família receber a notícia da AIDS.

Fernando agradeceu as informações. Não se recordava de ter tido outros esclarecimentos durante o sono. Quis saber dos efeitos das bebidas alcoólicas.

— O torpor produzido na mente física favorece a aproximação de seres de baixa categoria. São vampiros poderosos. O perispírito, ou seja, esse corpo etéreo que você está usando, permanece imantado pelos eflúvios alienantes. O domínio sobre as reações orgânicas se perde em ambos os planos. Não há como estar lúcido na espiritualidade, em estado de embriaguez corpórea.

— Terei lembrança destas respostas?

— De certa forma, pois a preocupação manifestada durante a vigília poderá frutificar em desenvolvimentos racionais. Caso atine com estas razões, lhe será facultado pensar de acordo com as informações recebidas. Por outro lado, nada lhe obstará o desejo de achar bibliografia adequada entre os textos espíritas. Tudo dependerá do crescimento de seu interesse pelos temas doutrinários.

— Como sentirei esta tertúlia, assim que despertar?

— Você irá sonhar com esta *viagem astral*. Pessoas treinadas conseguem recordações quase integrais. É necessário saber que muitos conhecimentos poderão ser considerados absurdos, quando colocados à luz da cultura dos encarnados. Que protetores seríamos nós, se prejudicássemos os assistidos? Não é verdade que a misericórdia divina nos muniu de precauções, para que ajamos prudentemente?

— Como deverei proceder daqui por diante, especificamente, durante o enterro, quando serei coagido a enfrentar situações religiosamente comprometedoras, pois temo que o Padre Timóteo possa estar querendo desferrar-se do *carão* que lhe passei?

— Aja o mais naturalmente possível. A verdade, às vezes, pode machucar, porém, reinará soberana através da eternidade. Não cabem recomendações que lhe adulterem a personalidade. A essa questão só você mesmo terá condições de responder. E não adianta querer encontrar-se com o espírito do litigante. Suas frequências vibratórias, se estivessem

calibradas pelo mesmo diapasão, não indicariam para o entrelaço de opiniões, ou para as antipatias.

Fernando observou que fora longe. Se pudesse, testaria as informações colhidas na obra kardeciana.

— Quando estiver lendo, interrompa para reflexões. Abra o canal mediúnico, para receber o influxo intuitivo que se está desenvolvendo rapidamente. O destino lhe aponta para a mediunidade. É serviço legítimo que se presta ao plano espiritual. Muitos deixam desaparecer essa tendência, que todos levam para a carne, e, quando regressam, têm de lamentar considerável atraso evolutivo. As suas visões se condensarão, durante o trabalho mediúnico. Não vá pensar que vão degenerar-se. Ao contrário, se aperfeiçoarão com o treinamento, com a prática. Contudo, há que calar o poder, aproveitando-o na ajuda aos necessitados, aos carentes de esclarecimentos morais e evangélicos. Nada de se engrandecer com a natureza do fenômeno, que se enquadra perfeitamente dentre as leis cósmicas, universais. Se se dedicar com afinco, não se transformará num Chico Xavier, mas será excelente servidor, com que poderão contar os benfeitores.

Fernando já não conseguia seguir direito os raciocínios. Embebera-se pela facilidade expositiva dos amigos (não sabia bem quem é que lhe passava as informações telepáticas) e não absorvera tudo. Sentia-se imaturo e começava a acreditar-se incapacitado para missão tão importante.

Imediatamente, o perispírito se reintegrou ao corpo físico. Mexeu-se na cama. Começou a sonhar.

Pela sua mente, passaram algumas correrias. Via-se num local com muitos esquifes. Alguns com janelinhas de vidro. Quis olhar para saber quem estava ali. Estavam vazios. Transportou-se para um hospital. Sentia-se arrastado. Fazia força para chamar o amigo Jeremias, que fazia de conta que não o ouvia. Soluçava. Tinha morrido, é claro. Fernando olhava através das paredes transparentes. Mas não tinha medo de nada. Alguns médicos e enfermeiros, de ambos os sexos, flutuavam pelos corredores. Havia forte luminosidade neles. E conversavam entre si. Falavam de exames de sangue. De AIDS. Diziam que era perigoso libertar o Jeremias. Poderia contaminar a família. Maria estava em um canto da sala. Ajoelhada. Rezando. Parecia a Fernando que iria sucumbir à dor. Sentia forte pressão moral para ir consolá-la. Dores aparecia e dizia que não. Que ela não precisava de apoio de homem algum. Que era forte para enfrentar a vida e a morte. De repente, Fernando se sentiu transportado para um local de delícias espirituais. Desejava ser um espírito feliz. Queria ser arguido por Kardec. Mas, em lugar de responder, só perguntava. A figura, que identificou com o retrato que vira na secretaria do Centro *Jesus de Nazaré*, explicava-lhe todas as perquirições. Com toda a clareza. Fernando se sentia com um livro nas mãos. O ambiente era o seu escritório da loja.

A aproximação dos devaneios com a realidade fê-lo acordar. Lembrava-se bem do sonho. Mas os temas discutidos ficaram vedados à recordação. Confundiam-se com as dissertações do livro. Imaginava-se conversando com Kardec, quando o rádio se ligou. Eram cinco horas. Precisava levantar. Dores voltou-se para o seu lado.

— Bom dia, querido. Dormiu bem?

— Como uma pedra. E você?

— Sonhei com a Maria, o tempo todo. Você também estava lá. Queria consolá-la, mas eu fiquei enciumada. Veja se tem cabimento. É porque enviuvou. Que Deus me perdoe!

Fernando desconfiou que parte do sonho poderia ter sido verdadeiro encontro no etéreo. Não fora isso que solicitara ao adormecer? Resguardou-se de comentar. Não queria provocar falsas conclusões. Havia um corpo insepulto e uma luta moral a travar. Que papel exerceria ele nessa conjuntura? Fosse qual fosse, tudo procuraria fazer com muito discernimento. A dor dos semelhantes começava a incomodá-lo.

VELÓRIO E ENTERRO

Quando Dolores e Fernando chegaram ao hospital, encontraram o corpo de Jeremias lacrado no ataúde e disposto no pequeno saguão destinado ao velório. Não faltavam os castiçais, velas e a aparatosa disposição dos panos pretos. Grande crucifixo demonstrava a tendência religiosa da família. Muitas flores e coroas. O ambiente recendia ao cheiro forte de incenso. Em toda a volta, dispunham-se cadeiras ocupadas pelos familiares. Os mesmos da véspera. Maria estava à cabeceira do caixão. Inconsolável. Ao seu lado, os filhos.

Fernando procurou Timóteo. O sacerdote não estava. Não havia nenhum representante oficial da Igreja. João também não estava.

Informaram-no de que o enterro seria às quatro. O féretro partiria às três. Não haveria missa de corpo presente, mas Jeremias receberia as bênçãos sacramentais na capela do cemitério.

Dolores aproximou-se da viúva. Condoía-se mais pela doença do que pela morte. Julgava justo que quem pecara tão despididamente recebesse semelhante castigo. Essa moléstia, que Deus a castigasse se estivesse supondo errado, fora enviada para manter as pessoas fiéis. Lembrava-se de outros casos. Desconfiava de muitos outros, escondidos pelas famílias. Desta feita, ficara sabendo, porque o marido fora informado diretamente pelos médicos. Não fora isso, provavelmente, iriam surrupiar-lhe a informação. Duvidava de que a amiga lhe dissesse a verdade.

Quis sondar-lhe o espírito:

— Infecção generalizada. Parada cardíaca. A civilização deste século está matando as pessoas. No século XIX, seria a tuberculose. Na Idade Média, a peste negra. Em todos os tempos, a guerra. Agora as doenças da civilização...

Maria não respondeu. Não sabia o que dizer. Chorava. E pensava nos filhos. Nos negócios. Nos empregados apalermados, sem saberem o que fazer. Os irmãos não tinham tempo nem disposição. Eram ainda mais abonados. Por eles, fechavam a loja e permaneciam só com a fabriqueta. Doze empregados fixos, mais as costureiras avulsas. O encarregado atual daria conta do recado. Assim que possível, um dos rapazes assumiria a administração e tudo se encaixaria. Ó Deus, não era hora de levar Jeremias!...

Fernando mantinha-se distante.

Delineava-se um dia muito triste. Chegara toda a família do amigo. Os pais estavam desolados. Que há para se dizer a quem perde um filho muito querido? Os irmãos sofriam, visivelmente. Jeremias era benquisto. Folgazão. Gostava de brincar com todos. A todos presenteava, em todas as ocasiões. Nos últimos tempos é que se recolhera, desconfiado de ser acusado de muitas coisas. Teria conhecimento da gravidade do estado da saúde? Fernando não sabia o que pensar.

Do lado de fora, espreciam alguns empregados. E familiares distantes. Conforme iam chegando as mulheres, os homens iam retirando-se da sala. Cediam as cadeiras. O ar estava ficando viciado. As janelas foram abertas. Os comentários giravam em torno da necessidade de se lacrar o caixão. A palavra infecção se acompanhava do adjetivo *generalizada*, como se a doença pudesse espalhar-se pelos presentes. Os cuidados médicos estavam a indicar para essa grave possibilidade. Alguns arriscavam certo, mas calavam o palpite. Muitos sabiam das estrepolias sexuais do amigo, do patrão, do irmão, do cunhado.

Fernando ocultava o quanto podia as revelações médicas. Haveria tempo para novas explicações. Leonel encarregar-se-ia de discutir o assunto. Se quisessem, os médicos estavam inteiramente à disposição. Todos os resultados dos exames estavam sendo profundamente analisados.

Queriam saber se os advogados do hospital ou do convênio médico estavam presentes. Desconfiavam de erro ou de negligência. E Leonel, que não aparecia?... Disseram que estava providenciando o enterro. Fernando julgava que não queria comprometer-se. Teve uma ideia salvadora:

— Não acham que deveriam afastar os rapazes de junto da mãe? A presença deles deve afetá-la muito e eles mesmos devem estar transtornados. Podem passar mal, se não se alimentaram direito...

Os demais notaram o desvio da conversa. Mas concordaram que deveriam fazer algo a respeito. Deram-lhe sossego.

À vista das pressões, resolveu desaparecer, sorrateiro. Iria ao escritório. Ao passar pelo portão principal, cruzou com Joaquim:

— Seu Fernando, espero que não ligue se venho cumprimentar a viúva, na hora do expediente. Sabia que iria encontrá-lo aqui e lhe peço para permanecer à disposição da família. Nestas ocasiões, há de ter utilidade um valete...

— Fique à vontade.

Sempre havia lógica nas ponderações do velhaco. Não viera fugido. Mas deveria ter faltado, simplesmente. Arranjar-se-ia perante o patrão. Safado!

Fernando não admitia esse tipo de atitude, mas não iria irritar-se por tão pouco. Quem estava arriscando o emprego...

Ao chegar à loja, verificou que tudo se encaminhava da melhor maneira. João estava terminando o levantamento do estoque. Em breve, iria visitar os fornecedores, para fechar as contas. Aí, teria a dimensão aproximada do movimento e dos balancetes, podendo configurar os desvios fiscais com mais exatidão.

Lembrou-se de ligar para os responsáveis pelas empresas do falecido. Estavam funcionando precariamente. Muitos dos empregados estavam dispensados para o velório. O restante da turma iria ao enterro. Assim, não haveria perda total do dia. Não tinham

contado com tanto atraso para o enterro. Quem estaria no comando da organização? Disseram-lhe que Leonel passara por lá e dispusera tudo bem a contento.

Fernando não sabia, mas desconfiou de que os funcionários ganhavam por produtividade ou por percentual. Tranquilizava-se. Tudo sob controle. Aguardaria que o gerente o procurasse. Ou o João. Enquanto isso, adiantaria a leitura. Bendita hora em que cismou de volver ao escritório!

Ao meio-dia, cansado e com fome, resolveu ir conversar com o contador. Não estava, mas deixara aviso de que voltaria às duas, com toda a turma. Achou melhor ir almoçar em casa. Passaria pelo hospital para levar Dolores. Não conseguiu que a avisassem.

Teve azar. Dolores já tinha saído. Fora com Maria. Fernando sobressaltou-se. Será que teria revelado o segredo da doença? Não, por certo, que não iria arcar com as consequência emocionais. Isso era coisa para os médicos. Para mais tarde. Para a semana que vem.

Teria voltado para a loja, se não tivesse avisado para lhe prepararem o almoço. Aliás, o apetite feneceu com o primeiro prato. Um fundo de prato. Ouviria um pouco de música clássica. Algo muito suave. Lembrou-se da música do Centro Espírita. Vivaldi. Ou Brahms. Ou Schubert. Ou Bach. Não tinha tanta noção. Colocou um CD de Beethoven. Recostou-se na poltrona. Não queria entrar em contacto com o plano espiritual. Divagava sob o influxo das ideias de Kardec. Quase terminara a primeira obra. Estranhava a eficácia da leitura. O interesse desusado. Acordou às duas. Estava pronto para as demais emoções do dia.

Ligou para a loja. Tudo bem. Ligou para a casa de Maria. Quem sabe poderia ser útil para algo?! Não estavam. Voltaram para o hospital. Fernando julgou que poderia ser considerado desleal. Precisaria firmar opinião e enfrentar as próximas horas e os próximos assédios. Era hora de encontrar-se com Timóteo. Sentia que o padre estava em vantagem. Contaria com a hipersensibilidade das mulheres. E havia muitas testemunhas...

Quando chegou, aprestava-se o cortejo. Não conseguiu aproximar-se da entrada da sala de onde sairia o féretro. Ouvia choro sentido. Despedidas. Lamentações. Pensou que, se Maria soubesse a verdade, explodiria em recriminações, em acusações. Poderia repudiar o marido. Ali mesmo. Cadáver, embora.

Reconheceu o pessoal do júquei e a turma do pôquer. Havia muitos desconhecidos e ninguém para as apresentações. Apinhava-se a portaria do hospital, incomodando o fluxo normal das pessoas. Atendentes faziam caretas, indicando a porta da frente. Dessem a volta, que o velório era nos fundos. Mas a multidão não se mexia. Dentro em breve, partiriam todos. Era uma questão de paciência.

Quando saiu o caixão, para ser colocado no carro fúnebre, pôde divisar Dolores apoiando a amiga. Junto a elas, Joaquim. Serviçal. Compungido. Quis entender o interesse do maganão. Claro! Está de olho na direção da firma! Só pode ser isso!

Quando a fileira de automóveis se pôs em movimento, ofereceu carona para dois ou três balconistas. Agradeceram e aceitaram, embora houvesse dois ônibus fretados para levar os que estavam a pé. De onde surgira tanta gente? Não sabiam. Havia um pessoal bem simples. Quem providenciara? Leonel ou Joaquim? Parecia mais lógico este último.

Ao chegarem ao cemitério, demorou para Fernando encontrar local para estacionar. Também ali havia guardadores solícitos. Aprendera a lição. Deu logo o que pediram, sem discutir. Quando chegou diante da capela, muita gente estava do lado de fora. Melhor. Evitava a solenidade religiosa. Daria um passeio por entre os túmulos. Fazia tempo que não tinha semelhante distração. Se tivesse sorte, conversaria com algum espírito no aguardo do desvencilhar corpóreo. Achou difícil, que esses são sofredores. Ao menos, poderia orar por eles. Na intenção de suas almas. Para receberem a graça de serem admitidos no Paraíso.

Sorriu interiormente, pois gracejava com os conceitos católicos. Sabia que a opinião espírita era outra. Lera todo *O Céu e o Inferno*, em sua parte teórica. Tinha condições de admitir outra realidade.

Enquanto percorria os estreitos caminhos entre os túmulos, examinava os epitáfios. Havia jovens, velhos, crianças, homens, mulheres. Cruzes, santos, esculturas... Sentiu dificuldade vocabular. Não dava o nome certo aos apetrechos usuais. As fotos, em geral, eram esmaecidas. Alguns túmulos estavam desleixados. Na maior parte, sepulturas luxuosas e bem cuidadas.

Foi afastando-se do bulício. Forçou a vista. Queria a comprovação dos espíritos, naquele campo santo. Não viu ninguém que não fosse de carne e osso. Distraíra-se. Evitava pensar no amigo. Percebeu nitidamente que todas as preocupações do dia o voltaram para si mesmo, para seu desempenho, para a ajuda que poderia prestar, não no sentido de dar conforto ou consolação aos demais, mas para não promover distúrbios conscienciais. Despertava para o egoísmo.

Acabrunhou-se. Quanto deveria aprender no campo da moralidade! Do evangelho! Com que destemor Kardec enfrentara os padres! Para dizer o que disse a respeito dos conceitos de Céu e Inferno (e de Purgatório — invenção eclesiástica!) deveria ter sido muito corajoso. Estava com medo de simples padeco de paróquia de bairro. Kardec desafiara o Bispado. No mínimo. Recordou-se dos livros queimados em praça pública. Valia-se das informações da palestrante. Dalva, se não se enganava.

Percebeu movimentar-se o povo. Era o momento de depositar o caixão na cova. Não teve vontade de aproximar-se. Fá-lo-ia por obrigação social. E não queria estimular ainda mais a revolta de Dolores. Devia estar uma *fera*. Mas tinha a desculpa do assédio dos parentes.

Ao se juntar ao grupo, observou que Timóteo se encontrava à frente do cortejo. Seguravam as alças, os filhos e outros parentes próximos. Revezavam-se. Quis exercer o mesmo direito. Na sua frente, Joaquim se antecipou. Ao perceber o patrão, cedeu a vez, com ares muito respeitosa. De circunstância. Era uma figura ímpar. Fernando deu dez passos e passou a missão a um dos balconistas. Depois, deixou-se ficar para trás. Subitamente, desejou orar pelo amigo. Se estivesse por ali e lúcido, perceberia a falsidade de alguns, o desespero dos mais próximos, as preocupações formais da maioria. Mas Fernando suspeitava de que o amigo estava em condições morais deploráveis. Já pensou se tiver consciência de que passara a doença à esposa?

— Senhor, dai-nos força para enfrentar o nosso destino de dor. Ajudai ao meu amigo nesta rude travessia. Dai-lhe luzes para a compreensão do carma humano, das falências pessoais, da rusticidade do espírito ligado à carne. Facultai-lhe o entendimento

da dimensão exata de suas responsabilidades, enviando-lhe protetores beneméritos, capazes de envolvê-lo em fluidos amorosos, para subtraí-lo das próprias amarguras. E impedi que receba as más vibrações de quem compareceu com intuitos vis. Proibi-me, Pai, de prejudicá-lo, com meus péssimos hábitos morais, com a minha impostura, com o meu egoísmo, com o meu orgulho. Se houver algo que possa fazer pelo meu amigo, Senhor, possibilitai-me atendê-lo em suas necessidades, agora, durante o sono, no Centro, onde quer que se promova o nosso encontro. Graças vos dou, Pai, por me terdes facultado inspirar-me nesta prece. Obrigado, amigos da espiritualidade, pelo conforto íntimo desta superior manifestação evangélica.

Fernando compreendia que não falara por si mesmo e que sua vibração, quase certamente, estaria alcançando o espírito de Jeremias.

Neste momento, deu com João observando-o. Será que os dons mediúnicos do confrade o estariam alertando para suas emoções?

Tirou o lenço do bolso. Despreocupou-se com a opinião. Sentia, no fundo da alma, verdadeira saudade do amigo. Era a sensação da perda. Mas ficava-lhe a promessa intuitiva do reencontro. A misericórdia divina providenciaria.

Afastou-se, sem prestar atenção na murmuração do povo. Rezava-se o padre-nosso. Resignou-se a esperar que a maioria se retirasse. Deixava os próximos minutos ao azar dos acontecimentos.

DE SURPRESA EM SURPRESA

Enquanto aguardava, Fernando pôs-se a observar a multidão. Após a prece, a alma estava mais leve e a mente mais clara. Era como se tivesse recebido o influxo energético de poderosas entidades de plano elevado. Sentia-se abençoado.

Foi capaz de verificar a presença de amigos da espiritualidade. Reconheceu Roque, mas não viu a Tia Ana. Quis saber quem eram as outras entidades.

— Ali está Irineu, cuja comunicação você ouviu no Centro. Acompanha sempre o amigo Francisco. Como se fora anjo da guarda. Existem outros protetores dos médiuns presentes. (Esclarecia-se que fora o contador quem trouxera a gente simples.) Se você quiser, poderei dar-lhe a ver espíritos brincalhões. São sofredores em estágio na Crosta, para aprendizagens diversas. Não sabem, mas estão acompanhados dos guardiães espirituais. Se desejarem prejudicar inocentes, serão afastados incontinênti.

A proposta era tentadora. Arriscou aceitar. Começou a ter visões estranhas. Havia dois ou três, tentando fazer cócegas, para provocarem o riso em desconcentrados na solenidade. De fato, trocavam palavras furtivas, como se comentassem aspectos ridículos.

— Será que os encarnados estariam sentindo-lhes a presença?

— Negativo. Estão dando azo a serem obsidiados. Note que a ação física é meramente efeito visual. O que as entidades estão fazendo é imantando, com suas baixas vibrações, as mentes dos humanos que lhes dão chance, por desejarem abstrair-se do clima religioso. Acima do conjunto em desarmonia, existe um dos nossos, isolando-os com cordão vibratório. Não irão perturbar as orações dos verdadeiros amigos.

Fernando notou maior movimentação junto aos familiares.

— Quer definição sobre o que se passa?

— Por favor.

— O sofrimento desvairado gera fortíssimas vibrações. Há pessoas em estado de crise nervosa, especialmente a viúva. Neste momento, alguns encarnados tiveram notícia da verdadeira doença do Jeremias e, por via inconsciente, emitem rajadas fluídicas contra o desencarnado. Aproveitam-se disso os malignos, concentrando as péssimas energias para ferir o recém-chegado. Agem gratuitamente. Se lhes perguntarmos, vão dizer-se vigilantes das leis ou oficiais das hostes do Senhor. Querem passar-se por fatores da divina justiça. Mas não têm boa-fé. Na verdade, desejam-lhe os mesmos pesares que sentem nas *vítimas*. Transferem também as próprias dores, como se compensassem as pesadas cruzes

que carregam. Esses não são fanfarrões. Você não poderá visualizar os benfeitores, mas sinta como os daninhos não alcançam ofender nem Jeremias (de relance, viu-lhe o espírito em prantos), nem as pessoas que verdadeiramente o amavam, particularmente os filhos e a esposa.

Tudo era novidade para Fernando. O interessante é que não precisava endereçar o olhar para a sepultura, para perceber o que se passava. Era como se visse com os olhos da alma. Sabendo que era uma graça especial, esforçou-se por agradecer o contacto telepático ou mediúnico.

— Você tem muito que aprender. Saiba, contudo, que esta disposição mental fluiu dos sentimentos legítimos de consideração e boa vontade para com o amigo desencarnado. Foi assim que se abriu o campo magnético, através do qual o influenciámos. O local não é propício para muitas explicações. Fiquem-lhe estas impressões como resíduo sobre que aplicar os estudos doutrinários, nos aspectos técnicos.

Acordou-o João da imersão consciencial:

— Esperamos você, hoje, no Centro.

Fernando advertiu que era quinta-feira, dia em que prometera voltar com Jeremias, para a sessão de aprendizado mediúnico.

— A sorte destinou-me uma decisão solitária...

— Solidária, caro chefe, que todos nós estamos resolvidos a atendê-lo nos reclamos espirituais. No que nos for possível, pois todos estamos aprendendo. Como diz o Chico Xavier...

João suspendeu o discurso. Havia muita gente solicitando-lhe os préstimos.

— Desculpe-me. Tenho de remeter de volta o povo do Centro. São carentes a quem damos assistência material e espiritual. Quiseram comparecer, para cercarem o companheiro de bons fluidos. Caso não saiba, Jeremias praticamente mantinha sozinho o departamento. Anonimamente. Não se imiscuía na gerência dos trabalhos, mas... Depois conversaremos. Tenho novidades quanto à sua firma. No Centro...

Com a retirada daquela turma e dos empregados, ficaram os parentes e os amigos. Estes também foram despedindo-se. Fernando considerava-se íntimo. Eram compadres. Isso valia créditos emocionais. Mas ali estava Timóteo, a açambarcar a atenção da família.

Ao aproximar-se, Fernando pôde perceber que estava assinalando as providências religiosas. Não se preocupassem. Reservaria o melhor horário para a missa de sétimo dia. Toda a ornamentação de flores correria por conta da paróquia. Era o mínimo que poderia fazer, depois de Jeremias ter tanto contribuído para as obras assistenciais.

Também ali? Quem era esse filantropo que ele não conhecia? Desde quando seus rendimentos eram tão elevados, para sustentar tanta benemerência?

— Eis que chega o nosso rebelde.

Fernando notou que o padre queria envolvê-lo na aura de hostilidade do grupo. Não se incomodou. Naquele instante, o que mais queria era reconciliar-se com todos. Imaginou as entidades a fazerem cócegas no padre, mas viu também os protetores atuando. Daria o testemunho da verdade:

— Padre Timóteo, tenha por mim a consideração do confessor, por favor. Poucos aqui sofreram mais que eu a dor da perda dessa pessoa que me era tão querida. Os nossos laços de amizade não se romperão com esse transe natural para o além. A

eternidade espera por todos nós. Dentro de alguns átomos de segundo, encontrar-nos-emos reunidos no etéreo. Sob o manto misericordioso de Jesus.

Ele mesmo não acreditava que fora capaz de realizar semelhante discurso. Dolores estava impressionada. Timóteo julgava-se na necessidade de complementar de forma gloriosa:

— Deus abençoa a todos nós, os seus filhos, pelas palavras santas do nosso leal paroquiano. O filho pródigo sempre há de regressar à casa do Pai.

Elevando a mão, fez um amplo sinal da cruz, obrigando a todos a se persignarem. Leonel não hesitou. Fernando encarava o sacerdote, enquanto sutis lágrimas lhe escorriam, sem que fizesse menção de recolhê-las. Que Deus faça que tais sentimentos sejam honestos! Mais que nunca, estava resolvido a comparecer ao Centro, naquela noite.

Aproveitando-se de seu destaque dentro do grupo, aproximou-se de Maria, apanhou-lhe as mãos e depositou carinhoso beijo. Era o pedido de perdão. Era a evidência de que não se magoara. Se estivesse observando a esposa, talvez atenuasse a demonstração sentimental. Buscou o afilhado e o abraçou ternamente. Estendeu o braço e agasalhou o irmão. Todos se comoveram.

Maria entendeu que o compadre queria volver ao seio familiar, mas não se deixou abalar por afeto tão palpável. Esperava pelas ações. Além de Timóteo, fora a única que constataria que Fernando não se benzerá. A vida estava sendo muito dura para com ela, para que se deixasse levar por emoções banais. Ninguém tinha o direito de representar maior sofrimento.

Dolores acercou-se do marido. Queria o seu quinhão de emotividade. Sentira-o distante o dia todo. Fugira da obrigação rude de permanecer junto ao cadáver. Desejaria ganhar de volta a consideração de todos, sem esforço algum? Lembrou-se da figura do filho pródigo. Era bem significativa. Aquele que fica sacrificando-se nunca é reconhecido. Será que o marido tinha arquitetado a volta triunfal? Seria inspiração demoníaca.

Todos estavam sentimentalmente exaustos. Necessitavam de descanso. Convidaram o casal para ligeira refeição na casa da viúva. Aceitariam, se não houvesse tanta gente a atender. Dolores agarrava-se ao braço do marido. Iriam para casa. Amanhã, ligaria para combinarem o que se julgasse oportuno. Amigas são para essas coisas.

À porta do cemitério, discretamente, Leonel atraíu Fernando para um canto, enquanto a mulher se despedia. Precisavam pôr a família a par de tudo.

— Dolores está sabendo. Vamos perguntar-lhe o que acha que devemos fazer. São tão amigas que talvez deseje compartilhar desse momento de dor.

Foi buscá-la, procurando não despertar atenção. Contudo, a muitos não passou despercebida a manobra. Ainda lhes deviam explicações.

— Querida, como você pensa que devemos dar a notícia da doença?

— Não se preocupem. Já tivemos uma conversa de mulher para mulher. Ela está ciente de tudo. E tem certeza de que não está contaminada. Já ligou para o médico do convênio e marcaram os exames. Quando me referi às providências para amanhã, era sobre isso que falávamos. Fiquem sossegados. O mais vai correr por conta de vocês, em relação aos familiares. Por que não aproveitam a oportunidade de estarem todos aqui? Deixem Maria ir na frente, para não constrangê-la. Eu cuido disso.

De fato, não demorou para o carro levar a viúva, os filhos e os pais.

Ao ouvirem a palavra AIDS, os interessados no diagnóstico empalideceram. Houve quem quisesse duvidar. Mas os comentários a respeito da vida sexual do morto fizeram-no calar-se.

Em pouco tempo, o grupo dispersou-se, cada qual levando na alma a aflição da viúva.

Fernando estava admirado da fortaleza moral das mulheres. Estimava-as mais por isso. Mas, em sua mente, avolumava-se negra sombra de temor. Quais seriam as lutas que deveria enfrentar para emancipar-se espiritualmente, religiosamente? Conseguiria sem querelas, sem resistências, sem manobras sorrateiras, sem sacerdotes *entrões*, sem espiões sagazes? Conseguiria, sim, se se mantivesse fiel aos orientadores espirituais. A ida ao Centro, naquela noite, seria a pedra de toque dos relacionamentos futuros. Intimamente, pedia a proteção dos benfeitores.

AS ATIVIDADES DE MARIA

Assim que se pilhou só com os filhos e os pais, Maria não teve dúvida em revelar-lhes o segredo da morte do marido.

— Desconfiava de que algo pudesse estar ocorrendo nesse sentido. Cheguei mesmo a conversar com ele sobre isso. E se me passasse a doença? Estou dizendo tudo isso para tranquilizá-los, pois, desde há muito, vínhamos utilizando preventivos. Agora que os meninos são adultos, devo dizer-lhes que seu pai foi um pilantrão de primeira. Não sei se ele tentou levá-los a alguma casa de tolerância, visitar essas mulherzinhas baratas...

— Santo Deus, minha filha!

Era a mãe contemporizando. Parecia-lhe que a memória do genro devesse ser respeitada.

— Pergunte a senhora a eles. Talvez tenha alguma surpresa...

E aguardava que os jovens se definissem.

O mais velho atreveu-se:

— O pai, um dia, quis saber como nos *virávamos*. A Senhora sabe... Pois eu disse que não se preocupasse. Que tínhamos conhecimentos, amizades. Na faculdade e até no colégio, sempre com *camisinha*.

A postura franca da mãe e a recente tragédia familiar amenizavam os problemas do pudor que sempre se mantivera naquele lar, sob a enérgica visão do Cristo crucificado, na parede da sala. Ou das imagens de santos, sobre os móveis.

— Mas ele os levou...

— A mim, nunca, a não ser...

O mais novo apressou-se a completar:

— Comigo foi sempre a mesma coisa. Uma vez, ele até sugeriu que me aproximasse de uma *zinha* que estava *dando bola*. Mas concluí que não passava de teste. Quanto a saber de suas *aventuras*, quando era pequeno, muitas vezes, eu ficava brincando na rua, enquanto ele ia visitar...

— Está vendo, mãe? São eles que estão dizendo.

— E por que você não fez nada?

— Quem disse que não fiz? O Padre Timóteo ouvia-lhe as confissões e lhe dava tremendas penitências. Terços e mais terços. Ele prometia a Deus e a mim que estava tudo terminado, que não voltaria a pecar. Chorava. Tremia. Dizia que eram impulsos irresistíveis. Que estava acostumado desde solteiro. Eis no que deu...

— Mas você vai fazer os exames?!

— Já marquei para amanhã. Dolores, que me contou tudo, vai comigo. Se a Senhora puder ir, eu gostaria muito, principalmente quando chegarem os resultados. Tenho quase certeza de não estar contaminada, mas, se estiver, irei lutar. Que culpa tenho eu, se o meu marido trouxe para dentro de casa essa maldição?...

Estava a pique de sofrer um choque nervoso. A mãe foi buscar água com açúcar. Foi esconder as lágrimas. O pai aproximou-se e pegou-lhe a mão, encostando-a em seu ombro forte. Nada dizia. Pensava, apenas, que era muito tarde para dar uma lição no desgraçado. Aliás, tivera o seu quinhão. Lembrava-se de não se ter confessado antes de morrer. Se estivesse em pecado mortal... Ergueu a voz:

— Morreu em pecado mortal?

— Não, pai. Faz tempo que Jeremias parou de frequentar aquela casa. Não estava aguentando os trancos que eu lhe dava. Ultimamente, defendia-se com o confessorário: “Se Deus me perdoou, por que você não me perdoa? Quer ser mais que Deus?” Ele me mandava conversar com o Padre Timóteo. Que fosse a outra igreja, se não ficasse satisfeita, imaginando que estivessem de conluio. Nos últimos tempos, estava andando na linha. Não fosse o centro espírita e a malandragem do Fernando, acredito que ficaria mais em casa.

Arriscou o pai um palpite:

— Conheço muita gente boa que vai ao Espiritismo...

— Há muita gente boa em todas as religiões. Acontece que ele estava destinando verba enorme para a benfeitoria... Para a igreja do Padre Timóteo dava bem menos. Não era ele quem me dizia, mas eu sabia de tudo. De tudo. E muito bem. Se, ao menos, o dinheiro tiver sido bem empregado, eu não irei protestar. Mas quem me garante que não havia alguém embolsando...

A água açucarada e as lembranças financeiras restituíram-lhe o equilíbrio emocional.

— O que eu queria falar com vocês diz respeito às firmas. Ninguém demonstrou interesse em administrá-las. Sugeriram que vendesse a loja e ficasse apenas com a fábrica. Não estava em condições de discutir. Mas já me decidi. Se os jovens aí não estiverem dispostos a largar os cursos para enfrentarem o *batente*, eu mesma vou ficar à testa dos negócios. Não tenho experiência, mas vou aprendendo com os chefes das sessões.

Hesitava em comunicar que resolvera contratar os serviços de Joaquim, oficialmente. O tratante recebia gordas comissões por fora. Agora não havia mais motivo. Como, porém, demonstrara interesse e sempre lhe dera todas as informações, tintim por tintim, podia confiar, ao menos por algum tempo.

— Mãe (era o mais velho), a Senhora tem certeza de que vai estar segura com aquele *traidor*?

Lembrava-se da expressão que ouvira do pai.

— Deixe comigo. Não tenho por que duvidar de sua fidelidade a mim. Conheço a *peça* e não me deixarei enganar. No primeiro titubeio, vai conhecer o olho da rua.

Estava assumindo desde já as rédeas dos negócios.

O pai gostou do que ouviu. Velho comerciante, conhecia profundamente o *métier*:

— Não se esqueça de que um bom contador é a garantia de gerenciamento seguro.

— Pois aí é que está o maior problema. Foi o contador que levou Jeremias ao Espiritismo. Sei que trabalha direito, mas acho que não vou tolerar conviver com essa figura. Tenho de pensar muito sobre isso.

Para quem estava viúva há tão pouco tempo, até que as manifestações da vontade superavam de muito o transe emocional. Quem a visse, diria que falseara os delíquios sentimentais. Que só representara o papel de viúva transtornada. Sofrera muito, a vida toda, com as imposições machistas do defunto. Iria aparecer para o mundo com sua verdadeira face. Deus estava, de novo, escrevendo certo por linhas tortas.

PRATICANDO A MEDIUNIDADE

O relacionamento entre Fernando e Dolores estava prestes a definir-se pela separação religiosa. Tinham ambos a impressão de ser fato irreversível. Ela não se sentia capacitada a dissuadi-lo, percebendo que as invocações de caráter sentimental não surtiriam efeito. Ele tinha os argumentos íntimos da solidariedade espiritual, impossível de fazer valer em demonstração argumentativa racional, falta de comprovação. Aliás, sentia-se mesmo impedido de relatar os diferentes contactos, para não dar demonstração de insanidade mental. Bastava a experiência da loja com o Joaquim.

Estavam, pois, tacitamente de acordo que fariam conforme as consciências. Assim, às sete horas, após repasto frugalíssimo, em que evitou tocar nos pratos à base de carne, Fernando saiu, não sem convidar a esposa a acompanhá-lo ao Centro Espírita *Jesus de Nazaré*. Se sentisse a respiração da consciência, iria percebê-la aliviadíssima.

Em caminho, lembrou-se de solicitar aos mentores que o ajudassem, para que pudesse cumprir as obrigações. Pelo que lhe foi dado ver, na única sessão a que compareceu, talvez não se sentisse à vontade para reproduzir as falas dos sofredores. Sentir-se-ia envergonhado. Pedia força e, se fosse possível, que algum médium trouxesse mensagem de Jeremias ou, ao menos, notícia de seu estado psíquico. Temia que não estivesse bem, à vista do sofrimento que lhe foi permitido visualizar durante o enterro.

Foi recebido à porta por João. Queria dar uma palavrinha antes, a respeito dos serviços de escrituração.

— Temos meia hora e aqui, na secretaria, não seremos atrapalhados. O pessoal que vem hoje está ligado aos cursos. Da diretoria, só eu mesmo, que pouco atuo junto à mesa. Você verá. Mas o Eduardo me passou as informações colhidas em diversos fornecedores. Muitas das notas que desapareceram eram *frias*. Não constam da contabilidade dos fornecedores. Se nós denunciarmos a entrada das mercadorias e quisermos pagar os impostos correspondentes, iremos ter de denunciar a falcatura, desde mais acima. Tudo indica que os mesmos fiscais estão envolvidos. Recebiam de você e dos outros. Pode estar acontecendo, também, que haja rede bem maior, a partir de departamentos...

— Como entra o Silvano nessa jogada?

— Desconfio que desconheça o terreno em que está se metendo. Por mim, prudentemente, vou fazer o levantamento de todas as faturas *quentes*, para propor ajuste fiscal relativo aos débitos comprováveis. À parte, darei balancete completo das atividades paralelas. É como se existissem duas firmas: uma no plano da realidade, outra no da fantasia. Como matéria e espírito...

João jogava com a terminologia, mas não pretendia gracejar. Exemplificava, tão somente. Estava apreensivo, pois qualquer deliberação do comerciante iria envolver o setor da escrituração contábil. Se julgasse melhor denunciar, haveria que estabelecer levantamento dos estoques, para comprovação da origem. A fiscalização reagiria de forma imprevisível, pois não se poderia saber até onde se implicariam os agentes do Governo. Se, ao contrário, se optasse por manter os livros de acordo com as notas e faturas existentes, ficaria a possibilidade de ir para frente a instigação de Silvano e tudo o que se registraria como *caixa dois* poderia ser esclarecido pela Corregedoria.

Fernando compreendia o impasse do contabilista.

— Faça de acordo com a consciência. Após o levantamento completo, quando se caracterizar a extensão dos procedimentos desonestos da fiscalização, dos fornecedores e da firma, resolverei o que fazer. Mas não vou furtrar-me de considerar as suas ponderações. Penso que não esteja afastada a hipótese de uma visita ao Doutor Onofre. Ou ao Silvano.

João percebeu que Fernando iria até o fim e louvou-lhe a decisão.

— Deu tempo para iniciar alguma leitura?

— Quase completei *O Céu e o Inferno*.

— Está gostando?

— É muito esclarecedor. Kardec diz muita coisa que os padres não gostam de mencionar. O que mais me impressionou foi a criação do Purgatório. Pensava que fosse da tradição eclesiástica, como reflexo da própria verdade. Um local de purgação para quem não praticou pecados capitais...

— Kardec diz-nos que o Purgatório existe, mas é aqui na Terra mesmo...

— E está perfeitamente certo. Se foi criação do sacerdócio para a venda das indulgências, então que mereça interpretação mais coerente com a verdade.

— Se você tivesse lido *O Livro dos Médiuns*, iria sentir-se melhor preparado para esta noite.

— Talvez. Mas *O Céu e o Inferno* correspondia melhor às minhas íntimas necessidades.

Não dava tempo para as explicações das *íntimas necessidades*.

— Os trabalhos de hoje vão desenvolver-se numa sala menor. Aquela mesma dos passes. Venha comigo.

Ao adentrar a saleta iluminada, Fernando pôde observar que era maior do que lhe parecera na outra noite. É que ampla mesa tinha sido disposta no centro. Durante a sessão de passes, ficara encostada na parede, o que limitara o vão para as cadeiras. Pensava sobre essas coisas, enquanto permanecia silencioso, em meditação. As oito pessoas presentes concentravam-se, sem darem atenção aos recém-chegados.

Furtivamente, Fernando perpassou o olhar pela assembleia para ver se reconhecia alguém. À cabeceira, o capitão da reserva, Francisco. Cabeça baixa. Em oração.

João fazia as vezes do contra-regra, cuidando do som e da luz. Quando chegaram, ouvia-se suave melodia de câmara. Violinos, violoncelos. João diminuiu a intensidade da luz, até um ponto em que se pudesse ler. Abaixou o som, deixando-o como que provindo de muito longe. Alguém, com leve dificuldade de audição, diria que fora desligado o aparelho.

Uma senhora assumiu a direção dos trabalhos e solicitou de todos o máximo de concentração à leitura. Abriu um dos livros à sua frente e pôs-se a ler texto a respeito de Jesus. Falava sobre o Mestre, em sua passagem pela Terra. Mas não reproduzia os evangelistas. Falava como se fora em tese, sobre a bondade, sobre a caridade, sobre o dom de curar o corpo e a alma, sobre a solidariedade. Só fatos positivos. Dizia que Jesus era espírito de elevada categoria, sobre quem pesava o fardo de orientar o Planeta, o que fazia com o máximo de competência. Citava de passagem a maldade humana, para afirmar, em seguida, que a humanidade vinha melhorando, século a século. Terminava prometendo a redenção do homem para o terceiro milênio, sob a luz do Espiritismo.

Fernando esperava que se fizessem comentários, mas a senhora pôs-se a orar a Prece de Cáritas (segundo o que ela mesma declarou). Em seguida, rezou um pai-nosso (Fernando notou que diria padre-nosso) e cometeu uma série de deslizos de concordância, o que incomodou o neófito. O Padre Timóteo, pelo menos, começava com *vós* e jamais imiscuía o *tu* desagradável da intimidade com o Pai. Aí, percebeu que não estava devidamente concentrado na oração. Era preciso superar essas preciosidades formais. Deveria dar importância ao aprendizado que viera buscar. O espírito crítico poderia prejudicar-lhe a aquisição desejada. De si para consigo, resolveu orar um padre-nosso, buscando desligar-se do grupo.

Ia em meio da oração, quando Francisco, com o vozeirão característico, declarou que a entidade que se incorporara era o Irineu. Sua flexão, no entanto, transmudara-se muito. Era o mesmo timbre, contudo a maneira de falar parecia de outra pessoa. Se estivesse num palco, dir-se-ia que representava muito bem sua personagem.

Irineu conclamou os presentes a que se mantivessem coesos na vibração espiritual, para o que deveriam concentrar-se na ideia de que Jesus poderia estar presente. Imaginassem o Mestre à porta de entrada, espírito superior de luz, a dar a todos a tranquilidade da perfeição, do equilíbrio, da paz. Havia alguns espíritos desejosos de se manifestarem, para quem os proponentes-médiuns deveriam dar passividade.

Um a um, os que rodeavam a mesa foram falando o que lhes vinha à mente. Era uma pessoa desejando informar que estava bem, que a morte era só passagem para outra dimensão (*para a pátria espiritual*, como disse). Era uma sofredora que desejava restabelecer os vínculos do amor maternal, porque a filha estava esquecida dela, embora forcejasse para fazê-la sentir sua presença. Era um rapaz muito novo, morto atropelado há algum tempo, que pedia orações, pois sentia muitas dores na cabeça, local atingido na queda.

Quando Irineu pediu para Fernando falar, imediatamente sua visão abriu-se para o etéreo. Ouvia Roque dizendo-lhe para reproduzir-lhe as palavras. Era como se estivesse com fone de ouvido e devesse retransmitir a mensagem. Não era bem essa a ideia que fizera da incorporação e ficou receoso de não atingir os objetivos do orientador espiritual. Mas pôs fé em que não seria difícil. A luz tinha sido amainada mais ainda, e, naquele

ambiente azulado, pôde ver que os demais estavam cabisbaixos, como se não estivessem prestando atenção em nada do que pudesse dizer.

Irineu insistiu para que falasse.

— Amigos, boa noite! Que a paz de Jesus esteja com todos! Estamos tristes porque um amigo querido foi enviado para o plano dos imortais, sem condições adequadas de usufruir a felicidade de consciência tranquila. Todos aqui conheceram Jeremias, que conosco primava o prazer destas reuniões de aprendizagem e amor fraternal. Todos sabem do elevado desejo de aprimoramento espiritual que portava. Pois lhes peço para, serenamente, enviarem prece saudosa ao irmão, para que sinta a nossa vibração de amizade, de afeto, de solidariedade.

Fernando sentia que traduzia mal a manifestação, como se, na verdade, recebesse vibrações sutis no âmago do cérebro, no hemisfério reservado ao desenvolvimento dos pensamentos, e que devesse transformá-las em palavras, em orações, mantendo-lhes o tônus de elevação moral. Mas intuía que a tradução estava deficiente, que o vocabulário não correspondia exatamente à terminologia do jargão espírita. Acabou por atrapalhar-se com a duplicidade das informações e não deu sequência às ideias que lhe vinham suavemente, mas em fluxo contínuo. Resolveu reproduzir apenas o que configurava como principal, contudo a visão do protetor se desvaneceu, enquanto lhe fazia gesto de incentivo e agradecimento.

— Graças a Deus!

Diria melhor, se dissesse: “*O Senhor seja louvado!*” Mas forte cruzar de tendências religiosas bloqueou-lhe o raciocínio. Emocionara-se com a primeira experiência testemunhada de mediunidade. Não sabia, contudo, se ficava eufórico ou se devia estabelecer desde logo a crítica dos titubeios, que lhe pareceram ter ficado evidenciados para a plateia. Qual seria a opinião...

Não chegou a formular a pergunta. Ao volver o olhar ao derredor, deu com a Tia Ana, cintilante de luz, enxugando as lágrimas. Intimamente, sabia que eram de felicidade. Teria correspondido aos anseios da protetora? Já não lhe importavam as opiniões.

Após o encerramento da rodada mediúnica, Irineu estabeleceu elogios gerais e calou qualquer apreciação de caráter particular. Estimulou a todos para que continuassem com o mesmo fervor e pediu-lhes que efetuassem leituras edificantes, nos dias das sessões de aprendizado da mediunidade.

João deu tempo para todos se recomporem, antes de acender as luzes.

Em plena claridade, todos se felicitavam pela noite esplêndida. Queriam conhecer Fernando. Francisco fez as apresentações e quis saber o que ocorrera, para tanta felicidade. Desconhecia o que se passara. João interveio e relatou sucintamente como cada participante reagira. Elogiou a fala do novato e fez ver aos demais a necessidade do atendimento ao pedido de preces, especialmente quanto a Jeremias. Nesse ponto, perguntou a Fernando se tinha conhecimento de que o amigo cursava a Escolinha de Médiuns. Não sabia ao certo. Parecia ter ouvido falar qualquer coisa nesse sentido. Pois era assíduo, não tendo perdido nenhuma sessão, desde que ingressara no Centro.

Formalizadas as despedidas, Fernando voltou para casa pensativo. Estaria sendo útil ao exercer aquele tipo de ministério? Decepcionara-se com a reação dos demais. Parecia-lhe que houve excessiva frieza, como se todos desconfiassem uns dos outros.

Teriam inventado as historietas? Se tiveram visões tão claras quanto as dele, por que não evidenciaram? Por que não foram mais efusivos no contacto com a *pátria espiritual*? O que lhe fora fundamental na deliberação de buscar entender os fenômenos mediúnicos, não repercutia na assembleia com a mesma intensidade psicológica. Estaria sendo exigente demais? Será que João iria convidá-lo de novo para a reunião das segundas-feiras? Se convidasse, não seria por estar-lhe prestando serviços profissionais?

As perquirições afloravam-lhe à mente, mas não se definiam as respostas. Era como se não estivesse em sintonia com os protetores. Onde estaria errando? Levaria a preocupação para o leito. Talvez sonhasse como quando viu aqueles outros espíritos da sessão anterior.

Em casa, encontrou Dolores vendo televisão. Os olhos excessivamente inchados. Vermelhos. Esquivou-se do abraço do marido. Recolheu-se ao dormitório. Fernando acreditou nos sentimentos da esposa. Deixara-a só, em noite em que as sensações do dia tinham sido muito intensas. Condoeu-se. Sentiu remorsos. Fora atrás de aperfeiçoamento mediúnico. Para quê? Para ajudar os espíritos. Para praticar a caridade evangélica. Esquecera-se da pessoa mais querida. Aquela que lhe dera praticamente a vida toda. Sentiu-se mal, como se algo estivesse muito errado.

Quando se encheu de coragem para ir ao quarto, Dolores assomou à porta da sala. Trazia pequena valise na mão. Fazia menção de sair àquela hora.

— Vou embora. Aqui não fico mais. Estou cansada de ser tratada como cachorro. Faça bom proveito de seu espiritismo...

Surpreendentemente, Fernando não reagiu. Deixou-a partir sem um único murmúrio.

DOLORES

Assim que Fernando saiu para o Centro, Dolores quedara sozinha com os pensamentos embaralhados. Queria e não queria tomar decisão definitiva. Com o marido fazendo o que bem entendesse, mesmo sem a companhia perniciososa de Jeremias, as coisas não decorreriam de forma controlada.

Quando ia ele às corridas ou ao pôquer, arrumava motivos de sobejo para frequentar as amigas. Sabia que, aos domingos ou em ocasiões festivas, iriam ambos à missa e às demais liturgias. Não era difícil de convencê-lo às festas. Nunca perderam uma só cerimônia de casamento, de batizado ou mesmo os enterros cuja notícia chegasse a tempo. Dolores tinha intensa vida social, sempre motivada por fatores religiosos. Até as atividades beneficentes podiam contar com sua participação e apoio financeiro. E lá ia Fernando a tiracolo, preso pela coleira da consciência.

Lembrava-se de tê-lo visto confessar-se com muita fé em que o perdão de Deus lhe estipulava razões para o arrependimento. Nesses tempos, ficava mais em casa e permitia as reuniões, recepções e rodadas de carteados. Era gostoso brilhar perante as amigas.

Essa guinada para outra religião (tinha visões, sabia nomes de gente desconhecida, movia objetos a distância — obras do diabo, isso sim!) estava indicando para vida recatada, diferente.

Lembrava-se de Maria, dos filhos, do trabalho que sempre deram, da sadia ocupação de mãe. Dolores fora infrutífera. Nem adotar nunca lhe passara seriamente pela cabeça, sempre com a esperança de engravidar. Chegada a menopausa, foram-se as esperanças. Com a idade, a adoção lhe daria apenas o título de avó. O afilhado estava homem feito.

Será que Timóteo teria alguma sugestão? O sacerdote estivera tão distante o tempo todo, durante o enterro. Falara ao pé do ouvido da viúva. Palavras de consolação, de conforto, por certo. Não se preocuparia com aquela ovelha marruá que se desgarrava.

Ligou para a casa paroquial. Timóteo não estava. Teria ido para a casa de Maria? Era bem possível, já que toda a família se encontrava.

— Alô, residência de Dona Maria? Ela está? Em reunião? Eu ligo mais tarde. É a amiga Dolores.

— As empregadas estão cada vez mais burras. Isso é maneira de atender ao telefone?

Volveu a pensar no marido. Que estaria fazendo? Não conseguia imaginar. Tinha ideias de batuques. De danças desenfreadas. De negras volteando as grandes saias brancas rodadas.

Resolveu ligar a televisão. Horário das novelas. Não tinha paciência com os delíquios das mulheres sem sangue, sem força. Surpreendeu-se com a primeira cena, em que a personagem feminina despede o amante com três palavras fortes e dois tapas. Sem emoções. O coitado é que não suportava a pressão sentimental e chorava.

E se deixasse Fernando? O pensamento cresceu-lhe na mente. Repassou todos os momentos de felicidade que viveram juntos. Foram realmente muito poucos. Compenetrou-se de que perderam a vida juntos. Caso se separassem, não poderiam divorciar-se. *“O que Deus uniu o homem não separa.”* Recordou-se do casamento. Do noivado. Do namoro. Do primeiro encontro. A felicidade perdida comoveu-a. Começou a chorar por uma união que não se estabelecera totalmente.

Lembrou-se daquele sonho terrível. Estivera em companhia dos filhos. Que filhos? Seriam os de Maria? Seu pai estava ali retratado como quem não quer nada com a vida. A mãe chorava, de costas.

Volveu a memória para as sessões com o analista. Não dizia nada de importante. Nem ele lhe perguntava. Tempo perdido. Dissera que não se dera bem na noite de núpcias. Dissera que era frígida. Escondera que se masturbava. Escondera também outras coisas...

Refugiou-se no confessionário. Ali, sim, contara tudo. Sempre. E fora compreendida e perdoada. Desde o tempo da primeira comunhão. Recebera penitência desproporcional, pelos pecados. Três terços. Agora não tinha muita noção do que dissera de tão grave. Lembrava-se de que dissera que mexia entre as pernas. Seria tão grave? Com o tempo, foi percebendo que isso não podia ser pecado. Quando confessou pela primeira vez com Timóteo, juvenzinha ainda, por iniciativa dele, teve de narrar o que fazia na intimidade. Dissera-lhe que comungara muitas vezes sem ter delatado ao confessor tais atividades. Timóteo foi condescendente. Não a repreendeu. Pediu-lhe que não deixasse de contar nas próximas vezes, para poder receber o perdão. Sempre estivera curiosa para saber por que não lhe pedira para se arrepender. Nem lhe proibira de repetir. Isso se comprovou nas confissões seguintes. Sempre três ave-marias e um padre-nosso. Invariavelmente. Mais dois terços pelas almas do Purgatório.

De repente, recordou-se de algo muito antigo. De uma discussão entre os pais. Ela fora a causa. Será que o sonho é que lhe despertara a memória? Lembrava-se de que sofrera muito naquele dia. Que apanhara da mãe. Era muito nova. Quatro ou cinco anos. O pai (que Deus o tenha!) a havia tirado das mãos dela. E ficou sentado na cozinha, indiferente às recriminações da mulher.

Insistentemente, vinha-lhe à lembrança a noite de núpcias. A agressão que sofrera. A dolorida penetração daquele homem insensível. Como a penetração...

Havia forte bloqueio emocional. Que recordação poderia haver mais dolorosa? Copioso pranto, insopitável, corria-lhe pelas faces. Seu problema era mais antigo. Fora o pai... Ou teria sido outra pessoa? Não poderia acusá-lo, se não tinha clara recordação dos fatos.

De que desconfiaria Fernando, mandando-a voltar ao psicanalista? Intrigara-lhe a observação. Pensara, de início, que estava menosprezando o confessor. Que agredia o padre. Agora despertava: poderia estar evidente a sugestão da necessidade da regressão à infância. Não. Fernando não poderia saber de nada.

Pensou no marido como alguém muito distante. Manipulara-o a vida toda. Era trabalhador, honesto e esforçado. Jeremias que o arrastara àquela vida boêmia. Mas isso esvaziara o relacionamento conjugal. Também, não lhe dera filhos. Nem com inseminação artificial. A Igreja não permitira. Nem tivera coragem de adotar ninguém. Agora estava muito velha. Avó.

Nesse ponto das cogitações, chegou Fernando.

No quarto, resolveu testar o interesse do marido. Os olhos congestionados e a face murcha dariam o clima da emoção. Estudou o que diria. Não poderia ofendê-lo. E se não a impedisse de ir? Iria passar a noite com a irmã. Morava sozinha. Teria satisfação em lhe dar agasalho. Era outra que detestava os homens.

Quando bateu a porta da garagem, tinha a certeza de que não seria obstada. Sua luta não terminaria tão cedo.

FERNANDO

Desde pronto, Fernando percebeu que não iria ficar sossegado com Dolores fora. Ficara estático com a intempestiva arremetida. Quando deu com a concretização do fato, era tarde para correr-lhe atrás. Para onde poderia ir? Certamente para a casa de Maria. Ou da irmã. Estava habituando-se a ficar longe do lar.

Que diria ela ao chegar à casa da viúva? Fernando não atinava com as explicações. No caso da irmã, ambas poderiam amparar-se. Havia laços de sangue. Na casa de Maria, o transtorno do passamento recente. Resolveu ligar para Judite:

— Pronto!

— Judite?

— Sim.

— É o Fernando. Olha, se Dolores aparecer por aí, me avise. Tá?!

— Que aconteceu?

— Briguinha de casal. Nem discutimos. Ela resolveu sair, talvez para que não houvesse nada sério. Não quer que eu vá ao centro espírita. Sentiu-se abandonada, sozinha em casa. Pode perguntar a ela. Está querendo dar uma *dura* em mim.

— Vou deixar nas mãos dela...

— Mas, pelo menos, me avise. E se acontecer alguma coisa na rua?

— Vou ver o que será possível arranjar.

— O que você puder fazer, eu lhe agradeço.

— Até mais.

Fernando desconfiou de que Judite não iria esforçar-se por remeter de volta a irmã. Que fazer? Estava indeciso. Claro que, se ligassem, iria imediatamente em busca da esposa. As coisas estavam saindo-lhe das mãos. Era preciso controlar-se. Jesus bem que avisara que não viera para unir. Mas não constava que iria separar os casais. Os pais dos filhos. A sogra do genro. Os irmãos entre si. Mas marido e mulher...

Começou a admirar certos casais que admitiam religiões diferentes. Bem pensando, até ouvira Dolores, certa vez, estimulando que se unissem os casais e que discutissem os pontos divergentes de suas religiosidades. Quem estivesse com a verdade, venceria. Agora era ela quem partia...

Passou-lhe pela ideia que iria ser apenas testado. Não gostou. Preferiu adivinhar na atitude da esposa sinceridade absoluta. Estava cansada de sua ausência. Dar-lhe-ia uma lição. Assim que pedisse, voltaria.

Tilintou o telefone. Era Judite.

— Dolores chegou mas não quer falar com você. Diz que vai passar a noite aqui. Manda avisar que está muito sentida. Que vai pensar muito na separação definitiva. Diz que se sente tão viúva quanto Maria.

— Passe o telefone para ela.

— Não adianta. Ela não quer falar-lhe. Está triste mas está bem. Não vai fazer nenhuma bobagem. Amanhã vai procurar um advogado...

Fernando desligou o telefone. Não adiantava ouvir a irmã. Parecia-lhe que estava pondo mais lenha na fogueira. Viu as horas. Onze. Não era tão tarde. Iria buscar a esposa.

O frescor da noite punha-lhe as ideias no lugar. Não se enervara. Mas não julgava correto deixar a mulher longe de casa. No tempo em que ia à jogatina, ela não se importava. Fora até a certas boates comprometedoras. Não reclamara. Que mal tinha, agora, ir a centro espírita? Parecia que o motivo era muito fraco para atitude tão drástica. Será que havia algo mais?...

O restante do caminho perdeu-se em conjecturas.

Judite morava em prédio de apartamentos. Para poder entrar, tinha o porteiro que receber ordem de dentro. Era dificuldade que não medira. Judite foi inflexível. Não permitia a entrada. O porteiro ameaçou com a polícia. Mas Fernando não estava disposto a escândalos. Quis conversar com a mulher pelo interfone. Não atendeu. Deixaram fora do gancho. Fora rompido o canal de comunicação.

Havia telefone público. Comprou as fichas do porteiro. Fez a ligação. Inútil.

Restava regressar para casa. Em outros tempos, talvez procurasse distrair-se em algum bar, com amigos de ocasião. Estava muito maduro para essas coisas. Daria uma noite para que as mentes se tranquilizassem.

No caminho da volta, consultou o plano espiritual. Nenhuma resposta. Aliás, vinha-lhe à mente a ideia de que era o momento de aplicar os ensinamentos de Jesus. Mas isso era muito vago. *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo?* Era o que podia recordar-se, naquela situação. Mas como unir-se de novo a uma pessoa que se recusava a atendê-lo. Será que a ideia do advogado era para valer? Se se mantivesse no apartamento da irmã, somente com ordem judicial iriam poder voltar a conversar. Ou se ficasse de tocaia, para eventual saída. Dolores não trabalhava. Judite era auto-suficiente financeiramente. Daria para sustentarem-se indefinidamente, até a partilha dos bens. Mas estaria o Padre Timóteo de acordo com a separação? A Igreja não proibira o divórcio? Sabia de casos de casais católicos separados judicialmente. O que não conseguiam era casarem-se com outras pessoas. A separação se consumava.

Fernando evitava enfrentar o tema. Temia a ideia de viver sozinho. Acostumara-se à esposa. Lembrava-se das conversas que tinham antigamente a respeito da gravidez que não vinha. Faziam planos. Começou a recordar a vida sexual. Era um relacionamento difícil. Como desejavam que engravidasse, se eram tão poucas as conjunções carnavais? Fora a razão de ela ter procurado o analista. Sentia dores durante o ato. E ele fora perdendo o entusiasmo, com a frigidez da mulher. Jamais abandonara o hábito da masturbação. Às vezes, fazia-o acintosamente. Na cama. Enquanto a mulher dormia. Ou fingia. Nunca tiveram conversa muito franca a respeito. Estaria aí o centro da questão?

Em casa, Fernando julgou melhor recolher-se ao leito. Se conseguisse dormir, seria uma bênção. Estava exausto. O dia fora particularmente agitado. Não tanto pelas atividades. Mais pelas pressões psicológicas. Isso também deveria ter afetado a mulher. Não deve ter sido fácil contar à outra a doença do marido.

— Como será que o Espiritismo pode ajudar nestas circunstâncias? Terá alguma receita?

Fernando não conseguia montar nenhum esquema com a ajuda espiritual. Julgou que sabia muito pouco. Lembrava-se das estantes do *Jesus de Nazaré*. Cheias. A literatura era muito volumosa. Pensou em ir buscar os livros que deixara em casa.

— Não será melhor consultar diretamente o Roque ou a Tia Ana?

Começou a rezar pedindo ajuda, mas foi vencido pelo sono. Durante a noite, acordou diversas vezes, com a impressão de estar sonhando com fantasmas. Houve até um momento que pensou ter-se encontrado com Jeremias. Despertou às quatro da madrugada e não conseguiu dormir mais. Levantou-se com um peso tremendo no corpo.

Às seis horas, estava ligando para a esposa. O telefone não soava.

Fernando começava a acreditar que a esposa se fora de verdade. Pela primeira vez, sentiu a sensação de vazio, como se a perdesse para sempre. Ao voltar da sala para o quarto, lá estava o Roque, com seu indefectível charuto. Teria condições de responder às suas perguntas?

Recebeu como resposta um gesto para que se mantivesse calmo. O plano espiritual estava de sobreaviso. Jesus ampararia a todos. Deus é amor. O paraíso é a eterna felicidade. O dia de hoje é uma ilha, no oceano da existência. Todos estamos sempre aprendendo. Ninguém é perfeito. A razão humana está em contínua evolução. As leis cósmicas se cumprem.

O que Fernando queria saber era como desfazer o mal-estar criado pela separação. Queria de volta a esposa ao ambiente do lar. Aquelas noções filosóficas não lhe serviam. Queria paz de espírito, para dar seguimento normal à vida. Queria compreender os motivos espirituais e psíquicos dessa terrível desavença. Queria deixar de sentir-se culpado. Queria amainar a consciência.

Roque repetiu o gesto da paciência e se desvaneceu.

Fernando sentia-se mero brinquedo do destino. Por todos os lados, as pessoas indicavam-lhe o caminho. Quando era fiel ao Catolicismo, era dono de si mesmo. Era a impressão que estava tendo agora. Era uma crença mais positiva. Céu, Céu; Inferno, Inferno; Purgatório...

Tentaria ligar de novo da loja.

MANHÃ ATAREFADA

Dolores acordou bem cedo. Combinara com Maria acompanhá-la ao hospital. Parecia não preocupar-se em encontrar o marido à porta do prédio. Conhecia-o bem para saber que não tentaria ato algum desesperado. Deixou Judite dormindo.

Maria esperava-a com a mãe. Estavam atrasadas, mas isso não teria importância alguma. Dariam como desculpa o trânsito e tudo se resolveria. Afinal de contas, o serviço era pago. E bem pago.

No hospital, haveriam de aguardar por longo tempo. Não era só colher um pouco de sangue? Sim, mas o doutor desejava levar a efeito os exames de rotina. Ela também havia desleixado as visitas.

Na sala de espera, Dolores contou-lhes que dormira no apartamento da irmã.

Quiseram saber o que ocorrera.

Dolores até julgou oportuno estender o assunto, para evitar a morbidez do ambiente e a expectativa dolorosa. Deu tempo para referir até o desconsolo de Fernando, por não ter sido atendido. E concluía:

— Quem sabe assim aprenda a respeitar os direitos da mulher.

— E você vai mesmo arrumar um advogado?

— Claro! Quero saber até onde vai manter-se fiel a essa seita do demônio. Ou lá ou cá. Não há de ficar com tudo.

— E o amor, querida?

— Faz tempo que estou perguntando-me sobre a validade desse matrimônio. Se você quiser saber, se não fosse o Timóteo, há tempos teria dado um pontapé...

— Não fale assim. Veja que Fernando sempre fez de tudo por você.

— Teria feito por qualquer uma. Eu não sou especial para ele.

— Você é que pensa. Eu me considerava especial para o Jeremias, apesar de tudo. Sei que ele está sofrendo no Purgatório, pensando no problema que me arranjou. Qualquer dia, irei encontrá-lo no Paraíso, se Deus quiser. Como você vai enfrentar o Fernando em semelhante situação?

— Eu acho que ele vai acabar ardendo nas chamas do Inferno.

— E você não tem dó?...

Dolores não tinha pensado seriamente no caso.

— Pois que ele volte ao seio da Santa Madre Igreja. Que repudie essa fé indigna. Que confesse os pecados. Se Deus o perdoar, não será por minha causa que irá para as profundezas...

— Isso é trágico! Deus me livre que as coisas se passem exatamente assim!

A mãe de Maria permanecera o tempo todo calada. Quando percebeu que a conversa chegava a triste impasse, interferiu:

— Vamos deixar tudo nas mãos de Deus. Se for destino, o casal voltará a se unir sob as bênçãos do Pai. O mundo dá muitas voltas...

Nesse momento, Maria foi chamada ao consultório. Quando quis introduzir as companheiras, o médico solicitou que entrasse só.

Fernando chegou cedo ao escritório. A primeira coisa que fez foi ligar. Judite atendeu:

— Dolores saiu bem cedo.

— Foi para casa?

— Não sei. Acho que tinha de acompanhar a viúva ao hospital. Você não sabia?

Tinha esquecido. Mas a informação o tranquilizou. Se Dolores estava cumprindo os deveres da amizade, é porque não tinha desprezo pelos compromissos. E qual o maior dos compromissos? O casamento. Seu espírito religioso não iria permitir-lhe pensar seriamente em separação. Com certeza, no almoço ou no jantar, iriam reencontrar-se. Em casa ou em restaurante chique, onde as reconciliações se dão. Lembrava-se dos enredos cinematográficos.

Fez subir o gerente da loja e resolveram os problemas imediatos.

— Joaquim passou ontem por aqui e deixou carta de demissão. Pediu-me para avisá-lo de que pode descontar em folha o aviso prévio. Pelo que entendi, vai assumir a gerência da loja do Jeremias.

Fernando não se surpreendeu. Será que Leonel estava por trás dessas novidades?

Perguntou por João. Resolveu dar um pulo ao almoxarifado. Queria levar um papo com o contabilista. Assuntos mediúnicos.

— Como você viu a minha atuação? Fale francamente. Penso que tenha transmitido muito mal os pensamentos que me foram ditados por Roque, aquele espírito que me tem aparecido.

— Poucas vezes vi alguém com tanta desenvoltura, no primeiro dia. Não só eu, mas todo o pessoal. Francisco ficou impressionado, quando lhe contamos. Mas devo dar-lhe um conselho de amigo.

— Diga.

— Não se entusiasme demais com as primeiras vitórias. Você tem muita coisa para aprender. Estude. Estude muito. E fique sempre calado relativamente às emoções. Não critique demasiado, nem elogie facilmente. Também não leve em conta o meu entusiasmo. Eu já vi muito médium promissor abandonar a mesa. O Centro. E nunca mais aparecer.

— Todos recebem essa mesma orientação?

— Quando perguntam ou quando agem de modo prejudicial ao desenvolvimento da mediunidade. Em geral, as palestras e as leituras vão dando os esclarecimentos de que necessitam.

— Posso contar com você para adiantar-me as explicações?

— Se estiver capacitado...

— Por que, ao sair do Centro, tive a sensação de que o trabalho não fora positivo? Dizendo francamente, cheguei a pensar que houve fraude. Que se contaram historinhas inventadas.

— Precisaria dar-lhe verdadeira aula. Leia André Luís. Você vai ver que os novatos se veem assediados por espíritos inferiores, quando se despedem dos companheiros do Centro. Durante as sessões, o clima espiritual é sustentado por vibrações adequadas para a proteção do ambiente. De planos mais elevados, chegam auxílios importantes que garantem a paz. O clima se torna propício para os pensamentos mais elevados. Se alguém vem para perturbar, mesmo inconscientemente, os benfeitores, os protetores cercam os infelizes e não permitem que ajam nocivamente. Sempre hão de prevalecer os melhores. Mas, do lado de fora, se o médium não mantiver o mesmo nível de vibração superior, irá ser obsedado. Caso tenha pensamentos ruins, serão estimulados. Quando os espíritos não são de Deus, vamos dizer assim, ficam muito realizados por destruírem os que desejam progredir no bem, pelo amor dos homens. Não sei se respondi à sua pergunta.

— Respondeu, embora não tenha conseguido acompanhar os raciocínios, buscando o meu próprio exemplo. Mas valeu. Fico-lhe imensamente grato.

Fernando estava ansioso para voltar ao escritório. Algo o incomodava na exposição do espírita.

Joaquim adentrou a loja de confecções disposto a assumir a alta função de que fora investido. Tinha carta branca da patroa. Precisava inteirar-se de todos os negócios. Durante o enterro, os antigos responsáveis foram advertidos das funções dessa espécie de Assistente Técnico da Diretoria. Nome pomposo que satisfazia o *ego* do ex-balconista.

Os empregados mais antigos tinham péssimas recordações do novo chefe e comentavam que as coisas iriam desandar, se Dona Maria não agisse com discernimento. O novo mandachuva não estava à altura das atividades de mando. De qualquer modo, tinham de fornecer todos os elementos solicitados.

Após mais de duas horas de conferência, chegou a hora da avaliação contábil. Queria falar com o contabilista. Localizou João na loja de Fernando e fez que viesse imediatamente.

João desconfiou de que haveria grandes transformações na firma. Se não fosse assim, por que o chamariam tão cedo? Temendo pelo sistema aplicado e pelas consequências danosas para o ambiente, esforçou-se por comparecer o mais rápido que pôde. Não seria a primeira firma a falir por imperícia contábil. Ou por ganância desmedida.

Posto a par das contas, Joaquim percebeu que não haveria problema algum com o fisco. Mas os balancetes apontavam para resoluções não habituais. Havia índice de produtividade muito elevado sendo pago aos empregados, principalmente os da fábrica. O pessoal da loja estava recebendo quantias bem acima do padrão médio do comércio. Ele

mesmo havia aceitado proposta de ordenado inferior ao do gerente. Mas não discutiu o assunto com João. Nem lhe disse que tudo estava perfeito, embora se admirasse da clareza dos registros. Se houvesse mudanças significativas, comunicaria. Qualquer decisão partiria da família. Ele estava apenas tomando contacto com o andamento dos negócios.

Durante o tempo restante, Fernando ocupou-se com a leitura dos últimos capítulos do livro. Estava desejando ler a obra que fora recomendada para o desenvolvimento mediúnico.

— Se Dolores não quiser continuar comigo, pensava, com uma pontinha de despeito, que poderei fazer?

FERNANDO TEM IDEIAS

Almoçou só. Os serviçais estavam desolados. A patroa nada lhes havia informado a respeito do almoço nem das diretrizes gerais dos trabalhos domésticos. Fernando orientou-os quanto às compras, autorizando-os a preencherem cheques até determinado valor. Assim se tranquilizaram mas puseram sob suspeita a harmonia conjugal.

De volta ao escritório, recebeu bilhete de João, alertando-o para que não efetuasse nenhuma grande compra. Quanto a vender, tudo bem, mesmo porque o almoxarifado estava bem fornido.

Chamou o gerente e expôs-lhe a situação relativa aos problemas com o fisco. Nada que devesse preocupar o pessoal subalterno.

— Joaquim está fazendo falta?

— Podemos dar conta da parte dele. Era eficiente nas vendas. Contudo, o relacionamento com o resto do pessoal...

— ... deixava a desejar.

Fernando estava formando um quadro muito desabonador da personalidade do antigo empregado.

— Melhor assim, pois pretendo pôr as coisas bem claras quanto às contribuições para o Governo. A idoneidade desta firma correu o risco de manchar-se. Agradeço-lhe a boa vontade. Se tudo der certo, vamos mudar a forma de remuneração da turma. Não sei se através de distribuição de quotas dos lucros, se pela produtividade. Converse com os outros. Talvez queiram bonificação por venda efetuada. O que lhes parecer melhor, dentro da lei e das possibilidades da empresa, eu farei.

— Tudo bem, Senhor Fernando. Pode contar comigo. E com os outros, que por eles eu me responsabilizo.

Só, Fernando pensava na razão de não adquirir nenhum produto. Seria por serem os fornecedores desonestos? Ou as despesas iriam onerar o capital da empresa, à vista dos saques que se efetuariam com o pagamento dos atrasados? Achou que não podia ser muito importante, caso contrário João estaria ali.

Lembrou-se de que o contador fora chamado por Joaquim. Se continuasse correndo, não daria conta de acompanhar o movimento de todas as empresas sob sua

orientação e controle. É admirável que pessoa tão ocupada ainda tenha tempo, todas as noites, para o Centro Espírita.

Apanhou *O Livro dos Médiuns* mas não abriu. Voltava-lhe à mente a manifestação a que dera curso na noite anterior. Não se lembrava direito, mas o protetor pedira preces por Jeremias. Era como na Igreja Católica. O Padre Timóteo estava preparando a missa de sétimo dia. Isso não era a mesma coisa? Rezariam em ambas as instituições.

Voltou o pensamento para o sonho. Tinha a sensação de ter palestrado longamente com o amigo. Pela pobre experiência, parecia-lhe supor certo, pois julgava que os acontecimentos durante o sono se refletiam de modo atrapalhado na mente, formando as visões desconstruídas na parte material do cérebro.

Habitava-se a aceitar as teorias complicadas que se formavam durante as meditações. Era assim, com certeza, que os benfeitores espirituais invadiam a privacidade dos médiuns, para lhes fixar as diretrizes sobre as quais deveriam tomar as decisões.

— Como poderei ajudar Jeremias?

Soltou a frase em voz alta, sem perceber que falava sozinho. Estivesse Joaquim espionando e diria estar ficando louco.

Ajudar o Jeremias? Se a consciência o acusar de suicida, por certo vai precisar de muita ajuda. De qualquer forma, porém, essa doença...

— Será que estou sendo preconceituoso? Por que não disse logo AIDS?...

Dessa vez, fez a pergunta mentalmente.

— Sobre que pensava? Ah! De qualquer forma a AIDS sempre é transmitida. No caso do Jeremias, por meretriz, em uma das *escapadelas*...

Fernando imaginou se Jeremias já estaria à cata de caracterizar quem lhe passara o vírus. Será que se voltaria contra tal criatura? O mais certo não seria buscar auxiliar tal pessoa, que deveria estar disseminando a doença pelos clientes? O brasileiro é burro. Lembrava-se das entrevistas na televisão em que os médicos e os sociólogos reclamavam de que os homens renegam o uso de *camisinha*. Parece que lhes afeta a masculinidade. Ouviu um boçal dizendo que não gostava de chupar bala com papel.

Fernando parou para pensar em seu próprio caso. Nunca se utilizara de preservativo. Nem a mulher jamais tomara pílulas anticoncepcionais. E por que não engravidara? Os médicos atestavam a saúde de ambos. Podiam procriar. Apenas não conseguiam levar avante o plano de terem filhos. Se Dolores engravidasse e abortasse, haveria esperança. Nada.

— Estará pensando em mim como estou preocupando-me com ela?

Abriu o livro, mas não leu uma linha sequer. Vagamente, tinha a recordação de que alguém lhe pedira para ajudar as *mulheres da vida*.

— Outra vez estou com medo de dizer a palavra correta? Por que digo *meretriz*, *prostituta*, *mulher da vida* e nunca emprego os termos mais comuns: *puta*, *rapariga*, *barregã*, *cafetina*?

Fernando lembrava-se de que não tinha o hábito de falar palavrões. Quando alguém soltava expressões chulas no carteadado ou nas corridas, sentia-se mal. Desde criança, policiava-se muito. Teria sido a circunstância do confessionário? Com toda a certeza.

— Se eu tiver de ajudar alguma dessas desgraçadas, que seja a que lhe passou a terrível moléstia. Será que Joaquim poderá me dar as informações exatas das casas que Jeremias frequentava? Aposto que até Maria sabe onde ficam...

Sentiu que iria adentrar área extremamente perigosa. A exploração do lenocínio exige ampla rede de marginais. Conjeturou que a guarda de prostíbulo deve, no mínimo, considerar o apoio policial. Via, na televisão, que as quadrilhas que se desbaratavam sempre apresentavam algum soldado ou ex-militar. Aí se surpreendeu com o fato de não se lembrar de nenhuma reportagem a respeito do estouro de lupanar de alto luxo. Ouvira falar de exploração de menores em boates de quinta categoria. Lembrava-se, vagamente, de detenções efetuadas em casa noturna de nomeada. Havia, inclusive, juízes, capitães de indústria e professores universitários na clientela. Mas não lhe constava ter dado em algo. Se quisesse investigar, com certeza iria ver-se preso nessa tremenda rede do crime organizado.

— Por outro lado, não posso correr o risco de ser surpreendido com outros interesses. Se Dolores fica sabendo que entrei num desses lugares suspeitos (e ela já manteve espiões para me seguirem), aí é que as coisas desandam de vez.

Pensou em conseguir alguém que o auxiliasse. Joaquim lhe forneceria os dados. Quem estaria disposto a acompanhá-lo. Leonel? O estroina positivista era muito escorregadio. *Se precisar, comungo!* Não fora assim que se definira como materialista? Francisco, o capitão aposentado, lógico! Desconhecia-lhe o caráter, mas, ao menos, era militar e isso talvez o recomendasse para o empreendimento. Além do mais, adepto do Espiritismo, lhe estava sendo dada rara oportunidade de praticar a caridade. Qual o lema mesmo da Doutrina? *Fora da caridade não há salvação.* Com João não poderia contar, mas ajudaria certamente com oportunos conselhos.

Se encontrasse a mulher contaminada, que lhe diria? Que estava doente? Que precisava medicar-se?

— Acho que basta informar que Jeremias morreu de AIDS. Vai pensar que foi ele quem lhe transmitiu a doença e irá cuidar da saúde. Se Dolores estivesse numa boa comigo, iria consultá-la. Quem sabe esteja aí bom assunto para mantermos acesa a conversação.

Antes de iniciar a leitura da *Introdução*, Fernando já se persuadira a levar avante o projeto.

— Dê no que der. Não custa tentar ajudar essa pobre infeliz.

PELO TELEFONE

Ao regressar do almoço, tomado ali, no mesmo restaurante vegetariano, Fernando estava disposto a pôr em ação o plano que havia arquitetado para ajudar a desconhecida prostituta.

Ligou primeiro para o apartamento de Judite. Mas fê-lo sem esperar nada de positivo. Não acontecera coisa alguma que pudesse mudar a deliberação de Dolores. Surpreendentemente, foi ela mesma quem atendeu, francamente hostil.

— Querida...

— Não me venha com agradinhos. Estou avisando somente que não regressarei para casa. Vá se preparando...

— Dolores, pelo amor de Deus!...

— Que Deus o quê! Você é a última pessoa que pode falar em nome dele. Está simplesmente usando o sagrado nome em vão.

— Mas, querida...

— Vá se preparando para receber o meu advogado. Ainda hoje irá ligar-lhe, para marcar entrevista. Só estou adiantando...

— Dolores, não seja precipitada. Vamos ter uma conversa antes. Só nós dois. Vamos jantar juntos. Você escolhe o restaurante.

— Nem pensar. Estou decidida. Todos os meus assuntos serão resolvidos judicialmente.

— Mas eu não lhe dei nenhum motivo.

— Quem vai decidir isso é o juiz.

Disse e bateu o fone.

A Fernando restava tomar uma única providência: preparar a defesa. Ligou imediatamente para o advogado da firma e pediu-lhe orientação.

— Esse caso está parecendo-me infenso de julgamento por juiz togado. Se cair nas mãos de algum *da pá virada*, vai descarregar o mau humor no pobre advogado da constituinte. E se ela abrir o bico, vai ouvir poucas e boas.

— Não entendi.

— Pelo que você me diz, há apenas problemas religiosos...

— Certamente, se eles não inventarem nada.

— Então?! E a liberdade de culto determinada pela Constituição? Sua esposa vai ter de revelar segredos de alcova, para justificar a separação litigiosa. Do contrário, o caso vai pelas boas e ela não leva nada, a não ser o de direito pela comunhão de bens.

— Você me defende?

— Acho que o causídico contratado por Dolores irá aconselhá-la a desistir, a menos que seja daqueles rábulas aproveitadores. Em todo caso, não é meu ramo. Ligue para o Doutor Antunes. José de Carlos Antunes. É meu amigo e não irá escorchá-lo. Se ganhar a causa, o pagamento dele, quase com certeza, sairá dos bolsos da reclamante.

— Do jeito que você fala a separação é certa.

— Só depende da vontade dela. Ninguém é obrigado a conviver com ninguém. A lei do divórcio decretou a falência do casamento.

Fernando agradeceu. Havia sido esclarecido de aspectos sobre que não meditara. Mas via a coisa muito mais séria e perigosa. Justamente num momento de grandes gastos, aquela ameaça negra de repartição de bens.

— Doutor Antunes?

— Quem gostaria?

— Fernando, sob recomendação do Doutor Edmundo Soldato.

— Só um instante, por favor.

Enquanto aguardava, escutava suave melodia através da linha. Precisaria adotar o sistema na firma, se bem que não era tão...

— Pronto! Doutor Antunes.

— Poderia representar-me em caso de separação conjugal?

— Litigiosa?

— Não sei, Possivelmente.

— Esteja aqui segunda-feira, às dez.

— Obrigá...

Fernando não chegou a concluir e já ouvia a batida do telefone,

— Esse Doutor Antunes deve ser muito positivo. Se for essa sua atuação no tribunal...

Pensou em que era boa oportunidade de conversar com Joaquim. A saída apressada dava a ele desvantagem moral.

— Confeções “Santa Rosa de Saveiral”.

— Joaquim está?

— Quem gostaria?

— Fernando...

— Ah! Senhor Fernando. Já vou completar a ligação.

Fernando teve a sensação de ter ouvido um *Doutor Joaquim*. Será que o homem está tão importante? Da noite pro dia?

— Olá, caro chefe, que manda?

— Preciso de ajuda, mas, por telefone, não dá para explicar.

— Passe uma pista.

O tratante o punha como igual.

— É sobre Jeremias. Tenho projeto de ajudar as pessoas que mantiveram contacto com ele, que é possível...

De repente, Fernando percebeu que estava dando com a língua nos dentes. A doença não seria segredo da família?

— Como?

— Você teve conhecimento da doença...

— AIDS.

— Quem lhe contou?

— Dona Maria.

— Pois quero descobrir quem lhe passou o vírus. Apenas para avisar.

— Compreendo. Mas como poderei dizer-lhe...

— Não se faça de desentendido. Você está a par de todas as casas. Não foi você mesmo quem me disse?

— São vários endereços...

— Quero todos.

— Vou mandar um *boy*, com envelope lacrado. Mas aviso que não vai ser fácil.

— Deixe comigo. Mas quero começar a investigação ainda hoje.

Fernando não compreendia a razão da solicitude. Talvez o velhaco esperasse uma raspança, o que seria desagradável para todos. Percebera, pois, que fora respeitado o seu direito constitucional de ir e vir.

— Os contactos com os advogados estão fazendo-me pensar em termos jurídicos. Sim, senhor! Vamos descartar Leonel desde logo.

— Quem gostaria?

As atendentes estavam expandindo essa nova forma de contacto telefónico.

— Caro Fernando, o que manda?

Fernando foi sucinto na exposição do plano. Não acreditava no concunhado do compadre para tal empreendimento.

— Às ordens. Eu ia mesmo convidá-lo para qualquer coisa nesse sentido. Não que esteja movido por sensação de piedade. É que estou curioso para desvendar o lado oculto de pessoa tão chegada. Quem será que, na escuridão da noite, o deleitava... Desculpe. Talvez você pense que esteja sendo mórbido. Afinal, a sua nova crença...

“O que não estarão dizendo de mim nas rodinhas?!”

Em voz alta:

— *Escuridão da noite*, coisa nenhuma. Pretendo fazer tudo à luz do dia. Assim que tiver algo de concreto, eu ligo.

Fernando não sabia o que poderia estar incentivando o abjeto materialista, candidato certo às chamas eternas do Inferno. Lembrou-se do capitão do Exército.

— O aposentado poderá dar uma força, mas não vou esperar até segunda ou quinta. Vou pedir o telefone ao João. Assim adianto o expediente.

João não estava no almoxarifado. Nem nenhum dos contabilistas. Teriam terminado o levantamento, com certeza. Ligou para o escritório:

— Quem gostaria?

— Fernando...

— Um momento, por favor...

Enquanto esperava, rabiscava sobre a fotografia de uma peça de banheiro, em um prospecto colorido. Não percebeu, mas colocou uma senhora sentada na latrina. *“Seria*

Dolores?” Ficou envergonhado e riscou o desenho. Estaria perdendo a compostura em relação à esposa?

— O Senhor João não está. Serve o Eduardo?

— Ligo mais tarde. Obrigado.

Quem poderia fornecer-lhe o endereço do médium? Será que o Centro Espírita teria um telefone? Não se lembrava de ter visto nenhum aparelho na secretaria. Não perderia tempo. Voltou a ligar para o escritório de contabilidade. Mandou vir o Eduardo.

— Será que você teria como me informar o número do telefone do Capitão Francisco?

— O amigo de papai, lá do Centro?

— Esse mesmo.

— Um momento.

Fernando estava aborrecendo-se com as primeiras providências. Se, para ajudar os outros, fossem necessárias tantas iniciativas, todas as vezes, era melhor desistir. Afinal, tinha coisas mais importantes relativas à própria estabilidade na vida. Ficar aguardando um número...

— Pronto!

— Foi difícil de localizar, mas achei nas anotações de papai.

Antes que ligasse para o capitão, soou o telefone.

— É da loja de artigos sanitários...

— Sim.

— O Senhor Fernando, por favor...

— Quem gostaria?

— Diga que é o advogado de sua esposa. Doutor Libório.

— Aqui é o Fernando. Que deseja, Doutor?

— Uma entrevista para estipularmos os itens do contrato de separação.

— Não sabia que era assim que se denominava...

— É desagradável de dizer processo de divórcio...

— Pois diga. Mas vai dizer ao meu advogado.

— Basta dizer quem é. Entrarei em contacto.

— Doutor Antunes.

— José de Carlos Antunes?

— Esse mesmo.

— Tudo bem. Muito obrigado, Senhor.

Fernando estava abobalhado. Imaginou a mesma situação sendo enfrentada por Allan Kardec. No século dezenove. Será que tudo se passava com a mesma rapidez?

— Sem telefone, sem televisão e sem trânsito, dá até para escrever livros e revistas filosóficos. Neste século, tudo se facilita, mas o que se acumula de temas...

Pela vidraça do mezanino, divisou João adentrando a loja. Vinha acompanhado. Um desconhecido. Muito bem arrumado. Terno e gravata. *Na estica*.

— Este é o Doutor Onofre. Veio para uma conferência. Não podia ser por telefone.

— Pois não.

— Estimo que o Senhor esteja querendo ajustar as contas com o fisco. É nobilitante e extraordinário. João me fez ver claro que tudo está sendo feito com o máximo de lisura.

Acredito, inclusive, em que o Senhor não devesse estar a par de todas as falcatruas dos agentes. Falemos, contudo, de modo o mais realista possível. Nem a Corregedoria Fiscal teria condições de levantar todas as falsificações e demais atos dos abutres do tesouro. Aconselho, pois, que o Senhor não leve a cabo o intento de envolver os fornecedores.

— Não havia decidido nada.

— Mas, sendo o Senhor espírita, como eu e João, seria tentado a fazê-lo, a bem do restabelecimento da verdade. Há que se saldarem os débitos, o quanto antes. Essa é a ideia. Isso é crístico. É mandamento evangélico de ordem superior. Mas, no caso, estaríamos envolvendo a organização governamental, onde estão assentados os leões das propinas e os lobos da corrupção. Que me perdoem os pobres bichos, pela infeliz imagem. Mas a verdade é que não temos recursos para enfrentar juridicamente os poderosos do setor, que estão por toda a parte.

— Vai ficar por isso mesmo?

— Não me interprete mal. Não queremos precipitações. As investigações estão adiantadas e o *dossier* se compõe de milhares de folhas. Tudo, porém, tem de vir em época oportuna. O seu caso particular é migalhinha. Não irá figurar no processo. O melhor é esquecer os débitos relativos ao *caixa dois* e acertar as diferenças constatáveis nos balanços anuais, conforme apreciação da contabilidade. Da minha parte, receberei e despacharei favorável a que os atrasados sejam ressarcidos em parcimoniosas prestações. Nada que leve ninguém à falência.

— E quanto ao Silvano?

— Já está em Brasília, transferido por ato do Ministério. Acredite, se quiser, todavia o ministro não estava a par das licitações e das propinas do *por fora*. Quando soube, ficou furioso. Mas, político, não quis escândalo. Uma ordem interna resolveu a questão. Silvano voltou para as funções originais.

— E se quiser desferrar-se, levantando a lebre junto à imprensa?

— Improvável. Temos farto material relativo às tramóias. Em tempo hábil, recebeu amostragem significativa. Existe expressão popular saborosíssima para retratar-lhe a personalidade: *Malandro não bronqueia*. Não irá querer queimar-se por algo que não recebeu, acendendo os estopins das bombas que tem em casa, nos automóveis, na fazenda, no iate...

— Tanto assim?

— O amigo iria espantar-se com as *obras de caridade* que se fazem para esses energúmenos postados no poder. Vim buscar a garantia de que poderemos continuar trabalhando silenciosamente.

— Ponho-me nas mãos do companheiro João. O que fizer, estará bem feito.

— Muito obrigado, confrade Fernando. Posso chamá-lo assim, pois não?!

— À vontade.

— Qualquer dia, iremos levá-lo para a nossa reunião lá em casa. Estamos precisando de médium de efeitos físicos. João será a ponte que unirá nossas margens, por sobre o rio desta vida de lutas e...

Não continuou. Julgou a imagem frágil demais. Própria dos *despenseiros do rei*, que era como chamava aos funcionários dos escalões maiores.

Fernando acompanhou o novel amigo até a saída. João quedaria na loja para as providências necessárias ao restabelecimento contábil da empresa.

Nesse instante, chegava um jovenzinho. Estendia um recibo e um envelope:

— Da parte do Doutor Joaquim.

Fernando assinou e devolveu.

— Viu só? Nem saiu daqui e já é *doutor*...

— A minha empresa está sob a espada de Dâmocles.

— ?

— Se Dona Maria autorizar, Joaquim nos dispensa.

— Ah!

Fernando ainda estava sob impressão do jorro vernáculo de Onofre e começava a impacientar-se com as espadas do João. Dâmocles? Estava bem arranjado.

Quando subiam as escadas, lembrou-se do Capitão Francisco.

— Será que aquele médium do vozeirão poderia ajudar-me numa investigação delicada?

Estava introduzida a conversa que terminaria com mais um telefonema.

— Quem gostaria?

Fernando, mais do que João, se aborreceu com a negativa do antigo militar. Estava muito velho. O coração não batia com a regularidade dos moços. Atender aos mortos, vá lá. Enfrentar, todavia, os vivos... Na próxima encarnação. Se fosse para a indicação de nomes e patentes, poderia ajudar. Mas não contasse com muita coisa, que os quadros da ativa estavam muito alterados, desde que entrara para a reserva. Em suma, gostaria de ajudar no que fosse possível, desde que não se envolvesse em peripécias emocionais.

PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES

Tendo sido posto a par das intenções de Fernando, João solicitou-lhe permissão para colaborar mais de perto. Queria consultar a espiritualidade. Não oficialmente, em sessão ordinária do Centro Espírita. Talvez fosse melhor pequena reunião íntima, que poderia dar-se no dia seguinte, sábado, na casa de algum deles. Francisco, quase certamente, lhes franquearia a residência e, advertido a tempo, poderia preparar-se convenientemente para presidir os trabalhos mediúnicos.

— Mas eu desejava começar já...

— Sem problemas. Vamos ver o que se contém no envelope.

Ao invés de extensa relação, apenas o nome de uma casa noturna. Acrescia-se *Adelaide*, na sugestão de que seria a responsável. E a redundância de um número de telefone.

— Para que tanto segredo, se se trata de tão pouco?

— Sabe você que espécie de estabelecimento é esse?

— Sei que se trata de boate muito concorrida. Dizem que há locais para encontros íntimos. Mas esse setor deve ser muito discreto, muito resguardado.

— Seria precipitado ligar?

João não sopitava certa curiosidade. Talvez visse aí oportunidade de auxílio sobre que nunca havia pensado.

Fernando discou.

— Quem gostaria?

— Trata-se de um amigo de Jeremias, cliente da casa.

— Só um instante.

Fernando pensava que, por telefone, seria impossível expor tudo a contento.

— Pronto!

— Dona Adelaide?

— Ela mesma.

— A Senhora não me conhece, mas estou com uma dificuldade muito grande. Preciso localizar as pessoas que entraram em contacto... (como direi?) íntimo com meu falecido amigo Jeremias.

— Que Jeremias?

— É difícil de explicar por telefone. Não poderíamos encontrar-nos pessoalmente?

A Senhora marca hora e local.

— Se for tão preocupante, venha já. Sabe o endereço da boate?

— Perfeitamente.

— Pois estou esperando-o.

Fernando não podia crer em que tivera sucesso tão imediato. Não daria para João acompanhá-lo, mas Leonel, consultado, aquiesceu prontamente.

Tudo acertado com o contador, Fernando saiu apreensivo. Apanhou Leonel e rapidamente cruzaram três bairros no sentido sul.

Leonel também manifestou inquietação quanto à boa vontade da desconhecida. Mas nenhum dos dois pôde conjecturar a razão de tanta presteza.

No ambiente luxuoso da boate, àquela hora vazia e às escuras, foram atendidos por grave senhora. Não se diria que cuidava de tão delicada profissão. Estava bem vestida, sem luxo mas com extremado bom gosto. Pela experiência com esse tipo de local, poderia Fernando esperar alguém sorridente, roupas ousadas, atitude lasciva, palavras insinuantes.

— Por favor, acompanhem-me ao escritório.

Enquanto a seguiam, puderam observar que mancava discretamente. E que tinha as curvas bem retheadinhas.

— Acomodem-se. Bebem alguma coisa?

— Obrigado. Não é a melhor hora para quem precisa trabalhar até às seis.

— Interessei-me pela questão do *falecido* Jeremias. Pareceu-me que era assunto sério.

— E é.

Fernando assumiu a obrigação do relato.

— Quer dizer que esse Jeremias morreu de AIDS?

— Como nos confirmaram os médicos, a nós dois.

— Agradeço-lhes as providências em relação às meninas, mas temo que não vá poder ajudá-los. Se contraiu essa doença, não foi aqui.

— Dá pra ter certeza?

— Não absoluta, mas, pelas normas da casa, não há cliente que fique sem usar preservativo. Nós recebemos gente muito especial: políticos em evidência, juízes, altas patentes das forças armadas, industriais e comerciantes endinheirados... Preciso dizer mais alguma coisa?

Fernando percebia a retaguarda de sustentação do lupanar. A responsabilidade de quem oferece serviços dessa natureza fica redobrada.

— Mas, por pedido do cliente, não pode a...

— Profissional, por favor!

— ... a profissional, levando mais algum...

— Como disse, não ponho a mão no fogo, entretanto, as moças são orientadas por especialistas. E nós não damos serviço a qualquer uma. No quadro de atendentes, temos psicólogas, estudantes universitárias, advogadas, donas de casa. Mulheres avulsas, de baixa extração social, só por recomendação de gente do setor. Além do mais, estabelecemos exames de sangue (incluindo o relativo à AIDS) semestralmente, mesmo porque são vários os médicos de nomeada que se utilizam da casa.

— Tínhamos ideia de que poderíamos falar com as jovens. Quem sabe, elas pudessem oferecer pistas a respeito...

— Estou vendo que não estão pondo fé nas informações. É natural, para quem desconhece o ramo. Sei que desejam advertir as moças do risco que correm. Então, vou tranquilizá-los. Aguardem um instante.

Adelaide saiu por uma porta lateral.

— Leonel, que está achando disto tudo?

— Penso que esteja com medo de que vamos aos jornais fazer escândalo. Quer fazer acreditar que tudo está sob controle. Se você duvidar, ela vai dizer que tem os donos da imprensa nas mãos...

— Mas que está dando a impressão de extrema segurança...

Retornava Adelaide com três grossos cadernos.

— Temos aqui o registro de todos os clientes. Dia a dia. Com as mulheres que os atenderam.

— Não há o perigo de cair nas mãos da polícia?

Adelaide sorriu francamente.

— Não seja ingênuo. Você pensa que somos franco-atiradores? Já ouviu falar dos sólidos empreendimentos do submundo? Viu filmes de *gangsters* americanos? Sabe o que é a Máfia italiana? Conhece o Comando Vermelho? Leu sobre os cartéis de *Medellín*, de *Calí*, de Bogotá? Pois, então?! Estamos garantidos quanto às imunidades sociais. A bem da verdade, somos mais fortes que o governo que está instalado no país. Aqui, na palma da mão...

Leonel estava pálido. Fernando estarecia-se com a naturalidade da exposição. Queria acreditar que fossem meros exemplos, mas sentia-se ameaçado, como se estivesse sendo vigiado por mil olhos.

Enquanto os dois se refaziam do espanto, Adelaide acabou por localizar o nome de Jeremias.

— Esteve aqui por doze vezes. Sempre às sextas-feiras. Por sorte, as jovens ainda estão em serviço na casa. Se quiserem conversar com elas, às ordens. Mas terão de vir no horário de funcionamento, com bastante paciência, pois não sei quando estarão desocupadas. Peço-lhes que não as procurem fora daqui. Essa é a garantia que damos. Entenderam?

A Fernando parecia que as ameaças se confirmavam.

— Querem copiar as datas?

— Perfeitamente.

— Então, tomem nota.

Em seguida, foi dizendo, uma a uma, todas as visitas. A última fazia mais de quatro meses.

Diante do perigo anunciado nas entrelinhas, estavam os dois desejosos de sair o quanto antes. Lendo-lhes o pensamento, Adelaide acrescentou:

— Não receiem nada. O interesse de vocês é somente humanitário. Quem sabe os teremos aqui para divertirem-se, qualquer dia destes.

Aquele sorriso que faltava apareceu, repentino. Era a comerciante que mostrava os dentes. Aliás, no parecer de Leonel, belos dentes.

— Se Jeremias estava contaminado nessas datas, não teria transmitido a doença?

— Não com o sistema de segurança que estabelecemos. Nem contraiu nem transmitiu. Vou provar-lhes com o resultado dos exames médicos.

Havia quatro nomes indicados. Repetiam-se durante o período.

— Não são verdadeiros. Cada moça recebe um nome de guerra. Aqui está a primeira.

Junto a um armário de aço, Adelaide procurava pelas pastas das moças assinaladas. Retiradas as quatro, depositou sobre a mesa e começou a analisar-lhes os conteúdos.

— Eis os resultados negativos para os exames da AIDS.

Escondia os nomes reais das pacientes, mas deixava à mostra o carimbo dos facultativos que assinavam os atestados.

— Não pensem que estamos brincando. Não há motivo algum para estar a mostrar-lhes estes documentos. A garantia é para os nossos serviços. Acreditem: o seu amigo não pegou a doença aqui. Vejam que os exames foram feitos recentemente. Bem depois do último atendimento. Voltem à noite. Vou dar-lhes a possibilidade de encontrarem-se com as moças. Não se acanhem. Contudo, o esclarecimento da aquisição da moléstia vai levá-los a outros locais.

No carro, Fernando e Leonel concordaram em que não haveria necessidade de retornar. Jamais poderiam ter esperado semelhante procedimento de segurança.

— Quer dizer que as pessoas, uma vez introduzidas lá, ficam fichadas? Não se garante o anonimato? Para que tanta coisa, se ninguém corre qualquer risco?

Não sabiam dar respostas a todas as questões. O crime organizado ficava para além de suas compreensões burguesas. Sentiram-se idiotas, pensando em que tudo se conduz pelas leis.

Fernando considerava o desejo de pôr em dia os compromissos para com o fisco. E pensava que ninguém na boate deveria sequer imaginar a existência dos impostos. Guardou, porém, as reflexões para si.

— Vamos ter de solicitar outros endereços ao Joaquim. O miserável deve ter escondido outros refúgios...

— Acho que não, Fernando. Pelo que conheci de meu cunhado, essas vezes foram esporádicas, causadas por algum transtorno. Em todo caso, temos de fazer outros levantamentos. Talvez, em outros dias da semana... Há de ter algum indício que precisa ser estudado nesse período.

— Como assim?

— Teremos de verificar o que aconteceu antes do primeiro dia e qual foi a causa de ter parado.

— O que posso dizer, pelo que me lembre, a data da última *entrevista* antecede de uma semana a nossa ida ao terreiro de Umbanda.

— Pois é algo assim que deveremos descobrir para o início.

— Vamos ter de perguntar ao João quando foi que Jeremias começou a frequentar o Centro Espírita. Pode ser que seja a outra chave.

O restante do trajeto foi gasto em considerações sobre a organização da casa de tolerância.

AS INVESTIGAÇÕES CONTINUAM

Leonel acompanhou Fernando até a loja. Interessava-se pelo desfecho das conversas com João e com Joaquim.

João estava prestes a sair, de forma que o reencontro se deu com muita rapidez. Não houve tempo para lhe adiantar nada. Apenas quiseram saber qual a data em que Jeremias iniciara suas idas ao Centro Espírita.

— Difícil de lembrar. Mas não faz muito tempo. De oito a dez meses.

— Obrigado, amigo. Isto poderá ajudar-nos bastante.

João mantinha-se curioso pelo andamento das investigações, mas não poderia, realmente, ficar. Estaria disponível, como sempre, à noite, no *Jesus de Nazaré*. Não haveria trabalho com espíritos. Só atendimento de carentes e alcoólatras. E o semanal *Bazar da Pechincha*. Era o dia mais concorrido, de forma que teriam tempo para conversar, à vista do grande número de auxiliares.

Fernando prometeu pensar sobre o assunto. Talvez fosse.

Assim que João saiu, os *detetives* compararam as informações com as datas e concluíram que poderia haver coincidência.

Leonel queria mais ação:

— Vamos ligar para o Joaquim?

— É preferível ir até lá.

— Então, vamos saber se nos recebe.

Joaquim não gostou muito da perspectiva de receber a dupla. Prometeu procurá-los daí a pouco. Era só o tempo de despachar uns assuntos com o contador.

Fernando suspeitou que João estaria sendo substituído. Ou seria alguém de seu escritório? Enfim, a responsabilidade agora estava em outras mãos.

Enquanto aguardavam, Leonel quis saber que atividades se desenvolviam num centro espírita. Desejava estabelecer a correlação entre espiritismo e estrepolias. Afinal, era o que buscavam para entenderem as atitudes do amigo.

Fernando desconfiou de que havia mais que isso e não se fez de rogado. Contou tudo o que vira, de maneira muito séria. Não se esqueceu das leituras, tendo mostrado os livros. Se quisesse, podia levar aquele que tinha lido.

Leonel aceitou de bom grado. Ilustrar-se-ia.

Pareceu ao amigo que tal atitude era diferente da declarada de que confessaria e comungaria, para agradar as pessoas. Em todo caso, pôs dúvida na leitura.

— Não leio muito, é verdade. Porém, quando afirmo que vou ler, pode contar que leio mesmo.

A tarde avançava e Joaquim não aparecia.

— Estará *fazendo hora*? No telefone, tratou-me com desenvoltura. Estará com medo de enfrentar o ex-patrão?

— Pergunte a ele mesmo, que está entrando.

Eram quase cinco horas. Dentro em pouco, as portas se fechariam e Fernando teria de atender ao expediente do caixa e à prestação de contas do gerente. Joaquim teria de ser rápido.

— Resolveu o que fazer?

Perguntou com receio de estar introduzindo tema desconhecido para Leonel.

— Já conversamos com Dona Adelaide. Não foi lá que Jeremias contraiu a AIDS. É praticamente certo. O que queremos de você é que nos forneça os outros endereços.

— Não há nenhum outro.

— Como assim? Não foi você mesmo quem me afirmou...

— Estou bem lembrado de ter dito uma vez por semana, uma casa de prostituição. Quando vocês saíam juntos, variavam os endereços...

Leonel interferiu. Notou que havia forte indisposição entre os dois:

— É certeza de que só há uma *casa de prostituição*?

— Podem confirmar com Dona Maria. Eu dei a ela as notícias dia a dia. Está a par de tudo. Juro por Deus!

Joaquim não arredaria pé do que dissera. As investigações enalacravam.

— Será que você não sabe de algum relacionamento com alguma funcionária. Alguma amizade desconhecida?

— Nem com efeminados. Podem dizer claramente. Estou habilitado para lhes passar todas as informações. Não me envergonho do que fiz. Estava sendo remunerado regamente e sempre tive tendência para esse tipo de pesquisa. Se pudesse, montava escritório de investigações.

Fernando notou que o ex-empregado estava muito desabrido, contrariando, inclusive, as informações prestadas anteriormente. Adquirira dignidade ou era efeito das novas responsabilidades?

— Se surgirem novas ideias, iremos precisar de seus conhecimentos.

— Queria pedir-lhe um favor, Senhor Fernando.

— Se estiver ao meu alcance.

— Deixei carta em que dispensava o dinheiro do aviso prévio. Enganei-me. Se não lhe for pedir muito, gostaria de refazer a solicitação.

— Vamos cumprir o que a lei determina. Não é assim que um Assistente Técnico da Diretoria deve agir?

Joaquim mordeu os lábios. Desejava pedir mais. Hesitava. Fernando deu a deixa:

— Vou falar com o João. Está como responsável pela contabilidade e responde pelo setor do pessoal. Você poderá contatá-lo na sua loja mesmo.

— Dona Maria resolveu dispensá-lo. Mas estou colocando resistência. Por enquanto, vai ser mantido, até que arrume outro escritório idôneo. Ainda agora estava conversando com um amigo contabilista, para ver se realizo a transferência. Está certo, então, que vou falar diretamente com ele?! Posso solicitar que o pedido de demissão se transforme em dispensa sem justa causa, para receber o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço?

“Foi-se a dignidade.”

— Se João não achar inconveniente, assinarei as guias. Mas não esteja muito seguro disso.

— Obrigado, patrão! Deus o abençoe por tudo o que tem feito por mim!

As expressões de agradecimento só aumentavam o asco pela repugnante personalidade. Fernando desejou ver-se livre do ex-subalterno.

Assim que saiu, Leonel quis saber de mais detalhes a respeito das atividades do espião. Foram interrompidos por chamada telefônica. Era o Capitão Francisco. Confirmava a reunião para o dia seguinte. Às cinco da tarde, em sua residência. Passado o endereço, recomendou que não se alimentasse muito no almoço. Se possível, que meditasse um pouco com a ajuda dos livros de Kardec.

Aí já não dava mais tempo e Leonel teve de retirar-se. Não poderia ir ao Centro, mas recomendava que Fernando fosse. Poderia adiantar os assuntos com o contador.

Só, Fernando recebeu um claro aviso espiritual:

— Caro amigo, a caridade começa em casa.

Lembrou-se de Dolores. Do advogado. De Judite. Do Padre Timóteo. Se o gerente não entrasse naquele instante, iria ter algum achaque depressivo. De relance, passou-lhe pela lembrança as peripécias junto à tal de Dona Adelaide. Fora tão expedito para esse encontro e a esposa estivera no hospital a manhã inteira, disponível para sua aproximação. Realmente, a caridade não estava começando em casa.

COMPASSO DE ESPERA

Após liquidar os temas comerciais com o gerente, Fernando resolveu permanecer no escritório para pôr em dia os pensamentos.

Sentia a força da citação: *A caridade começa em casa*. Arrependia-se de ter sido tão arrogante para com Dolores. Relembrava a expressão de superior conhecimento do Edmundo, afirmando a constitucionalidade da liberdade de culto. Se fora ele a impingir a doutrina espírita, com certeza se implicaria nos artigos da Carta Magna. Por que, então, Dolores se arvorava em defensora intransigente da Igreja Católica Romana, como representante legal da Divindade na Terra?

Pensou em Kardec, cujo livro repousava sobre a mesa. O que não teria enfrentado junto ao então poderoso clero? Será que era casado? E a esposa, que religião professava? Como teria convencido a mulher a aceitar as informações da espiritualidade?

Eram questões que não alcançavam resposta. Queria avaliar as nuances do pensamento intuitivo, mas nada lhe repercutia no fundo da consciência, como se as perguntas não fossem pertinentes aos temas habituais dos protetores.

— Será que não têm liberdade para tratar de todos os assuntos? Será que os consulentes ou os próprios assistidos não podem receber todas as respostas?

O sistema de estabelecer perquirições se havia comprovado eficaz. Aguardaria algo nesse sentido. Por certo, os espíritos estariam interessados no esclarecimento moral. Questiuículas menores, a refletirem apenas curiosidade, não seriam do agrado de quem estaria tratando de melhorar o desempenho dos pupilos. Ou as propostas não estariam ao alcance dos guias, que, afinal, não eram obrigados a tudo saber. Só por se terem transferido para outro plano existencial, não queria isso dizer que todos os conhecimentos se infiltrariam em suas mentes por osmose, por assimilação telepática ou por benignidade especial de Jesus ou do Criador.

Fernando estava habilitando-se a compreender que as elucubrações mentais se montavam segundo princípios dos recursos do seu raciocinar, mas por influência exterior, como se os mentores lhe passassem as ideias com as quais ia concordando, até o ponto em que a imaginação começava a divagar.

Aí começou a pensar em que Jesus, se não tivesse morrido na cruz, poderia ter vindo a constituir família. Lembrou-se do filme *A Última Tentação de Cristo*, desaconselhado do púlpito pelo Timóteo, mas que assistira em vídeo, interessado em caracterizar os pontos discordantes com a...

Interrompeu o devaneio. Era bem a exemplificação da interferência da imaginação.

— Eis que os meus bons amigos estão dando uma aula completa.

Satisfeito com o amparo, quis enveredar pelas possíveis reações do plano espiritual às atividades detetivescas. Repetia-se nitidamente a frase: *A caridade começa no lar*.

Notou a pequena diferença entre as citações (*casa/lar*). Será que o vocabulário vinha formulado do etéreo ou se construía no cérebro, conforme o saber ali depositado? Com certeza, médiuns como Chico Xavier receberiam tudo pronto. Não era o caso da xenoglossia?! Como pensar em retirar do cérebro do médium expressões idiomáticas totalmente desconhecidas? Ainda se fossem línguas como o espanhol ou o francês. E quando se trata do árabe, do japonês ou do chinês? Ou dos próprios textos poéticos? Será que o Chico teria recebido mensagens nessas línguas estranhas? Recordava-se de ter ouvido dizer que apanhara ditados escritos de trás para frente e outros que só poderiam ser lidos contra a luz ou refletidos no espelho.

Teria sentido imaginar que o Chico tivesse recebido mensagens em língua desconhecida dele mesmo, Fernando, para comprovar-se mais tarde a veracidade da suspeita? Não estaria aí a influência direta, sem o concurso do repositório da memória do médium? Que língua se poderia falar na Europa sobre cuja existência não tivesse ouvido falar? Não conhecia muito da geografia do Velho Mundo, mas foi capaz de se lembrar de um pequeno país: Luxemburgo. Haveria o luxemburguês? Chico Xavier teria apanhado ditados nessa língua?

Desconfiado de que estivesse recebendo uma resposta, resolveu escrever, para perguntar no Centro. Queria pôr em evidência a possibilidade do relacionamento efetivo com os benfeitores, sem a interferência da consciência, como se tudo devesse ser filtrado através dela, para merecer o carimbo da fidedignidade. Que interesse poderia resultar de uma conversa com os seres mortos (não gostou da expressão, achando que poderia ofender os amigos), se não lhe dissessem nenhuma novidade?

Nesse ponto, ergueu a voz, após verificar que o guarda da segurança não poderia ouvi-lo, e perguntou:

— Aonde deverei ir, com quem deverei falar, para desvendar o segredo da contaminação de Jeremias?

Bateu os olhos n' *O Livro dos Médiuns* e lhe veio a intuição de abrir a obra ao acaso. Talvez fosse bom método para explanações inteiramente alheias aos próprios pensamentos.

Abriu o livro e se deparou com quadro sinótico no qual se dividiam os médiuns em *de efeitos físicos e de efeitos intelectuais*. Mais adiante, especificavam-se os *sensitivos*, os *naturais ou inconscientes*, os *facultativos ou voluntários*. A partir daí, leu as várias subdivisões. Eram muitas. Contou sessenta e oito. Admirou-se da riqueza das possibilidades. Sentiu-se ignorante ao extremo. Como poderia aspirar franco relacionamento com os do etéreo, se não tinha nenhum conhecimento técnico do assunto?

— Bem pensando, concluiu, até que tenho avançado muito nesta primeira semana de efetivo trabalho mediúnico.

Nesse ponto das cogitações, verificou se não estava na hora de ir para casa. Por que não iria para o Centro? A pergunta o surpreendeu por inopinada. Que faria em casa, a

não ser aborrecer-se com a mesmice da televisão? Com Dolores lá, trocavam ideias. Contavam os acontecimentos do dia. Falavam dos projetos junto à paróquia...

Sempre a religião a intrometer-se entre os dois. Desagradou-lhe a lembrança. Estava de mãos atadas. Segunda-feira, iria ao advogado. Até lá, compasso de espera. Amanhã, toca para a casa de Francisco. Ansiava para ver resolvidos certos problemas técnicos, já que a sessão evocaria determinados espíritos e não se abriria para o recebimento de quem os guias estabelecessem como os mais convenientes.

Era cedo para ir ao Centro. Ficaria lendo mais um pouco.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

Perto das oito horas, cansado de ler, Fernando pôs de lado as aflições pessoais para conhecer como se atendia no Centro Espírita. Tinha ouvido que Jeremias sustentava boa parte da benemerência, mas não punha fé em que se obrasse com muita dignidade, não pelos que davam, mas pelos que recebiam.

Preparou-se, pois, para encontrar-se com pessoas pobres, ignorantes, rudes, sujas e mal intencionadas. Era como via o povão. Desde criança, quando convivia com a pobreza. E quando formulara os desejos de ascender financeiramente.

— Bem pensando, até que meus pais não eram totalmente desprovidos de recursos, tendo-me feito estudar até o colegial. Professores de primeiras letras, não me poderiam oferecer oportunidade para o ensino superior, mas não me deixaram tão mal que não me estabelecesse, assim que recebi impulso do primeiro patrão. Puxei a ambos na inteligência. Com uma diferença: apliquei-a aos lucros dos negócios.

la nesse diapasão, quando chegou ao Centro. Desde logo, notou grande movimentação externa. Junto à porta lateral, enorme fila de mulheres e crianças, principalmente. Estavam com cestas e sacolas vazias. Que iriam buscar?

No portão principal, João e companheiros fiscalizavam a frequência.

Assim que chegou, o contabilista fê-lo entrar.

— Chegue-se para o escritório.

— Gostaria de saber o que se passa. Quem é toda essa gente?

— É o pessoal das redondezas, inclusive da favela, que vem buscar alimentos e roupas. Hoje é o dia da pechincha.

Fernando sabia o que era. Doara muita roupa usada, através de Dolores, para os empreendimentos da paróquia. Certa ocasião, fora ajudar na quermesse. Mas se decepcionara. Não só as melhores peças eram *arrematadas* por alguns organizadores, como a fixação dos preços os favorecia enormemente. Sentira-se muitíssimo mal. E expôs as dúvidas.

— Aqui nós controlamos as doações. As melhores peças, para os mais necessitados. Para o bazar, o que possa oferecer retorno financeiro suficiente para a manutenção da sopa dos sábados. E para que os menos miseráveis possam ter a impressão de que estão adquirindo os bens com o suor do rosto. Quanto ao pessoal da

casa, é proibido arrematar qualquer peça, a menos que fiquem empacadas durante semanas. Nesse caso, mais ajudam do que se *aproveitam*, como você sugeriu.

— Faz tempo que essa fila está à porta?

— Desde às seis. Querem chegar antes para comprarem o que houver de melhor.

— Compram para si mesmos ou pretendem revender?

— Há de tudo. Não temos como controlar. Se você entrar na fila, humilhando-se à condição de quase indigência e desejar comprar o estoque, será impedido. Há limites. Entretanto, o povo que vem para o bazar não está cadastrado no setor de assistência social. Hoje, o que pretendemos, na realidade, é mostrar que a casa espírita é local de confraternização e de ajuda. O pessoal da porta, principalmente, está fiscalizando para avaliar se não aparece nenhum bêbado. Aí a perturbação se torna muito prejudicial.

— Acontece?

— Muitas vezes. É que os maridos vêm atrás do dinheiro. Algumas vezes, quando estão muito agressivos, valemo-nos da polícia.

— Há alguma palestra obrigatória, antes do início das vendas?

— Em hipótese alguma. Se tivéssemos alguém que pudesse ser respeitado por qualidades superiores. Como o Chico Xavier. O povo permaneceria quieto, para ouvir as novidades, para presenciar os fenômenos de mediunidade. As curas. Para receber respostas de parentes mortos. Seria quase um espetáculo aos olhos dos ignorantes, que não pretendem mais do que se *aproveitarem* da proximidade dos espíritos categorizados para *aparecerem*, principalmente no sentido de se livrarem dos tormentos.

— Como assim?

— Os doentes querem receitas e remédios grátis. As mães desejam que os filhos se aquietem e parem de lhes causar problemas. As mulheres pedem para que os maridos retornem ou deixem de se alcoolizar...

— É como na Umbanda.

— Mais ou menos. Mas nós não temos quem possa atraí-los. Simplesmente, damos orientação a quem nos pede. Para isso, temos departamento devidamente estruturado, segundo as normas da Federação Espírita. Quem quiser participar desse setor, obrigatoriamente, passa por curso de entrevistador, de assistente, de palestrante e assim por diante.

— Não sabia que estavam tão aperfeiçoados.

— E não estamos. Tudo é muito precário. Sem dinheiro, pouco podemos fazer. Com a quebra das verbas de Jeremias, iremos diminuir em muito as atividades. Mas, para nós, o que vale é o trabalho. Dentro do tempo disponível, cada qual faz o melhor que pode. Não se pretende salvar o Mundo. Muito menos prover o Paraíso.

Fernando ia propor-se a substituir o amigo, mas lembrou-se do cataclismo doméstico e da restauração das dívidas para com o governo. Calou-se a tempo.

João, contudo, parecendo ler-lhe o pensamento, acrescentou:

— Para aceitar as contribuições das pessoas, estabelecemos que haja um mínimo de participação junto à diretoria. As dádivas são sempre bem-vindas, mas a colaboração efetiva, constante, equilibrada, racional é o pequeno amparo evangélico com que a casa espírita quer retribuir aos amigos que nos ajudam. Melhor dizendo. Se você pretende substituir Jeremias (e eu acho que não deve, pelo menos por enquanto) vai ter de

comprovar-nos que aceita os princípios gerais da caridade como norma superior para a salvação. Se a intenção for de mera compra de lote nas terras sagradas do Senhor, pode esquecer. Já tivemos amargas experiências.

— Como pode alguém prejudicar, quando o que está dando é o de que se tem mais necessidade?

— Tivemos um presidente vitalício, por mais de vinte anos. Mandava e desmandava. Como você deve ter observado, o Centro se rege por estatuto próprio. Não está vinculado a nenhuma organização de caráter superior. Os padres respeitam os bispos, a cúria, os cardeais, o papa. Cada centro espírita se rege autonomamente. Essa é a sua grandeza. Mas também o seu ponto mais difícil. Quando o pessoal desejou outro presidente, o antigo mecenas debandou e todos os setores ruíram. Tivemos de reestruturar os departamentos. Em suma, para não cansá-lo, venha conhecer as demais dependências e avaliar como é que a turma trabalha. Depois conversaremos sobre as investigações...

Realmente, Fernando cansara-se com as explicações. Julgava que, para entender tudo, era preciso conviver durante algum tempo com o serviço. Mas não estranhava que João falasse com entusiasmo. Comparou-o ao Padre Timóteo a discursar do púlpito, pondo ênfase nos pontos essenciais da religião, pretendendo manter os fiéis apegados à Igreja. *Mutatis mutandis*, na essência, era a mesma coisa.

Nos fundos do terreno, havia amplo salão onde as mercadorias do bazar estavam expostas. Naquele momento, as primeiras pessoas tinham acesso e punham-se em contacto com os preços.

Todos os preconceitos de Fernando iam confirmando-se. Para conhecer o que ali se passava, não precisaria ter vindo. Desagradou-se. Não se ambientou. Tinha a mesma impressão da quermesse.

— João, vamos conversar lá no escritório?

Não passou despercebido ao contabilista o mal-estar do companheiro. Seria uma questão de tempo? Pois era o que mais tinha para a conversão definitiva do comerciante. Sabia que a mentalidade do amigo girava muito ao redor do lucro. Ou suspeitava que assim pudesse ser, à vista de não conhecê-lo profundamente. Também para isso precisava dar tempo ao tempo.

Acomodados no escritório, Fernando resumiu as atividades do dia.

— Estamos de novo na estaca zero. Será que a espiritualidade não poderá ajudar-nos?

— De certa forma, está sempre apoiando-nos, desde que as iniciativas sejam sábias. Informações que possam prejudicar a terceiros não receberemos dos benfeitores. De qualquer modo, amanhã nos colocaremos nas mãos dos amigos, para que possam dar-nos as pistas evangélicas do procedimento nessa circunstância.

Lembrou-se Fernando do papel em que registrara a língua hipotética.

— Sabe você se o Chico Xavier psicografou alguma mensagem em...

Leu a anotação:

— ... luxemburguês?

— Tenho vaga ideia de ter lido algo nesse sentido. Mas quem deve saber mesmo é a Dalva. Vamos procurá-la.

Enquanto andavam, Fernando explicou o que causara o interesse. Queria saber se estava sendo alvo da atenção direta dos mentores.

— É plausível que você tenha essa intuição. Contudo, qualquer que seja a resposta, não se esqueça de que o processo poderá ter sido formulado pela sua mente. Não é difícil de imaginar uma língua própria, falada por uma nação independente. Você poderá envolver-se com problemas íntimos, ou seja, a fé nos protetores. Um fato isolado nada significa. É preciso estabelecer milhares de informações como essas, para firmar o princípio como originado no plano espiritual.

Encontraram Dalva entretida com pequeno grupo de *assistidos*. Explicava-lhes a necessidade de voltarem em outras oportunidades, para receberem os passes e ouvirem as palestras.

Esperaram até que a turminha se retirasse, escutando a palavra que tentava ser convincente. Fernando não viu nada de mais. Notou apenas que não se falou uma única vez em espíritos ou em influência sobrenatural.

Dalva ouviu atentamente a questão.

— Realmente, Chico Xavier apanhou diversas mensagens em luxemburguês. De resto, ele mesmo nunca ouvira falar nesse idioma. Parece que há o luxemburguês culto e o popular e ele escreveu no luxemburguês culto. Esses fatos do grande médium estão citados nas diversas obras biográficas. É fascinante conhecê-las, para avaliar a grandeza dessa alma. Se quiser, posso emprestar-lhe algumas.

— Não se incomode.

— Não estou falando de minha biblioteca particular. Nós temos aqui no Centro. Basta acompanhar-me.

Fernando não estava em condições de avaliar o jorro de informações que recebera. Resolveu que o melhor era mesmo aceitar a oferta. E lá foram os três à saleta contígua à secretaria.

Os olhos castanhos da confreira (de onde lhe viera tal expressão?) interessavam-no. A vivacidade da palestrante não lhe tinha chamado a atenção no auditório. Vendo-a, porém, mais de perto, sentiu-se atraído.

— Meu marido é quem gosta destas obras biográficas. Se estivesse hoje, lhe forneceria os dados exatos de onde encontrar a referência ao luxemburguês. No entanto, fique com *Trinta Anos com Chico Xavier*, de Clóvis Tavares. Aqui há casos muito representativos da personalidade do Chico.

A referência ao marido fora feita em momento oportuno. Teria sido avisada? Por algum espírito? Por algum trejeito facial? Por algum olhar expressivo?

Tarde da noite, sem conciliar o sono, Fernando lembrava-se de Dolores. Teria sido a falta da esposa que o levava a olhar para Dalva? Era totalmente fora de propósito. Quando via as dançarinas seminuas na boate, entusiasmava-se. Mas era bem diferente. Às vezes, dava certo de convencer a esposa a ceder-lhe...

Súbito, surgiu-lhe pertinente questão:

— Quem se dá prazer sozinho, estará envolvido por forças espirituais negativas?

Adormeceu tentando resolver o problema, preocupado com o seu passado de luxúria.

SÁBADO PROVEITOSO

Fernando passou a manhã de sábado lendo.

Logo cedo, tivera de serenar o casal de empregados. Letícia, senhora de mais de sessenta anos, chorava, inconsolável com a partida de Dolores. Seus maiores temores advinham da expectativa da perda do emprego. Para onde iriam os velhos, se ficassem soltos no mundo? Viviam, desde há muito, naquela casa. Providenciavam para a limpeza e a manutenção. Cuidavam dos cães e gerenciavam os serviços, dando provimento a todas as refeições.

O patrão lhes deu as indicações seguras de que pretendia mantê-los sempre, sem, contudo, comentar a partida da patroa. Ele mesmo, afinal, não tinha certeza de nada.

Servido o almoço, Fernando não tocou nas carnes nem no vinho. Lembrava-se das recomendações de Francisco. Desse jeito, iria emagrecer, pois estava dando preferência aos legumes e às frutas. Não o fazia com a mesma convicção do compadre. Entretanto, sentia-se muito bem, com as roupas mais folgadas. Ao se preparar para sair, pesou-se. Realmente, pelo menos três quilos tinham ido.

Recordou-se do interesse de Leonel pelo livro do Codificador e convidou-o, pelo telefone.

— Estou sem ter o que fazer. O ambiente em casa está uma tristeza. Rute está muito temerosa de que a irmã esteja infectada. Não para de chorar. Qualquer coisa que me tirasse daqui seria um alívio. Quer que eu vá buscá-lo?

— Deixe que passarei eu. Até já.

Fernando alegrou-se com a companhia de Leonel. Haveria alguém com quem trocar ideias, sem constrangimento. João e os demais sabiam muito. Ele ficava só levantando problemas e perguntando. Adiantara *O Livro dos Médiuns*, mas achou a leitura demasiado seca, técnica, embora fascinante. O sistema de perguntas e respostas era efficientíssimo. Por três vezes, tentou descobrir respostas às próprias questões, tendo-as achado convenientemente explicadas.

Alegria, mesmo, teve quando folheou o livro sobre o médium mineiro. Estava a história toda das mensagens em luxemburguês. De passagem, achou a citação da captação de texto em caracteres sânscritos. Impressionante.

— Estudar Espiritismo desse jeito é agradabilíssimo. Se ninguém estiver mentindo (e eu não devo duvidar de mim mesmo, pois meus fenômenos jamais poderia considerar como alucinações), o caminho para a humanidade está bem definido. O interessante é como o plano da espiritualidade age: a partir de certas batidas nas mesas (como se diz? — tiptologia), chegar a obras filosóficas de tamanha complexidade.

Pensou em que estava desviando-se dos problemas mais prementes. Precisava preparar-se para interrogar os benfeitores evocados. Queria saber, sobretudo, como chegaria a resolver o problema da separação iminente. E queria esclarecimentos a respeito da aquisição da doença pelo amigo.

Chegou a imaginar que poderia escrever em forma de perguntas, como fez Kardec, mas desistiu. Havia tão pouco e os protetores deveriam estar por ali a observá-lo. Estaria o Roque? Não o viu, mas suave aroma de bom havana penetrou-lhe pelas narinas. Impressão?

— Não há como perceber no ar os eflúvios etéreos. A influência deve exercer-se diretamente nos centros das sensações do cérebro.

Percebeu que respondera por si mesmo. Nenhuma intuição. Nenhuma nuance de perturbação mental. Nenhum frêmito intelectual. Nenhuma manifestação epidérmica. Perguntara e respondera. E isso o deixou imensamente satisfeito. Aproveitava deveras as leituras. E aplicava-as às necessidades do espírito.

Leonel foi adiantando:

— Acho que sei onde Jeremias contraiu a AIDS.

— Diga logo!

— Foi na boate em que experimentou a dose de cocaína.

— Quem estava presente?

— Você mesmo. Foi durante a comemoração de uma das vitórias do Brasil, na Copa de 94.

— Como é que não vi?

— Bêbado?...

— Jamais. Nunca cheguei a perder a noção das coisas. Foi ali mesmo, na mesa?

— Um sujeitinho do lado lhe ofereceu. A tanto a dose.

— Disso eu me lembro. Mas todos recusamos.

— Jeremias também. Depois de certo tempo, disfarçou e procurou o rapaz. Foram lá nos fundos.

— Onde você estava?

— Não saí da mesa.

— Espera aí. Como foi que ele...

— Picou-se.

— Não seria agulha descartável?

— Creio que não.

— Você se lembra do dia?

— É fácil. As datas estão demarcadas.

— Já sei. Foi contra a Rússia. A única festa a que compareci.

— Precisamos encontrar o traficante. Frequenta a boate há muito tempo.

— Leonel, você não quer cuidar disso sozinho?

— De jeito nenhum. Você vai comigo hoje à noite. Vamos e voltamos, que não posso ficar muito tempo fora. Chegaremos cedo e pediremos aos *garçons* que nos ajudem. Não vai ser difícil.

— Como é que os médicos disseram que ele não era viciado em drogas?

- Não era mesmo. Foi a única dose. Letal.
- E a marca no braço.
- Você nunca tomou injeção na veia?
- Claro que sim!
- E ficou a marca?
- Não por muito tempo.
- Pois é a mesma coisa. Apenas quem repete muitas vezes as picadas é que vai calejando a pele. Há quem disfarce com tatuagens.
- Isso eu sei. O que não compreendo é como Jeremias aceitou a dissolução da droga em sangue desconhecido.
- Estava zozinho pela bebida.
- Se você quiser saber, penso que sua hipótese esteja errada. Mas não vamos descartar a ideia. Concordo em ir, mas gostaria de que mais gente fosse. Será que o João nos acompanharia?
- Isso só ele mesmo...

Francisco vivia só mas confortavelmente. Era um apartamento de grandes dimensões, desses em que os proprietários estabelecem as divisórias. Francisco reservou pequeno espaço para o quarto e deixou livre grande vão para a sala, onde mantinha conjunto de três sofás e ampla mesa.

— Não reparem na desarrumação.

Tudo estava impecável. Havia a mão de arrumadeira, pela ausência de pó nos armários e nos livros. Ou era ele mesmo quem fazia o espanejar? Quireras. Fernando não estava gostando do alheamento mental a despeito das preocupações capitais.

— Alguma notícia do João?

— Prometeu que viria. Encontramo-nos no Centro, para a sopa dos sábados. Havia muita gente. Houve necessidade de reforçar o almoço com pãezinhos comprados na última hora. Assim mesmo, quase não deu. Parece que o povo está cada vez mais faminto. A verdade é que bons eram os tempos da...

Pareceu aos amigos que iria dizer *ditadura*.

— ... Revolução de Trinta e Um de Março.

Percebeu o médium que não era oportuno discutir momentos antes da imantação mediúnica. Retrocedeu:

— Desculpem-me. Creio que não há motivo para discussões políticas, sociais ou militares. A hora é dos temas espirituais...

Chamavam pelo interfone.

— Podem subir. É o João, com mais três pessoas. Vamos ver quais são os médiuns que trouxe.

Eram Dalva, o marido e outra senhora que participara da reunião da segunda-feira.

A REUNIÃO ÍNTIMA

Francisco apresentou Leonel aos recém-chegados. Deu-o como interessado nos acontecimentos que envolveram o cunhado. Entretanto, João desejou conhecer-lhe a convicção religiosa.

— *Estou* materialista, mas não assumo postura de *arrelia* quanto às crenças das pessoas. O que mais aspiro no mundo é ser respeitado. Para isso, respeito.

— Ouviu falar em Espiritismo? Em sessão mediúnica? Em evocação dos mortos?

— Claro! Até já iniciei a leitura de um livro...

Fernando completou:

— *O Céu e o Inferno*...

— Está gostando?

— Não pretendo expender opinião, para não ser injusto. Nem pra mais, nem pra menos. Está despertando minha curiosidade, pelo menos. Como disse a Fernando, vou ler até o fim.

— Está disposto, então, a acompanhar a reunião, sem interferir?

— Estou.

— Se pertencesse a alguma religião, pediria para repetir as preces habituais. Com materialista, jamais trabalhei.

Esteves, marido de Dalva, interferiu:

— Basta concentrar-se no que julga ser o mais honesto, o mais leal, o mais honrado sentimento humano. Quem ama a alguém no mundo, terá sempre ponto valiosíssimo a que dedicar o pensamento. Pense na esposa, nos filhos. Pense nas boas recordações que lhe deixou Jeremias. Se você não ajudar, também não irá atrapalhar. Com certeza, os protetores espirituais providenciaram para que tudo decorra da melhor maneira. Quando os encarnados iniciam a reunião, o ambiente já está preparado, no isolamento inevitável quanto aos seres maldosos que poderiam interferir. Seja bem-vindo aos trabalhos.

Fernando admirou a facilidade da exposição. Mais ainda, invejou a aproximação do casal no relacionamento espírita. Lembrou-se de Dolores, arredia... Também, fora ele quem desertara da religião que professavam. Teve curto frêmito de vergonha, mas ninguém pôs reparo em que estava alheando-se da conversa.

João assumiu a presidência dos trabalhos. Fez que Francisco trouxesse papel e lápis. Psicografia.

— Quem deseja escrever?

Dalva, o marido e Clara dispuseram-se. Fernando não sabia o que dizer. Francisco disse que participaria apenas psicofonicamente.

— Através da palavra falada, esclareceu para Leonel.

João preocupava-se com Fernando. Queria que tomasse parte ativa, mas julgava muito precoce atribuir-lhe função definida:

— Caso sinta a aproximação dos protetores, dê passividade. Mas espere que o guia lhe peça para falar. Não precipite qualquer participação. Sempre haverá claro indício de que é chegada sua vez. Acredito que estaremos bem orientados. Se assim for, fique atento para as imagens que se formarem em sua mente. O sentido da visão espiritual poderá auxiliar-nos a compreender os trabalhos em desenvolvimento, principalmente se Jeremias estiver em condições de comparecer.

Abriu um dos livros que trouxera:

— Se ninguém tiver nenhuma observação, poderemos começar.

Francisco foi encarregado das leituras, enquanto João acionava o aparelho de som, enchendo o ambiente de suave música sacra. Fernando reconheceu Bach.

O texto era extraído do *Evangelho* de Mateus. A obra aberta ao acaso, citava a expressiva passagem em que Jesus atendia a um centurião cujo servo estava muito doente. Realizara a cura a distância e estabelecera como causa a enorme fé nos poderes do Mestre:

“Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado.”

Aos poucos, Fernando foi *apagando*, sentindo-se envolver por suave dormência. Mal percebeu quando as luzes foram amainadas, permanecendo apenas uma lâmpada acesa no corredor de acesso ao quarto. Era o suficiente para os psicógrafos escreverem.

Antes de manifestar-se o guia de Francisco, Irineu, Fernando pôde vislumbrar que a sala estava cheia de entidades, entre as quais Tia Ana, Roque, Jeremias e diversos trabalhadores junto a cada médium. Desfez-se a visão, quando Irineu assumiu a palavra, pela potente voz do ex-militar:

— Meus irmãos, estejam na paz do Senhor! Os benfeitores familiares do amigo Fernando, reunidos com os protetores de Jeremias, resolveram dar atendimento às solicitações dos generosos corações. Entretanto, como os temas são de difícil explicação cármica, envolvendo procedimentos em cadeia durante várias encarnações, sirva-lhes a advertência de que devem agir em consonância com as aspirações de Jesus, quando trouxe o evangelho aos homens. Sempre haverá de ser o amor que propiciará condições para que se cumpram os desideratos com que se ingressa na carne. Pede o amigo que se lhe esclareça como trazer de volta ao lar a esposa. Não há que se impor nenhuma contrariedade a quem anseia viver livre dos compromissos antigos. É deixar nas mãos do Pai, querendo bem, respeitando, mesmo quando nos sentimos feridos no amor-próprio. Sabemos que o relacionamento está ameaçado, ainda porque nunca esteve, rigorosamente, dentro dos padrões humanos evangelizados pela cordialidade, pela mútua necessidade e pela compreensão.

Intimamente, Fernando manifestou a vontade de que se encerrasse a peroração. Entendera a mensagem. Doía-lhe a consciência, pois não cessavam de lhe passar pela

lembrança as fugas para o carteadado, para as corridas de cavalos, para as boates. Colhia o que plantara.

Irineu prosseguia:

— Haverá três mensagens escritas destinadas a esclarecer o tema da doença de Jeremias. Apenas a que Clara anotar é que poderá ser lida para conhecimento de todos. As de Esteves e de Dalva serão reservadas para Fernando e Leonel, a quem pedem os protetores que não comentem com outras pessoas. Não conterão o retrato definitivo da história real dos acontecimentos, mas serão suficientemente reveladoras das peripécias da vida. Respondendo à perquirição íntima de Leonel, Jeremias manda avisar que se sente à vontade para discordar de seu ponto de vista de que a pessoa não deve firmar conceitos existenciais por falta de clarividência. Diz-lhe que não há que se marcar passo ou perder tempo, se a pessoa estiver dotada de inteligência, sendo capaz de compreender os pensamentos abstratos. Diz-lhe também que está paga a promessa que fizeram um ao outro de se comunicarem, quando o primeiro desencarnasse.

Diferentemente de Fernando, Leonel estava muito desperto e pôde recordar-se do dia em que havia discutido com o cunhado. Nem tudo fora dito com convicção, estando ambos com seus copos de uísque. Mesmo assim, admirava-se de que Francisco pudesse ter conhecimento de algo que se passara apenas entre os dois. Há bastante tempo. Era ponto para ser averiguado.

Enquanto Irineu palestrava, João acompanhava a escrita dos três médiuns, providenciando a substituição das folhas preenchidas.

Fernando manifestou o desejo de voltar a divisar Jeremias. Queria saber se estava capacitado a lhe enviar mensagem visual.

Jeremias amparava-se em dois atendentes. Estava bem, lúcido, interessado nos trabalhos. Fez-lhe sinal de que sentia fraqueza e de que estava com saudade. Fernando compreendeu que lastimava ter partido tão cedo. Não se falavam mas entendiam-se perfeitamente. Foi então que Jeremias passou a Fernando a sensação nítida de que deveria amparar-lhe os filhos. E a visão se desvaneceu, como se o esforço tivesse sido demasiado.

Calara-se Irineu. Francisco se recostara na cadeira, com os olhos fechados. Parecia dormir. Fez-se silêncio. Ouvia-se somente a bulha dos lápis. Clara suspendeu logo a escrita. Esteves ficaria mais dez minutos escrevendo. Dalva se estenderia por mais cinco além. Quando terminou, João assumiu a coordenação dos trabalhos. Agradeceu aos benfeitores, orou ao Pai e rogou aos presentes que mantivessem elevado o nível de concentração, pois as energias desgastadas lhes seriam recompostas, através de seu magnetismo.

Fernando percebeu que João iria dar um *passe* em cada um. Contudo, o coordenador limitou-se a se concentrar em silêncio. Haveria o que ver no plano da espiritualidade? Não conseguiu, porém, sentiu forte empuxo mental, como se algo não lhe estivesse indo bem no pensamento.

“Acho que não devo ser apenas curioso. Devo aprender a colaborar com a imantação, para que os trabalhos mediúnicos se realizem a contento. Desculpem-me, por favor!”

Ficou sem saber se a manifestação repercutira favoravelmente. A verdade é que melhorou, despertando, paulatinamente, para a realidade material. Lembrava-se de tudo o que vira e ouvira. Regozijava-se internamente.

Quando as luzes se acenderam, estava escurecendo. A sessão durara pouco mais de quarenta e cinco minutos. O relógio da sala bateu seis vezes.

João recolheu as páginas e passou-as a Fernando, reiterando a recomendação do guia espiritual.

Leonel quis saber se alguém se lembrava do que escrevera. Dalva tinha vaga ideia. Esteves nada sabia. Clara só se recordava de que compusera versos.

— E Francisco?

— Como sempre, se não me contarem o que se passou, vou ficar na ignorância.

Fernando abriu a folha de Clara, pediu permissão e leu em voz alta:

A sigla da doença misteriosa
Instala-se na mente do coitado,
Deixando-lhe a noção que foi errado
Supor que, nessa vida, o mal se goza.

Apenas por ficar posto de lado,
Mantém seu asco pela minha glosa,
Ou julga ser bonita e poderosa,
Retendo só o som melhor formado.

Conheço uma pessoa que sofreu
O trágico destino da doença,
Morrendo muito cedo, porém, deu

Devido seguimento para a crença,
Ouvindo as preleções do Bom Judeu:
Razão que justifica a benquerença.

Não atinaram com o acróstico. Desgostaram-se do soneto, que não refletia direito seus sentimentos em relação ao que entendiam como positivamente poético. Faltava um título. Faltava um nome de relevo. Mas evitaram tecer comentários. O autor ou autores estariam por perto e a médium poderia magoar-se.

Dentre todos, Leonel era quem se mantinha mais quieto. Fora surpreendido pela seriedade da comunicação e pela eficácia das respostas às questões íntimas. Evitou interrogar as pessoas. Conversaria mais tarde com Fernando.

João exultava. Uma poesia. Era a primeira vez que tal ocorria em sessão por ele presidida. Pegara a folha e não se cansava de ler. De repente, exclamou:

— AIDS, AMOR COM DOR!

— Como?

— Vejam aqui. As iniciais: AIDS AMOR COM DOR.
Fora encontrada a chave do tema. Que conteriam as outras mensagens?

COM LEONEL

Fernando estava profundamente agradecido aos amigos do Centro, muito particularmente a João e a Francisco. Chamados por Jesus ao apostolado do amor, não decepcionavam. Sentiu-se em meio à sagrada congregação evangélica como se a ela pertencesse. Deslumbrara-se com a comunicação fugaz de Jeremias e com a segura orientação de Irineu. Alheava-se da vida mundana, como se adentrasse plano de superior moralidade. Não fora o momento das despedidas e da necessidade do relacionamento urbanizado, desmanchar-se-ia em lágrimas.

Saíram todos a um tempo, deixando Francisco sozinho. Esteves fora quem trouxera João, de sorte que voltariam juntos. Leonel manifestou o desejo de regressar logo, obrigando Fernando a despedir-se sem efusões sentimentais. Na verdade, o que desejava era ler o conteúdo misterioso das missivas do etéreo.

— Vamos para minha casa ou para o seu apartamento?

— Direto para sua casa. Precisamos ler o que se contém nessas folhas, para tomarmos as providências relativas ao projeto de hoje à noite.

— É verdade. Esqueci-me de convidar João. Não faz mal. Iremos só nós. Não há de ser difícil de localizar o fornecedor da droga.

Enquanto o carro avançava no complicado trânsito de sábado, os amigos puseram em dia as impressões sobre a reunião. Fernando estava interessado em saber se Leonel punha fé nas declarações do protetor. Fora surpreendido pelas assertivas relativamente às conversas privadas com Jeremias? Que achara da poesia?

— Admirável a coerência, meu amigo. A coerência foi o que mais me impressionou. Pode ser que tudo não passe de fantasia. Pode ser até que haja transmissão subliminar de pensamentos. Ou o que o valha. A chamada telepatia. Mas a coerência é deveras ponto a considerar. Nunca botei fé em nada que me quisessem impingir como sobrenatural. Se falassem em milagre, iria rejeitar qualquer tentativa de me convencerem. Mas o que se deu na reunião foi como se tudo se passasse de modo absolutamente natural. E olhe que quem está falando é um materialista de quatro costados, desde os tempos escolares. Nunca fui de dar ouvidos às balelas dos padres ou aos milagres de Jesus. Assisti a vários programas na televisão em que as pessoas davam testemunho de curas e de graças. Eram programas montados por uma seita protestante. Igreja Universal. Ou coisa assim. Mas a evidência do lucro, da comercialização dos bens espirituais transformava tudo num grande

circo. Nada entendo de poesias ou de literatura, mas o poema pareceu-me muito bem trabalhado. Ou Clara o tinha decorado ou não foi ela quem elaborou ali, naqueles poucos minutos. Pelo que pude perceber, não levou mais do que uns quinze ou vinte minutos. Se eu fosse escrever algo assim, levaria um mês inteiro e aposto como ficaria sem muito sentido. Como você vê, estou entusiasmado. Fazia tempo que não me abria com tanta veemência. Aliás, concordo inteiramente com o guia...

— Irineu.

— ... ou com o Francisco, não sei bem, quando disse que a hora é agora para que efetue os projetos de vida.

— Isso foi atribuído a Jeremias.

— Que seja. Não vou discutir. A verdade é que houve muita coerência em tudo. E isso é impressionante.

— E se eu lhe disser que recebi um recado do Jeremias?

— Acredito na hora.

— Pois me rogou que tomasse conta dos filhos.

— Estranho.

— Também acho. Os rapazes estão taludos. Universitários. Conhecem a vida melhor que nós. Se for dar-lhes conselhos, vão rir de mim, especialmente porque a mãe lhes deve ter enchido a cabeça de ideias...

Jogava o verde, para colher as informações sobre como estava sendo apontado junto aos amigos.

— Não ouvi Maria abrir a boca a seu respeito. No início, antes de saber da doença, preocupava-se com o fato de ter desandado a gritar na oficina. Ou na loja...

— Na oficina. Eu estava lá. Começou comigo.

— Pois nem isso ela disse. Depois que soube da AIDS, calou-se, completamente.

Fernando considerava Leonel lealíssimo. Nunca o surpreendera mentindo. Voltava contra ele só o fato de se propor a partilhar das cerimônias religiosas, para agradar ou para não provocar. Até isso, porém, dissera com toda a clareza. Era excelente para quaisquer iniciativas. Não iria mentir-lhe a respeito de sua fama.

— E você, Fernando, o que achou de tudo?

— Faço minhas as suas palavras. Como estou há bem pouco tempo no Espiritismo, não tenho elementos para críticas. No entanto, pareceu-me que as forças da espiritualidade ligadas a Jeremias, seus protetores, seus guias, seus mentores, seus...

— Existem tantos anjos da guarda assim?

— Não. São apenas nomes diferentes para as mesmas entidades. Pelo menos é o que me consta. Sei que existe um tal de anjo guardião, cujas funções são mais especializadas ou complexas, mas não saberia defini-lo com clareza. Estou estudando.

— No livro que você me emprestou não tem?

— Fala qualquer coisa, mas penso que a doutrina esteja melhor explicada n' **O Livro dos Espíritos**. Esse não li ainda.

— Você pretende ir em frente no Espiritismo?

— O futuro a Deus pertence. Contudo... Não obstante... Todavia... Entretanto...

— Chega de adversativas!

— Estou mostrando-lhe que tudo pode acontecer. A minha tendência atual é de prosseguir nesse caminho. Você sabia que a igreja primitiva se denominava de *Caminho*?

— No tempo de Jesus?

— Logo depois, quando os apóstolos começaram a divulgação do evangelho.

— O homem aí está *sabudo*...

— Após a reunião, vou confessar-lhe, compreendi quanto tempo perdi na vida com bobagens. Missas, confissões, comunhões, boates, pôquer, Jôquei...

— Não deixe os nossos amigos ouvirem você falar desse jeito...

— E eu devo me importar com isso?!

— E se Dolores exigir, para voltar, a condição da Igreja Católica?

— Ela não pode fazer uma coisa dessas. Eu não a estou impedindo de fazer o que quiser no campo religioso. Aliás, não sei se já lhe disse, tenho compromisso com meu advogado segunda-feira.

O restante da viagem, Fernando aproveitou para colocar Leonel a par de seu drama doméstico. Queria mostrar-lhe a penetração sutil do Padre Timóteo na vida íntima das pessoas, muito claramente na das mulheres. Julgava que o fulcro da questão estava justamente nessa perniciosa influência. Falava com euforia. Demonstrava profunda insatisfação. Magoara-se com a ascendência espiritual do confessor. Era como se o padre sorvesse a mentalidade, a intimidade, a alma das pessoas e gerenciasse todas as atividades, a partir do sentimento de culpa.

— Não foi você quem disse que se arrependia...

— Mas é diferente.

Disse e calou-se. Não conseguia definir a distinção. Tanto na Igreja quanto no Espiritismo, revelavam-se as intenções, os pensamentos escondidos nos recônditos da mente, os desejos secretos...

— Já lhe disse que Dolores foi um tempo ao analista?

— Não.

— Pois essa é outra espécie que deveria ser condenada.

— Ora! A mim me parece que a Medicina vem para ajudar os homens.

Leonel não gostava dos padres, mas defendia os médicos, substitutos naturais que a civilização inventara para as deletérias influências do espírito místico oriundo do fetichismo primitivo.

— Ajudando ou não ajudando, são outros sugadores de cérebro. Aposto que Dolores contou muita coisa a ele que não teve coragem de contar a mim. Sempre a achei muito perturbada.

Leonel não queria saber das intimidades e não queria transformar-se em confidente. Sabia que o amigo fugira de casa muitas vezes para a confraternização alegre da amizade incosequente dos prazeres e dos vícios. Mas também fazia a ideia de que fora sempre fiel à companheira. Diferente do Jeremias, que *aprontara* muitas.

— O trânsito está de lascar!

— São os casamentos. Essa mania de se casar nos sábados. E no começo da noite. Até aqui os padres estão interferindo.

— Não seja tão azedo, Fernando. Lembre-se dos conselhos de Francisco...

— De Irineu...

— De Jeremias...

Riram ambos, como se confabulassem em código.

Ao dobrarem a esquina, Fernando notou a casa às escuras. Acionou o controle remoto do portão da garagem e entrou silencioso. Se havia a expectativa de Dolores ter voltado, desvaneceu-se ali.

Letícia correu. A janta estava encaminhada. Dispensara os demais. Havia tão pouco movimento na casa...

AS MENSAGENS

Recolhidos ao escritório, os amigos ansiavam por abrir a correspondência do etéreo. Eram duas mensagens não muito longas, escritas em letras miúdas.

Fernando propôs-se a ler a primeira, prometendo a Leonel permitir-lhe as interrupções convenientes para os comentários:

— Às vezes, é bom decifrar logo o que está escrito, para dar sequência ao entendimento do texto.

— Vamos lá!

— Diz aqui: “*Continuação da anterior*”. Que anterior?

— Só pode ser a outra. Como é que começa?

— *Queridos amigos Fernando e Leonel.*

— Então vamos começar por essa aí.

— Está parecendo que foi apenas um o autor.

— Logo iremos saber. Leia, por favor!...

Leonel impacientava-se.

Queridos amigos Fernando e Leonel.

Sabemos que esperam do espaço espiritual a solução definitiva para o mistério da contaminação de Jeremias. Entretanto, não iremos satisfazer-lhes o resíduo de curiosidade mórbida que tais casos encerram. Não se decepcionem, a não ser consigo mesmos, à medida que forem percebendo os problemas íntimos sendo revelados. Cada linha que atravessa a frente da gente possui duas pontas. Em uma deve estar o carretel. Se de um lado estiver a ponta, o que se poderá esperar do outro? Não lhes parece lógico?

— Você acha, Fernando, que estão sendo justos para conosco, que tivemos o desejo de ajudar, tão somente?

— É questão de fazer exame de consciência. Veja o interesse em saber o que aqui se contém. Será que estamos, verdadeiramente, querendo auxiliar a moça que transmitiu o vírus? Ou dar de detetives?

Leonel não estava acostumado a essas minúcias da investigação consciencial. Pensou em que o costume havia sido estimulado pelo confessor. Disse-o claramente:

— E você estava desprezando as confissões, as comunhões...
— Não vamos desviar o assunto. Se os espíritos não nos revelarem quem foi a causadora...

— Ou o causador. Não nos esqueçamos da *picada*.

— Se não nos disserem a origem da doença e como poderemos ajudar, é porque julgam nossas atividades perturbadoras da ordem que desejam manter, segundo critérios que desconhecemos.

— Fernando, continue lendo. É melhor. Você, para filosofar, está um pouco... (como direi?) ...cru.

Atenuara-se a tensão. As brincadeiras pareciam colocar as coisas de acordo com o equilíbrio cármico. Fernando teve a nítida impressão de que alguém lhe estava assoprando os pensamentos, mas calou-se. Ainda mantinha viva a curiosidade sobre o texto.

Todo efeito tem uma causa. Toda causa promove um efeito. É a chamada lei de causa e efeito, base do raciocinar espírita e pedra angular do edifício existencial. Assim, é certo que haja coerência em todas as ações humanas e entre os desencarnados.

“Mas”, dirão, “há muitas ações incoerentes na vida.”

Diremos nós que há ações aparentemente incoerentes. Descoberta a causa profunda, a causa escondida, a causa verdadeira, moral, psíquica, conjuntural, tudo se esclarecerá pelo princípio de causa e efeito e adquirirá coerência. Se concluírem, o que esperamos que o façam, que a reunião se tiver regido pela coerência, estarão aplicando o conceito de causa e efeito.

Leonel estava estupefacto. Parecia-lhe que o texto só poderia ter sido escrito após sua manifestação no carro.

— Configura-se o poder de previsão? Será que sabiam de antemão qual iria ser o meu pensamento? Teriam capacidade de conhecer o futuro, a ponto de anteciparem o que eu iria dizer?

— Permita-me discordar. Pelo pouco que entendo de mediunidade e do procedimento dos mentores espirituais, acho que estão aplicando um golpe. Imagine que você nada tivesse dito. Eles não afirmaram que você diria. Deixaram a possibilidade de dizer. E como sabiam que poderia dizer? Através da influência espiritual sobre a sua mente, da mesma forma que se comunicam através dos médiuns. Foram eles que lhe deram corda, para que chegasse àquela conclusão. Não lhe parece que a minha explicação *filosófica* seja lógica, verossímil, psicologicamente possível e, principalmente, coerente? Coerente?...

— Acho que não precisariam de nada disso.

— Mas é meio eficaz de comprovar que estão junto a nós, atuantes e ligados às nossas melhores intenções. O que houver de *resíduo de malícia ou de curiosidade* será colocado de lado. Isto vem demonstrar que são benfeitores e não entidades maldosas, interessadas em que caiamos em tentação.

— Vamos prosseguir.

Por razões de moralidade evangélica, pouco poderemos adiantar a respeito da mulher portadora do vírus assassino. Todavia, estamos capacitados a dizer que a hipótese da contaminação por meio de injeção infectada, na boate, deve ser afastada. É Jeremias mesmo quem nos informa que não se deixou picar. Ingeriu a droga por via nasal, em dose extremamente pequena. Diz-nos que se arrependeu no último momento, ao se lembrar dos filhos.

Aqui terminava a mensagem apanhada por Esteves. O efeito no espírito dos amigos era devastador. A comprovação do conhecimento dos projetos relativos às investigações na boate incidia diretamente sobre a necessidade da presença dos protetores junto aos dois, durante a viagem de ida à casa de Francisco. Não havia como entender que Esteves pudesse estar a par de suas intenções.

— Amigo Fernando, se não estivesse ocorrendo comigo, não poderia acreditar.

— Você me lembra a passagem entre Tomé e Jesus. *“Abençoados os que não virem e crerem.”* Eu já estou vacinado quanto a essas descobertas. Mas se ficarmos apenas extasiados com o fenômeno mediúnico, não iremos nunca aproveitar as lições. O que posso deduzir do último parágrafo é que foi mesmo uma mulher quem transmitiu a doença. Ou você julga, apesar de tudo, que deveremos procurar o traficante?

— De jeito nenhum. Hipótese descartada. Aliás, pelo que estão dizendo, nem a mulher deverá ser investigada. Se fosse possível ajudá-la, eles seriam os primeiros a dirigir os nossos pensamentos nessa direção.

— Caríssimo Leonel, nem Sherlock Holmes diria melhor.

— Elementar, meu caro Fernando...

Os amigos estavam transbordantes de felicidade. Era como se todo um mundo novo se lhes abrisse em perspectiva de conhecimento.

— Vamos à segunda.

Continuação da anterior.

Ao cabo de algum tempo, esclarecer-se-ão naturalmente os fatos. Os amigos terão consignado, em suas folhas corridas de prestação de serviços, a boa vontade com que intentaram auxiliar o próximo. Nada existe no mundo mais difícil do que cumprir as lições cristãs. Nesse caso, a intenção foi absolutamente válida, uma vez que agiram com total discernimento em relação à lisura com que desejaram pôr as meretrizes a par da capital ocorrência. Se o inferno estivesse cheio dessas boas intenções, fecharia por falta de clientela.

Ambos sentiam comichão de comentar o texto. Mas não tinham expressões que não fossem interjectivas. Estavam pasmos. Dos olhos de Fernando surtiem algumas lágrimas. Era o elogio da loucura, da santa loucura de que estavam imbuídos os cristãos primitivos. Mas estas eram sensações impossíveis de tradução verbal. Morreriam em seu coração.

A custo, conseguiu dizer:

— Sinto-me envolvido em vibrações de amor, de compaixão, de conforto moral. Se os apóstolos sentiram algo assim após Jesus ter partido, era o impulso para a divulgação

do evangelho. Caro Leonel, acho que posso responder à sua questão, sem *adversativas*: se não prosseguir na prática desta doutrina maravilhosa, irei perder a oportunidade de concretização de todos os meus ideais religiosos.

— Quanto a mim, só posso agradecer à bondade dos orientadores espirituais por me estarem despertando para esse plano que eu renegava até hoje de manhã. Que digo? Até a hora em que terminou a reunião.

Este que está ditando a mensagem é o irmão Roque, encarregado, juntamente com Tia Ana, da conversão de Fernando ao Espiritismo, tendo em vista haver-se manifestado crente da realidade espiritual, como nós a concebemos, no momento em que considerou a possibilidade de ajuda para ganhar a concorrência pública. Atitude moralmente incorreta, abriu as portas às influências deletérias dos seres que não se importam em praticar atos maldosos. O arrependimento, muito mais do que o receio imposto pela religião, através do confessor, ensinou-nos magnetizá-lo para as primeiras manifestações mediúnicas de caráter mecânico e visual. A história lhe é conhecida. Reafirmamo-la para efeito da comprovação necessária à confiança que aspiramos provocar-lhe em nosso discernimento.

Enfatizo, não obstante, que não teríamos nós, Tia Ana e eu, forças para realizar todo este projeto assistencial não fora a participação e o apoio logístico de nossos anjos guardiães. Não há também como nos esquecermos de que estamos sob amparo de entidades mais adiantadas, cujas vibrações nos envolvem para nos garantirem que o trabalho chegue a resultado positivo.

A partir da leitura desta ata, encerraremos a missão específica de despertá-lo para a fé a que Kardec dedicou os últimos anos de vida. Estaremos aptos a atendê-lo nas requisições morais que julgar necessárias. Entretanto, recomendamos que siga os caminhos que lhe ditar a consciência. Daqui por diante, esteja entregue às mãos de Deus. Que Jesus o proteja!

P.S. — *Se o confrade Leonel se deixar estimular pelas mensagens, será igualmente bem recebido no seio da comunidade espírita.*

Fernando terminou a leitura em pranto. Leonel também se emocionara às lágrimas. Letícia assomou à porta. O jantar estava pronto.

IMPORTANTES REFLEXÕES

Rogou Fernando ao amigo Leonel que ficasse com ele mais umas horas. Ligasse para Rute e avisasse que iriam jantar juntos. Poderia argumentar que estava sozinho e que não demoraria.

Leonel aceitou de boa mente o oferecimento. Não desejava outra coisa.

O jantar foi frugal. Ambos, como que imantados pela tarde espírita, recusaram os pratos à base de carne e não abriram a garrafa de vinho francês que Letícia havia providenciado. Em outros tempos, teriam dado total prioridade ao belo assado e não teriam deixado passar a oportunidade de se alegrarem com o vinho.

— Estamos espiritualizando-nos, brindou o convidado com refrigerante.

— Certamente. Ainda mais porque queremos manter a lucidez mental para as reflexões que esperam por nós.

Durante a refeição, evitaram discutir os temas que lhes assoberbavam a mente. Tomaram o café ali mesmo, à mesa, e puseram Letícia extremamente preocupada com os temperos.

De volta ao escritório, mais calmos, puderam colocar em dia os pensamentos.

— Se resolvermos ir à boate, que poderá acontecer?

Era Leonel provocando Fernando.

— Uma de duas: ou se confirma que Jeremias não se picou; ou ficaremos sabendo que se picou.

— Sempre, neste último caso, iremos correr o risco de que a informação possa ser mentirosa.

— Sem dúvida. E aí não teríamos certeza de nada.

— O melhor, mesmo, é acreditar nas assertivas da carta.

Fernando estava absolutamente cômico de que a orientação era perfeita. Por sua mente, não passava a possibilidade de que o mal estivesse sendo defendido pelos benfeitores, cujas boas ações comprovara durante toda a semana.

— Temos de esperar, meu caro Leonel, pelo desenrolar dos acontecimentos. As coisas estão fora de alcance. Tudo o que fizemos deu em nada. Ou quase. Só chegamos a resultados negativos. Todas as hipóteses foram postas de lado. Por onde terá andado Jeremias que Joaquim não tivesse conhecimento?

— Permita-me uma hipótese maliciosa.

— Diga lá.

— Joaquim deve ter fornecido um endereço ao ex-patrão que não quer dizer a nós.
— Nesse caso, nem Maria deve saber. A não ser que outros espiões... Espera aí. Havia, sim, pessoas na oficina e na loja a serviço de sua cunhada.

— Agora, mais que nunca, vão querer denunciar o Joaquim, que está assumindo papel de...

Fernando estava com as mensagens sobre a mesa, à sua vista. Deu com a frase:

“Ao cabo de algum tempo, esclarecer-se-ão naturalmente os fatos.”

— Leonel, estamos girando em círculos. Vamos deixar para que tudo venha à tona, conforme as instruções espirituais.

Leu o trecho em voz alta. E pôs um ponto-final nas especulações.

Leonel não queria dar-se por vencido, mas, não tendo nada a acrescentar, perguntou o que faria Fernando no domingo:

— Se não tiver nada importante, venha passar o dia comigo. As crianças hão de distraí-lo.

— Pretendo fazer uma surpresa a Dolores.

— ?

— Vou à missa das nove, celebrada pelo Timóteo. Há mais de quinze anos, vem assistindo a essa missa. Nunca perdeu uma sequer. Com a ideia que está de que estou envolvido pelos demônios, irá pensar que tenho medo de enfrentar a sotaina do padre. Vou me postar à porta e, na hora da saída, surpreendê-la. Se não quiser falar comigo, faço escândalo.

— Você não é disso.

— Você é que pensa.

— Faz nada, homem. É só ela chamar as amigas e você vai se ver cercado de quanta beata existe na cidade.

— Pelo menos, iria ser engraçado.

— E improvável. Tanto quanto você elevar a voz para a esposa em praça pública. Acho que, se ela disser que não quer ouvi-lo, você vai ficar bem quietinho.

— Como pode ter tanta certeza?

— Você está em outra. Toda esta mansidão com que os espíritos trataram os nossos casos deve tê-lo ensinado a se manter preparado para o pior. Se quiser, posso estar lá com você. Mas é só para apoio moral. Minha mulher não vai a essa missa. Nem a essa igreja. Ela não gosta do Padre Timóteo. Prefere o velho Eufrásio.

— Você deve estar certo. Mas não precisa preocupar-se comigo. Se Dolores não quiser voltar para casa, pretendo ir visitar meu pai e meus irmãos. Tinha a intenção de ouvi-los a respeito das atitudes de Dolores. Da separação. Sempre alguma ideia hão de me dar. Pelo menos, cumpro a obrigação filial bíblica. Faz tempo que não vejo o velho.

— Aí, não vou dizer nada, que não é da minha conta. A minha turma não sai lá de casa, de modo que não sinto falta deles.

Fernando estava tentando buscar motivo para introduzir os temas espíritas, mas não encontrava ideia luminosa que se prestasse como chamariz. Então, perguntou diretamente:

— Você *está* ainda materialista, depois de todas as revelações desta tarde?

— Não *estou* mais coisa alguma. Balancei. Preciso colocar em ordem os pensamentos. Também não posso dizer que essa doutrina me tenha arrastado. Sei que existem forças cuja natureza pode ser considerada sobrenatural. Mas não tenho elementos que me autorizem a dizer que acredito piamente ou que desacredito totalmente. Não sei se você está me entendendo.

— Perfeitamente. Já passei por isso. Com uma diferença: os fenômenos acontecem comigo. Recomendo que faça as leituras e que me acompanhe ao Centro, no dia das palestras. Se a sua família não causar os mesmos problemas...

— É bem possível. Mas, pelo que entendi, o espiritismo não comporta que seja frequentado às escondidas...

— Não sei, não. Jeremias foi uma surpresa.

— Para nós. Maria bem que conhecia os movimentos do peão.

— Não por boca do interessado.

— Se eu resolver ir, pode estar ciente de que comunicarei a todos onde vou. Como sempre fiz, quanto ao carteadado, ao jóquei...

— E eu não? Quando fui ao terreiro, minha vida pegou fogo. Está explodindo agora com o Centro.

— Você tem os livros? Quando terminar a leitura do primeiro, quero ler os outros. E, se você me permitir, vou procurar quem condene essa doutrina do ponto de vista científico. Deve haver estudioso, que não seja padre, que ponha as coisas às claras do ponto de vista físico, psicológico, filosófico... Que sei eu.

— Já ouvi falar na parapsicologia. Mas foi através dos padres. Em todo caso, acho que você está certo. Não há verdade alguma que não seja aquela que dominamos pela inteligência. Pensar pela cabeça dos outros é que não está certo. Leonel, meu amigo, acho que acabaram para nós as noitadas...

— Eu não acho nada. Se quiser ir ao pôquer, vou. Ao jóquei. Às boates. E se quiser ir ao Centro, também vou. Vão ter de me convencer, antes que eu me resolva a santificar-me.

Às nove horas, chamaram Leonel. Rute necessitava dele.

— Santo Deus, quanto tempo passei fora. As noites de sábado são sagradas. O pessoal todo deve estar lá. Joga-se bingo. Não quer ir?

— Não, vou recolher-me cedo.

Só, Fernando se pôs a meditar sobre os acontecimentos da semana.

DOMINGO DIFERENTE

Ao acordar, bem cedo, Fernando tentou recordar-se dos sonhos atribulados que tivera. Mas não conseguiu. Lembrou-se de ter deitado logo, cansadíssimo, e de ter adormecido de imediato. Mal dera tempo para rogar aos protetores espirituais pela esposa. Vinha-lhe à mente, contudo, com insistência, a vaga visão de duas criaturas que se diziam seus filhos.

— É o pedido de Jeremias para que cuide dos rapazes.

Não adiantava um passo na configuração de como iria decorrer o dia. Contava encontrar-se com Dolores na missa e punha fé em que pudesse, no ambiente sagrado do templo, fazê-la compreender que a união de ambos não era só indissolúvel pela bênção do sacerdote. Deveriam, antes da encarnação, no etéreo, ter acertado vida em conjunto. Não poderia ter sido por acaso.

— Se lhe propuser isso, vai dizer que são artes do demônio. Onde se viu existir antes de nascer?! Só na cabeça de um maluco. E se lhe falar de meu amor, da necessidade que tenho de tê-la ao meu lado, da falta que me faz, de sua companhia?...

Percebeu que estaria dando munção para quem deseja atirar. Pois que largasse a tal religião dos espíritos, se ela era tão importante para ele.

Fernando estava com a mente obscurecida pela indecisão. Julgava que o mais correto era chamar a atenção da esposa ali mesmo, onde foram unidos por Deus, porém, quem não estava dando mais importância para o ato eclesástico era ele mesmo.

— Será injusto chamar-lhe à razão por argumentos que não me convencem. É imoral. Devo, simplesmente, deixar nas mãos de Deus e rogar aos amigos benfeitores que me inspirem, na hora em que estiver sob o olhar da recriminação.

Aprontou-se domingueiramente, com o habitual traje da missa. Fê-lo de maneira mecânica, sem segundas intenções. Desceu para o café. Letícia não havia levantado. Daria para ir à missa das seis. Teria duas horas, pelo menos, para refrescar a cabeça. Foi ao escritório, apanhou as mensagens, releu-as. Os versos ganhavam contornos de verdade psicológica. Deteve-se na expressão “*o mal se goza*”.

— Será que todos os gozos da carne são causa de males?

Não se atrevia a pensar em Jesus. Passou a exemplificar com Kardec:

— Eis homem comum, mas expoente do Espiritismo. Se não tivesse exercido a Codificação, não teria sido ninguém. No entanto, era casado. Terá tido os prazeres do leito.

Não me lembro de ter lido se teve filhos. Se não teve, é paralelo a se estabelecer com a minha vida. E no sonho, queriam que tivesse dois filhos. Será que Kardec também sonhava com filhos que não teve? E se teve? Averiguarei.

Considerou que conhecer a biografia de tão insigne personalidade espírita era ponto importantíssimo para pautar a própria vida.

— Perguntarei a João ou a... — hesitava em pensar em Dalva. — ...ou a Esteves qual a melhor obra.

Olhou as horas. O tempo não passava. Quis diversificar os pensamentos. Pegou **O Livro dos Espíritos**. Iria começar por onde Kardec principiara. Pulou a introdução. Mergulhou na leitura e esqueceu-se de todos os problemas.

“1. *Que é Deus?*”

Recordou-se do catecismo (*Espírito perfeitíssimo, criador de todas as coisas*), mas não se deixou levar em devaneio. A leitura absorvia sua atenção.

Às oito horas, Letícia veio avisar que o café estava pronto.

Fez uma refeição ligeira. Comeu, entretanto, um bom pedaço de bolo e uma maçã. Era o costume, para não se sentir mal durante a missa. Pelo menos, nos dias em que não comungava.

“Que reviravolta, meu Deus!”

Ao contrário do que deliberara, saiu logo e chegou ao templo, estando a igreja deserta. Algumas pessoas oravam em silêncio. As velas estavam apagadas. Nenhum coroinha ou sacristão. Acomodar-se-ia num dos bancos traseiros, de modo que pudesse ver quem entrava pela porta da frente e pelas portas laterais. Ao atravessar a nave, no corredor central, diante do altar, resistiu ao ato reflexo de se persignar. Que pensariam os protetores espirituais se o vissem ajoelhando-se para a imagem?

Aos poucos, os fiéis foram chegando. Os conhecidos o cumprimentavam. Que pensariam ao vê-lo só? Caso inédito. Estaria a esposa doente? Ninguém se atreveu a puxar um único dedinho de prosa. E Dolores, que não chegava? Era a missa de Maria e de Joaquim. Viriam? Fernando acendia a curiosidade.

Soa a sineta e Timóteo entra, com os coroinhas. Fernando firmou a vista. O sacerdote estava diferente. Mais velho e encurvado. As pessoas de pé atrapalhavam seu campo de visão. Ao virar-se para o povo, Fernando não reconheceu o padre. Não era Timóteo. Não vieram a esposa, a amiga, o ex-empregado nem o sacerdote. Ele, que não era para esperar-se, lá estava.

— Vou aguardar um tempo. Quem sabe Dolores chegue atrasada.

Foi levando avante a espera, até o momento do sermão.

— Quem sabe haja alguma explicação sobre a ausência de Timóteo.

O coadjutor subiu ao púlpito e deu a informação à congregação reunida:

— Irmãos, por graça de Deus, o nosso amado Padre Timóteo, titular da paróquia, foi agraciado com convite superior para preparar-se para o episcopado. Deveria ter vindo pessoalmente trazer-lhes a grata recomendação, mas, nesta hora, está recolhido para a necessária meditação. Quem aqui esteve ontem, ouviu, de sua própria voz, o júbilo de seu coração mariano...

Fernando sufocava.

— Que méritos teriam visto naquele sacripanta?...

Fora da igreja, precisou encostar-se à parede. Imaginava que a autoridade de bispo iria impor-se incondicional sobre a vontade da esposa. Era agora que teria forças para argumentar contra as iniciativas de abandonar o catolicismo.

— Como fui tolo em pensar que o padre teria poder para obrigar Dolores a voltar para casa!

Não sabendo direito o que fazia, rodou pela cidade sem destino, até que se encontrou diante do apartamento de Judite. Quase inconscientemente, colocou uma ficha no telefone público e discou. Ninguém atendeu até o último toque. Tentou de novo. Mais duas vezes. Foi conversar com o porteiro. Entrara no turno da manhã e não vira ninguém sair. Não sabia informar se havia alguém. Pelo interfone, também não alcançou resposta. Definitivamente, não estavam.

— Vou almoçar na casa de papai.

Ligou para Letícia avisando. Ouviu-lhe resposta consternada. Dirigiu com prudência pelas ruas quase desertas, cruzando a cidade, buscando a periferia da região leste. Em pobre casa de três cômodos, viviam o pai e uma irmã solteira. Chegava sem aviso e de mãos abanando. Mas vinha cheio de vontade de rever os parentes.

À noite, debaixo das cobertas, deliberou destinar uma das propriedades para a família. Sentira-se mal perante as péssimas condições de quem se sustentava através de simples aposentadoria de mestre-escola.

— A caridade começa em casa, inevitavelmente.

O FIM DE SEMANA DE DOLORES

Convidada por Judite, Dolores, no sábado, desceu a serra em direção às cidades praieiras. Segundo a irmã, precisava descansar, espairecer, conhecer outras pessoas, outros homens.

— Aos quarenta e dois?

— Sempre é tempo de ser feliz.

E mais não conversaram a respeito.

Após ligeiro banho de mar, à tarde, recolheram-se ao apartamento de Judite. Sairiam para jantar à noite, em restaurante chique, com *show* ao vivo. Dolores não sabia por que se deixava levar tão facilmente. Curiosidade? Espírito de revolta? Cansaço das noitadas de *bridge*? Vontade de se ver livre, adulta, sem compromissos de matrimônio?

— E o amor? — perguntava-se insistentemente.

O amor estava em algum lugar do passado. E o passado havia morrido. Fernando o enterrara, juntamente com a maldita religião dos espíritos.

Sentiu-se mal durante o espetáculo. Muita pornografia, mulheres nuas, atitudes escandalosas. Que estava fazendo ali aquela filha de Maria? Lembrava-se de Timóteo. Soubera pela comadre que fora convidado para o episcopado. Grande vitória do amor, da religião, do espírito de sacrifício, da luta constante, do ideal humanitário.

Dolores conhecia bem todos os avanços da paróquia. Que fazia ali, naquela imundície moral?

— Judite, quero ir embora. Já!

— Mas Dolores...

— Nem meio *mas*. Isto não é local para gente decente. Eu só queria saber o que é que Fernando via nessas mulheres, nessas... expressões indignas.

— Agora que aqueles dois estão olhando para nós?!

— Santo Deus! Que tem você na cabeça? Homens desconhecidos... Não é à toa que a AIDS se espalha...

— Chega de sermões. Estou vendo por que Fernando não teve sossego. Vamos, antes que a *meninha* aí fique ruborizada.

Dolores não conhecia esse aspecto do caráter da irmã. Arrependia-se por tê-la procurado. Se isso era sua ideia de liberdade, não coincidia com a dela.

Voltaram caladas e não se conversaram até pela manhã.

Às sete horas, Dolores estava de saída. Procuraria igreja onde pudesse confessar-se e comungar. Conhecia a cidade o suficiente.

— Padre, preciso confessar porque pequei.

— Há quanto tempo a irmã não se confessa?

— Uma semana.

— Que a traz tão preocupada perante Deus e seu sacerdote?

— Estou brigada com meu marido. Saí de casa e fui para o apartamento de minha irmã. Ontem, estive em uma casa de espetáculos. Sinto que estou maculando minha alma.

— Qual a causa da desavença conjugal?

— Meu marido quer trocar de religião. Quer frequentar o Espiritismo.

— E quais são as razões dele?

— Diz que está vendo seres do outro mundo. Demônios, com certeza.

— E ele a tem maltratado, por causa disso?

— A bem da verdade, me tem tratado até melhor. Está mais carinhoso.

— Por ele, haverá a separação?

— Nunca. Ele quer manter o matrimônio.

— Então, é a irmã que está pretextando...

— Padre, eu estou muito cansada. Nunca fui verdadeiramente feliz. Sei que a Igreja não permite o divórcio, mas acho que viveria bem melhor sozinha.

— Que lhe diz seu confessor?

— Que devo manter-me fiel à religião. Sugeri até que, se meu marido for excomungado, não terei necessidade de manter minha promessa conjugal.

— A Senhora acha que viveria bem no Paraíso, sabendo que seu marido está no Inferno?

— Ponho o meu destino nas mãos de Deus.

— Então vá em paz, que os seus pecados estão perdoados!

Penitenciou-a com três ave-marias e recomendou que consultasse a consciência, pois estava passando por séria crise. Se fosse médico, poderia descobrir a causa oculta, psíquica ou fisiológica.

— Está passando pela época da menopausa?

— Sim, Padre. O Senhor acha que devo voltar ao consultório do psicanalista?

— Com toda a certeza, cara irmã. O que o representante de Deus na Terra pode fazer é perdoar e recomendar. Não temos como interferir na vontade dos paroquianos, a não ser por meio de nossas obras de amor. A irmã mora aqui no Guarujá?

— Em São Paulo.

— Pois more com sua irmã ou volte ao seu marido, mas não deixe de frequentar o confessionário, contando todas as mudanças que sentir nos sentimentos. Não ofenda os sagrados laços do matrimônio, sacramento dulcíssimo da Santa Madre Igreja, que o mundo está desfazendo. Reze muito, que Jesus saberá encontrar meios de influenciar a alma de seu marido, para que se lhe revele a verdade. Deus a abençoe! Vá em paz!

Dolores saiu do confessionário inconsciente de quase todos os termos que o sacerdote lhe havia dito. Não se sentia bem para a comunhão, mas rezou com muita fé as orações determinadas. Acompanhou a missa com os pensamentos embaralhados. Tomou a hóstia com profunda contrição. E se deixou ficar na igreja até a hora do almoço.

Ao voltar, encontrou Judite desesperada.

— Onde esteve esse tempo todo?

— Fui à missa.

— Não podia ter avisado?

— Eu lhe disse ontem.

— Mas a manhã inteira? Mais de três horas? Pensei que tivesse sido atropelada. Que tivesse voltado para São Paulo. Quando não vi o carro na garagem...

— Desculpe!

— Que vamos fazer agora?

— O que você quiser.

— Vamos almoçar.

Judite não contava com a reação religiosa da irmã. Reconheceu que seus desejos de liberdade não eram tão radicais. Deveria ter imaginado que fora só uma briguinta e que fizera um *cavalo de batalha*.

“Se ficar morando comigo, vai ser uma pedra no meu sapato. Preciso dar um jeito nisso. Daqui a pouco, vai me fazer tão carola quanto ela. Deus me livre!”

Às quatro da tarde, estavam subindo a serra. Às seis, estavam de volta ao apartamento. Às nove, recolhidas aos leitos, cada qual punha as ideias em dia. Queriam ver-se livres uma da outra. Durara muito pouco tempo essa convivência.

DE VOLTA AO LAR

Fernando, ao acordar cedo, pôs na cabeça que deveria falar a todo custo com a esposa, antes de tratar com o advogado. Às dez horas, lá deveria estar para estabelecer o contrato e conhecer as requisições legais. Pelo menos, no que tangia às deliberações de comum acordo com o advogado de Dolores, uma vez que já deveriam os causídicos ter entrado em contacto.

Achou que ligar às seis da manhã seria muito cedo, mas algo lhe dizia para não hesitar. Um aviso dos amigos da espiritualidade? E se fosse?

Mal terminou a higiene matutina, foi ao escritório e discou. Seria o que Deus quisesse.

— Pronto!

— Judite?

— Não, Dolores.

— Querida, sou eu. Não desligue, por favor!

— Que você quer?

— Quero conversar.

— Onde?

— Marque você.

— Espere aí em casa. Já estou indo. Mas não alimente esperanças.

— Graças a Deus!

Fernando estava tão contente que foi incapaz de imaginar as possíveis razões para tão radical mudança de atitude. Parecia um cachorrinho, na alegria de ter o dono de volta.

— Letícia!

A empregada estava na cozinha.

— Pronto, patrão!

— Dolores está vindo para cá.

— Deus ouviu minhas preces.

— Prepare a mesa para o café. Ela deve estar de jejum. Estava passando estes dias na casa da irmã. Vamos recebê-la com muito amor e consideração. Nada de choro nem de cara feia.

— Ora, Senhor Fernando, o Senhor já nos conhece. Sabe o quanto estimamos o casal. Vocês são a nossa família...

— Está bem! Não temos tempo para manifestações e extravasamentos. Vamos pôr a casa em ordem. Do jeito que a patroa gosta.

— Está tudo arrumado. Falta preparar uma bela mesa do café. Vou pedir a José que colha algumas flores.

— Tem rosas?

— Muitas rosas.

— Então, vá logo.

Fernando hesitava quanto ao local do encontro. Na sala de estar, não. Seria para as visitas. Na sala de jantar, o inconveniente da vizinhança dos empregados. No escritório, a frieza dos negócios e dos estudos. No quarto, é claro, na intimidade da alcova. Mas não forçaria nada. Ela que decidisse.

“Vou fazer-lhe todas as pequenas vontades. Por que não? Posso até pensar em voltar a frequentar a missa. Desde que me permita ir ao centro. Também não deve prevalecer em tudo.”

Hesitou quando viu sobre a mesa as mensagens mediúnicas. Deixou-as onde estavam. Poderiam ser mostradas como comprovação do alto interesse do plano da espiritualidade. Eram evangélicas, no mais puro sentido crístico. Mas Dolores entenderia?

Perdeu-se em conjecturas e não viu o tempo passar.

Levou um susto quando Dolores assomou à porta do escritório.

— Querida!...

Quis levantar para abraçá-la. Um gesto frio o fez ficar parado atrás da escrivinha, de pé, ansiando por palavra de afeto, de aproximação.

— Fernando, estou retornando para casa. Não pense, porém...

— Sente-se, querida...

Dolores sentou-se na poltrona em que Fernando costumava ler.

— Como estava dizendo, não pense que iremos restabelecer todos os nossos vínculos. Vou ocupar o quarto de hóspedes.

— Por que, cara amiga?

— Até que os advogados decidam sobre a separação, o divórcio. Não quero passar por avulsa para a sociedade que frequento. Quanto às cláusulas da distribuição dos bens, só discutirei com a presença dos advogados, ou do juiz, conforme for decidido.

Fernando percebeu que estava instruída legalmente. Ele é que não se encontrara com o seu representante.

— Não vou colocar nenhuma restrição à sua volta. Aliás, vou ficar eu no quarto de hóspedes, para que você se acomode melhor no nosso quarto. Letícia providenciará a acomodação das roupas. Não pretendo colocar nenhum obstáculo à sua vontade. Permita-me dizer, porém...

— Não permito coisa alguma.

— Por favor.

— Digamos que você, Fernando, está me devendo inúmeras explicações. Para lhe dizer a verdade, estou voltando provisoriamente, até que seja estabelecida a sua excomunhão da Igreja. Estive sábado à noite num restaurante, no Guarujá, com Judite.

Fiquei escandalizada com a licenciosidade daquele ambiente do pecado. Não sabia que a depravação era tanta. Por isso é que você nunca me levou...

— Eu a convidei, diversas vezes.

— Sabendo que eu tinha compromisso com minhas amigas. Entendi a sua malícia, meu caro. Enquanto eu me distraía, você se divertia. Pensava que nunca me houvesse traído, mas, naquele inferno, tudo deve ter rolado.

— O que Judite não lhe deve ter dito...

— Aquela é outra que vai para...

Não quis completar a frase. Parecia-lhe de mau agouro. Era como se selasse o destino trágico da irmã.

Fernando aproveitou o instante de reflexão:

— Eu lhe juro que jamais a traí, nem nunca tive nenhuma intenção.

— Ora, meu caro, você se masturba o tempo todo.

O sangue subia à cabeça do comerciante. A subserviência não estava resultando em nada. Jogaria o verde, no contra-ataque, embora não tivesse certeza do que afirmava:

— E você, não? A maior... (ia usar um termo de baixo calão, mas preferiu amenizar). Pensa que não sei que é desse jeito que você sempre se satisfaz? É por isso que recusava os meus carinhos. Eu fazia, porque não obtinha sucesso em fazê-la chegar ao clímax. Ainda bem que você não fingia. Aí seria o máximo.

Dolores resolvera falar toda a verdade, mas não esperava ser afrontada em ponto tão vulnerável. Como Fernando pudera saber algo que nem o psicanalista tivera conhecimento? Quando muito, o Padre Timóteo. Nem para o padre do Guarujá havia mencionado. Resolveu assumir:

— O meu prazer é o meu prazer. Você nunca foi capaz de ser homem para mim. Magoou-me desde a primeira vez. Foi rude. Foi boçal. Machucou-me. E nunca teve paciência. Você se lembra que eu lhe pedia para ir ao analista? O que é que me respondia? *Vá você! O problema é seu!* Imbecil. O problema sempre foi seu. E eu acredito que nunca me traiu, porque é um incompetente.

Fernando estava arrasado. Jamais poderia esperar tamanho desabafo. Avaliou a revolta de Dolores. Viu total sinceridade em suas palavras. Ajoelhou-se aos seus pés e pediu-lhe perdão.

— Querida, me perdoe, pelo amor de Deus!

Diante do marido acabrunhado, arrependido, cheio de remorsos, Dolores amenizou o rancor. Lembrou-se, contudo, de que já condescendera uma vez e Fernando reincidiu. Precisava manter a ascendência moral. Precisava conquistar espaço. Não se deixou enternecer. Lançou a derradeira condição:

— Deixe de lado esse centro espírita, que abandono a petição de divórcio.

Fernando percebeu que não estava preparado para argumentar friamente. Tentou ganhar tempo:

— Você me dá uma hora para pensar?

— Você é livre para fazer o que bem entender. O tempo que julgar melhor. Só não pense que me vai fazer voltar atrás de minha decisão. Quer manter o casamento? Refaça o juramento que fez diante de Deus, aos pés do altar. Foi essa sua atitude de menosprezo pela minha pessoa que me deu vontade de abandonar tudo. E se continuar com a mesma

atitude de desrespeito aos valores sobre os quais fundamentei a minha vida, vai ficar sozinho.

A dureza das expressões, fez que Fernando se compenetrasse de que a luta iria prosseguir até que cedesse, finalmente. Entretanto, sofria com a frieza das considerações. Crescia-lhe na alma a noção de que amava a esposa, com muita força. Não se via correspondido. Ou Dolores estaria fazendo das tripas coração. Aquela semana de incertezas provocara ganas de mandar tudo às favas. Na presença da esposa, concretizavam-se os sentimentos. Resolveu concordar:

— Aceito a sua proposta, incondicionalmente. Abandono o Espiritismo. Não frequentarei mais o Centro. Só lhe peço que seja generosa a ponto de me permitir ler sobre a doutrina, pois preciso entender os fenômenos mediúnicos que me envolveram. E quero, ainda, estabelecer como norma, para a melhor convivência, que iremos dormir no quarto, juntos. Juro que não tentarei nenhuma aproximação sexual. E lhe prometo, solenemente, por tudo que me é de mais sagrado na vida, que não mais me masturbarei, nem irei ao Jóquei, nem ao pôquer, nem a nenhuma boate. Está bem assim?

Dolores se desconjuntou. Esperava que Fernando cedesse, mas não que rastejasse. Seria mais nobre que resistisse. Seria mais másculo. Onde a hombridade? O amor-próprio? O sentimento de autodefesa? Decepcionava-se. Mas não podia voltar atrás. Resolveu que algo deveria ser feito, para que o casamento pudesse obter maior durabilidade. Do jeito que fora colocado pelo marido, abria-se a brecha para o cansaço, para a mesmice, para o enfado, para o tédio.

— Vamos fazer um trato. Aceito que devo voltar ao psicanalista. Contudo, você deverá ter tantas sessões quanto eu mesma. Vou dispensar o advogado. E você me destina uma quantia maior para as obras de benemerência da paróquia.

— É justo. Seria também justo que eu pudesse ajudar o Centro.

— Você está sendo contraditório...

— Eu explico. (la dizer *querida*, mas a palavra se lhe entalou na garganta.)
Jeremias...

— Que Deus o tenha em sua santa glória!

— Jeremias fazia uma doação mensal de vulto ao Centro. Lá são atendidas dezenas de famílias. Seria um crime desampará-las de um momento para outro. Faço a doação através de João, anonimamente. Não há necessidade de ninguém ficar sabendo. É um ato de pura caridade. Nada tem de ver com religião.

— Está bem. Mas que seja nesses estritos termos...

Sem dar tempo a qualquer reflexão a Fernando, Dolores saiu para cuidar da arrumação da casa. Do corredor, lançou um conselho amigável:

— Não vá perder a hora, querido. Já passa das nove. O pessoal da loja deve estar preocupado. Não se esqueça dos advogados.

Enquanto Fernando se recompunha, parecia-lhe ver um sorriso irônico no rosto de Roque. Na verdade, se tivesse ainda o dom de ver os seres do etéreo, estaria diante de uma entidade extremamente preocupada com o teor das deliberações morais. E em atitude de meditação, rogando para os benfeitores maiores que lhe esclarecessem quais as diretrizes que deveria estabelecer para resguardar a redenção do protegido.

Ao sair, depois de tomar café puro com torradas, deu um beijo de despedida no rosto da esposa, enquanto Letícia enxugava uma lágrima teimosa.

MANHÃ ATRIBULADA

Fernando chegou ao escritório derrotado. Queria desaparecer do mundo. Não compreendia por que deixara Dolores assumir as rédeas. Bem pensando, se era verdadeiro o desejo dela de separação, que se fizesse a sua vontade. Afinal de contas, ela e não ele era quem julgava indissolúveis os laços matrimoniais.

Assim que chegou, tendo despachado o gerente, ligou para o Doutor Antunes. Explicou-lhe rapidamente o que acontecera e ouviu como resposta um bom conselho:

— Exija do advogadozinho de sua esposa que o contrato seja tido oficialmente como sem efeito. Pague a multa e cale-se, para não despertar nele a cobiça de incentivar sua mulher a prosseguir na demanda. Esses rúbulas cheiram longe quando as pessoas estão a pique de ceder aos enleios judiciais. Principalmente as mulheres, a quem incentivam com a divisão do patrimônio, dinheiro vivo que elas jamais viram, sempre dependentes dos maridos. Os meus honorários se restringirão ao ressarcimento dos gastos normais de expediente, conforme relação que lhe será enviada. Estaremos sempre às suas ordens. Passar bem.

Fernando obteve a certeza de que Dolores estava armada com os obuses da legalidade. Mas perdera o interesse em disparar. Pelo menos por enquanto. Calar-se-ia, evidentemente, conforme a recomendação, que as questões relativas à divisão dos bens não lhe interessavam, especialmente agora quando queria agasalhar o pai em casa mais digna.

Chamou o contador. Precisava saber a quantas andavam as contas. Por telefone mesmo recebeu a resposta que desejava ouvir:

— Pode gastar de acordo com o movimento do caixa. A situação está acomodada. Apelaremos quando for estipulado o valor das multas e ganharemos tempo. Enquanto isso, a empresa se capitalizará para enfrentar os débitos.

— Eu queria saber a situação dos contratos de aluguéis das residências. Precisaria liberar uma casa para acomodar meu pai e minha irmã.

— Se não for em local nobre, sempre haverá dinheiro para a aquisição de prédio residencial. Na periferia, os preços são muito mais acessíveis.

— Eu queria casa de dois dormitórios, bem resguardada, na Zona Leste.
— Posso providenciar. Assim que tiver uma lista, ligarei, para irmos visitar juntos. Eventualmente, gosto de voltar às raízes. Não sabia que tive escritório imobiliário, com registro e tudo?

— João, não sei o que faria sem você.

— Deixe disso, patrão. Virá ao Centro esta noite?

— Não posso. Dolores voltou e preciso fazer-lhe companhia.

— Estava viajando?

— Não lhe contei?

— Não. Sei só o que o benfeitor Irineu lhe passou na reunião.

— Qualquer dia, você irá ficar sabendo de tudo. Não estranhe que eu vá desaparecer do Centro por uns tempos. Aliás, passe por aqui. Precisamos estabelecer uma contribuição fixa que desejo passar aos assistidos. Mas ninguém vai poder saber. Mesmo.

— Nem a Receita Federal?

— Aí é diferente. Sempre é bom declarar para onde estão indo as verbas.

Despediram-se afetuosamente, na intimidade estabelecida pelo sucesso da reunião íntima.

“Preciso avisar Leonel de que Dolores regressou. A mulher sabendo, logo a notícia irá espalhar.”

Leonel não estava no escritório, mas deixou recado para voltar a ligação.

O dia estava particularmente movimentado na loja. Desceu para dar ajuda aos balconistas. O gerente estava concluindo um negócio maior, para prédio de apartamentos. Necessitava de reformas e desejavam manter o padrão das louças. Felizmente, o estoque oferecia o material solicitado.

Após trabalhar por mais de hora, num momento de tranquilidade, ao chegar-se à porta da frente, pareceu-lhe ver, do outro lado da rua, o Roque, fazendo-lhe sinal de positivo, polegar para o alto. Mas a visão foi rapidíssima, tanto que não acreditou que pudesse ser verdadeira. Tivera tanto tempo antes no escritório. Por que misturar-se com as pessoas, junto ao meio-fio?

Chamaram-no ao telefone.

— Pronto!

— Senhor Fernando?

— Sim.

— O Doutor Joaquim roga-lhe sua atenção.

— Pode ligar.

— Caro Fernando, como está? Soube que Dolores está de volta. Fico muito feliz. Como foram as investigações espirituais?

O maganão sabia de tudo.

— Quem lhe contou?

— O Senhor João passou por aqui. Folgo em avisá-lo de que vamos mantê-lo à frente da contabilidade de nossas firmas.

O intrujão apurava o linguajar.

— Pois foi tudo muito bem. Os irmãos da espiritualidade... Você acredita nisso?

— Como não? Não se lembra quem lhe indicou e ao falecido Jeremias a tenda de Umbanda?

Fernando havia esquecido completamente. Resolveu cortar a conversa.

— As investigações, fique descansado, estão suspensas. Se você se lembrar de outra casa suspeita, avise-me imediatamente. Por que ligou?

— Para informar-lhe que João deu seu alvará para atender-me às solicitações. Falta só a sua ordem, que, espero...

— Joaquim, por favor, ligue de volta dentro de meia hora. Acabo de conversar com João e ele não me disse nada. Quero, se você me permitir, confirmar, para tudo ficar bem às claras. Pingos nos *ii*.

— Direito seu, patrão. Até daqui a pouco.

Fernando desconfiava de que Joaquim estivesse inventando. Com sua anuência, João não poderia dizer não.

“Será que o vigarista é tão impudente que está tentando me enganar?”

— Alô, João?!

— Sim.

— Fernando.

— Pois não.

— O Joaquim veio com uma história...

— Está tudo bem. Já estou dando andamento à papelada. Demissão por justa causa para receber o FGTS. Não foi isso que combinaram?

— Quero saber se você está de acordo.

— Sendo determinação sua, não posso contrariar.

— Eu lhe dei essa ordem diretamente?

— Não. Mas Joaquim me assegurou...

— Fique sabendo que... Deixe pra lá. Não vou fazer caso. A firma tem como...

— Claro! Tudo que pagarmos a mais, resgatarei na hora. Não haverá risco financeiro ou fiscal. Apenas quanto à moral... O Governo é que acaba sendo lesado.

— Vamos ajudar o coitado. Esse dinheiro a mais vai ser-lhe muito bom. De qualquer modo, creio que não falta muito para a aposentadoria.

— Uns quinze anos.

— Tanto assim? Vou ter de carregar comigo mais essa responsabilidade. Se eu não estiver prejudicando-o espiritualmente, tentando dar-lhe conforto material...

— Bem colocado. Mas tudo se ajeitará no momento em que todos nós compreendermos exatamente o valor do sacrifício. Sem dúvida, a sua consciência do problema justifica a atenuação da pena...

— Não me assuste.

— Brincadeira, patrão. O Governo não está precisando desse dinheiro. Aliás, nós sabemos quanto de desvio os magnatas do peculato estão praticando, conquanto um erro não justifique outro...

— João, estamos bloqueando os telefones. Fique com Deus.

Nem bem havia desligado, tilintou de novo.

— Pronto!

— Patrão, é o Joaquim. Que ficou resolvido?

— Acertei com João. Você irá receber da maneira que pediu. Fique sabendo, porém, que lavo as mãos. Como Pilatos. Se houver comprometimento moral, você vai responder perante a justiça do Pai. Sozinho.

— Pensa que não estou preocupado com isso? Estava até para pedir-lhe que cancelasse tudo. Quando penso nos filhos é que vejo que não posso fazer outra coisa.

— Então, fique em paz. Vamos colocar as coisas nas mãos de Deus.

Falava sem convicção. Aliás, estava convicto de que iria, mais cedo ou mais tarde, ter de responder por todos os atos malsãos, especialmente em virtude da consciência de que realizava algo incorreto perante a lei dos homens.

— Eu lhe agradeço muito. Fico-lhe penhorado. Muito obrigado.

— Até mais ver (patife). — Quase diz o vocativo em voz alta. Sofreu a tempo.

O restante da manhã foi dedicado aos negócios. Parecia que, na segunda-feira, as pessoas punham em execução os planos do final de semana. Quanto cresciam as vendas!

— Patrão! — Era o gerente, entrando. — Vou receber uma bolada de comissão. Imagine que todo o estoque das louças marrons consegui vender, ao preço do dia, sem descontos e a vista. Bem que eu merecia descansar o resto do dia.

— Pois vá!

— Deus me livre! O movimento está muito bom. Quem sabe feche outro negócio, para aproveitar a maré.

Nesse momento, pediram permissão para entrar dois fornecedores. O dia estava cheio. O comerciante se rejubilava. Desse jeito, daria para saldar todas as dívidas, destinar boa verba para a benemerência e adquirir a casinha para o pai.

Ao chegar para o almoço, encontrou Dolores em lágrimas. Olhos excessivamente inchados.

— Que aconteceu, querida?

Apanhou-lhe as mãos. Sentiu-as frias, trêmulas.

— Aquele miserável passou a AIDS para Maria.

— Santo Deus!

Fernando compreendia, finalmente, por que Jeremias lhe havia pedido para cuidar dos filhos.

— Precisamos amparar aquela família, querida, conforme me pediu o compadre.

Percebeu que falara demais. Mas Dolores não estava preparada para as pesquisas psicológicas. Encostou-se no ombro do marido. Precisava sentir o calor de alguém. De um amigo. De um companheiro.

Muito a medo, Fernando abraçou a esposa, afagando-lhe as espáduas e os cabelos tingidos. Estava frágil. A tragédia da comadre ficava relegada a segundo plano, como se o destino mau de uns pudesse converter-se em benefício de outros. Sentiu-se comover ao extremo. E chorou lágrimas de muita dor.

SENTIMENTOS DESENCONTRADOS

O almoço passou funéreo. Dolores estava entanguida de dor. Não tanto pelo afeto que dedicava à comadre, com quem mantinha relações meramente cordiais. Não se podia dizer que fossem íntimas. Tinham segredos mútuos e competiam, na igreja, pelas atenções dos sacerdotes, muito particularmente do Padre Timóteo, cuja ascendência sobre as paroquianas lhe dava halo de artista de televisão, conquanto fosse feio, macérrimo, com óculos de fundo de garrafa e avançado em idade. Era a voz que o fazia atraente, eram os dizeres sempre apropriados, a defesa intransigente dos valores femininos, e a doçura aveludada do confessor, naquele *tête-à-tête* protegido da curiosidade e defendido pela santidade eclesiástica.

Dolores pensava em Maria e se punha em sua pele. E se tivesse sido com ela? Fernando não teve coragem. Uma falência só, contudo, e teria trazido a moléstia para o lar. Ela vira a licenciosidade, a indecência da nudez e das ofertas das mulheres fáceis. Fernando até que demonstrara brio. Resistira, no final das contas. E não lhe permitira desfazer a união. É que gostava realmente dela. E os jovens, os filhos. Será que sabiam? Quanta raiva, meu Deus, pela culpa do pai!

Fernando não podia acreditar em que Jeremias tivesse contaminado a esposa. E todas as informações que recebera? Mentira Adelaide. Engrupira a boa vontade dos dois tontos. Forjara todas aqueles registros. Inventara restrições à libidinagem. Estava revoltado. Como tinham sido inocentes! Ou fora Joaquim quem não lhes passara todas as dicas?

— Querido, que vamos fazer em benefício daquela família?

— Leonel e eu tentamos localizar a prostituta culpada pela transmissão do vírus. Fomos conversar na boate em que Jeremias...

— Que o Diabo o carregue!

— Querida, o que está feito, está feito. Não há como voltar atrás. Mandar o coitado para os quintos dos infernos não vai reparar os erros.

— Mas o que ele fez com a mulher...

— Os atos, quando inconscientes...

— Como *inconscientes*? A propaganda contra a AIDS e os métodos de prevenção estão em todos os canais. Eu, que não gosto dessas coisas, me cansei de ver reportagens sobre drogados com a doença. Você não se lembra do *Fantástico*? E dos artistas, cantores,

jogadores de futebol. E aquele astro americano do basquete? Ninguém pode demonstrar tanta ignorância. Pode a pessoa pegar AIDS. Não pode é dizer que não sabia dos riscos.

— Está bem! Assino embaixo. Concordo em gênero, número e caso. Todavia, as nossas pesquisas redundaram em nada.

— Como *em nada*? Se vocês conversaram com a prostituta... Ou foram várias?

— Quatro.

— Como *quatro*? Quem pode afirmar?

— Eles mantêm tudo registrado.

— Não acredito.

— Pergunte a Leonel. Ele estava presente. A dona ou proxeneta, que sei eu, a mandona... Você se lembra daquela novela?...

— Da Globo ou da Manchete?

— Tanto faz. A pessoa que toma conta do bordel nos mostrou, inclusive, atestados médicos, devidamente assinados e identificados, mostrando que os exames de AIDS deram negativo. E com as datas bem recentes. Posteriores à ida do Jeremias.

— E que vocês fizeram?

— Voltamos de mão abanando. Na verdade, fizemos bem mais, mas você não vai acreditar.

— Acreditar em quê?

— Consultamos os espíritos.

— Não acredito!

— Eu não disse? As mensagens estão no escritório.

— Estavam.

— Como assim?

— Queimei. Percebi logo que eram coisas do demo.

— Então você leu?

— Tinha uma poesia e algumas folhas. Li por cima. Achei que eram profundos engodamentos. Não levei a sério.

— Você percebeu que a poesia formava uma frase com as iniciais?

— Que frase?

— AIDS, amor com dor.

— Não vi nada disso.

— Pois era como o protetor, o mensageiro queria que víssemos essa doença.

— Agora já foi.

— Não faz mal. Eu acho que da poesia existe cópia. Das mensagens é que não temos. Mas, também, não tem importância. O essencial é saber que os fatos serão esclarecidos de maneira natural.

Dolores havia desejado queimar as folhas em acesso de cólera. Depois que Fernando saiu, passou boa parte do tempo providenciando a acomodação das coisas na casa. Fez remanejamento de móveis. Queria dar outra feição aos cômodos. Pensava em renovar a decoração. Ao adentrar o escritório, soou o telefone. Era Rute avisando do resultado do exame da irmã. Pedia cautela. Que não divulgasse. Desligado o telefone, Dolores teve longa crise de choro. Passou-lhe pela lembrança tudo o que envolvera

Jeremias e Fernando nos últimos tempos. Viu a mão do diabo a manipular os cordéis desse destino de sexo e de irresponsabilidade. Apanhou os papéis de sobre a mesa, amarrotou-os e jogou-os no cesto. Sem ler. Depois trancou-se no quarto. Fugia da vista de Letícia e da arrumadeira. O que lhes dizer a respeito dos sentimentos? Tinha de manter segredo. Mais calma, voltou ao escritório. Arrependia-se de ter jogado fora os papéis. E se eram importantes? Retirou-os do cesto e os leu. Não inteiramente, que as letras se embaralhavam e os pensamentos se perdiam. Ao notar o nome de Roque e de Tia Ana, compreendeu a origem deles. Ficou um tempo sem ação. Notou que havia uma poesia. Leu-a, sem entender direito os dizeres. Não que as palavras fossem difíceis. A vista é que obscurecia. Dobrou as folhas cuidadosamente. Guardou-as no meio de um livro.

“Vamos ver que valor isto tem para o infeliz. Vou dizer que queimei. Se me maltratar por causa de uns escritos, mando-o às favas, definitivamente.”

Perante Fernando, achou que tinha sido infantil. A reação dele fora absolutamente consentânea com as promessas que fizera. Nenhuma preocupação. E agora vinha com aquela história de consultar os espíritos.

— Querida, em que pensa?

— Acho que você deve estar ficando louco.

— Também cheguei a pensar assim. Agora sei que não estou. Mais ainda, sinto-me muito bem de saúde e de cabeça.

Nisso tilintou o telefone. Era Leonel. Queria que fossem à casa de Maria. Era preciso uma reunião de família. A pedido dela.

— Como ela está?

— Está enfrentando muito bem. A doença não se desenvolveu. Os médicos disseram que isso pode demorar até vinte anos. Ou mais. Basta ter cuidado. Nós sabemos que tudo é muito misterioso. A verdade é que ela está bem. Mas algo a preocupa muito. Quando soube o que fizemos para alcançar as informações, interessou-se. Quer pôr as coisas em pratos limpos. Estou em casa. Rute e eu vamos sair já. Se vocês puderem ir, nos encontraremos lá.

— Está bem. Mas não temos muito o que dizer.

— Acho que aqueles papéis da reunião poderão ajudar.

— Dolores ateou fogo neles.

— E agora?

— Vá pensando nos dizeres. O importante para mim é o que eu me lembro da visão do Jeremias. Isso poderá trazer tranquilidade. E a recomendação de tomar conta dos filhos.

— Isso mesmo. Vai dar certo conforto. Se ela entender que os espíritos sobrevivem à morte...

— A sua opinião vai pesar na balança. Um materialista convertido...

— É isso aí. Pelo menos, se Rute ficar mais sossegada, vai ser muito bom. Se não aceitarem, nós vamos insistir em apertar o Joaquim para fornecer outros endereços. Que acha?

— O principal é atendê-la. É ela que deseja nossa presença.

— Até logo mais.

Dolores ouviu toda a conversa na extensão. Estava boquiaberta:

— Quer dizer que Leonel entrou na de vocês?

— Ele foi à sessão.

— E não saiu de lá debochando?

— Saiu impressionado. Jeremias mandou dizer-lhe que a promessa estava paga.

— Que promessa?

— No carro, eu ponho você a par de tudo. Vamos embora.

Ao descerem, diante da casa de Maria, Dolores já estava propensa a devolver as folhas. Antes, pretendia lê-las com atenção. Queria deslindar a malícia embutida nas palavras, nas frases. Mas se decidira a devolver. Quem deveria queimar os papéis era Fernando. Isso ela queria ver.

GRAVÍSSIMAS REVELAÇÕES

Maria estava na sala. De óculos escuros. Dona Isaura, a mãe, chorava num canto. Não estava o pai. Leonel sentava-se numa das poltronas, ao fundo. Rute acariciava os cabelos da irmã. Olhos injetados de sangue. Olheiras acentuadas.

Quando Dolores entrou, Maria levantou-se, indo ao seu encontro. Deram-se as mãos e olharam-se profundamente nos olhos. Como se tentassem medir a dor uma da outra. Abraçaram-se, por fim, reconhecendo-se unidas no sofrimento.

— Quanto deve o destino oferecer-nos de ruim, para nos aproximar! — disse Maria, soluçante.

— Querida amiga. Conte conosco, neste transe... Deus há de nos amparar, em sua infinita sabedoria.

Fernando chegou-se para perto de Maria. Ao vê-lo, estendeu-lhe o braço, tomando-o de encontro a si, junto de Dolores. Não se falaram. Mas se compreenderam. A vida selava-lhes em definitivo a fraternidade evangélica.

Maria foi quem recobrou a serenidade primeiro. Fê-los sentarem-se no sofá. Voltou para junto da irmã. Em seu embaralhar emocional, passava-lhe pela mente que alguém pudesse ficar enciumado.

Enquanto Fernando e Dolores acariciavam as mechas brancas de Dona Isaura, Leonel afastava-se para junto da janela. Olhar perdido no vácuo de sua consciência. Pranto incontido, a esparramar lágrimas surdas pelas faces macilentas. Respirava-se ali o ar das tragédias.

Havia um bule de café sobre a mesa de centro. E xícaras. Maria se pôs a servir os recém-chegados. Ninguém se atrevia a romper o longo silêncio. Como num cerimonial, aguardaram que Fernando e Dolores sorvessem até a última gota.

— Querem mais?

— Não, obrigado. Não se preocupe. Estamos bem.

— Leonel os avisou de que eu queria que viessem?

— Sim. Estamos...

— Muito obrigado, bons amigos. Compadres...

— Compadres!...

— Queria aproveitar a ausência dos meninos, para discutir os problemas que esta doença vai trazer.

— Conte conosco.

Era Fernando, instando para desfazer a má impressão anterior.

— O que estiver ao nosso alcance. E mais ainda...

Lembrava-se da ajuda espiritual, mas não se animou a mencionar.

— Leonel me contou que vocês estiveram pesquisando a respeito da possível transmissora do vírus.

— Mas não deu resultado algum. Ele não lhe disse?

— Disse, sim.

— Se Joaquim não nos enganou, não iremos alcançar nenhuma solução, nesse rumo.

Leonel resolveu ajudar:

— Consultamos também os espíritos.

Maria voltou-se para o cunhado espantada:

— Você também?

— Creia-me, Maria, que não perdi meu equilíbrio mental. Você sabe que nunca acreditei nessas coisas.

— E agora?

— Ouvi e vi fatos de espantar. As comprovações do intercâmbio entre os planos são muito fortes. Não sei como é possível. Fernando e Jeremias é que estavam tentando decifrar esse mistério da existência.

Dolores encolhia-se. Via os homens crescerem moralmente, pelo desprendimento e pela energia que depositavam nas palavras. Adquiriam convicção. Não punham em dúvida as manifestações. Estavam firmes. Parecia que a realidade das experiências era tão concreta quanto o fato de sentir o pulso ou a respiração. Viviam o que denunciavam. Era sensação muito diferente de se dizer católico, de ir à missa, de dar o óbolo, de se confessar e de comungar. Era algo íntimo, provindo da consciência. A exteriorização das ideias e dos sentimentos era forte, intensa. Dir-se-ia provinda diretamente da alma.

Um pouco dessas impressões também perpassavam pelo coração de Maria. Os dois estavam impondo-se ao respeito das mulheres. Se Timóteo estivesse presente, haveria de contrabalançar. Jeremias era bem mais discreto. O sono preferia agir às escondidas...

— Quero que me contem o que se passou na sessão.

Maria falou de um jato, como a sacudir da memória acontecimento deprimente. Era como se a lembrança da doença acordasse para a necessidade da verdade. Perante os homens. E perante Deus.

Fernando assumiu a palavra, resumindo os acontecimentos, desde as primeiras visões e demais fenômenos que se passaram com ele. Enquanto falava, Dolores arfava o peito, na iminência de interromper, mas contendo-se, à vista do drama que ali se desenrolava. Afinal de contas, era a felicidade, a alegria, a vida de uma família, na contingência de frágil resistência a tão poderosa moléstia.

Maria ficou curiosa:

— E essas mensagens, poderíamos ler?

— Infelizmente, Dolores as destruiu.

— Por que, cara amiga?

Dolores estava com o lenço na mão e ganhou tempo enxugando as lágrimas e assoando o nariz. Deveria revelar que as comunicações estavam intactas? Deveria demonstrar a malícia para colocar o marido à prova? Deveria continuar mentindo, esperando para destruir os papéis mais tarde? Decidiu-se pela verdade:

— Eu não queimei as folhas. Estão guardadas...

— Ainda bem, querida! — apressou-se Fernando a colocar a esposa em melhor condição moral. — Ainda bem, assim poderemos estudar o verdadeiro teor das mensagens. Vocês vão ver que existem informações impossíveis de serem do conhecimento dos médiuns. Vai ser ótimo para todos nós comprovarmos que as comunicações entre vivos e mortos são possíveis. Mesmo que não se acredite que sejam os espíritos dos que partiram, podemos sempre pensar que Deus enviou seus anjos para nos ajudarem. Para o Pai, todos havemos de concordar, nada é impossível.

“Nem para o demônio.” Pensava Dolores, que não quis polemizar. *“Se Timóteo estivesse presente, daria resposta cabal a essas superstições.”*

Leonel tomou a dianteira:

— Já que as coisas estão nesse pé, vamos deixar para outra hora os comentários sobre as informações espirituais. Basta saber que o principal foi que disseram que tudo se resolveria naturalmente, dentro de pouco tempo. Assim, logo ficaremos sabendo quem foi a mulher...

Sentiu que o tema era sumamente desagradável. A recordação das traições do cunhado magoavam a pobre esposa.

De fato, Maria pôs-se a soluçar, quebrando aquela segurança emotiva que vinha demonstrando. A custo, retomou o uso da palavra:

— Há um problema muito sério que precisamos resolver junto aos médicos. Eles não querem reconhecer essa doença como parte do contrato do plano de saúde. Querem que o tratamento seja todo pago por fora. É caríssimo. Gostaria de não ter essa despesa, mas não estou em condições de brigar. Queria que me aconselhassem.

Leonel estava apto a colocar um ponto-final na questão:

— A lei estabelece para os planos universais que todas as moléstias, inclusive a AIDS maldita, estejam cobertas. Se os doutores julgarem que os escândalos atemorizam os doentes, podem ser surpreendidos por ação judicial em todas as instâncias. Basta contratar bons advogados. Só existe o risco de os meios de comunicação (jornais, televisão) descobrirem e colocarem a família na boca do povo. Aí, os preconceitos irão aborrecer-nos. Já vi coisas muito ruins, nesse campo.

— É verdade — acrescentou Fernando. — É preciso pensar muito. Agir com prudência. As pessoas são implacáveis, quando sentem que os outros estão inferiorizados. Principalmente quando se trata de gente abonada.

— Temo pelos meus filhos. Acho que deveríamos consultá-los sobre o que viermos a fazer. O que os coitados estão sofrendo! A vida toda eles dormiram em berço esplêndido. De repente, o mundo desaba sobre suas frágeis cabeças...

A lembrança dos rapazes comoveu a assembleia. Pesado silêncio se fez no ambiente, entrecortado apenas pelos angustiosos soluços.

— Enfim, é preciso lutar.

Maria retomava a ascendência sobre o ânimo de todos. Sentia que o clima emocional dependia exclusivamente de sua atitude. Ultimamente, resolvera assumir o controle das firmas. Estava decidida a enfrentar todos os desafios.

— Dê no que der. Vamos ver até onde os donos da empresa médica desejam enfrentar batalha judicial que pode jogar a opinião pública contra eles.

Fernando se prontificou a encontrar o melhor advogado no setor. Não antes de Maria definir o que seria feito, na unanimidade das disposições familiares.

Neste momento, Dona Isaura instou para que o marido fosse ouvido:

— Seu pai tem muito bom senso. Ele saberá recomendar a melhor decisão.

A velha estava acabada. Tinha acompanhado a filha ao consultório e sofrera lá o embate da notícia. As palavras para o amenizar das consequências imediatas da doença não a convenceram. Era muito experiente para saber quando se colocam panos quentes. E tinha visto muitos partirem cedo, como aquele genro, que desgraçara o lar.

— Se me permitirem, vou recolher-me ao quarto. Quero fazer companhia ao velho, que está um trapinho. Nunca vi tal fortaleza tão abalada. Com licença.

Ao sair, deixava na sala os que poderiam tomar atitudes. Levava consigo o inexorável, o irremediável, o imponderável das resoluções divinas.

Maria, como que contagiada pela dor do pai, começou a soluçar. Rute a acarinhava, quando recebeu forte repelão da irmã:

— Desgraçada que sou!

Todos acorreram. Que crise seria aquela? Que recaída moral? Rute saiu em busca de água com açúcar. Dolores acercou-se, mas não pôde tocar na amiga. Estendera o braço e escondera o rosto. Afastava qualquer auxílio. Recusou a água. Não queria a piedade de ninguém. Com extremo esforço, fez a revelação decisiva:

— Precisamos avisar Timóteo. Ele pode estar infectado.

Agora não mais podia voltar atrás. Deixou-se envolver pelos braços protetores da irmã. Dolores estava lívida. Fernando não atinara direito com a extensão do problema. Leonel permanecia perplexo.

— Que Deus nos proteja a todos! — Era Dona Isaura, que entrava, trazendo o marido pela mão.

Fernando compreendera que, sem o auxílio dos amigos da espiritualidade, algo poderia acontecer de muito ruim naquele lar esfacelado. E passou a orar em silêncio, pela misericórdia do Senhor.

DIRETRIZES DE VIDA

O velho Correia sentia-se necessário. Isaura lhe havia dito que os médicos do convênio estavam questionando a validade do tratamento da AIDS. Não desejaria ver a filha em apuros. Dera-lhe educação esmerada. E aos outros sete filhos. Mas a influência da mãe levava as mulheres aos pés do altar. Ao roçar das batinas. E a moda atual tornava os sacerdotes homens, antes de ungidos pela Igreja. Fanatizaram-se. Maria mais que as outras duas. Rute sofrera a forte resistência de Leonel. Aninha arrastara o marido à sacristia, mas os embates da vida a tinham feito optar por manter-se afastada dos templos. O marido ficara, atraído pelas magnificências dos cultos.

Decidira-se por ajudar a filha, quando a esposa viera procurá-lo. Ao adentrar a sala, ouviu a dolorosíssima confissão.

“Quanto sofrimento! Quanta coragem não será preciso! Minha pobre menina desajuizada!”

— Papai, perdão! Pelo amor de Deus!

A mãe recuara para o corredor. Não tendo forças para aguentar-se de pé, apoiou-se na parede e resvalou até o chão. E lá quedou, sem que ninguém percebesse. Morta de vergonha. Mulher de princípios, nunca chegara tão perto do pecado. De repente, o luto invade todas as almas da família.

Ajoelhada aos pés do pai, Maria era a expressão do remorso.

— Minha menina! Minha menina! — repetia o velho comerciante, entre censurando e se condoendo. — Que você foi fazer de sua vida?!

— Perdoa, pai, pelo amor de Deus!

— Que posso fazer perante a força dos acontecimentos? Abaixo a cabeça e aceito os desígnios de Deus. Em sua santa misericórdia, há de nos esclarecer a mente e o coração, para enfrentarmos a luta que se avizinha. Tenha fé, minha filha, que iremos vencer todos os infortúnios juntos.

— Perdão, pai!

Súbito, ouviu-se Rute clamar por socorro:

— Acudam que mamãe não está bem!

Dolores assumiu a frente dos demais e recolheu a cabeça de Isaura ao colo.

— Tragam água! Ela está consciente.

Leonel chegou com o copo. A custo fizeram-na beber dois ou três pequenos goles.

A criadagem, alvoroçada, assomou à porta. Não fora nada. Ficassem calmos. Dona Isaura é que tivera ligeiro desmaio. Nada lhes havia sido comunicado a respeito da doença do casal, mas corria, à boca pequena, que o patrão contraíra aquela grave infecção...

Correia amparou a mulher e, juntamente com Rute, a levou para o quarto.

— Dolores, por favor, fique com ela. Você também.

— Vamos chamar um médico?

— Chamem o Doutor Venâncio. Acho que vai ser preciso, para melhorar o ânimo de todos.

Correia, à vista dos atropelos emocionais, punha em ordem os pensamentos. Nunca fora homem de se sentir derrotado, desde os tempos em que principiara a luta pela vida. Fizera-se sozinho, a partir de minguada ajuda paterna. Aprendeu a curtir o couro. Desenvolveu os negócios. Dizia que o couro da clientela era mais fácil de amaciar. Enriqueceu. Estendeu rede de lojas, vendendo o que produzia na fábrica. Ampliou o sistema. Criou os animais, elegendo as melhores raças para as diferentes peças. Tornou-se fornecedor muito poderoso no mercado. E respeitado. Mas jamais se deixou envolver pela ganância. Não se prendeu à glória material. Naquele momento da vida, gozava de merecida aposentadoria, tendo passado o gerenciamento das empresas aos quatro filhos homens. Sustentava-se por polpuda conta bancária. Temente a Deus, a seu modo, recolhia-se em oração, sempre que algo exigisse condensação de energias emocionais. Abatera-se demais com a morte do genro, desconfiando do pior para a filha. E para os netos. A revelação do adultério era simples corolário de dor.

Voltando à sala, encontrou Maria entregue ao consolo do cunhado. Fernando mantinha-se afastado, olhar absorto, perdido no verde do jardim, atrás da vidraça.

— Vamos organizar os pensamentos. Sente-se como gente, Maria, e encare a situação que você mesma criou.

— Pai...

— Preste atenção! Não quero nenhuma luta judicial. Todas as despesas, eu cubro. Vamos resguardar o bom nome da família. Espero que todos tenham a decência de manter segredo absoluto. Você vai se cuidar, porque precisa terminar de criar os filhos. Queria tomar conta das empresas. Pois é isso que irá fazer. Com ou sem aquele Joaquim, que me está atravessado na garganta. Se eu fosse deixar o curtume nas mãos... Mas não importa. Você vai enfrentar o trabalho, para não ficar pensando bobagens.

— *Seu* Lucas, por favor, não se mortifique tanto. Vai acabar doente.

Leonel estava preocupado com o sogro. Via-lhe o esforço. Temia pelo coração.

— Não interrompa, por favor. Se quiser ajudar, localize o padrego sem-vergonha e avise-o da doença. É uma questão de boa vontade e de amor humanitário. Na verdade, Deus saberá para onde mandá-lo.

— Faremos o possível, Fernando e eu. Pode contar conosco.

— Pois aí está o que quero que aconteça. Se alguém não estiver de acordo, que se manifeste.

Nem Leonel nem, muito menos, Fernando estavam preparados para enfrentar os raciocínios lúcidos do velho. Teriam o que dizer. Mas, e a coragem, diante de tanta clarividência?

Leonel recobrou o sangue-frio. Pensava em que Maria poderia ter passado a doença ao marido e não vice-versa, como haviam suspeitado. Tratar de semelhante assunto seria inoportuno. Era preciso acalmar o ambiente.

Fernando tranquilizara-se com as orações. Entretanto, os pensamentos voluteavam-lhe pela mente, como faíscas elétricas. Lembrava-se da mensagem mediúnica. Da linha de duas pontas. O carretel estava realmente do outro lado. Os dizeres não lhe vinham nítidos. Apenas a ideia de que haviam prometido para breve a elucidação do caso e a revelação da origem da doença de Jeremias. E esse coitado, será que tomara conhecimento da traição da esposa? Por certo, não presenciara aquela cena deprimente. Os protetores o teriam resguardado. E Timóteo, honrado pelo convite da Arquidiocese, teria feito os exames de sangue, ao conhecer a causa da morte do paroquiano? Estaria a par de que era portador do vírus? Em sua febre por estabilizar as ideias, no controle natural da razão sobre as emoções, não punha adjetivos no erro substantivo daquelas criaturas. Esquecia-se de acoimá-los disto ou daquilo e surpreendeu-se isento de rancor, quando o velho Lucas chamou o sacerdote de *sem-vergonha*. Parecia-lhe que era mais uma alma a ser conduzida para a senda da verdade evangélica. Nada mais. Trabalho de socorrismo espiritual, sobretudo.

Interrompeu-se o pesado silêncio pelo aviso de que o Doutor Venâncio havia chegado.

Imediatamente, foi introduzido ao quarto em que jazia inerte a paciente. Após os exames de pulso, avaliou que não era para temer-se o desmaio. Receitou. Conhecido antigo dos Correias, ficou impressionado com a aparência da viúva.

“Quanto não deve estar sofrendo a morte do marido!”

Fez que Maria também passasse por exame. Achou-a debilitada. Receitou e prometeu voltar, se chamado.

— Espero as duas, amanhã, no meu consultório. Vamos deixar de lado um pouco esse negócio de planos de saúde. Vocês têm dinheiro para pagar meus modestos honorários.

Correia, atento ao desenvolvimento das ideias, acrescentou:

— Doutor, faço questão de levá-las. Daqui por diante, o Senhor é quem irá tratar da saúde da família. Como fazemos para marcar as consultas?

— Vou reservar um horário livre. Nestes tempos de convênios, estou ficando às moscas, velho demais para esse tipo de aventura. Não sei por que não me aposentei. De qualquer forma, eu mesmo ligo para cá.

— Muito obrigado, Doutor!

Enquanto Correia preenchia o cheque, Venâncio instruía a empregada que iria até a farmácia buscar os medicamentos. Era preciso que viesse o farmacêutico para as injeções. Mas tudo seria feito com máxima boa vontade. Com as receitas na mão, era possível saber o que desesperava a família.

Entrementes, Rute viera buscar Maria. A mãe queria abraçá-la. Que não lhe pesasse na consciência também o seu desfalecimento. A tragédia, a verdadeira tragédia, estava correndo-lhe pelas veias. O mais era confiar em que o Pai saberia administrar o destino de todas as criaturas.

Enquanto mãe e filha se abraçavam, em choro convulso, Dolores retirava-se do quarto. Precisava de ar. Tinha de ordenar os pensamentos. Estava abaladíssima. Quase não acreditava no que ouvira. Timóteo com Maria!

“Meu Deus! Este mundo está perdido!” — era só o que repetia, em monólogo imperceptível.

Na sala, tomou um resto de café frio. Mecanicamente.

Fernando aproximou-se, fazendo menção de acariciá-la. Foi rejeitado com gesto rápido dos braços. Percebeu que não era hora para expansões. Haveriam de cuidar dos que sofriam.

— Não temos mais o que fazer aqui. Vamos embora!

Dolores estava impositiva.

Fernando olhou as horas. Deveria correr para a loja, para atender ao fechamento. Lembrou-se de que pedira ao gerente para esperá-lo, caso não chegasse até às seis. Mas daria tempo. Combinou com Leonel que conversariam no dia seguinte. Despediu-se de Correia. E saíram, sem dizer adeus às senhoras.

RECONCILIAÇÃO

Fernando trouxe Dolores para casa, antes de ir à loja. Não conversaram durante o trajeto. Enquanto Dolores se calava para não dar oportunidade ao marido a comentários desairosos, este queria reaver as mensagens, peças fundamentais, conforme julgava, para o convencimento de Maria a respeito da vida e do interesse do plano espiritual pelos encarnados.

— Por favor, querida, você pode mostrar onde estão os papéis?

Sem responder, Dolores foi ao escritório, apanhou o livro e entregou as folhas. Desejava lembrar-lhe as promessas do abandono daquela superstição e de voltar a frequentar a Igreja. Mas não queria correr riscos de reprimendas. Apenas fechou o cenho.

— Muito obrigado! Você verá que foi por puro amor que se escreveram estas comunicações.

— Você vem para o jantar, não vem?

— Claro! Ou está pensando que pretendo ir ao Centro? Só voltarei para lá com seu consentimento expresso. Para mim, tudo o que aconteceu na casa da comadre não vai alterar em nada a minha determinação de atender você.

— E para que está querendo ficar com esses papéis? Está com medo que eu ponha mesmo fogo neles?

— Se você quiser saber a verdade, tenho medo, sim. Estas comunicações têm relação com a vida de outras pessoas. Leonel se interessa por conservá-las. Você sabe disso. E os ensinamentos...

— Veja que não vá perder a hora. Estão esperando por você na loja.

— Adeus, querida. Providencie uma janta bem gostosa.

— Com carne ou sem carne?

Fernando entendeu o desafio. Quase ia respondendo: “Do jeito que o Timóteo gosta”. Mas calou o desafio:

— Pode ser sem carne. Mas não vou dispensar um bom copo de vinho italiano. Peça para Letícia pegar na adega e resfriar na parte de baixo da geladeira. Até a hora do jantar, vai estar no ponto. É melhor pegar duas garrafas, uma do tinto e outra do branco.

— Parece que você está querendo festejar. Com tudo o que aconteceu hoje.

— Vou festejar mesmo. Vou comemorar e *bebemorar* a sua volta ao lar. O seu retorno para mim.

Nenhuma palavra agressiva. Nenhuma lembrança constrangedora. Nenhuma resposta à altura das provocações. Dolores estava estranhando o marido.

Às sete horas, chegava de volta. Vinha carregando grande maço de rosas vermelhas. Notara que as flores de casa não estavam igualmente apresentáveis. Depois, o trabalho de colher tinha sido feito por José e a arrumação por Letícia. Não tinham o calor de seu sentimento, não falavam do júbilo de sua alma.

Antes de sentar-se à mesa, tomou banho, perfumou-se, colocou calças pretas, camisa branca de seda e cobriu-se com seu robe de fina cambraia verde, em tom pastel. Garridamente, à portenha, amarrou um lenço branco ao pescoço. Parecia muito desajeitado. Desacostumara-se a fazer a corte à esposa. Nem se recordava quando fora a última vez que se preparara exclusivamente para ela.

Ao adentrar a sala de jantar, foi surpreendido por esplêndida arrumação. O jogo de porcelana inglesa mais fina, acompanhava-se dos cristais da boêmia e da baixela de prata. As rosas vermelhas, em jarra chinesa, ao centro, sobre o branco rendado da toalha.

Dolores trajava simples vestido de noite, sem adornos. Preparara o toalete para a festa de formatura do afilhado. Não se animara a colocar nenhuma joia. Avivara os olhos com leve sombra lilás, contornando de rímel os cílios, para ressaltar os olhos azuis. Carminara os lábios discretamente. Escondia o sofrimento da tarde. Retribuía as atenções do marido, reconhecida.

O jantar teve a leveza do creme de aspargos, o aveludado da batata gratinada na manteiga, o picante da rúcula avinagrada, a ligeira maresia do camarão empanado, espicaçado por molho tártaro, a delicadeza do pudim de claras. Os vinhos, de acordo com a prescrição: o branco, seco, bem gelado; o tinto, maduro, apenas resfriado.

Dolores fez Letícia colocar o uniforme dos dias de festa. A cada volta à cozinha, eram lágrimas que se enxugavam e agradecimentos a Jesus.

A conversação girou sobre os eventos do dia. Destaque absoluto para o sucesso das vendas. De passagem, Fernando falou sobre a visita ao pai. Testemunhou a pobreza das instalações em que viviam. Manifestou o desejo de acomodá-los melhor.

Dolores reagiu bem. Aconselhou que fizesse isso mesmo. Tanta benemerência para a comunidade e nada para os familiares. Lembrou-se da mãe. Estava feliz com o segundo marido. Não obstante, caso precisasse, iria ampará-la.

Utilizavam o melhor que podiam o vernáculo. Davam à linguagem aquele mesmo toque de luxo. Esmeravam-se.

— O café será servido na sala de estar.

Sobre a mesa, ao lado do poltrona preferida do marido, a caixa de charutos, o cinzeiro de ágata adornada em alto relevo e o acendedor multicolorido, com motivos gregos. Fernando não fumava, porém, em certas ocasiões, fazia tipo de galã hollywoodiano. A iluminação por conta do abajur de pedestal.

— Quer que ligue a televisão, querido?

— Se você não se incomodar, prefiro que conversemos. Acho que temos assuntos pendentes.

— Como quiser.

Letícia entrou com a salva de prata. Porcelana chinesa, antiga, raríssima.

— Senhor Fernando, deseja açúcar ou adoçante?

— Puro, por favor.

— Pois não!

Enquanto o café era entornado na xícara, Fernando pensava em que sempre poderia ter sido assim. Será que enjoaria? Será que a ambientação emotivo-sentimental persistiria, caso o relacionamento se desenvolvesse no sentido do aconchego amoroso, espiritual?

— Dona Dolores, posso deixar as taças para o licor?

— Ponha sobre a mesa, que eu mesma sirvo. Letícia, você está dispensada. Cuide de tudo na cozinha. Amanhã, pretendo levantar cedo. Café às seis. Boa noite.

— Boa noite, Senhora. Boa noite, patrão.

— Muito obrigado, Letícia. Esteve tudo impressionantemente ótimo. Durma bem!

Antes de sorver o café, Fernando tirou pequeno embrulho do bolso, enfeitado com florzinhas de imitação, mimosíssimas. Papel vermelho metálico, fita amarelo-pálido.

— Aceite, Dolores, uma recordação deste dia.

Apanhada de surpresa, a esposa não sabia o que dizer. Abriu o embrulho quase trêmula. Dentro da caixa, repousando sobre algodão cor de rosa, anel com esmeralda, engrinaldada de minúsculos diamantes. Uma joia rara. Belíssima.

— Para reafirmar nossa união.

Antes que Dolores pudesse reagir, Fernando a abraçou, envolvendo-a pela cintura, depositando-lhe na testa tímido beijo. Era um novo oferecimento de vida. Era a reintegração do casal nas lutas comuns da existência. Em gesto de respeito, tomou-lhe a mão esquerda, beijou-a e introduziu-lhe o anel no mesmo dedo da aliança.

A longa agonia emotiva do dia culminava com demonstração inesperada de carinho, de amor. Sua capitulação ultrapassava os limites que lhe impusera a esposa. Reatariam os laços afetivos, mas em que bases?

Fernando enxugou as lágrimas, voltou à poltrona, apanhou a xícara com a mão direita, mantendo o pires com a esquerda. Descobriria um jeito de postar-se com naturalidade. Não queria deixar entrever que se emocionara profundamente.

Dolores puxou a cadeira para perto da poltrona.

— Posso acender-lhe o charuto?

— Deixe aí, querida. Não pretendo fumar.

Dispensou também o licor de avelãs. Estava absolutamente sóbrio, apesar do vinho. Dolores mal tocara neles.

— Querida, precisamos conversar sobre a nossa vida. Vamos fazer planos, pois não quero resvalar de novo para zonas muitíssimo perigosas. Acho que me safei por muito pouco de cometer atos realmente insanos. Estou referindo-me às más companhias do pôquer, das corridas, das boates. Não vou me confessar para padre nenhum. Nem quero ficar expondo-me às sutilezas interpretativas do psicanalista. Quero que você seja minha mulher, integralmente, na medida em que me aceitar para marido. Pensei muito sobre nossa desinteligência. Vamos reerguer o casamento. Não quero forçá-la a nada, como lhe disse de manhã. Pretendo, porém, sentir-me plenamente feliz ao seu lado. E isso só alcançarei, se você também estiver feliz. Vamos pôr de lado as questões religiosas. São muito importantes, eu sei, mas estavam causando a separação. Não quero prosseguir sem

ouvi-la a respeito dos seus sentimentos. Peço-lhe, de novo, humildemente, que me perdoe.

Dolores não estava acostumada a tanta sensibilidade. Enquanto viveram sob o manto do catolicismo, nada havia para exporem um ao outro. Abalada a fé do marido, parecia-lhe que os valores ganhavam outros contornos, outra textura moral, espiritual. Não sabia definir direito as sensações. Lembrava-se de seu ódio pela rejeição à crença, à Igreja, ao Padre Timóteo... Mas que fizera o marido de mais? Procurara outro caminho. Não analisara as razões dele. Agira sob o influxo das chamas infernais. Tivera muito medo. E agora o representante de Deus...

— Tudo que lhe disse hoje cedo, Fernando, mantenho. É preciso que nos compreendamos melhor em nossos anseios mais íntimos. Se você verdadeiramente me ama, vai saber que deverá demonstrar em cada ato, em cada palavra, em cada intenção. Não estou bem disposta por causa da surpresa que Timóteo e Maria proporcionaram. Sinto-me profundamente envergonhada. E bastante desiludida. Contudo, não acho que isso vá mexer com minha fé.

Dolores falou rápido. Intimamente, ato reflexo, nada queria ficar a dever à eloquência do marido.

— Quer saber minha opinião sobre esse relacionamento inconsequente?

— Desde que não ofenda...

— Fique tranquila. Eu acho que cada pessoa deve cuidar de sua vida. E de seus entes queridos. Acima de tudo, deve honrar a Deus, por seu ato criador. Isto quer dizer que temos muita coisa para aprender. E estamos desenvolvendo-nos. Aos poucos, vamos assimilando os conceitos evangélicos, vamos entendendo as lições de Jesus, vamos praticando o bem, segundo as leis cósmicas, tornando-nos cada vez mais perfeitos. Não nos pediu o Mestre para sermos perfeitos como o Pai? Não nos disse que somos deuses? A nossa fase atual, todavia, é de bem pouco adiantamento. Você pode estranhar o que vou dizer, mas entendo que uma vida só é muito pouco para isso. Sair daqui e adentrar o Paraíso, pela graça de Deus, sem conhecer as noções básicas da obra apostólica em prol da humanidade, será ficar lá, sem compreender patavina do que se passa. Vamos crescer espiritualmente, primeiro, para, depois, almejar ser reconhecidos pelo Pai. Isso não depende de religião, seita ou culto. Depende da compreensão da vida. Depende de se limpar a consciência, mente e coração, de todos os vícios, de todas as malícias. A aquisição definitiva das virtudes é que nos mostrará o caminho para Deus.

Dolores não sabia de onde tinham vindo todos aqueles conceitos. A verdade é que Fernando estava transfigurado aos seus olhos. Se lhe tivesse falado assim antes, teria permanecido apaixonada a vida toda. Não tinha muito o que dizer, mas revelou sua mais sutil preocupação:

— E se um de nós for arremessado no Inferno?

— Posso fazer uma brincadeira? — E, sem transição: — Estaremos, obviamente, em muito boa companhia. As mesmas que tivemos nos últimos anos: Jeremias, Timóteo, Maria...

— Não espezinhe a nossa dor.

— A verdade é essa mesma. O Inferno foi criado por Deus para todas as criaturas. Não lhe parece coerente? Só que não é um lugar para penas eternas. Está situado na

consciência culpada, principalmente de quem não pretende convictamente se arrepender. A base católica está muito certa. Mas os padres puseram medo nos corações, utilizando as chamas infernais para o efeito. Esqueceram-se de que essas mesmas labaredas poderiam atingi-los. Não foi assim durante a Inquisição, em que os maiores crimes foram praticados pelos sacerdotes? Não os sinceros, os devotados, os respeitosos dos mandamentos de Deus. Aqueles que desejavam dominar o mundo. Eu não conheço muito bem esses assuntos. Por isso é que lhe pedi para poder continuar estudando. Tudo o mais, deixo a seu critério.

Dolores não tinha mais Timóteo para dar respostas em seu lugar. Não obstante, nunca ouvira Fernando falar com tamanha propriedade. Deveria estar falseando algum ponto da argumentação. Não conseguia acompanhá-lo para refutar. Fernando prosseguia:

— Se o Catolicismo reproduzisse o Cristianismo primitivo, aquele que levava os fiéis às arenas, certamente outros seriam os tempos e os costumes.

— Fernando, estou caindo de sono. Vamos dormir? O dia foi extremamente penoso. Sinto minhas costas doloridas. Uma forte pressão no pescoço. Estou com dor de cabeça. Vamos deitar. Se você tiver mais alguma coisa para dizer, diga na cama.

Dolores apanhou Fernando pela mão e conduziu-o até o quarto. Era ato inédito no relacionamento do casal. Aquele entrelaçar de dedos selava a reconciliação.

FELICIDADE CORPÓREA

Ambos no leito, conservaram acesa apenas a lâmpada do abajur. Fernando precisava expor todos os problemas que lhe atormentaram os últimos tempos. Dolores estava tentando ser gentil, mantendo-se atenta. Cansara-se da doutrinação. Gostaria de comentar o caso de Maria com Timóteo, mas não tinha coragem.

— Querida, nós temos de estabelecer como princípio, como diretriz de nosso relacionamento que haja verdade em tudo o que dissermos. Sei que, às vezes, as expressões contrariam a vontade, o pensamento, o intuito. Se houver respeito, porém, haverá entendimento. Vamos compreender-nos com o coração.

— Que pensa você que aconteceu com os compadres, para sua separação de fato? Na verdade, se formos ver bem, eles estavam apenas juntos, debaixo do mesmo teto. Mas as almas estavam bem longe uma da outra.

— Que bom que você tenha tocado no assunto. Eu acho que o casal se amava muito.

— Se fosse assim...

— Veja o meu caso. Depois que aconteceu tudo isso conosco é que fui compreender que eu a amo, como a ninguém mais, nunca, na vida. Vamos supor, apenas supor, que me tivesse deixado levar pela luxúria, como Jeremias. Você acha que, realmente, eu a estaria traindo?

— Claro que sim!

— No sentido corriqueiro da expressão. Talvez eu lhe estivesse traindo a confiança. Mas o meu amor permaneceria incólume. Há casos, como já se passou em alguns filmes, que só depois de se praticar o ato sexual com outras pessoas é que se percebe o amor pelo cônjuge.

— Não sei não.

— As mulheres são muito mais positivas. Os homens são mais poetas. Por isso se dizem mais volúveis no casamento. Creio que tudo não passe de influência social, dos amigos, dos companheiros. Se eu tivesse demonstrado tendência para sair com outras, aqueles que estavam comigo (Jeremias, inclusive; Leonel, nunca), teriam me facilitado os encontros. Tenho visto que os homens se unem em torno das malvadezas, dos vícios, como se tivessem necessidade de arrematar sempre mais gente. Quando alguém abandona a gangue, é posto de lado e até perseguido.

— Como entra aí o caso do Timóteo?

— Se me for dado interpretar a mensagem que você quase queimou, tenho a certeza de que foi ele quem passou a doença para a comadre. E esta para Jeremias.

— Santo Deus! Vire essa boca pra lá!

— Não se esqueça de que Leonel e eu fizemos a entrevista com a dona do bordel. A confiar no que nos disse o Joaquim, não há erro. Eu não conheço direito o caráter do Padre, mas acho que deve ter sofrido muitas tentações. Com base na sua experiência, você não acha que os sacerdotes sofrem muitas pressões nesse sentido, ouvindo as confissões das mulheres? Não são muitas as infelizes no matrimônio? Maria não tinha ficado sabendo que Jeremias estava frequentando as prostitutas? Deve ter contado a Timóteo. Se ele quis consolá-la, porque não a outras, antes, durante e depois?

Dolores estava simplesmente espantada com tal possibilidade.

— Nesse caso, isso quer dizer...

— Exatamente. Outras mulheres e seus maridos, companheiros ou amantes devem estar igualmente contaminados. A AIDS não escolhe parceiros. Qualquer um lhe serve. Homem, mulher, efeminado, sapatão, jovem, velho, padre, professor, dona de casa, rico, pobre, preto, branco, amarelo, viciado em drogas (estes, especialmente), criminosos, gente santa... Se você quiser, posso manter a relação até amanhã cedo.

— Que podemos fazer?

— Muito pouco. Eu não acredito que Timóteo tenha recebido convite nenhum para ser bispo. Foi, isso sim, retirado de circulação. A Igreja precisa ser ciosa do exemplo moral. Os casos de freiras que engravidam e das crianças emparedadas nos conventos são célebres. Deve haver muita fantasia nisso. Concordo. Mas acho que Timóteo está recluso em algum mosteiro, incomunicável. Para pensar no mal que praticou à instituição que deveria defender com o próprio sangue. Ironia. Com sangue contaminado...

— Parece que você está gostando do que aconteceu.

— Não vá por esse caminho, que aí é que está o precipício. Sei, se você me permite mencionar, quanto trabalho terão os protetores para reconduzir tais seres aos deveres evangélicos. Nós mesmos, se alcançarmos evoluir no bem, se estivermos em condições morais superiores, receberemos esse encargo, com eles ou com outros, em iguais ou piores situações. Jeremias...

— Quem?

— Jeremias, querida, numa das duas vezes em que o vi desde que passou para o outro lado, desde que desencarnou, como preferem os espíritas, desde que faleceu, para ser mais delicado com suas convicções (veja que estou sendo absolutamente honesto), me pediu para tomar conta dos filhos. Não posso dizer se sabia das aventuras da mulher (acredito que não), mas esse encargo não passa de socorrismo de caráter moral, espiritual, sem ter nada que ver com qualquer aspecto religioso, embora tudo o que fazemos devamos obrar sempre em nome de Jesus, para glória do Pai.

— Não lhe parece totalmente condenável a atitude de Maria? E mais ainda a de Timóteo?

— À vista das convenções sociais e perante as leis morais vigentes na sociedade, sim, sem dúvida. Os padres, contudo, estão burlando as leis da natureza. Não existe o

instinto que nos leva a procriar? Não sofremos nós dois o diabo quando descobrimos que o tempo havia passado e não conseguimos gerar nenhum filho?

— A verdade é que não tentamos muito, querido. Franqueza, franquezinha, tenho meditado sobre isso e me vejo muito culpada.

— Não falemos de nós. Ainda. Foi só um exemplo. Como segurar a libido, o desejo, se a pessoa está equipada para o sexo, para o prazer?! Quando nos deparamos com pessoas que fazem sacrifícios alimentares, como os faquires, os eremitas, logo ficamos nos sentindo inferiorizados. E agredimos essas pessoas. Ridicularizamos. Simples abstinência de carne, na tentativa de ingestão só de vegetais, são tidas na conta de conduta antissocial.

— De onde vêm todos esses conhecimentos? Não sabia que você era tão...

— Versado?

— Isso mesmo.

— Pois eu mesmo estou muitíssimo admirado desta eloquência. Muito provém do que tenho lido ultimamente. Parece que me está sendo muito fácil assimilar os conhecimentos. Entretanto, sinto uma como que inspiração, como se houvesse alguém a me ditar as palavras, os pensamentos, as reflexões, a direção que devo dar à frase, na enunciação mais próxima possível do que pretendo seja a verdade.

— Nunca o vi tão erudito, tão falante, tão...

Dolores não tinha a mesma facilidade. Verdadeiramente, os protetores do casal estavam presentes e davam impulso à fala esclarecida de Fernando. Faziam mais. Propiciavam a Dolores tranquilidade sentimental para ouvir.

— Fernando, você disse que podemos fazer pouco. Mas o que podemos fazer para ajudar a família?

— Você viu como o velho Correia gerenciou os negócios. Ele vai impor-se sobre todos. Tem dinheiro e tem força moral. Não há dúvida quanto a isso. O que podemos fazer é conversar muito com Maria. Visitá-la frequentemente. Dar-lhe apoio. Falar-lhe da esperança de reencontro, no plano espiritual, com o marido. Se Jeremias estiver convencido da verdade espírita, de acordo com as leituras que empreendeu, posso garantir que fez valer a lei do perdão. Jesus morreu na cruz perdoando os algozes. Não fazê-lo do mesmo modo seria, no mínimo, falta de consideração pelo Mestre. Seria querer ser-lhe superior. Pelo orgulho, pelo menos. Amar ao próximo (e nesse caso o próximo está bem mais próximo) é o segundo mandamento. Até para a Igreja do Timóteo, que desejava excomungar-me. Teria planos o velhaco?...

— Peguei você!

— Velhaco, sim! Mas perfeitamente reintegrável na comunidade dos justos, dos bons, dos puros. Ou você pensa que aqueles que estão nas profundezas das trevas são irrecuperáveis? O tempo é o diluidor universal dos erros, das falhas, dos vícios, da malignidade.

— Onze horas, querido.

— Desculpe-me.

— Quem quer fazer uma observação sou eu.

Dolores animara-se com a acessibilidade do marido. Iria chamar-lhe a atenção para aspecto básico do relacionamento conjugal. Decidira-se enquanto ajudava Letícia na cozinha.

— Lembra-se que eu queria falar sobre um defeito meu?

— Sim.

— Pois devo reconhecer que sexualmente fui muito infeliz...

— Não prossiga. Eu já lhe prometi que não me aproximarei sem consentimento. E que não me masturbarei...

— Pois aí está a dificuldade. Se você não se alivia sozinho e não se *aproxima* de mim, como vai ser sua vida daqui pra frente? Eu não quero vê-lo dando cabeçadas por aí.

— Não tem importância. Sei que haverá problemas. Mas sei também que a natureza faz que os homens tenham poluções noturnas. Como quando eu era bem jovem e começavam as primeiras ejaculações espontâneas. Se não fossem os padres, talvez na escola ensinassem como agir. Os rapazes é que me deram noções do chamado *vício solitário*.

— O que eu queria dizer, é que, se você apagar a luz, poderá exercer o seu direito de marido.

Fernando estava muito surpreso. Era a primeira vez na vida que falavam tão abertamente. E era a primeira vez que Dolores propunha a conjunção carnal. Entretanto, o estímulo não lhe despertou a vontade. Aguçou-lhe ainda mais o desejo de continuar falando. Precisava expor o seu ponto de vista também sobre esse assunto.

— Dolores, lembre-se de que eu lhe disse que só seria feliz se você também fosse. Quantas vezes você chegou ao orgasmo, gozou, comigo? Sinceramente.

Encheram-se de lágrimas os olhos da infeliz. Via-se aos pés do sacerdote, confessando os pecados. Ou no divã, revelando os problemas.

— Nenhuma.

Lembrava-se de Maria pedindo perdão ao pai.

— Desculpe, querido.

— Nada devo desculpar, Dolores. Você é que tem de me perdoar, por ter sido tão grosseiro, tão violento, tão estúpido, tão incompetente.

— Você era tão jovem! Vinte e dois anos. E eu com dezesseis. Ambos imaturos. Eu querendo sair da casa de meu padrasto. Lembra-se que nós não achamos importante o curso de preparação nupcial? Tínhamos medo. Achávamos que o amor nos ensinaria. Vinte e seis anos de casamento e estou tremendo como uma virgenzinha.

— Você sempre foi muito forte, querida.

— Puro instinto de defesa. Sentia-me ferida, magoada. Queria evitar outras quedas. Abrace-me, Fernando. Vamos recuperar o tempo perdido.

Dolores estendeu o braço por detrás das costas de Fernando e apagou a luz. Imersos na escuridão, beijaram-se como se fora a primeira vez. Dolores apanhou a mão do marido...

Nesse momento, os espíritos benfeitores, respeitosa, discretamente, saíram do quarto, cercando-o de vibrações positivas, impedindo que qualquer espírito mal intencionado pudesse desvendar a intimidade do casal.

Voltariam duas horas depois, para presidirem a fecundação dos óvulos. Nasceriam gêmeos não idênticos.

TRANSFORMAÇÕES FUNDAMENTAIS

Não se lembrava Fernando, quando acordou, de ter passado noite mais feliz e mais tranquila. Mas preocupava-se com o nível de sua ignorância das intimidades da mulher. Tinha praticado o ato sexual encaminhado por ela, mas, tecnicamente, sentia que havia deixado a desejar. Sublimaram-lhe convenientemente a *incompetência* (conforme lhe marcara a expressão de Dolores) o amor e o desejo de vê-la feliz.

— Até quando, meu Deus, irei levar avante este relacionamento parcial, manco em diversos aspectos importantes?

Não sabia definir quais os desejos da esposa que precisaria satisfazer. Nem compreendia quais os que deveria abolir, mediante franca exposição dos pontos psíquicos debilitados por tantos anos de insubsistência matrimonial. Sabia, somente, que deveria orar com muita devoção, para não perder jamais o amparo dos protetores. Eles, sim, poderiam indicar-lhe os melhores caminhos.

— Se estou tremendamente preocupado com a falta de educação sexual, ou me inscrevo em curso do tipo daqueles de preparação nupcial (e não tenho idade para isso), ou compro livro ou fita de vídeo que me esclareçam.

Lembrou-se que tivera em mãos, na infância, grosso volume que lhe fora arrebatado pelo pai. Vira figuras e contara ao padre, que lhe proibiu que voltasse a tocar em semelhante obra. No colégio, os amigos levavam revistas pornográficas. Fugia deles e delas. Temia o confessor.

— Reconheço que fui um boçal. Não precisava ser tão carola, santo Deus! Eles transferiram, esses padres ignorantes, para minha cabeça, os seus preconceitos medievais. Por que fui deixar-me dominar tão amplamente? Agora as coisas me parecem extraordinariamente claras e simples. Se existe ato natural do corpo coordenado pela mente, o sexo é esse ato, sem dúvida. No entanto, o temor de ofender a Deus, de ir para o Inferno...

Perdia-se nas conjecturas, quando Dolores veio avisá-lo de que estava na hora de levantar:

— Querido, o café está na mesa. Vamos que Letícia está preocupada com que tudo dê certo. Você não vai demorar no banho?

Inquiriu a sugerir que precisava lavar-se, realmente.

— Venha cá, me dê um beijo.

Dolores não regateou a carícia. Estava felicíssima.

O café foi compartilhado em extrema solidariedade afetiva. Era como se cada qual vigiasse que o companheiro se servisse o melhor possível. Entretanto, Fernando pensava em que tudo se dava no plano material. Em sua mente, formou-se pensamento avesso:

“Cuidado, que as demonstrações entre os encarnados só se dão no plano material. Qualquer atitude há de se concretizar no tempo e no espaço, mesmo que simples enunciações de pensamentos. Mesmo que simples enunciações de pensamentos. Mesmo que...”

Ao chegar à loja, foi logo inteirando-se do movimento dos últimos dias. Desleixara e agora queria tomar pé de todas as situações. Deu imenso trabalho ao gerente. Estava minuciosíssimo.

Ligou para João. Falava com desembaraço e pedia esclarecimentos sobre todas as contas. Queria saber se podia liquidar os negócios para fechar a loja. Surpresa das surpresas.

— Mas, *Seu* Fernando, agora que as coisas estão indo tão bem!

— Não quero destinar os anos restantes de minha vida ao comércio. Quero fazer algo mais importante. Menor. Que possa reconhecer que seja só meu. Fruto de esforço pessoal.

— Mas o Senhor tem trabalhado para a sociedade, amparado os empregados e suas famílias.

— Não estou feliz. Gostaria de diversificar.

— Está com algum projeto? Tem alguma preferência?

João estava ficando inconsolável. Tanto trabalho para pôr a firma em dia com o fisco, para limpar os resíduos da imoralidade contábil.

— Não pensei em absolutamente nada. Dolores ameaçou deixar-me, o que me revelou a fragilidade dos negócios. Quero algo mais substancial. Não sei ainda. Uma espécie de sociedade anônima. Uma fundação. Algo que não se desmanche na falta do proprietário. Que não caia nas mãos dos papalvos...

João suspeitou de que achara o fio da meada:

— Como no caso dos negócios do Jeremias?

— Não, caro amigo. O Jeremias deixou quem possa levar-lhe as empresas com sucesso. Os filhos estão no ramo. Não deverá passar muito tempo para que assumam o comando. Ouça o que estou dizendo. Eu é que não me estou sentindo seguro. Este meu setor é absorvente demais e eu gostaria de ficar mais livre.

— Pode abrir espaço para a entrada de sócios com capital. Se estiver com sorte e topar com gente boa, a direção passará para mãos interessadas. Basta manter o controle acionário. Não quer que vá até aí para deliberarmos mais confortavelmente?

— Venha mesmo. Enquanto isso, vou pensar na sua proposta. Talvez o Leonel queira associar-se. Vamos ver. Quando você poderá vir?

— Estou saindo.

— Ótimo!

Enquanto esperava pelo contabilista e amigo, Fernando punha em prática o projeto de melhoria do desempenho sexual.

— Quem, como João nos negócios, poderá auxiliar-me?

Vasculha que vasculha a memória, não encontrou pessoa do relacionamento que pudesse encaminhá-lo. Pegou a lista telefônica:

— Páginas amarelas, claro! Livrarias.

Havia um endereço bem perto. Inquiriu sobre as obras mais adequadas. O vendedor indicou-lhe três. Queria encomendar. Em menos de uma hora, estaria recebendo. Ficou contente.

— Eis que a telefonia (e o dinheiro) resolvem oitenta por cento dos problemas modernos.

Achou caro. Comparou com os preços dos livros de Kardec. Não havia termo de comparação. Estes pareciam de graça. Ligou uma coisa à outra. E para a educação espiritual, sua e de Dolores, como é que procederia? Que teriam para dizer os benfeitores? Na mente, só lhe passavam ideias de dar tempo ao tempo, de não precipitação, de não ir com muita sede ao pote, porque o futuro é o resultado da soma dos pequeninos esforços de um presente que se perpetua.

Estava feliz com as ideias que lhe vinham. Sabia que estava recebendo vibrações sutis. Conversava intimamente. E o fazia com total serenidade. Sem medo. Sem culpa. Convicto de que, se pensasse errado, seria elucidado. Bastava ter boa vontade para consigo mesmo. Bastava ser piedoso.

João e os livros chegaram juntos, como a anunciar que a vida espiritual e a material devessem correr em harmonia.

Entrementes, Dolores punha em ordem os sentimentos. Analisava, principalmente, aquela noite, única em sua vida. Jamais desconfiara de que pudesse ser estimulada ao paroxismo pelo marido. Sofrera com sua inépcia durante anos. Fora culpada. Os pensamentos corriam pelos mesmos trilhos dos de Fernando. Culpava a Igreja. Refletia melhor. Punha a culpa mais nos padres. Depois volvia a suspeitar de que fora ingênuo. Em criança, estava certo que deveria seguir os conselhos. Mas depois de casada? Perdia-se em conjecturas de outra ordem.

“Será que todo o prazer que senti, Maria também sentiu com Timóteo?”

Enfrentava o mau pensamento. Em outras épocas, uma semana antes, dois dias atrás, teria rejeitado a ideia por ofensiva aos bons princípios religiosos, por pecaminosa, por conduzi-la ao Inferno. Eram pensamentos que deveria confessar. Agora, à vista dos sucessos da noite, desanuviava a mente para a verdade dos relacionamentos humanos.

Lembrava-se das conversas entre as mulheres. Sentia que a malícia embutida em certas frases sempre lhe fizera muito mal. Às vezes, dera trela aos pecadilhos da maledicência. Mas se arrependia. E se confessava. Prometia que não repetiria. Recordava-se da promessa. Fugia das palestras cochichadas. Gostava de tagarelar com Maria. Tinham os mesmos objetivos. Furtavam-se aos temas escabrosos. Simples anedotário não lhes causava o mínimo riso. Projetavam atividades beneficentes. Faziam o bem. E não olhavam a quem.

— Terá Maria condições de volver à mesma vida? Será que poderá prostrar sobre os temas do corriqueiro? Com a AIDS correndo-lhe com o sangue? Com o remorso a fustigar-lhe a consciência? Duvido.

O que Dolores queria saber era se a amiga gostava mais de Jeremias que de Timóteo. Não concordava com a tese do marido de que o ato físico não interfere nos sentimentos.

— Quem se dá para a prática sexual tem de se dar integralmente. A menos que haja sofrimento, desinformação, incapacidade, frieza...

Perturbava-se nesse ponto. Sempre se considerara frígida. Naquela noite tudo se transformara. Tinha de se habituar com as novidades. Tinha de fazer valer para si a felicidade que sentira. Tinha de fixar princípio de vida em que o marido deixava de ser quem lhe dava o sustento social, na gula das ostentações. Tinha de fazer dele o companheiro de ideais sublimes. Precisava entrar com ele no Paraíso, do mesmo jeito que saía da igreja para a vida. Que não soubera respeitar...

SELA-SE O DESTINO DE JOAQUIM

Leonel adentrava o mezanino, quando João mal se assentara para a séria palestra com Fernando.

— Vim porque tive ideias a respeito do pedido de Maria, para localizar Timóteo.

— Vamos ouvi-las. Sinta-se em casa. João é como se fosse da família.

— Em todo caso, respeitando os princípios espíritas, que estou começando a admirar, peço-lhe absoluto sigilo sobre os temas.

— Tem a minha palavra de honra. A menos que seja melhor que me retire.

Fernando apressou-se a inteirá-lo dos acontecimentos:

— Você precisa saber o que se passa, para orar pela pessoa em apreço. Maria contraiu a mesma doença do marido.

— Era de esperar-se. Os dois eram muito unidos.

Leonel impacientava-se:

— Esse é o ponto. Não creio que tenha sido o marido, mas o amante...

João estava habituado às tragédias humanas. As reveladas pelo plano espiritual. Assim, na carne, nem se dava à leitura dos jornais sensacionalistas. Nem via televisão, ocupado, dia e noite, com os labores do Centro Espírita. Aceitou a revelação e compreendeu a observação de Fernando. Era verdadeiramente necessário orar pela misericórdia divina.

— Não lhe disse, interferiu Fernando, mas tenho quase a certeza de que foi isso mesmo.

— Se for assim, o amante (não se decidia a nomear Timóteo, esquecido de que já o fizera) não terá desaparecido de cena por acaso. Deve estar recolhido...

Avançava muito.

“Se João estiver a par da identidade, talvez possa ajudar com pesquisas espirituais.”

Foi Fernando quem decidiu abrir o jogo:

— O amante de Maria é o Padre Timóteo.

João conteve-se para não demonstrar a ponta de alegria que sentiu no imo do coração. Mas foi sensação muito ruim, no despeito que mantinha escondido pelo sucesso social dos sacerdotes. As contendas eram danosas para os espíritas, sempre acusados

disso e daquilo. Sempre escoraçados do paraíso católico. E por outras seitas, ainda mais penosamente, mais incompreensivelmente, quando se pensa que Jesus veio para salvar toda a humanidade. Deixou para mais tarde pedir perdão ao protetor. E ajuda, que estava percebendo nítida a falha evangélica. Precisava dizer alguma coisa:

— O mundo dá muitas voltas. Vamos saber quantas vidas estão sendo purgadas neste sofrimento de hoje! Que os benfeitores tenham luz para protegerem os amigos e parentes de atos impensados, de desforras inconsequentes.

Leonel, mais do que amigo, parente da família, sentiu-se autorizado a esclarecer:

— Por enquanto, só nós, minha esposa e a de Fernando, mais os pais de Maria, é que conhecemos o relacionamento clandestino. E queremos que fique assim. Aliás, os pais surpreenderam a revelação. Não era para terem ficado sabendo. O que não pode acontecer é de os filhos descobrirem.

— João, se estamos dando estas informações a você é porque sabemos de sua discricção e da possibilidade de orientar-nos no campo espírita. Talvez seja preciso, pois pretendemos mostrar aquela mensagem de sábado à coitada. Talvez se alivie. Talvez se conforme.

Leonel queria participar:

— Ela nos confiou o segredo porque não conseguiu localizar o Padre. Quer que o procuremos para avisá-lo. Mas acho que ele sabe muito bem que está contaminado e que foi quem passou a doença. Talvez tenha sido afastado pelos superiores...

— Com certeza...

— Fernando parece concordar comigo.

— Está claro para mim que foi retirado de circulação, para não provocar a revolta dos paroquianos ofendidos. Quem sabe quantos são os maridos que estão correndo sérios riscos de infectarem-se!

Leonel estava ansioso para expor o plano que arquitetara:

— Pois eu acho que sei como pôr tudo a limpo.

— Vamos lá!

— Tudo começa com as atividades de Joaquim.

— Mas nos disse ele que havia contado tudo.

— Tudo, no sentido de responder às nossas questões. Como os fatos evoluíram, o mais correto será dizer que o mequetrefe controlava as saídas de Jeremias, para garantia dos encontros do casalzinho.

— Não é que você pode ter razão?!

— O danado não devia fazer isso a mando de Maria...

— De quem extraía uns bons trocados...

— Estava é a serviço do padre. Se o apertarmos, vai contar tudo, com medo de perder o emprego. Já pensou se Maria descobre a verdade? Se adquire a certeza da malandragem do sacerdote?

— Se for desse jeito, não nos caberá avisar a ninguém. Ficaremos livres do compromisso moral. Apesar de que o drama da comadre vai ser muito mais penoso.

— Esse será o passo seguinte. Por enquanto, vamos bolar uma fórmula para fazer o espião abrir o bico.

Meia hora depois, Joaquim recebeu intimação telefônica para comparecer ao escritório de Fernando. Queriam ir até a loja em que se instalara o *doutor*, porém, João recomendou que se mantivessem sob o teto em que os protetores poderiam agir livremente. Se Joaquim não comparecesse, era sinal de que forças poderosas poderiam estar por detrás das malignidades. Se viesse, mesmo assim, era para se ter muito cuidado.

Enquanto aguardavam, os três solicitaram auxílio dos protetores e apelaram para que não cometessem nenhum abuso, dada a força moral que sentiam relativamente ao ser habituado, segundo eles, às atividades subversivas do bem.

Ao adentrar o escritório, Joaquim surpreendeu-se com a seriedade dos três. A novidade era Leonel, por quem nutria forte antipatia, desde que não alcançara pegá-lo em nenhum deslize. Também, a esposa era aquela moleirona.

— Que propostas têm os Senhores para o meu aviso prévio?

Haviam recorrido ao artifício do dinheiro, mola que fazia o bocó saltar.

— Realmente, julgamos que temos bom negócio para oferecer-lhe.

Fernando escolhia as palavras para não provocar-lhe a bÍlis.

— Você me contou que o seu máximo desejo na vida era fundar escritório de investigações. Pois resolvemos oferecer-lhe sociedade, para que você leve avante o projeto. Montaremos as instalações, compraremos os apetrechos, financiaremos, se for o caso, um curso, para que você se aperfeiçoe, manteremos o seu salário atual até que comecemos a ter lucro e assinaremos contrato em que uma cláusula preserve o seu direito de aquisição das nossas quotas, dentro de dois anos, ficando como único proprietário da firma.

— Devo, evidentemente, deixar o cargo que ocupo.

Leonel também queria falar:

— Você mesmo irá ver a necessidade disso, após ouvir o que temos para dizer.

— Então, digam.

Joaquim não queria tirar conclusões. Raciocinaria sobre o que tivessem contra ele. Não lhe extrairiam nada que não soubessem.

Foi Fernando quem avançou:

— Sabemos que você trabalhava para o Padre Timóteo.

— Vocês é que estão dizendo.

— Sabemos que você lhe dava cobertura para seus encontros amorosos.

— É preciso provar.

— Sabemos que Maria lhe pagava boas somas, para que a mantivesse a par dos locais frequentados pelo marido, enquanto podia se encontrar com o Padre.

Joaquim percebia que seu telhado de vidro estava sendo apedrejado. Não compreendia como, mas simples pesquisa junto a algumas interessadas iria promover a queda do sistema. Armara a arapuca para sorver lucros extraordinários das mulheres. Era o ponto frágil. A ganância. Avaliou que a proposta dependia de simples anuência. Não era preciso revelar os segredos das alcovas. Mas não atinava a razão de tanto interesse:

— Por que estão interessados nas estrepolias sexuais do padre? Não é ele homem como todos nós? Não tem o direito...

— Joaquim, não seja tão estúpido, pensando que somos ingênuos. Se fosse com sua mulher, você que diria?

A observação era definitiva. Se os maridos soubessem das manobras, estaria em maus lençóis. Ele e Timóteo.

— Já foram falar com o maior interessado?

— Nem precisamos. Queremos a sua confirmação e interromperemos as atividades. Não cabe a nós anunciar aos paroquianos que o seu pastor estava tresmalhando as ovelhas. Cabe a ele e aos superiores dele. E caberá a você, se tiver vergonha na cara...

Leonel não se conformava com o descaramento do sacripanta.

— Pois vou dizer-lhes estritamente o que desejam ouvir. Tudo o que disseram é a pura expressão da verdade. Da mesma forma que garanti que Jeremias não tinha ido a outras casas de tolerância nem visitara outras mulheres, posso dar-lhes minha palavra de que tudo o que afirmaram está certo. Não me peçam, todavia, para citar nomes. Não concordo que eu deva prestar contas à sociedade pelo erro dos outros.

João, que se mantivera calado a observar as alterações fisionômicas do entrevistado, perguntou-lhe quase melifluamente:

— Você julga ser o melhor juiz de si mesmo?

— Claro que sim, João. Minha consciência...

— Não fale pela consciência. A consciência, em geral, é que se faz ouvir. E sempre a tempo. Ponha as barbas de molho. É só o que desejo recomendar, pois também não vou incidir no erro de julgar. Jesus é que nos orientou nesse sentido: “*Não julguem, para não serem julgados. Com a mesma medida...*” Está lembrado dos **Evangelhos**?

— É bom mesmo que pense assim, pois, pelo que me consta, todos temos consciência...

— Ainda bem!

— Graças a Deus!

Leonel segurava-se para não pular no pescoço do infeliz:

— Qual a resposta que nos dá a respeito do *Escritório de Investigações Particulares* “*Olho Vivo*”?

— Quero ouvir o que Dona Maria tem a dizer...

— Você não vai ouvir coisa alguma. Não pense que ela vai ficar sem conhecer as suas artimanhas, em conluio com Timóteo. E se você fizer menção sequer de ameaçar...

— Eu sou de boa paz. Não vou perder a oportunidade que estão me dando.

— Então, nos diga para onde foi enviado o Timóteo. Sabemos que entrou em contacto com você, pois precisa garantir-se.

— Para que querem saber?

— Para informar a Maria.

— Eu digo a ela.

— Não, você vai dizer a nós. E pode ficar sabendo que iremos verificar se a informação é quente. Se estiver tentando engrupir, o escritório vai chamar-se “*Olho da Rua*”.

Joaquim percebeu que Leonel não estava para brincadeiras:

— Está no mosteiro de Itaiçi.

— Onde fica isso?

— Em Indaiatuba. Aqui mesmo em São Paulo.

— Agora, você vai procurar sua ex-patroa e explicar a ela os seus projetos detetivescos. Para você, vai ser fácil. Peça-lhe para dispensá-lo numa boa. Entendido? O resto corre por nossa conta.

Leonel falava com muita emoção. A tática dera resultado. Se tivesse tempo, poderia ajudar Joaquim nas investigações.

— E se o projeto não der certo?

— Vai dar certo, sim. Nós faremos a divulgação dos serviços junto aos advogados e às firmas de auditoria. Sempre há serviço para bons profissionais. Vai depender de sua aptidão e isso nós sabemos que você tem bastante.

— E quem vai ocupar o meu lugar?

— Não se preocupe. Daremos um jeito. Cuide de sua parte. Após fazer levantamento de tudo que for necessário, será chamado para assinar o contrato, que João está encarregado de redigir e de registrar. Tudo vai ser ali: preto no branco, de acordo com a lei.

Joaquim saiu sem ter compreendido muito bem o que ocorrera. Sabia que a vida dera guinada de cento e oitenta graus. Mas ia feliz. Fora recompensado, afinal de contas, pela persistência. E já ia fazendo planos para certas investigações relativas à espionagem industrial. Não depreendera absolutamente nenhum aspecto moral do episódio. João gastara saliva à toa.

PESQUISA FRUTÍFERA

Os três amigos sentiam-se aliviados com as revelações. Do jeito como os fatos se dispuseram, tudo lhes estava sendo facilitado. É bem verdade que reconheciam o horror da situação. Entretanto, o grau de responsabilidade que os envolvia, principalmente a Leonel, tinha sido muitíssimo atenuado.

Fernando acreditava que o pedido de Jeremias, quanto a cuidar dos filhos, poderia obter sucesso. Passou-lhe pela ideia chamar o afilhado para tomar conta de seus negócios, ajudando-o a carregar a pesada carga. Quem sabe o velho Correia aceitasse participar da sociedade, comprando parte para os netos?

— Leonel, que acha de se tornar meu sócio? Quero abrir o capital da empresa. Se você topa, estabeleceremos sociedade anônima. Talvez Maria ou o pai queiram entrar, encaminhando tudo para os rapazes. Eu não tenho herdeiros e deixar para pessoas desinteressadas pela manutenção do patrimônio, não faz o meu gênero. Trabalhei muito para...

— De jeito nenhum. Nem eu, nem meu sogro, nem minha cunhada. Você vai ter de aguentar a mão firme no leme. Não concordo.

— Sinto-me tremendamente cansado. Esta última semana mostrou-me a fragilidade dos meus hábitos de vida.

— Mude os hábitos, mas conserve esta fonte de rendas.

— Como você sabe, tenho propriedades alugadas. Dão bom dinheiro. Não preciso alquebrar-me...

— Alquebrar-se?... Falando desse jeito, até dá a impressão de que está carregando tremenda cruz.

— Gostaria de fazer outras coisas.

— Pois faça. Mas não desfaça o que já tem. Nesta vida, o que há de melhor é a capacidade de realização. Trabalhe sem esmorecimentos. Você vai tirar proveito de tudo. Só não pode é fazê-lo sem entusiasmo. Alquebrar-se?! Era só o que faltava...

João gostou do discernimento de Leonel:

— Era o que ia dizer-lhe. O que estou temeroso é que tenha recebido um jato muito forte de espiritismo e agora queira santificar todas as atitudes. Eu mesmo levei vários anos para aceitar os princípios da doutrina de Kardec. Para assimilar os conhecimentos básicos, estagiei em todos os setores do Centro. E li dezenas de volumes. E

fiz milhares de exercícios. E atuei junto aos necessitados dos dois planos da realidade, para conhecer-lhes todas as reações. Garanto que minha convicção não se fez de um momento para outro. Houve hesitações. O que me pôs mais conforme foram as notícias de parentes mortos. Especialmente de minha mulher. Aliás, o fato de ter os filhos educados, independentes, e de ser viúvo, sem compromissos familiares, é que me dá a vantagem de tamanha dedicação. Tenho visto que as pessoas que têm família não se dão integralmente. No caso de o cônjuge seguir outra religião, aí a participação fica muito acidentada. Vejam que preparei o meu discurso. Quero só concluir, solicitando que o amigo deixe passar, no mínimo, um ano. Muita coisa pode acontecer. Se a disposição da vontade continuar inalterável, recomendo que voltemos a discutir o assunto.

— Vou conversar com Dolores. Não decidirei sozinho. Mas que estou cansado, estou. E com muita vontade de conhecer outras atividades. Mesmo que dê algumas cabeçadas.

Leonel percebeu que arrefecera o entusiasmo do amigo:

— Se vocês não se incomodarem, pretendo mudar de assunto, que está ficando muito tarde. Que acham que devemos fazer a partir das informações do querubim, digo, Joaquim?

Fernando estava na ponta dos cascos, como gostava de dizer lá no hipódromo:

— Sigam o meu pensamento. Se os padres estavam creditando a Timóteo a responsabilidade de uma diocese, nesta altura terão ouvido a sua confissão. “*Se alguém souber de algum impedimento...*” Não é essa a condição da bênção matrimonial? Pois para cargo eclesiástico tão importante, os cuidados são redobrados. Se tomaram conhecimento dos casos amorosos e, mais ainda, da AIDS, vão afastá-lo definitivamente da paróquia. O padre que vi no lugar dele na missa...

João esticou um olhar de muita curiosidade.

— Sim. Estive na igreja domingo. Queria encontrar-me com Dolores. Foi lá que fiquei sabendo que Timóteo seria bispo. Não penso que frequentar a igreja seja pecado...

— Esteja à vontade. O que manda na consciência é a qualidade das ações praticadas. Faça o bem e ninguém jamais cometerá erro algum.

— Muito obrigado, caro diretor espiritual!

Leonel queria pressa:

— Não vamos começar a rasgar sedas. Se bem estou entendendo, resumindo, o velho sacerdote substituto está encarregado de confessar as mulheres listadas pelo grande pecador. Aí não teremos nada mais para fazer, pois cada qual deverá cuidar de si mesmo. Mas como ter a certeza de que as providências estão encaminhadas nesse sentido?

Os três juntos:

— Conversando com o padre!

— Será que nos atenderá por telefone? — Leonel estava realmente querendo liquidar logo o assunto.

— Vou ligar para a igreja. A telefonia...

— Sabe o número?

— De cor e salteado. Como você pensa que conversava com Timóteo? Alô! Com quem falo? — João e Leonel aguçavam a curiosidade. — É o Senhor, Padre, quem está no lugar do Padre Timóteo? [...] Poderia dar-me uns minutos de sua atenção? [...] É muito

importante. [...] Falo em nome de Dona Maria, esposa do paroquiano Jeremias, falecido na semana passada, muito amigo do... [...] Pessoalmente? Quando? [...] Já estamos indo para aí. [...] Em quinze minutos. Até logo!

— Então?

— O nome Jeremias fez o homem pular. Queria vir até aqui. Não seria justo. Vamos nós lá. Todos podem?

— Na verdade, companheiro, eu não poderia. Mas como perder essa oportunidade? Vamos já.

João, contudo, não quis afastar-se por mais tempo do escritório. Conversariam à tarde. Passava das onze.

Antes de saírem, ligaram para as respectivas esposas, avisando de provável demora para o almoço. Explicariam os motivos mais tarde.

O velho pároco esperava-os à porta da igreja. Fê-los entrar imediatamente. A nave estava deserta. Duas mulheres idosas, cabeças cobertas, rezavam junto ao altar. Dirigiram-se à sacristia.

— Que infelicidade, meus filhos, a morte precoce de tão generosa criatura. Deus há de reservar-lhe bom lugar na eternidade. Sentem-se, por favor. Soube que foi levado por este mal de fim de século. Timóteo me contou.

Dava sugestões. Não se decidira a falar diretamente. Sondava as almas. Apresentaram-se como amigo e cunhado do defunto. Naquele campo, Fernando se sentia bem mais à vontade:

— Padre...

— Donizetti, meu filho. Como aquele dos milagres de Tambaú.

— Padre Donizetti, vamos diretamente ao assunto. Temos seguras informações de que Timóteo foi o gerador da desgraça de Jeremias, através da esposa. Foi ela mesma quem nos contou. Está com medo de que o amante (desculpe a expressão grosseira) tenha contraído a doença em seus... relacionamentos. Este assunto é muito desagradável.

Leonel interferiu:

— Queremos saber o que o Senhor está fazendo para avisar as outras mulheres do perigo que correram. Se estão prevenidas quanto à doença e se estão fazendo os competentes exames de sangue. Senão, vai haver uma epidemia na paróquia. Maridos...

Donizetti ergueu a mão, solicitando silêncio. Enquanto os recém-chegados falavam, orava em silêncio. Pedia proteção ao anjo da guarda. O perdão de Deus. A assistência de Nossa Senhora.

— Vejo que os irmãos estão preocupados, com razão. A mesma preocupação agitou o arcebispo, tanto que afastou Timóteo da paróquia. Coincidentemente, havia sido escolhido como o futuro bispo da diocese. Agora está a caminho de Roma.

— Soubemos que estava no mosteiro de...

— Sim, queridos. Ontem estava em Itaici. Hoje está viajando para o Vaticano.

— Assim, de repente, sem passaporte?...

— A Igreja tem o amparo do Senhor e a compreensão das autoridades. — Leonel pensava: *“E muito dinheiro!”* — Agora irá responder judicialmente, perante as supremas autoridades eclesiais. Mas não podemos agitar as almas. Jesus paira acima dos erros e

defeitos humanos e os sacerdotes somos falíveis, como qualquer criatura. Como gostariam que a Igreja agisse? Digam francamente. Acham que deveríamos tornar pública a desgraça íntima de diversas pessoas? Seria falta de comiseração, falta de piedade, falta de caridade. Devemos agir com prudência, para honra e glória do Senhor. A Igreja não quer perder as ovelhas pela intemperança de um pastor.

Leonel não perdeu a deixa:

— Foi bom que perguntasse, Padre. Nós achamos que deveria haver retratação perante as senhoras e famílias ofendidas.

— Jesus nos tem inspirado nesse sentido. Vejo que o Senhor não está plenamente confiante em que vamos ressarcir os prejuízos morais...

— Penso que seja muito mais do que isso. Trata-se da vida de diversas pessoas.

— Vidas importantíssimas. Mas a salvação de suas almas é que conta.

— Se isso as satisfaz...

Fernando contemporizou:

— Vamos ouvir o Padre Donizetti, que me parece está sofrendo muito com a situação causada pelo antecessor. Afinal de contas, ele não tem nada com isso. Ao contrário, está tentando remediar os problemas. Na verdade, foi colocado numa enrascada em que eu não gostaria de estar.

— Deus o abençoe, meu filho! Se todos tiverem a sua compreensão, superaremos o drama das vidas que se perderam e recobramos a fé e a esperança que ameaçam ruir. Acima da Igreja, está o Pai, que vela por todos nós. Confiem neste velho. A extensão dos pecados não é tão grande. A lista das paroquianas foi rigorosamente aquilatada pela Cúria Metropolitana. Peço-lhes o sigilo da confissão. Irei avisar uma a uma, chamando-as a partir de hoje mesmo. Se for possível não fazer escândalo, todos ganharemos. Contudo, se alguém resolver executar denúncia pública, indo às barras dos tribunais dos homens, fugirá de minhas mãos a providência de defesa da instituição. Que pensam vocês fazer?

Leonel e Fernando trocaram olhares, cada qual passando a deixa ao outro. Foi Fernando quem assumiu a responsabilidade de avisar a comadre. Prosseguiu daí:

— Caso o pai ou a mãe resolverem contra o Padre Timóteo, não poderemos responder por eles. Quanto a nós, fique tranquilo, pois desejamos apenas a harmonia dos lares. Não seremos nós quem vai atirar a primeira nem nenhuma pedra. A nossa investigação termina aqui. E pedimos perdão por vir perturbá-lo nesta grave conjuntura. Creia que o Senhor tem a nossa estima e admiração.

— Deus os abençoe! Deus os abençoe! — E fazia no ar amplo sinal da cruz, aguardando que se ajoelhassem e se persignassem. Mas os amigos não estavam suficientemente emocionados para se submeterem à autoridade religiosa. Davam a entender a Donizetti que deveria agir com o máximo de lisura, na vigilância que empreenderiam a respeito das atitudes do arcebispado.

À uma da tarde, cada qual chegava a sua casa para almoçar. Chegavam compenetrados de que a luta não terminara.

DOLORES EM CAMPO

— Você não pode imaginar, Dolores, quem estava embolsando o dinheiro de Timóteo. Aliás, o nosso dinheiro.

— Como assim?

— Graves novidades. Confirmaram-se as minhas suspeitas. Deus me perdoe, mas não resta dúvida que foi Timóteo quem contaminou Maria.

O assunto entediava Dolores. Mas sempre lhe sobrava a morbidez da curiosidade que se planta na alma humana, quando se trata de vasculhar a desgraça alheia.

— Como pode ter tanta certeza assim?

— Joaquim confessou toda a manobra. Trabalhava para Timóteo e *sacaneava* as amantes.

— Quem lhe contou?

— Ele mesmo. E o Padre Donizetti confirmou tudo.

— Que Padre Donizetti?

— O que está no lugar do Timóteo, que está voando para o Vaticano.

— Para o Vaticano?

Dolores ia de surpresa em surpresa. Nunca poderia imaginar que Fernando alcançasse saber tanto, em tão pouco tempo.

— E Maria já sabe disso tudo?

— Não sabe de nada. Combinei com Leonel e com o velho padre, que você não conhece porque foi ao Guarujá...

Dolores deu-lhe um cutucão nas costelas, sorrindo:

— Não mexa nas minhas feridas.

— Pode deixar que aí não vou mexer mesmo.

— Menino!

A felicidade da noite fora longamente meditada e criara raízes nas emoções. Renascia o matrimônio com bases sentimentais mais sólidas. Podiam falar sobre assuntos sérios, pessoais, em tom de brincadeira. Ninguém iria ofender-se.

— Combinei que eu (ou nós: você e eu) iremos providenciar as informações.

Dolores havia refletido sobre isso durante a manhã. Pensava que Maria não estaria segura emocionalmente, caso as conclusões de Fernando viessem a ser verdadeiras. Temia

pelo pior. Que desandasse a fazer besteiras. Que acusasse publicamente o padre, colocando em risco toda a família, os filhos. Que enlouquecesse. Que se suicidasse. Mas ia mais longe, na desconfiança de que Fernando pudesse parecer a ela como o salvador da pátria, como o homem que lhe dava o ombro para chorar. Não o abraçara naquele transe de dor? Ficara-lhe a impressão da possibilidade. Afinal, não era ela experiente nesses relacionamentos? Chegando a esse ponto, pediu perdão a Deus, pois via o quão longe ia a imaginação na estruturação das maldades. Mas não seria impossível que tudo pudesse acabar assim. Se fosse sozinha confortar a amante desesperada (desprezava agora o termo *viúva*), talvez a chamasse à razão mais positivamente, sem achaques sentimentais.

— Que você acha se eu for esta tarde falar com ela? Só as duas. Sem testemunhas.

— Será que ela foi ao médico hoje cedo?

— Foram os três. Liguei para saber como estava. Dona Isaura me informou que o Doutor Venâncio ficou muito aborrecido quando soube do verdadeiro drama. Disse que não estava preparado para esse tipo de doença. Recomendou que procurasse os médicos do hospital. Daria assistência, mas o tratamento não estaria sob sua responsabilidade. As coisas estão muito mais complicadas. De qualquer jeito, Maria foi assumir as funções de diretora das empresas. Com o pai como assessor.

— Temos, assim, outros temas que justificam a minha presença. Além do mais, quero ler as mensagens dos guias espirituais. Quero mostrar-lhe que existem esperanças outras, além da permanência no Purgatório inventado pelos padres. Você sabia que durante alguns séculos a Igreja só admitia o Céu e o Inferno? Pois é. O Purgatório é invenção medieval...

— Que vem isso ao caso, querido? Não queira me doutrinar. Guarde as informações para momento mais oportuno. Se eu for sozinha, darei a notícia mais importante. Se ela se interessar pelos detalhes, pelo plano espiritual, como você diz, pelos espíritos, em suma, isso é com ela. Que fale com o contador. Como o marido. Como você mesmo.

— Está certo. Como sempre, você é bem mais categórica. Vamos almoçar que estou morrendo de fome.

— Letícia caprichou no almoço. Você vai ver.

Enquanto comiam, deixaram-se envolver pelo clima deprimente da conversa. Os acepipes estavam deliciosos, mas não entusiasmavam ao paladar. Os elogios foram mecânicos. O sorriso forçado.

Assim que se levantaram da mesa, Dolores imediatamente ligou para Maria. Queria marcar o encontro.

— Dolores, à tarde não posso. Joaquim pediu demissão e me deixou sozinha. Vou ter de recorrer aos antigos auxiliares de Jeremias. Os negócios estão atrapalhados. Parece que Joaquim andou fazendo alterações descabidas. Pelo menos na opinião do contabilista. Há pedidos prestes a se perderem e há fornecedores ameaçando não cumprir os contratos pela novidade de certas exigências. Os funcionários estão descontentes. Se não fosse papai, não saberia desenredar a malha tecida em tão pouco tempo.

— Sobre o Joaquim, eu também tenho novidades. Aliás, Fernando, que foi quem fez os levantamentos que você pediu, para localizar Timóteo.

— Foi para o Vaticano.

— Quem lhe disse?

— Ele mesmo. Ligou antes de partir. Chamam-no para importante missão evangélica. Parece que precisam de alguém com seu discernimento, com sua competência, com sua experiência. A ideia do bispado só despertou as autoridades para as excelências desse espírito de escol.

— E a doença?

— Ele está muito bem. Depois conversaremos.

— À noite, você pode?

— Vamos deixar para amanhã. Após a missa de sétimo dia. Você não se esqueceu, não é?

— Estou com o *santinho* aqui na minha frente. Foi uma bonita homenagem.

— Eu fiz distribuir logo. Aproveitei os *boys* desocupados. Deu para espalhar para todos os parentes e muitos amigos. O Padre Donizetti se encarregou do pessoal da paróquia. Você não viu no quadro de avisos da igreja?

— Eu fui à missa no Guarujá. Estava descansando com Judite. A semana passada foi muito puxada.

— Então, ficamos assim. Amanhã, depois da missa.

— Tchau! Cuide-se.

— Cuide-se você também. Recomendações ao maridão.

Dolores estava furiosa. Como se atrevera a comadre a falar do Timóteo com tamanha intimidade? E do *maridão*? Tinha feito de quem tanto se solidarizara, simplesmente, uma alcoviteira. Para alguém com tão graves problemas, até que a vida parecia muito cor de rosa. E as lágrimas do dia anterior? E o pranto sentido? E o desmaio da mãe? E a preocupação com os filhos? E o desrespeito ao pai e ao restante da família? Incompreensível!

Fernando ficou sem entender o nervosismo da esposa. E ficaria sem entender até à noite, quando ela iria desabafar.

— E então?

— Só vai ter tempo amanhã, depois da missa. Você vai poder ir?

— É de obrigação, você não acha?

— Nem tanto, para quem não é mais católico.

Fernando estava ficando perplexo. As mudanças de humor foram rápidas demais. Mas não iria colocar lenha na fogueira. Percebeu que, se brincasse, poderia provocar a fera adormecida.

— Venha ver no escritório os livros que eu trouxe.

— Se forem livros espíritas, esqueça.

— Você é quem vai dizer o que são.

Ainda estavam embrulhados do jeito que recebera da livraria.

— Pode abrir. É um presente que estou dando a mim mesmo. Mas você vai poder ler. Se quiser...

Dolores abriu o pacote rasgando o invólucro. Deu com os títulos sugestivos. ***Educação sexual. Técnicas do Orgasmo. A Mulher Frígida.***

Fernando apressou-se a esclarecer:

— São obras científicas. Não confunda com pornografia.

— Você acha que sou tão ignorante assim? Vejo que está precisando mesmo ler estas obras. Quem sabe conheça melhor as mulheres.

— Só me interessa conhecer uma.

— É bom mesmo!

Fernando enlaçou a esposa, sentando-a no colo. Abriu um dos livros nas ilustrações.

Naquela tarde, chegou bem depois das três à loja.

EPÍLOGO

Nove meses após os acontecimentos narrados, nasciam os dois pimpolhos do casal. Naturalmente, foram festejados com o máximo de alegria, tendo recebido, na pia batismal, os nomes de Jeremias e Ezequiel. Foram padrinhos do primeiro Leonel e Rute e do segundo Judite e o recente marido.

Na festa que se seguiu, os petizes recepcionaram inúmeros convidados. Só não pôde comparecer Maria, internada desde algum tempo para tratamento de insidiosa infecção, grave prenúncio de que iria manifestar-se a doença fatídica.

Estiveram, contudo, os filhos e os pais, conformados com a derrota perante o destino avesso. Haviam entendido os princípios das leis cármicas de causa e efeito e admitiam a reencarnação como essencial para o progresso espiritual. Não frequentavam centro espírita, mas ouviam atentamente as explicações de Fernando, toda sexta-feira, quando liam, em casa, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Fora o meio de estender as reuniões iniciadas pela leitura da célebre mensagem de Roque e da Tia Ana.

Dolores não comparecia, mas se dedicava à benemerência com muito afinco, havendo permitido que se destinasse soma equivalente às antigas doações de Jeremias ao Departamento de Assistência do *Jesus de Nazaré*. Nos últimos tempos, recolhera-se para enfrentar a gravidez da dupla gestação. E orava muito, para que todos se esclarecessem quanto aos desígnios de Deus.

Fernando manteve a loja e ampliou o atendimento no campo da construção civil, criando várias filiais, cujas gerências destinou aos irmãos. Ao pai e à irmã, comprou excelente sobrado, registrando a escritura em nome dela. Viviam com muito maior tranquilidade e conforto, fazendo a ronda da casa certo pretendente, visto com bons olhos. Coisas de novela.

De Timóteo não se teve mais notícia. Correu à boca pequena que um marido ofendido fora a Roma pesquisar-lhe o paradeiro. Quis fazer escândalo, mas calou-se de uma hora para outra, dando motivo para os diz-que-diz da *sapaiada*. Mas como *sapo de fora não chia...* A verdade é que foi viver em Paris, perto de moderno hospital para tratamento da AIDS, deixando a família muito bem amparada financeiramente. Mistérios do poder.

João leva avante o projeto de dotar o Centro Espírita de creche. Não quer receber ajuda senão do voluntariado das mulheres pobres. Se fosse para pagar, transformaria a instituição em mera fonte de arrecadação de dinheiro. Censura, aliás, que estendia a colegas de outros centros, por se esquecerem de que a mediunidade fora o fundamento

sobre que Kardec erguera o edifício do Espiritismo, sob as luzes do *Espírito de Verdade* e companhia.

Tendo consultado o guia do Centro, este se manifestou no sentido de que a paciência é apanágio dos santos e que os homens estão muito longe da perfeição. Exaltou o esforço dos confrades espíritas e determinou que cada qual cuidasse de seu tugúrio com o máximo de amor. Deus haveria de ajudar a todos. E quem não fosse digno, teria mais trabalho ainda, pela graça inexcedível de Jesus.

Quando Fernando pagou a última quota em atraso dos impostos, transformou a empresa em sociedade anônima, retendo sessenta por cento das ações. As demais doou aos empregados, segundo critérios de antiguidade e responsabilidade de funções. Houve ciúmeiras mas todos tiveram de reconhecer que a sociedade capitalista, para chegar a tal ponto de distribuição de riquezas e bens, terá de aguardar bom tempo ainda.

Os filhos de Jeremias, formados, assumiram o controle administrativo da fábrica e da loja, dispensando o concurso do avô. Mantiveram a mãe no gerenciamento geral dos negócios novos, espécie de *free lancer* na divulgação das etiquetas, encarregada dos acontecimentos sociais do *marketing*. Por conta disso, apareceu na televisão e esteve nas páginas das revistas especializadas. Enquanto saudável, foi feliz o mais que pôde. Chegou a supor não ter sido contaminada pelo marido, mas nem Fernando nem Leonel quiseram pô-la a par do resultado das pesquisas.

Fernando não aparece mais no Centro. Restringe-se ao papel de mecenas anônimo. Mas não se desligou da doutrina, tendo sido liberado pela esposa para as sessões íntimas no apartamento de Francisco, este, médium cada vez mais acessível ao plano da espiritualidade.

A essas reuniões, comparece regularmente o espírito de Jeremias. Vem lamentar a queda moral que sofreu ao tomar conhecimento da extensão do drama conjugal. Passou por alguns meses de atribulada correria pelas trevas, tendo-se valido do conhecimento fragmentário das obras de Kardec, para restabelecimento do equilíbrio psíquico. Varou dois meses de internamento em instituição hospitalar, sob a vigilância de Roque, e desabrochou para a assistência à esposa de ânimo revigorado. Chegou a pedir para acompanhar Timóteo no isolamento a que o Vaticano o condenou, mas não lhe foi permitido, por nada saber a respeito da evangelização sob o prisma do socorrismo. Desconfiou de que as entidades ao redor do Padre não lhe dariam oportunidade para a prática do bem, mas respeitou a deliberação dos mentores.

Quando Dolores reassumiu completo domínio sobre si mesma e depositou confiança irrestrita no marido, logo após ter descoberto a gravidez, contou-lhe as impressões fugidias da infância e as revelações do sonho em que o pai lhe aparecera indiferente, enquanto a mãe, dando-lhe as costas, chorava. Fernando julgou tudo muito sério, tendo concluído que algo houvera acontecido durante a infância que lhe deixara tão grave estigma emocional. Acrescentava sua imperícia sexual de marido ignorante e se punha de sobreaviso para possíveis conseqüências temperamentais.

Após muitas conversas íntimas, chegaram à conclusão de que o sonho era a transformação de fato impossível de ser compreendido, quando se é muito criança. O mais provável era que tivesse presenciado os pais em ato sexual, confundindo os suspiros da

mãe com choro. O pai estaria indiferente à filha, pela atenção que dava à mãe. Daqui as crises relativas às suspeitas de defloração.

Pensaram em interrogar a velha senhora mas acabaram por entender que o importante era a superação do episódico pela assimilação do essencial. A vida dera forte guinada na direção do amor e do prazer, de forma que as questiúnculas infantis deveriam permanecer como tais. Sem possibilidade de interferência nas decisões racionais do adulto. Acima de tudo, concordaram que o sonho fora bom aviso do inconsciente.

Fernando desconfiava de que os espíritos benfeitores tinham metido sua colher de prata na panela, porém, guardou para si a intuição. Na próxima reunião mediúnica, consultou os amigos da espiritualidade e obteve confirmação para as suspeitas. Tão completas que até pontos esquecidos por Dolores foram esclarecidos, como a presença dos seres monstruosos, a fumaça que não aparecia, o caixãozinho com a criança dentro e o rio que corria para o alto. Mas também recomendaram que se calasse a respeito, já que os dramas conscienciais tinham alcançado projetar para o campo da vontade as advertências da má formação psíquica.

Em matéria de grossa novidade, a tia Ana trouxe notícias da mãezinha querida de Fernando. Estava mais que bem, missionária das forças do Alto, em vilegiatura de estudos por esferas superiores. Mandava suas bênçãos de muito amor e a recomendação de que mantivesse firme a fé espírita. Haveriam de se encontrar no Além, para confraternização no divino amor.

Durante a festa de batizado, João fez questão de brindar a memória de Jeremias. Algumas pessoas não compreenderam a razão de tão inusitada lembrança, pois tinham como certo que dera causa à moléstia de Maria. Mas houve regozijo no plano espiritual com as vibrações positivas encaminhadas ao amigo pelos compadres, por Leonel e esposa, pelos sogros e pelos antigos parceiros de aprendizado mediúnico.

Muitos outros episódios importantes se deram nesse período, mas ficaríamos acanhados em levar avante a obra, cujo objetivo maior foi alcançado, ou seja, o de estabelecer corte na vida dessas pessoas, para demonstrar que todos estamos sempre evoluindo, pela benevolência do Pai.

Se Joaquim estivesse conosco, iria pedir que abrissemos conta em sua agência de investigações (aliás, muito próspera, tanto que já adquiriu as quotas dos demais sócios), para localizar Timóteo. Se tivermos tempo, qualquer dia voltaremos para relatar os acontecimentos que levarão esses irmãos à luz. Até lá, oremos por eles e por todos os que se deixam vitimar pela AIDS. Acreditemos que esse carma de dor flui para a regeneração da humanidade. E amemos a Deus com todas as forças de nosso coração e com toda a lucidez de nossa inteligência. Deus, verdadeiramente, é Amor.

Indaiatuba, de 26.04 a 15.07.94.